

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Edson Lopes da Silva Monteiro**

**BOLSONARISMO E A MANIPULAÇÃO  
DO BRASILEIRO AUTORITÁRIO:  
NAZIFASCISMO A SERVIÇO DO NEOLIBERALISMO**

**Mestrado em Ciências Sociais**

**São Paulo**

**2023**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

Edson Lopes da Silva Monteiro

**BOLSONARISMO E A MANIPULAÇÃO  
DO BRASILEIRO AUTORITÁRIO:  
NAZIFASCISMO A SERVIÇO DO NEOLIBERALISMO**

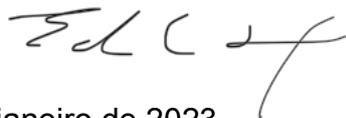
Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração: Ciência Política – Núcleo de Pesquisa Estado e Sistemas Sócio-Políticos, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael de Paula Aguiar Araújo.

**São Paulo**

**2023**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:



Data: 23 de janeiro de 2023

e-mail: edsonmonteiro1000@gmail.com

Edson Lopes da Silva Monteiro

**BOLSONARISMO E A MANIPULAÇÃO DO BRASILEIRO AUTORITÁRIO:  
NAZIFASCISMO A SERVIÇO DO NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, área de concentração: Ciência Política – Núcleo de Pesquisa Estado e Sistemas Sócio-Políticos.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rafael de Paula Aguiar Araújo – Orientador – PUC-SP

---

Profa. Dra. Rosemary Segurado – PUC-SP

---

Prof. Dr. Paulo Niccoli Ramirez – FESPSP e ESPM

## **AGRADECIMENTOS PELO FOMENTO E APOIO**

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil, pelo fomento deste trabalho, por meio de concessão de bolsa de estudos, processo nº 130144/2020-7.

Do mesmo modo, também agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Fundação São Paulo por me aceitarem na qualidade de estudante bolsista e por apoiarem o desenvolvimento desta pesquisa.

## **APPRECIATION FOR FOMENTATION AND SUPPORT**

I thank the Brazilian National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), an entity linked to the Ministry of Science, Technology and Innovation, for promoting this work, through the granting of a scholarship, process n. 130144/2020-7.

Likewise, I thank the Pontifical Catholic University of Sao Paulo and the Sao Paulo Foundation for accepting me as a scholarship student and for supporting the development of this research.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer pela oportunidade não me parece ser o caso, em se tratando do tema, afinal a humanidade teria sofrido menos se não tivesse conduzido ao poder personagens como Hitler, Mussolini e Stálin ou figuras menores, tal qual Trump ou Bolsonaro.

Então, melhor agradecer pela força, pela paciência, pela disposição em compartilhar conhecimentos, pela camaradagem.

Ao professor Rafael Araújo, por tudo e, principalmente, por não aceitar minha desistência quando eu já havia jogado a toalha. Valeu muito!!!

À professora Rose Segurado, com quem tive o prazer de caminhar desde os fundamentos da política, ainda lá em 2017, até a banca final.

Ao professor Paulo Niccoli, que ampliou os horizontes deste trabalho e lhe deu mais profundidade.

Ao professor e camarada Lúcio Flávio de Almeida, que me guiou pelos textos básicos sobre o tema.

A todos os professores e colegas com quem tive o prazer da convivência nestes últimos anos, ainda que muitas vezes apenas on-line, naquelas janelinhas que insistiam em nos lembrar que alguma coisa estava fora da ordem.

Ao sociólogo Alex Raia e às psicólogas Wandecleid Ginuino e Susymary Abrantes, do instituto Data Qualyt, pela parceria na pesquisa empírica em João Pessoa (PB). Assim como à Prefeitura de João Pessoa (PB), que proporcionou a realização da pesquisa quantitativa que orientou a pesquisa qualitativa.

À minha amiga e meu amor Magali Gallelo, que me salvou na reta final desta dissertação.

Ao ministro Alexandre de Moraes, do STF e do TSE, e às agências de checagem de informação, sem os quais a democracia brasileira poderia estar com seus dias contados.

*“Load up on guns, bring your friends*

*It’s fun to lose and to pretend”*

Kurt Cobain, *Smells Like Teen Spirit* (1991)

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo verificar se o ex-presidente Jair Bolsonaro, o movimento bolsonarista ou o bolsonarismo, a comunicação bolsonarista e o governo Bolsonaro, exercido de 2019 a 2022, são, conforme Max Weber, marco teórico deste trabalho, *tipos ideais* ou *fenômenos típicos ideais* de líder, de movimento, de comunicação e de governo nazifascistas. No primeiro capítulo, com base nos relatos históricos de Robert Paxton, Roderick Stackelberg, Eric Hobsbawm e Nicos Poulantzas e nas conceituações indutoras sobre fascismo de Umberto Eco e Michael Mann, confirma-se, por dedução, que o bolsonarismo é um fenômeno típico ideal de movimento nazifascista e que o governo Bolsonaro foi de orientação nazifascista. Ainda que não tenha sido implementado um regime nazifascista no Brasil, a democracia foi rebaixada para atender ao neoliberalismo, com quem o bolsonarismo e o neopentecostalismo têm profundas *afinidades eletivas*, outro conceito de Max Weber. O segundo capítulo analisa o discurso e a estratégia de comunicação de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo, bem como de outros líderes e movimentos populistas de extrema direita atuais, na Europa e nos Estados Unidos, constatando-se que seguem padrões inaugurados há um século com o nazifascismo, o que se afirma no espelhamento das práticas comunicacionais do nazifascismo original europeu com a comunicação fascista nos EUA do pós-guerra, conforme pesquisas de Theodor Adorno nesse período, bem como com o discurso e as técnicas de comunicação da atual extrema-direita populista na Europa e na América. Além de se poder afirmar que Jair Bolsonaro é um tipo ideal de líder nazifascista e que a comunicação bolsonarista é um fenômeno típico ideal de comunicação nazifascista, no terceiro capítulo, a partir dos conceitos de *personalidade autoritária* ou *fascista em potencial*, formulados por Theodor Adorno nos anos 1940, demonstra-se, com a realização de pesquisa empírica quantitativa e, principalmente, qualitativa, que o bolsonarista radicalizado é um tipo ideal de personalidade autoritária, um indivíduo potencialmente nazifascista.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro. Nazifascismo. Neoliberalismo. Estado de exceção. Personalidade autoritária.

## ABSTRACT

This study aims to verify whether former President Jair Bolsonaro, the Bolsonarist movement or simply Bolsonarism, the Bolsonarist communication and Bolsonaro's government, exercised from 2019 to 2022, are, according to Max Weber – the theoretical framework of this research – *ideal types* or *typical phenomena* of Nazi-fascist leader, movement, communication and government. In the first chapter, based on the historical accounts of Robert Paxton, Roderick Stackelberg, Eric Hobsbawm and Nicos Poulantzas, as well as on the inducing concepts of fascism by Umberto Eco and Michael Mann, it is possible to sustain by deduction, that Bolsonarism is an ideal typical phenomenon of Nazi-fascist movement and that Bolsonaro's government followed a Nazi-fascist orientation. Despite of the fact that it was not implemented a Nazi-fascist regime in Brazil, democracy was demeaned in order to comply with neoliberalism, with which Bolsonarism and neo-Pentecostalism have broad *elective affinities* – another Max Weber's concept. The second chapter analyzes the discourse and the strategy of communication of Jair Bolsonaro, Bolsonarism and other current far-right leaders and populist movements in Europe and the United States, to find that they follow patterns inaugurated a century ago by Nazi-fascism, what is affirmed considering the mirroring between communicational practices of the original European Nazi-fascism and the fascist communication in the post-war USA, according to research and analysis by Theodor Adorno in this period, as well as the discourse and communication techniques of the current populist extreme right in Europe and America. Beside stating that Jair Bolsonaro is an ideal type of Nazi-fascist leader and that Bolsonarist communication is a typical phenomenon of Nazi-fascist communication, in the third chapter, based on the concepts of *authoritarian personality* or *potential fascist*, formulated by Theodor Adorno in the 1940s, it is also demonstrated, through quantitative and, mainly, qualitative empirical research, that the Bolsonarist radicalized supporter is an ideal type of authoritarian personality, a potentially Nazi-fascist individual.

Keywords: Jair Bolsonaro. Nazifascism. Neoliberalism. State of exception. Authoritarian personality.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – BOLSONARISMO: FENÔMENO TÍPICO IDEAL DE NAZIFASCISMO A SERVIÇO DO NEOLIBERALISMO .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 Breve história do nazifascismo na primeira metade do século XX ...</b>	<b>20</b>
<b>1.2 Breve comparação das conjunturas atual e de um século atrás .....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 Conformação de apoios (classes e frações de classe) aos fascismos .</b>	<b>27</b>
1.3.1 Sobre a participação do grande capital no nazismo .....	28
1.3.2 Uma breve análise “sobre o impacto popular do fascismo” .....	29
1.3.3 O Brasil pós Lava-Jato .....	33
<b>1.4 Modo nazifascista de conquista e exercício do poder: ontem e hoje ...</b>	<b>36</b>
1.4.1 O exercício do poder, cá e lá, hoje e ontem .....	39
1.4.2 Necropolítica, nazismo suicida, bolsonarismo suicidário .....	43
<b>1.5 O tipo ideal de fascismo (ou do nazifascismo) .....</b>	<b>46</b>
1.5.1 “Fascistas” .....	46
1.5.2 Bolsonaro é nazifascista; bolsonarismo é nazifascismo .....	49
<b>1.6 Afinidades eletivas entre bolsonarismo e neoliberalismo: a ética neopentecostal e o espírito da meritocracia .....</b>	<b>49</b>
<b>1.7 Nazifascismo a serviço do neoliberalismo: a quem interessa o bolsonarismo .....</b>	<b>53</b>
1.7.1 Neoliberalismo .....	53
1.7.2 Neoliberalismo, democracia e bolsonarismo .....	55
1.7.3. Modos de produção e os nazifascismos analógico e digital .....	60
1.7.4 Razões econômicas da derrota de Bolsonaro em 2022 .....	63
1.7.5 Neoliberalismo e <i>totalitarismo</i> .....	67
1.7.6 Bolsonarismo e totalitarismo .....	69
<b>1.8 Patriarcalismo, estado de exceção, nazismo, neoliberalismo .....</b>	<b>73</b>
<b>1.9 Nazifascismo à brasileira e Estado híbrido .....</b>	<b>86</b>
1.9.1 Bolsonarismo: nazifascismo à brasileira .....	86
1.9.2 Estado híbrido sob Bolsonaro .....	87
1.9.3 Bolsonaro a serviço do neoliberalismo patriarcal-patrimonialista .....	89
1.9.4 Bolsonaro, ditadura, polícias, milícias, racismo e marginalização .....	92
1.9.5 Bolsonaro e seu governo suicidário .....	97
<b>1.10 Por que <i>nazifascismo</i> em vez de <i>fascismo</i> apenas .....</b>	<b>98</b>

<b>CAPÍTULO 2 – A COMUNICAÇÃO NAZIFASCISTA NA ALEMANHA DE ONTEM E NO BRASIL DE HOJE: TEMAS E FORMA</b> .....	100
<b>2.1 Nazifascismo: teoria flexível, propaganda combativa</b> .....	101
<b>2.2 A propaganda nazifascista nos EUA dos anos 1940 e a comunicação bolsonarista atual: fenômeno típico ideal</b> .....	105
<b>2.3 Ferramentas tecnológicas, psicológicas e midiáticas de ação política nazifascista nos tempos atuais, na Europa, nos EUA e no Brasil</b> .....	109
2.3.1 Brexit .....	115
2.3.2 Itália com o M5S .....	116
2.3.2.1 <i>Partido-algoritmo (e sua aplicabilidade para erguer seitas de ódio)</i> .....	116
2.3.2.2 <i>Seitas políticas ou pirâmides de ódio</i> .....	117
2.3.2.3 <i>Squadrismo on-line, o (nazi)fascismo na era digital</i> .....	120
2.3.3 Hungria .....	121
2.3.4 Estados Unidos da América .....	122
2.3.5 Brasil .....	123
2.3.6 Tecnopolítica e manipulação para a mobilização de massas .....	127
<b>2.4 A comunicação nazifascista nas eleições brasileiras de 2022</b> .....	130
<b>CAPÍTULO 3 – ESTUDO DE CASO: O BOLSONARISTA AUTORITÁRIO OU O NAZIFASCISTA EM POTENCIAL</b> .....	135
<b>3.1 A Personalidade autoritária, ou o fascista em potencial</b> .....	135
3.1.1 A ação da comunicação/ <i>propaganda</i> sobre o indivíduo .....	139
3.1.2 Três conclusões .....	140
3.1.3 Notas sobre a metodologia empregada por Adorno na Califórnia .....	142
<b>3.2 Estudo de caso em João Pessoa (PB): o bolsonarista autoritário, nazifascista em potencial</b> .....	145
3.2.1 Construção de índices e seleção para entrevistas em profundidade .....	158
3.2.2 A pesquisa qualitativa, na forma de oito entrevistas em profundidade .....	161
3.2.3 Adorno: “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista” .....	177
3.2.4 Breve síntese .....	182
<b>3.3 Datafolha e o Brasil pré-eleitoral de 2022</b> .....	183
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	192
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	195

## INTRODUÇÃO

O ex-presidente Jair Bolsonaro é um típico líder autoritário e nazifascista. E o bolsonarismo radicalizado é um fenômeno típico ideal de nazifascismo. Ambas as frases são construídas segundo o conceito de Max Weber<sup>1</sup>, por indução e dedução.

Neste 31 de dezembro de 2022, após quatro anos de um governo diretamente responsável por centenas de milhares das quase 700 mil mortes na pandemia de Covid-19, dada sua opção pela imunidade de rebanho<sup>2</sup> por contaminação e não por vacinação, após as incontáveis ameaças à democracia e às instituições democráticas do Estado brasileiro pronunciadas pelo ex-presidente e após as milhares de *fake-news*<sup>3</sup> produzidas pelo gabinete bolsonarista do ódio desde antes das eleições de 2018, apresentar o parágrafo inicial sob a forma de uma pergunta a ser respondida ou mera hipótese a ser verificada poderia soar como ofensa ao leitor conhecedor dos conceitos e atento aos acontecimentos. Daí a preferência pela afirmação pura e simples.

Se Bolsonaro tivesse sido reeleito, o Brasil teria dado mais um passo em direção ao regime híbrido, ao estado de exceção e à ditadura declarada: primeiro estágio rumo ao totalitarismo.

Daí que este prólogo, iniciado no dia 13 de dezembro de 2022, um dia após a diplomação do principal adversário de Bolsonaro para assumir a presidência da República, é sim, escrito com alívio.

---

<sup>1</sup> “Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. [...] A atividade historiográfica defronta-se com a tarefa de determinar, em cada caso particular, a proximidade ou o afastamento entre a realidade e o quadro ideal, na [em que] medida, portanto, o caráter econômico das condições de determinada cidade poderá ser qualificado como ‘economia urbana’, no sentido conceitual. Este conceito, desde que cuidadosamente aplicado, cumpre as funções específicas que dele se esperam, em benefício da investigação e da representação” (WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016, p. 252).

<sup>2</sup> GLOBO, G1. **CPI da Covid: Bolsonaro, a imunidade de rebanho e o caso Covaxin**. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/2021/bolsonaro-cpi-da-covid-imunidade-de-rebanho-caso-covaxin/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

<sup>3</sup> LOBO, Denis Carneiro. **CONCEIÇÃO, Desirée Luise. Ódio e fake-news como estratégia política no discurso de Bolsonaro nas redes sociais digitais**. Biblioteca do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/9135>. Acesso em: 30 dez. 2022.

Um alívio enorme, mas muito pequeno diante do que ainda há por ser encarado, diante da possibilidade de fracasso do governo do presidente eleito no combate das questões econômicas e das tensões sociais postas, o que certamente, em face da debilidade eleitoral de partidos e expoentes políticos declaradamente (neo)liberais, seria uma oportunidade de ouro para o nazifascismo à brasileira, vulgo bolsonarismo, voltar ao poder.

O enfrentamento ao nazifascismo será uma constante nos próximos anos, uma vez que o bolsonarismo se enraizou, que cumpriu seu papel de normalizar o inaceitável: o racismo, a misoginia, a xenofobia interna, o negacionismo da ciência, a perseguição a alunos e professores acusados de fazer *balbúrdia*, a esculhambação da Educação<sup>4</sup>, a exaltação ao autoritarismo e à ditadura, a exaltação verbal à violência e à sua promoção pela liberação do acesso e da venda de armas e munições que possibilitam ao empresariado mais truculento a formação de suas próprias guardas pretorianas, a exaltação sem vergonha à tortura e a quem a praticou.

Bolsonaro ainda conseguiu uma proeza histórica: fazer do temido e horrendo nazifascismo um serviçal do neoliberalismo. Uma vez que os agentes políticos notadamente neoliberais se tornaram inviáveis eleitoralmente no plano nacional majoritário, restou à maior parte da elite patriarcal-patrimonialista brasileira se abraçar ao nazifascismo bolsonarista, não apenas na eleição presidencial de 2018, mas também novamente na tentativa frustrada de Bolsonaro de se reeleger neste 2022.

A “espiral do silêncio”<sup>5</sup> dos bolsonaristas, formada após o presidente ser desmascarado pela “CPI da Pandemia” e pelo crescimento recorde da fome e da miséria no país<sup>6</sup>, foi rompida às vésperas da eleição, a partir da ampliação

---

<sup>4</sup> VALOR ECONÔMICO. **Guerra cultural e caos na gestão marcaram MEC**. Disponível (para assinantes) em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/12/27/guerra-cultural-e-caos-na-gestao-marcaram-mec.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2022.

<sup>5</sup> NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio**: Opinião Pública, nosso tecido social. São Paulo: Nacional, 2017.

<sup>6</sup> PODER 360. **Número de famílias na extrema pobreza salta 11,8% em 2022. 08 maio 22**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/numero-de-familias-na-extrema-pobreza-salta-118-em-2022/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

em valores e alcance do Auxílio Brasil<sup>7</sup>, da pressão aos prefeitos beneficiados por emendas do chamado orçamento secreto<sup>8</sup>, das candidaturas de direita Brasil afora e da pequena recuperação de Bolsonaro nas pesquisas eleitorais. Isso bastou para que nossa elite perdesse a vergonha e voltasse a gritar “Bolsonaro!” pelas ruas, agitando a bandeira do Brasil.

Disso trata o Capítulo Um. De Bolsonaro e dos bolsonaristas. O que são, a quem representam, a quem se associam, inclusive por *afinidade eletiva*: outro conceito de Max Weber<sup>9</sup>, utilizado para explicar a relação entre Bolsonaro e os líderes evangélicos neopentecostais e seus seguidores.

O primeiro Capítulo também aborda o governo Bolsonaro: suas ações que rebaixaram a democracia brasileira, tornando-a mais *deficiente*, levando o país a uma qualificação mais próxima de estado híbrido (que mescla democracia e exceção). Um governo de um presidente que sempre se declarou favorável à ditadura, portanto, ao estado de exceção, rumo ao qual tentou levar o país; um governo que promoveu crimes ambientais, defendeu e implementou retrocessos nos direitos civis, principalmente das mulheres, a contento de sua base-plateia ultraconservadora; que retirou direitos trabalhistas e sociais, ao gosto de sua plateia financiadora.

Importante justificar, desde já, a preferência pelo conceito de nazifascismo ao invés de simplesmente fascismo. Nazismo não é um tipo ou uma forma de fascismo, trata-se de uma doutrina política surgida na Alemanha concomitantemente com o fascismo italiano, no mesmo momento histórico, sendo o nazismo muito mais letal e totalitário que o fascismo. Há também um objetivo comunicacional com esta opção: o conceito de nazifascismo tende a ser mais facilmente compreendido que o de fascismo por trazer consigo o radical

---

<sup>7</sup> Cf. WIKIPEDIA. **Auxílio Brasil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Aux%C3%ADlio\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aux%C3%ADlio_Brasil). Acesso em: 17 dez. 2022.

<sup>8</sup> Cf. WIKIPEDIA. **Orçamento secreto**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A7amento\\_secreto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A7amento_secreto). Acesso em: 17 dez. 2022.

<sup>9</sup> “Em face da enorme barafunda de influxos recíprocos entre as bases materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo espiritual das épocas culturais da Reforma, procedemos tão só de modo a examinar de perto se, e em quais pontos, podemos reconhecer determinadas ‘afinidades eletivas’ entre certas formas da fé religiosa e certas formas da ética profissional. Por esse meio e de uma vez só serão elucidados, na medida do possível, o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material” (WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 42, edição digital).

*nazi*, sendo o nazismo amplamente reconhecido devido à extensa produção hollywoodiana sobre o tema.

O Capítulo Dois analisa o discurso e a estratégia de comunicação bolsonaristas bem como de outros movimentos e líderes populistas de extrema direita atuais, na Europa e nas Américas, procurando verificar a hipótese de que seguem padrões inaugurados há um século com o nazifascismo.

Com base em Robert Paxton, em “A Anatomia do Fascismo”<sup>10</sup>, é analisada a comunicação dos nazifascistas de um século atrás, bem como a ausência ou a superficialidade de uma *teoria do fascismo*, o que lhe permitiu e ainda permite se adaptar às circunstâncias políticas em cada momento. Também é estudada a comunicação fascista nos EUA do pós-guerra, conforme pesquisas e análises de Theodor Adorno<sup>11</sup> nesse período, em que comparava os discursos e métodos de lideranças fascistas da Costa Oeste estadunidense nos anos 1940 com os de Hitler. Analisa-se ainda o discurso e as técnicas de comunicação da chamada extrema-direita populista na Europa e na América, particularmente nos EUA e no Brasil, principalmente a partir de “Os engenheiros do caos”<sup>12</sup>, de Giuliano Da Empoli, e “A máquina de ódio”<sup>13</sup>, de Patrícia Campos Mello.

A partir de uma sequência de espelhamentos das práticas de ontem, hoje e sempre, e novamente amparado em Max Weber, constata-se que a comunicação bolsonarista é um tipo ideal de comunicação nazifascista.

O Capítulo Três contempla um esforço empírico para verificar os conceitos de *personalidade autoritária* ou *fascista em potencial*, elaborados e desenvolvidos por Theodor Adorno em parceria com pesquisadores estadunidenses na segunda metade dos anos 1940, buscando-se aplicar pelo menos parte da metodologia utilizada por estes na elaboração de “A Personalidade Autoritária”<sup>14</sup>, publicada originalmente em 1950.

---

<sup>10</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>11</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. Antissemitismo e Propaganda Fascista; Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. São Paulo: Unesp, 2007.

<sup>12</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

<sup>13</sup> CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio** (A eleição do WhatsApp no Brasil). São Paulo: Companhia das Letras, 2020, edição digital.

<sup>14</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-

Para tanto, foi realizada pesquisa semelhante em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, para identificar, por meio de pesquisa quantitativa, com questionários estruturados, pessoas que se encaixassem em perfis mais *libertários, democráticos, inclusivos ou valorizadores* ou *de esquerda* e pessoas que se encaixassem nos perfis mais *autoritários, preconceituosos* ou *de direita* – conceituação que não se afasta nem de Adorno nem da atualmente empregada pelo Instituto Datafolha em suas pesquisas já relativamente frequentes (inspiradas no estudo original de Adorno, vale dizer), para buscar traduzir a opinião pública a respeito de temas *comportamentais* ou *econômicos*, também tratadas aqui.

Também a partir do modelo de *fenômeno típico ideal* de Max Weber e dos conceitos freudianos contidos em “Psicologia das massas e a análise do eu”<sup>15</sup> empregados por Adorno, pode-se deduzir que o bolsonarista radicalizado é um tipo ideal de personalidade autoritária, um indivíduo potencialmente fascista. E, ainda, mais uma vez, que Jair Bolsonaro é um típico líder fascista ou nazifascista.

---

diciembre, 2006. ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. **The Authoritarian Personality**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1950.

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: L&PM, 2013/2017.

## CAPÍTULO 1 – BOLSONARISMO: FENÔMENO TÍPICO IDEAL DE NAZIFASCISMO A SERVIÇO DO NEOLIBERALISMO

*“Estado racista. Estado assassino. Estado suicida.”<sup>16</sup>*

Michel Foucault, sobre a Alemanha nazista de Hitler

As ditas crises das democracias liberais talvez possam ser descritas como a dificuldade de conservadores, liberais e, hoje, neoliberais de manter o poder por meio de governos e governantes dessas matrizes políticas. Este fenômeno, observado na Europa há um século, quando o conservadorismo e o liberalismo se renderam a acordos com o nazifascismo na Itália e na Alemanha, se repetiu recentemente em parte da Europa, de certa forma nos Estados Unidos e, mais claramente, na América Latina, a exemplo da Bolívia, onde o golpe da ultradireita foi debelado<sup>17</sup>, e do Brasil, onde um golpe iniciado em 2015 dentro da institucionalidade terminou por levar ao poder, três anos depois, um governo de extrema direita populista, notadamente marcado pelo autoritarismo e anticientificismo, pela subserviência aos EUA e ao capital internacional, por algum discurso de ódio às elites – intelectuais, principalmente – bem como, às vezes veladamente e por vezes escancaradamente, racista, misógino, homotransfóbico e xenófobo à moda brasileira (sob o velho preconceito sulista e sudestino com o povo nordestino).

A que serve o bolsonarismo? É este um fenômeno típico do nazifascismo?

Se nos lembrarmos dos experimentos neoliberais na Argentina dos generais, nos anos 1970, no Chile de Augusto Pinochet, nas décadas de 1970 e 1980, e no Peru de Alberto Fujimori, já nos anos 1990, conforme relembra David Harvey<sup>18</sup> em “O Neoliberalismo: história e implicações”, obra de 2005, vamos nos deparar com o pouco apreço do neoliberalismo para com a democracia,

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** – Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 311.

<sup>17</sup> GLOBO, G1. **Luis Arce toma posse como presidente da Bolívia**: 'Nova etapa na nossa história'. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/08/luis-arce-toma-posse-na-bolivia-neste-domingo.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2022.

<sup>18</sup> HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. 5. ed. São Paulo: Loyola Jesuítas, 2014, p. 25-26, 37-38, 55, 84-85.

mesmo em Nova York, e principalmente com o pouco apreço dos neoliberais do hemisfério Norte para com as ainda frágeis democracias da América Latina. Isso sem mencionarmos África, Oriente Médio e Sul da Ásia.

Voltando ao Brasil, após essa brevíssima mirada na história recente, e tendo em vista: 1) que a democracia não é um pilar do neoliberalismo; 2) as máximas bolsonaristas “conservador(ismo) nos costumes e liberal(ismo) na economia” e “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” – uma menção direta a um cântico germânico adotado pelos nazistas (“*Deutschland Über Alles*”); 3) a pauta ultraconservadora, reacionária mesmo, de costumes e redução de democracia, com extinção ou redução dos poderes de conselhos sociais; 4) todas as “boiadas passadas”<sup>19</sup> nos últimos anos pelo bolsonarismo e seu ministério, nos moldes de uma contrarreforma das legislações e na fiscalização ambiental (desmatamento e mineração) e da saúde do consumidor (pesticidas e transgênicos), das reformas ou tentativas de reformas trabalhista e previdenciária, ambas de viés ultraliberal, extinguindo direitos de trabalhadores e aposentados, no marco regulatório do saneamento, que entrevê o controle privado da água, a pauta em torno da privatização do setor energético; 5) as forças sociais (políticas, religiosas e, principalmente, econômicas) que levaram o *Mito* Jair Bolsonaro à Presidência da República e as que o mantiveram no exercício do poder até o final de seu mandato, não é um exagero afirmar que:

(a) O bolsonarismo é um fenômeno típico-ideal de nazifascismo, a partir da conceituação de Max Weber<sup>20</sup> em “O significado constitutivo dos interesses epistemológicos das ciências culturais” e conforme a sintética assertiva de Umberto Eco<sup>21</sup>, após listar 14 características típicas do *fascismo eterno*: “O termo ‘fascismo’ adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos, e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista”.

Ao introduzir a lista de características do *Ur-fascismo*, Eco assinala:

---

<sup>19</sup> G1. **Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19**. Portal G1/Globo, 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2022.

<sup>20</sup> WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016, p. 252.

<sup>21</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 42-43.

A despeito desta confusão, considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo” ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista.<sup>22</sup>

As 14 características do *Ur-Fascismo* ou *fascismo eterno* são, em síntese<sup>23</sup>:

- (i) “Culto da tradição”;
- (ii) “Recusa da modernidade”;
- (iii) “Culto da ação pela ação”;
- (iv) “O desacordo é traição”;
- (v) “O desacordo é, além disso, um sinal de diversidade. [...] O Ur-fascismo é, portanto, racista por definição”;
- (vi) “O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. Isso explica porque uma das características típicas dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. Em nosso tempo, em que os velhos ‘proletários’ estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se autoexclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria o seu auditório”;
- (vii) “Nacionalismo” e “xenofobia”;
- (viii) “Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo. [...] Os adeptos precisam, contudo, ser convencidos de que podem derrotar o inimigo”;
- (ix) “Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes ‘vida para a luta’. [...] Logo, o pacifismo é conluio com o inimigo”;

<sup>22</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 44.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 44-59 (destaques em caixa alta da própria edição).

(x) “O Ur-Fascismo não pode deixar de pregar um ‘elitismo popular’. Todos os cidadãos pertencem ao melhor povo do mundo, os membros do partido são os melhores cidadãos”;

(xi) “[...] cada um é educado para tornar-se um herói. [...] O herói Ur-Fascista espera impacientemente pela morte”;

(xii) “[...] o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. Essa é a origem de seu machismo”;

(xiii) “O Ur-Fascismo baseia-se em um ‘populismo qualitativo’. [...] O povo é, assim, apenas uma ficção teatral. [...] EM NOSSO FUTURO, DESENHA-SE UM POPULISMO QUALITATIVO DE TV OU INTERNET, NO QUAL A RESPOSTA EMOCIONAL DE UM GRUPO SELECIONADO DE CIDADÃOS PODE SER APRESENTADA E ACEITA COMO A ‘VOZ DO POVO’”;

(xiv) “O Ur-Fascismo fala a ‘*novilíngua*’. A ‘*novilíngua*’ foi inventada por Orwell em ‘1984’. [...] Todos os textos escolares nazistas ou fascistas se baseavam em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico. Devemos, porém, estar prontos a identificar outras formas de novilíngua, mesmo quando tomam a forma inocente de um *talk show* popular”.

Em todas as 14 características apresentadas por Umberto Eco e resumidas acima, há pontos de tangência ou de encaixe completo com o bolsonarismo.

(b) Jair Bolsonaro chegou ao poder para implementar uma agenda econômica de matriz neoliberal, estando, portanto, o bolsonarismo a serviço do neoliberalismo.

A seguir, trataremos separadamente e mais detalhadamente desses dois pontos. A começar pelo entendimento do que foram os fenômenos inaugurais.

## 1.1 Breve história do nazifascismo na primeira metade do século XX

Logo na primeira linha de “A Anatomia do Fascismo”, o historiador Robert Paxton<sup>24</sup> afirma que “o fascismo foi a grande inovação política do Século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos”. E prossegue: “As demais grandes correntes da cultura política do Ocidente moderno – o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo – atingiram forma madura entre fins do século XVIII e meados do século XIX. Na década de 1890, contudo, o fascismo não havia ainda sido imaginado”.

Paxton bem relembra que, em 1895, Friedrich Engels, ao escrever o prefácio para a nova edição de “A luta de classes na França”, de Karl Marx, acreditava que a ampliação do eleitorado traria mais votos para a esquerda, que englobava da social-democracia ao comunismo – embasado do materialismo dialético de Marx e Engels –, passando pelas vastas expressões do socialismo. Porém, no final da década de 1910, a Europa estava abalada e destruída pela Primeira Guerra (1914-1918), na qual os *aliados*, com base na Tríplice Entente entre Reino Unido, França e Rússia, haviam vencido os Impérios Centrais, a Alemanha e a Áustria-Hungria (Império Austro-Húngaro) a um custo de 70 milhões de militares mobilizados em ambos os lados e mais de 9 milhões de combatentes mortos: este o saldo final da *Guerra Total*, que teve como estopim o assassinato do arquiduque Francisco Fernando, da Áustria, herdeiro do trono da Áustria-Hungria, pelo nacionalista iugoslavo Gavrilo Princip, em Sarajevo, na Bósnia, em 28 de junho de 1914, levando a um ultimato da Áustria-Hungria contra o Reino da Sérvia.

Diversas alianças formadas em décadas anteriores foram invocadas. E em algumas semanas, as grandes potências estavam em guerra; através de suas colônias (sete colônias e ex-colônias britânicas na América, África, Ásia e Oceania participaram da guerra), o conflito logo se espalhou pelo planeta. Conforme Paxton, entre as causas da guerra incluem-se as políticas imperialistas estrangeiras das grandes potências da Europa, como os Impérios

---

<sup>24</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 13.

Alemão, Austro-Húngaro, Otomano, Russo e Britânico, a Terceira República Francesa e a Itália.

A Itália originalmente compunha a *Tríplice Aliança* com a Alemanha e a Áustria-Hungria, mas, como o Império Austro-Húngaro tomara a ofensiva, violando um acordo entre as potências imperialistas, ao final lutou pelos Aliados. E saiu da guerra com a percepção de que não havia sido devidamente recompensada. A insatisfação era generalizada no país de *Il Duce* Benito Mussolini, àquela época um jornalista do Partido Socialista Italiano.

Na Alemanha que em 1933 escolheria Hitler como chanceler, o ambiente era de revolta com o Tratado de Versalhes, assinado em junho de 1919, que lhe impunha a perda de parte do território para nações fronteiriças, a obrigação de reconhecer a independência da Áustria e uma pesada reparação financeira, inicialmente de 269 bilhões de marcos alemães e posteriormente fixada em 132 bilhões de marcos, valor considerado astronômico pelos germânicos.

Vale lembrar que, apesar de a guerra ter sido deflagrada por governantes e lideranças militares ultraconservadores, o tratado foi assinado por governantes do Partido Social-Democrata da Alemanha. O ambiente era, então, mais que favorável ao nacionalismo extremado, ao ódio a sociais-democratas, socialistas e comunistas, bem como ao antissemitismo que já há muito se manifestava por toda a Europa. Oficiais e praças que haviam sido derrotados na Primeira Guerra lideravam movimentos de extrema-direita e ainda se deparavam com a *ameaça vermelha*, vinda da Rússia, onde comunistas e socialistas haviam chegado ao poder com a Revolução de Outubro de 1917, após a derrocada do czar em fevereiro, efeito de uma derrota para a Alemanha no cenário da Grande Guerra, conforme relata Eric Hobsbawn<sup>25</sup> em “Era dos Extremos”.

Itália, berço do fascismo, e Alemanha, que na década de 1930 se deixou cair nos braços do nazismo, ainda tinham em comum a tardia criação de seus estados nacionais e a não menos morosa industrialização, em comparação aos processos históricos de Inglaterra e França, principalmente. Grandes fazendeiros do sul da Itália, ainda agrário, se sentiam ameaçados pelo

---

<sup>25</sup> HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

surgimento de um partido camponês. Robert Paris<sup>26</sup> relembra em “As Origens do Fascismo” a insistência do intelectual revolucionário Antonio Gramsci de que “a solução revolucionária para os problemas italianos residiria na aliança do proletariado industrial do Norte e o campesinato pobre do Sul: posição aliás já desenvolvida por um ‘reformista consequente’ como [Gaetano] Salvemini”.

Paxton<sup>27</sup> afirma que “Oficialmente, o fascismo nasceu em Milão, em um domingo, 23 de março de 1919 [...] na sala de reuniões da Aliança Industrial e Comercial de Milão, cujas janelas se abriam para a Piazza San Sepolcro. [...] Nessa ocasião, Mussolini chamou seu movimento de *Fasci di Combattimento* [...] ‘fraternidades de combate’”. Completa o autor: “O programa fascista, divulgado meses mais tarde, era uma curiosa mistura de patriotismo de veteranos e de experimento social radical, uma espécie de ‘nacional-socialismo’”.

Descrevendo a trajetória e o perfil do líder do movimento, o autor norte-americano ressalta que:

Mussolini havia sido figura de destaque na ala revolucionária do Partido Socialista Italiano, hostil ao reformismo e desconfiada das concessões feitas pela ala parlamentar do partido. Em 1912, com apenas 29 anos, ele se tornou editor do jornal do partido, *Avanti*. Foi expulso do partido no outono de 1914 por sua maioria pacifista, por defender a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial. [...]

[Um] ex-mestre-escola, boêmio, escritor menor e, em épocas anteriores, orador e editor socialista.<sup>28</sup>

Isso levaria a questionar se afinal seria o fascismo de esquerda, posto que liderado por um ex-dirigente do Partido Socialista Italiano, ou de direita. Os discursos e programas do período de 1920 a 1922 denotam a tendência à direita, revelando a opção de Mussolini por adaptar o movimento às oportunidades do contexto “em vez de aterrar-se ao malfadado fascismo nacionalista de esquerda, de 1919, em Milão”<sup>29</sup>.

Após acordos com lideranças conservadoras tradicionais e políticos centristas importantes que garantiram as condições para a famosa *Marcha sobre*

<sup>26</sup> PARIS, Robert. **As Origens do Fascismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 16-17.

<sup>27</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 16.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 15 e 20.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 112-113.

*Roma*, em 1922 Mussolini e o Fascismo chegaram ao poder na Itália. Ainda assim conseguiram manter suas bases radicalizadas mesmo enquanto faziam acordos e concessões *ao centro* ou *conservadoras*, considerando que tais concessões e acordos eram feitos com o *status quo*.

As opções pragmáticas feitas por Mussolini e por Hitler foram motivadas por sua sede de êxito e poder. Nem todos os líderes fascistas tinham tantas ambições. Alguns preferiam manter "puros" os seus movimentos, mesmo ao preço de permanecerem à margem da vida política. [...]

O fato de que os fascistas conseguiram preservar parte de sua retórica anti-burguesa e algum resquício de aura "revolucionária" ao mesmo tempo que formavam alianças políticas pragmáticas constitui um dos mistérios de seu sucesso.<sup>30</sup>

Ao que parece, nada muito diferente do que Bolsonaro veio a fazer no Brasil, um século depois, mantendo seus apoiadores mais radicais prontos para invadir o STF (Supremo Tribunal Federal) ou sempre a clamar por golpe militar, enquanto ele mesmo negociava no dia a dia com o Centrão (os partidos da centro-direita e direita clássicas do Brasil desde a redemocratização, nos anos 1980), chegando a dizer "eu sou do Centrão", o que não deixa de ser verdade, uma vez que Bolsonaro sempre foi filiado a (vários) partidos de centro-direita e direita sem nunca ter fundado um partido de extrema-direita para chamar de seu.

Aliás, longe de querer estabelecer simetria onde não há, pois Lula é de centro-esquerda enquanto Bolsonaro é de extrema-direita, Lula também passou pelo mesmo problema, principalmente em seu primeiro mandato (2003-2006): ter que convencer as alas mais à esquerda do partido, da militância e mesmo dos simpatizantes (ativistas) que era preciso fazer concessões. Na maioria das vezes, conseguiu manter a imagem entre os mais aguerridos sem muitos arranhões, afinal Lula (assim como Bolsonaro) foram/são os representantes *da direita* e *da esquerda* com viabilidade eleitoral. Então, podemos dizer que não é apenas *o político* que faz concessões ou contas políticas, mas também o militante, o ativista, o eleitor...

Aqui cabe indagar: seria o fascismo anticapitalista e anti-burguês? Ou apenas antissocialista? Neste sentido, o autor norte-americano em análise manifesta que:

---

<sup>30</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 103 e 105.

Uma outra característica supostamente essencial do fascismo é seu ânimo anticapitalista e anti-burguês. [...] Chegaram a prometer expropriar os donos de lojas de departamentos em favor de artesãos patrióticos, e os grandes proprietários de terras em favor dos camponeses. **Quando os partidos fascistas chegaram ao poder, entretanto, eles nada fizeram para cumprir essas ameaças anticapitalistas. Puseram em prática com extrema e eficaz violência suas ameaças contra o socialismo. [...] Ao tomar o poder, proibiram as greves, dissolveram os sindicatos independentes, reduziram o poder de compra dos salários dos trabalhadores e despejaram dinheiro nas indústrias armamentistas, para a imensa satisfação dos patrões.**<sup>31</sup>

Importante ressaltar que além das reminiscências da Primeira Guerra, dentre elas a própria Revolução Bolchevique de 1917, outro fator de impulsionamento do fascismo se deu cerca de dez anos depois, quando o mundo vivia a Grande Depressão de 1929, originada na América do Norte e que logo contaminou as economias europeias levando, por exemplo, a Alemanha a um ambiente de hiperinflação.

## 1.2 Breve comparação das conjunturas atual e de um século atrás

Em 1919, Benito Mussolini estava *criando* o Fascismo e alavancando-o, com a perseguição ao comunismo, ao socialismo revolucionário e a uma parcela de estrangeiros, principalmente do Oriente Médio, inimigos internos e externos, a partir de um discurso patriótico fundamentalista. Robert Paxton assinala que:

A violência fascista não era nem aleatória nem indiscriminada. [...] Os fascistas incentivaram a distinção entre os membros da Nação que mereciam proteção e os forasteiros que mereciam tratamento bruto. [...] A legitimação da violência contra um inimigo interno demonizado nos traz para bem perto do cerne do fascismo.<sup>32</sup>

No Brasil de 2019, Jair Bolsonaro tomava posse como presidente do Brasil, corolário de uma agenda política em que o país havia se metido desde as manifestações iniciadas pela esquerda em favor do passe livre nos transportes

<sup>31</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 25-26.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 145-146.

públicos, que logo mobilizaram a direita em atos contra a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, nos novos estádios milionários e superfaturados em governos do PT, o Partido dos Trabalhadores do ex-presidente Lula e da então presidenta Dilma Rousseff. A direita neoliberal e a extrema-direita populista brasileiras alcançaram seus objetivos de demonizar o inimigo, o PT, e de criar no imaginário de uma parcela da população a volta da *ameaça comunista*, desta vez também *petralha e corrupta*.

O enredo e o desfecho são conhecidos e de fácil lembrança. De início, a mobilização massiva, pelas grandes corporações de mídia, da classe média urbana, entre executivos e gerentes de grandes empresas nacionais e multinacionais, profissionais liberais como advogados e médicos, funcionários públicos de alta patente, militares e membros das forças auxiliares, as polícias militares estaduais, parcela da comunidade universitária e também de inúmeros indivíduos das classes mais baixas que haviam sido beneficiados pelos programas sociais e desenvolvimentistas implementados pela esquerda desde 2003. Muito desta mobilização comandada por líderes evangélicos, com seus programas de TV, e também por líderes católicos conservadores.

Somado a isso, o clima de indignação movido pelas constantes revelações bombásticas de corrupção nas gestões petistas em Brasília, mais precisamente envolvendo contratos da Petrobras e desvios de recursos para o financiamento de campanhas políticas do próprio PT e de outros partidos da base aliada, estes últimos, vale destacar, de centro-direita e direita, basicamente.

Segue-se o enriquecimento (ilícito, claro) de diretores da estatal petrolífera e o surgimento de uma espécie de *liga da justiça*, composta por membros de uma força-tarefa autointitulada Lava-Jato<sup>33</sup>, capitaneada pelo juiz titular da 13ª Vara Criminal de Curitiba (PR), Sergio Moro, que viria a se tornar o ministro da Justiça do governo Jair Bolsonaro, um ano depois de bater o martelo que levou o ex-presidente Lula à prisão por 580 dias, após a perda do mandato pela ex-presidente Dilma Rousseff, em processo de *impeachment* promovido pelo Congresso Nacional em 2016. Tudo com farta cobertura e amplo apoio da

---

<sup>33</sup> WIKIPEDIA. **Operação Lava Jato**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o\\_Lava\\_Jato](https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato). Acesso em: 30 dez. 2022.

mídia corporativa tradicional brasileira, das denúncias promovidas pela Lava-Jato às manifestações populares, sempre representadas pelas cores patrióticas da Seleção/Confederação Brasileira de Futebol, que nas eleições de 2022 se tornariam o emblema do *bunker* do bolsonarismo.

Após a queda de Dilma Rousseff, sobreveio um curto período de certa estabilidade política sob a *Ponte Para o Futuro*, o programa neoliberal de redução de direitos trabalhistas e enfraquecimento de políticas sociais a partir da criação de um teto de gastos na Saúde e na Educação, sob a batuta do então presidente Michel Temer, que antes de apoiar o *impeachment* e garantir apoio a seu futuro governo, apresentava-se como um *vice decorativo* de Dilma.

O ano eleitoral de 2018 transcorreu com Lula na cadeia desde 7 de abril e após uma tentativa frustrada dos partidos de centro-direita neoliberal de emplacarem candidatos neste perfil, afinal “os ânimos estavam muito quentes” desde a reeleição de Dilma contra o peessedebista Aécio Neves, em 2014. Aconteceu, então, o óbvio: uma aliança entre o centro-direita financeira, e agora também lava-jatista, a direita militar (Forças Armadas e polícias estaduais), também entusiasta da Lava-Jato, uma fração das classes alta e médias de extrema-direita com inclinações autoritárias e, por não dizer, fascistas, e as cúpulas evangélicas, bem como as oligarquias políticas regionais, que representam e englobam essas correntes que conformam o bolsonarismo em seu melhor momento.

A partir desta aliança entre líderes abertamente fascistas, religiosos ultraconservadores e militares de viés autoritário com o capital, principalmente o capital agroindustrial e o capital financeiro, fica fácil compreender que o fascismo à brasileira está a serviço do neoliberalismo, como será abordado no Item 1.6.

Voltando a Paxton, na comparação entre as conjunturas, para além do inimigo comum – o comunismo ou seu fantasma –, tanto no socialismo revolucionário italiano como no lulo-petismo reformista brasileiro, evidencia-se a aliança entre fascistas e conservadores tradicionais, na Itália de um século atrás e também no Brasil atual, manifestada no processo eleitoral que levou Bolsonaro ao poder sob um discurso antissistema e com o apoio do *sistema*, seja ele financeiro, voltado à campanha eleitoral ou aos atos políticos de massa durante

o exercício do poder, como no 7 de Setembro de 2021, seja ele político, através do tão mal falado *centrão* no Congresso Nacional.

Sobre este aspecto, Paxton considera, acerca do caso original:

Os conservadores teriam preferido uma solução tradicional para as tensões do mundo pós-1918: tranquilizar as multidões superexcitadas e devolver as questões públicas à elite de cavalheiros. Essa solução, entretanto, era impensável após tanto engajamento emocional na propaganda dos tempos de guerra e na rejeição a ela. [...] Também os liberais, como já vimos, tinham a sua solução: retornar à doutrina novecentista da onipotência do mercado. [...] Mas a própria Europa liberal havia violado seus princípios, ao deixar-se levar pela barbárie de uma longa guerra que ela foi incapaz de administrar.<sup>34</sup>

Tanto lá como cá, era impensável restabelecer a ordem anterior. Restava, então, lá a conservadores e liberais e aqui aos neoliberais, surfar a nova onda:

O sucesso fascista dependia tanto de seus aliados e cúmplices quanto das táticas e qualidades do movimento em si. [...] foram necessárias decisões tomadas por indivíduos poderosos para que as portas fossem abertas para o fascismo. Essa foi a pré-condição final e essencial para seu êxito: que os responsáveis pelos processos decisórios estivessem dispostos a dividir o poder com os fascistas que os desafiavam.<sup>35</sup>

### 1.3 Conformação de apoios (classes e frações de classe) aos fascismos

Em “A queda do liberalismo”, quarto capítulo de “Era dos Extremos”, Eric Hobsbawm<sup>36</sup> expõe que das classes médias e altas vinha o apoio massivo ao fascismo. Trabalhadores de escritório, funcionários públicos, autônomos e... patrões. A massa do operariado não correspondia nem a 15% dos militantes eleitos pelo partido nazi:

As camadas de classe média e média-baixa continuaram sendo o alicerce desses movimentos por toda a era de ascensão do fascismo. Não negam isso a sério nem mesmo historiadores ansiosos por revisar o consenso de “quase” todas as análises feitas sobre o apoio nazista feitas entre 1930 e 1980 (Childers, 1983; Childers, 1991, pp. 8, 14-5). Tomemos apenas um caso

<sup>34</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 142-143.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 148-149.

<sup>36</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 125, grifos nossos.

entre as muitas pesquisas da filiação e do apoio de tais movimentos na Áustria do entreguerras. **Dos nacional-socialistas eleitos como conselheiros distritais em Viena em 1932, 18% eram autônomos, 56% trabalhadores de escritório e funcionários públicos, e 14% operários. Dos nazistas eleitos em cinco assembleias austríacas fora de Viena no mesmo ano, 16% eram seus próprios patrões e fazendeiros, 51% trabalhadores de escritório etc., e 10% operários** (Larsen et. al., 1978, pp. 766-7).

### 1.3.1 Sobre a participação do grande capital no nazismo

O pesquisador, escritor e cineasta francês Éric Vuillard<sup>37</sup> relata em “A Ordem do Dia”, obra de 2017 publicada no Brasil em 2019, como grandes empresas alemãs passaram a financiar o partido nazi, principalmente após 1933, quando Hitler assume a chancelaria do Reich, um ano antes de se tornar o *fuhrer* da Alemanha nazista, até a derrota na Segunda Guerra, em 1945. “Elas se chamam BASF, Bayer, Agfa, Opel, IG Farben, Siemens, Allianz, Telefunken”, declara Vuillard, citando algumas das principais *facilitadoras* do nazismo. No final de seu livro<sup>38</sup>, detalha as participações na *joint venture* do horror:

A guerra tinha sido rentável. A Bayer arrendou mão-de-obra em Mauthausen, a BMW contratava em Dachau, em Papenburg, em Sachsenhausen, em Natzweiler-Struthof e em Buchenwald. A Daimler, em Schirmeck. A IG Farben recrutava em Dora Mittelbau, em Gross-Rosen, em Sachsenhausen, em Butchenwald, em Ravensbrück, em Dachau, em Mauthausen, e explorava uma fábrica gigantesca no campo de Auschwitz: a IG Auschwitz, que com todo o cinismo colocou esse nome no organograma da firma. A Agfa recrutava em Dachau. A Shell, em Neuengamme. A Schneider, em Buchenwald. A Telefunken, em Gross-Rosen e a Siemens, em Buchenwald, em Flossenbürg, em Nauengamme, em Havensbrück, em Sachsenhausen, em Gross-Rosen e em Auschwitz. Todo mundo tinha se aproveitado de uma mão-de-obra muito barata.

---

<sup>37</sup> VUILLARD, Eric. **A ordem do dia**. São Paulo: Planeta, 2019, p. 24.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 137-138.

### 1.3.2 Uma breve análise “sobre o impacto popular do fascismo”

“Sobre o impacto popular do fascismo” é um marco na análise do fascismo, obra assinada pelo sociólogo grego Nicos Poulantzas<sup>39</sup> no final dos anos 1970 e publicada na Argentina como uma “análise estruturalista do fascismo”, na definição de Jorge Saborido, organizador da coletânea “Interpretações do fascismo”<sup>40</sup>. O texto integra um capítulo destinado às “Interpretações marxistas do fascismo”.

Logo no início, o autor remete o leitor para sua obra mais extensa sobre a manifestação *original* do fascismo, intitulada “Fascismo e Ditadura”<sup>41</sup>, de 1970, publicada em língua portuguesa dois anos mais tarde.

Poulantzas destaca o *impacto popular*, a capacidade de mobilizar *massas* (entre muitas aspas), como “uma das características distintivas essenciais do fascismo em relação aos outros regimes do Estado capitalista de exceção, de guerra aberta contra as massas populares [ditaduras militares, bonapartistas etc.]”<sup>42</sup>. O autor trata de duas questões: (i) qual a dimensão e a natureza exata do fenômeno; e (ii) quais são (ou foram) suas razões.

Antes de responder precisamente à primeira questão, mas já preparando caminho para isso, Poulantzas critica duas “tendências à explicação do fenômeno”: (i) rechaça qualquer elucidação “falsamente psicanalítica” para o “fenômeno dos fascismos” (ou do nazifascismo), por tratar-se de uma “noção que instaura, de maneira artificial, uma relação entre os indivíduos que supostamente desejaram o fascismo” e que desconsidera o fato de tais indivíduos pertencerem a classes ou frações de classes sociais; (ii) precisamente aí, reside a crítica às ideias de “apoio indiferenciado e uniforme das massas ao fascismo – as classes estão sempre ausentes”<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones de fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994.

<sup>40</sup> SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones del fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994.

<sup>41</sup> POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura**. Cidade do Porto: Portucalense, 1972.

<sup>42</sup> POULANTZAS, Nicos. Op. cit., p. 57.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 58-59.

Em seguida, o autor marxista parte para uma análise sobre “o alcance (ou a dimensão)” dos fascismos “entre as classes sociais que fazem parte das massas populares”<sup>44</sup>. Em síntese:

- (i) a classe operária, que “permaneceu, em sua massa, fiel às suas organizações tradicionais, aos partidos comunistas e socialistas” e que, portanto, jamais “desejou o fascismo”, pelo contrário, “durante o nazismo e o fascismo, houve uma resistência importante da classe operária”;
- (ii) as classes populares do campo, sendo que a imensa maioria do campesinato pobre, “com os operários agrícolas à cabeça, permaneceu impermeável ao fascismo”, ainda que os chamados *parcelários*, ou pequenos proprietários, tenham aderido ao fascismo, do mesmo modo como haviam aderido ao bonapartismo no século anterior (conforme relato clássico de Karl Marx em “O 18 de brumário de Luís Bonaparte”<sup>45</sup>);
- (iii) a pequena burguesia tradicional, que “inclina-se, efetivamente, de maneira massiva e aberta para o lado do fascismo”<sup>46</sup>.

Poulantzas também aponta um predomínio de apoio entre os jovens e as mulheres, bem como a necessidade de diferenciar que tipo de apoio os fascismos obtiveram no tempo, mais marcadamente, (i) no processo de fascistização (adesão); e (ii) no fascismo estabelecido (deserção – devido ao “que se traduz no recrudescimento da repressão sistemática”)<sup>47</sup>.

Na parte do texto destinada ao estudo das *razões* do “impacto popular do fascismo”, Poulantzas analisa quatro aspectos aqui apertadamente resumidos:

- (i) A política econômica durante o primeiro período do fascismo estabelecido.

No processo de fascistização, o manejo do discurso sobre o desemprego causado pelas crises de 1920 (na Itália) e 1930 (na Alemanha), bem como determinadas soluções para as crises econômicas (como o controle da hiperinflação na Alemanha, por exemplo, que o autor cita indiretamente) garantiram apoio para os fascismos nos primeiros anos de exercício do poder,

---

<sup>44</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones de fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994, p. 60.

<sup>45</sup> MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2012.

<sup>46</sup> POULANTZAS, Nicos. Op. cit., p. 60-61.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 62.

ainda que tenham sido regimes a favorecer a “exploração consideravelmente crescente das massas populares”<sup>48</sup>.

(ii) As coordenadas reais e a sua exploração, pelos fascismos, da questão nacional.

Conforme o autor:

Em certo sentido, o nazismo e o fascismo concluíram o processo de unidade nacional capitalista nesses dois países, o que foi certamente feito com as desigualdades internas de desenvolvimento características de qualquer processo semelhante, mas que lhes permite, contudo, posar como campeões da unidade nacional e de jogar plenamente com as ambiguidades desse nacionalismo em certas classes populares (classes populares do campo e pequena burguesia, especialmente).<sup>49</sup>

(iii) A ideologia fascista e sua materialização institucional nos aparelhos de Estado fascistas.

Segundo o autor, inexistente “um discurso ou linguagem fascista, unificada e uniforme, dirigida diretamente às massas”<sup>50</sup>. O que há são discursos, notadamente populistas e oportunistas, para cada anseio específico de cada fração de classe a que o fascismo buscava conquistar, seja o operariado urbano, o campesinato ou a pequena burguesia ou subgrupos, frações desta pequena burguesia. Como expressa Poulantzas:

É a partir daí precisamente que o fascismo (e isso é um traço particular de seu funcionamento ideológico) pôde utilizar em seu discurso ideológico, deturpando-as, uma série de aspirações populares profundas, frequentemente específicas de cada uma das classes, frações de classes e categorias sociais consideradas.<sup>51</sup>

Dáí, segundo o estruturalista, “a luta de classe intensa que atravessa permanentemente os aparelhos fascistas” contribui para especificar o sentido do “impacto popular do fascismo”, como conclui:

---

<sup>48</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones de fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994, p. 63.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 65-66.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 66.

Pode-se assim observar ainda melhor toda a ambiguidade do impacto popular do fascismo. De fato, mesmo onde houve impacto, e para as classes de frações consideradas e ativamente engajadas nos aparelhos fascistas, isso constantemente se deu concomitantemente à resistência ao fascismo, mesmo quando essa resistência não assumisse, nesse caso, uma forma aberta, ocorrendo, no entanto, frequentemente em razão dessa diferenciação dos aparelhos, sob a forma de reivindicação, por parte dessas massas, do verdadeiro fascismo, fantasma no qual investiram as suas aspirações populares (como as constantes reivindicações da segunda revolução, anticapitalista, na Alemanha e na Itália).<sup>52</sup>

(iv) A política da Internacional Comunista e dos partidos comunistas italiano e alemão desde o advento do fascismo até, aproximadamente, o VII Congresso da Internacional Comunista (1935).

Poulantzas aponta que a Internacional Comunista nesse período referido fracassou na tentativa de barrar a ascensão do nazifascismo, teve “apenas efeitos indiretos sobre o impacto popular do fascismo”<sup>53</sup>.

De acordo com o autor, além do *medo* que o comunismo e/ou o bolchevismo pudessem despertar em parcelas das classes populares (na pequena burguesia, principalmente), o que responderia em parte pelo “impacto popular” do fascismo, tal impacto se deveu mais ao “insucesso dos partidos comunistas italiano e alemão por não atingirem seus objetivos revolucionários e iniciarem um processo de transição ao socialismo”. E mais, segundo escreve Poulantzas, os partidos comunistas italiano e alemão falharam ao interpretar o fascismo simplesmente como um instrumento de opressão do capital, sem serem capazes de percebê-lo até mesmo como uma *barreira* às ditaduras clássicas e de orientar as classes populares para as ameaças vindouras:

É nisso que reside precisamente a ambiguidade colossal da relação inicial dessas massas com o fascismo, e não se compreende nada do impacto popular do fascismo, se o assimilar, pura e simplesmente, ao menos nas massas urbanas, a um “vanguardismo branco” de bandas armadas do capital. Esse é provavelmente um dos aspectos da análise penetrante que Clara Zetkin fez do fascismo, no III Plenário (1923) da Internacional Comunista: “O fascismo é muito diferente da ditadura de Horthy na Hungria [...]. O fascismo não é,

---

<sup>52</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones de fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994, p. 68.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 69.

absolutamente, a vingança da burguesia contra o proletariado insurgido de maneira combativa. Considerado do ponto de vista histórico e objetivo, o fascismo avança porque o proletariado não conseguiu levar adiante a sua revolução”.<sup>54</sup>

### 1.3.3 O Brasil pós Lava-Jato

No Brasil pós Lava-Jato, verificou-se algo bastante semelhante ao descrito por Hobsbawn<sup>55</sup>, Paxton<sup>56</sup>, Vuillard<sup>57</sup> e Poulantzas<sup>58</sup>:

- (i) Uma adesão massiva do grande empresariado (ou do grande capital) ao bolsonarismo já em 2018, após o desempenho pífio de candidaturas clássicas do neoliberalismo à Presidência da República, notadamente as de Geraldo Alckmin, então no PSDB e hoje no PSB, e Henrique Meirelles, pelo MDB;
- (ii) Uma adesão massiva das classes altas e médias urbanas, especialmente de gestores de grandes empresas nacionais e multinacionais, membros das carreiras do Direito – a *comunidade jurídica* –, médicos e outros profissionais liberais, pequenos empresários, pequenos comerciantes, grandes e pequenos agricultores e parcela da classe trabalhadora.

Aqui uma observação importante: o voto em Bolsonaro, que lhe garantiu a vitória, veio massivamente de uma enorme parcela da classe trabalhadora e também do subproletariado, conforme descrito por André Singer<sup>59</sup>, que haviam constituído a principal base de apoio ao lulismo a partir de 2005.

Tal apoio a Bolsonaro se deveu também à ampla divulgação midiática do episódio do atentado a faca que sofreu ainda na pré-campanha, mas, principalmente, devido ao desgaste da então chamada *velha política* e dos *políticos tradicionais*, acentuado com a cobertura midiática das operações da Lava-Jato e a consequente opção por um candidato *antissistema*.

---

<sup>54</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones de fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994, p. 69.

<sup>55</sup> HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

<sup>56</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>57</sup> VUILLARD, Eric. **A ordem do dia**. São Paulo: Planeta, 2019.

<sup>58</sup> POULANTZAS, Nicos. Op. cit.

<sup>59</sup> SINGER, André. O lulismo nas cordas. **Piauí**, Edição 111, dez. 2015.

Em junho de 2018, Lula, o principal alvo da Lava-Jato, ainda aparecia em 12 grupos focais de pesquisa qualitativa realizada pelo Instituto Oma Pesquisas, no Estado do Rio Grande do Norte, como a principal opção de voto para as classes C e D. Apesar de todas as acusações da Lava-Jato que culminaram com sua prisão dois meses antes, Lula ainda era visto como um candidato *antissistema* e como a principal alternativa eleitoral. Entretanto, a mesma pesquisa, que *brifamos* e acompanhamos pessoalmente<sup>60</sup>, já mostrava que, na impossibilidade de Lula concorrer à Presidência, as classes C e D depositariam o voto (de confiança) em Bolsonaro.

Não se tratava de uma clara opção pelo racismo ou conscientemente misógina – afinal, como se verificaria na apuração, as mulheres também votariam massivamente em Bolsonaro –, muito menos, neste caso, de um voto *anticomunista*, pelo menos não no interior do Nordeste. O discurso mais abertamente amparado no fascismo clássico teve seu valor eleitoral junto a uma parcela das classes médias metropolitanas ou dos interiores do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país.

Pesquisas quantitativas do Instituto Datafolha publicadas ao longo de 2018 evidenciaram o movimento do eleitorado, de Lula em direção a Bolsonaro, ambos ocupando o imaginário do eleitor com um *quê* de *antissistema* ou de esperança contra *os de sempre*. Ainda que Lula já tivesse exercido a Presidência por dois mandatos e tivesse feito e refeito sua sucessora, era visto, por parte de seu eleitorado, como vítima de perseguição judicial.

Reportagem<sup>61</sup> do jornal Folha de S.Paulo sobre pesquisa do Instituto Datafolha, publicada no dia 22 de agosto de 2018, informava que Lula, caso pudesse ser votado, venceria Bolsonaro por 39% contra 19% naquele primeiro turno, que ocorreria cerca de 40 dias depois:

Registrado como candidato do PT na disputa pela Presidência da República, o ex-presidente Lula tem 39% das intenções de voto estimulada e detém a liderança isolada na primeira pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha após o início oficial

---

<sup>60</sup> À época estávamos nos preparando para a corrida eleitoral pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, coordenando marketing e comunicação da campanha de Fátima Bezerra, que se elegeu em 2018 e foi reeleita em 2022.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://Datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/08/1979559-39-votariam-em-lula-sem-petista-bolsonaro-lidera-disputa-presidencial.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2022.

do período eleitoral. Ele tem larga vantagem sobre Jair Bolsonaro (PSL), que tem 19% e é seu adversário mais próximo neste momento. Preso há mais de quatro meses, o petista ainda terá sua candidatura avaliada pela Justiça Eleitoral e poderá ser impedido de concorrer ao seu terceiro mandato presidencial. Sem Lula, Bolsonaro toma a liderança da corrida presidencial, com percentual igual ao de votos em brancos ou nulos, e é seguido de perto pela ex-senadora Marina Silva (Rede). No cenário em que Lula é o preferido de 39% dos eleitores e Bolsonaro tem 19%, aparecem empatados tecnicamente, em um patamar abaixo, Marina (8%), Geraldo Alckmin, do PSDB (6%) e Ciro Gomes, do PDT (5%). Na sequência estão Alvaro Dias (Pode), com 3%, João Amoêdo (Novo), com 2%, e Henrique Meirelles (PMDB), Cabo Daciolo (Patri), Guilherme Boulos (PSol) e Vera (PSTU), com 1% cada. Os candidatos João Goulart Filho (PPL) e Eymael (DC) não pontuaram. Uma parcela de 11% votaria em branco ou nulo diante deste cenário, e 4% não opinaram.

Como é amplamente conhecido, Lula seguiu preso na carceragem da Polícia Federal em Curitiba, não pôde concorrer, e Bolsonaro foi eleito com ampla diferença sobre o petista Fernando Haddad.

Ao longo do mandato, o apoio ao presidente teve acentuados altos e baixos, principalmente devido ao seu modo de governar durante a pandemia de Covid-19 e ao mau desempenho da economia, com estagflação em alguns momentos e picos de desemprego. Durante os anos de 2020 e 2021, perdeu aprovação entre as mulheres e os mais jovens, além de o eleitorado nordestino validar-se como trincheira da esquerda, a exceção de algumas capitais, como Natal (RN) e João Pessoa (PB), por exemplo. Por outro lado, consolidou-se o apoio a Bolsonaro entre o empresariado, os mais ricos e os homens mais velhos. Mais recentemente, já no ano eleitoral de 2022, o apoio massivo do eleitorado evangélico a Bolsonaro sofreu alguma diluição, restando ao direitista dividir parte desta base com seu arquirrival petista, porém conservando a maioria, como se observou nas muitas pesquisas próximas ao pleito.

Vale destacar, como veremos melhor no Capítulo 3, a mudança de opinião do brasileiro em relação a temas que mostram maior ou menor identificação com esquerda ou direita, seja no campo comportamental ou econômico, entre os anos de 2013 (mês de novembro), quando começa uma escalada antiesquerdista no país, e 2022, quase uma década depois, quando a experiência da extrema-direita no comando da nação já havia se revelado desastrosa desde os primeiros

meses da pandemia, em 2020 (o que não envergonhou ampla parcela da elite política, social e econômica, que, no período eleitoral decidiu exercer seu poder político e socioeconômico e quase venceu a eleição com Bolsonaro).

#### 1.4 Modo nazifascista de conquista e exercício do poder: ontem e hoje

Há um século, diversos movimentos de características fascistas proliferaram por vários países da Europa. Porém, conforme observa Robert Paxton, nem todos foram bem-sucedidos e os que chegaram ao poder, conforme visto anteriormente, conseguiram êxito por provarem ser capazes de substituir com eficiência partidos liberais ou conservadores na manutenção do *satus quo*:

No período entre as duas guerras mundiais, quase todas as nações do mundo e, com toda a certeza, todas as que possuíam política de massas, produziram alguma corrente intelectual ou algum movimento ativista próximo ao fascismo. [...] Uns poucos movimentos alcançaram um êxito muito superior ao do tipo mais comum, com seus oradores de esquina e seus valentões truculentos. [...] Poucos dentre eles chegaram a desempenhar papéis de importância na vida pública.<sup>62</sup>

Sob essa perspectiva, Paxton arremata:

O movimento (nacional socialista alemão, o nazismo) poderia ter acabado como uma nota de pé de página na história, se não houvesse sido salvo, nos primeiros dias de 1933, por políticos conservadores que pretendiam roubar seus seguidores e usar a força política dos nazistas para seus próprios fins.<sup>63</sup>

Mussolini chegou ao poder em 31 de outubro de 1922, nomeado primeiro-ministro pelo rei da Itália, um dia após algo entre 9 mil e 10 mil de seus camisas negras chegarem aos portões de Roma, depois de outros 20 mil terem sido barrados nas ferrovias. Relata Paxton que os mal-alimentados e mal-armados *squadristi* oriundos de Milão, Ferrara e Piemonte teriam de enfrentar as forças de segurança romanas, melhor armadas e alimentadas, para efetivar seu golpe, uma tarefa quase impossível. Tanto que Mussolini preferiu não marchar junto e

---

<sup>62</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 101.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 120.

esperou o resultado em Milão, não muito distante da Suíça, onde poderia pedir asilo caso a *Marcha sobre Roma* fracassasse. Porém, o rei teria sido orientado que suas tropas poderiam se rebelar e se unir aos *squadristi* caso fosse ordenada a repressão aos camisas negras, razão pela qual decidiu fazer de Mussolini o chanceler italiano. O blefe com 9.500 homens mal-equipados havia funcionado. Seria necessário apenas conferir algum *glamour* a esse dia, criando a mitologia de que, pela marcha sobre Roma, o *povo* havia chegado ao poder.

Hitler tentou algo semelhante em novembro do ano seguinte, com o chamado *putsch* da cervejaria, em Munique, quando, por ocasião de um congresso do movimento nacional-socialista, tentou sequestrar os governantes da Bavária e fazê-los apoiar um golpe de Estado. Seu blefe não teve a mesma sorte da marcha sobre Roma; debelado pelas forças de segurança oficiais, Hitler acabou preso por tempo suficiente para escrever “Minha Luta”, um misto de autobiografia com críticas ao marxismo, apologia ao antissemitismo e algumas formulações acerca de estratégias de chegada ao poder – uma espécie de “Manifesto” ou “Livro Azul”<sup>64</sup> do nazismo. Somente com a gigantesca crise econômica e social de 1930, iniciada um ano antes em Nova York, Hitler chegaria ao poder, assim como Mussolini: sem a pompa de uma revolução, mas por acordos políticos em meio ao desgaste absoluto da chamada República de Weimar, minada por comunistas de um lado e nacional-socialistas de outro, em face de profunda crise econômica, medidas impopulares, hiperinflação e desemprego. Nos termos de Paxton<sup>65</sup>:

Para os conservadores, Hitler caiu do céu, porque, como chefe de um partido que, desde julho de 1932, era o maior da Alemanha, ele criou a possibilidade de uma maioria parlamentar que excluísse a esquerda [...] No momento em que o impasse paralisou o sistema político alemão, em 27 de março de 1930, o Partido Nazista ainda era bastante reduzido (com apenas 2,8% do voto popular nas eleições de maio de 1928). Mas a agitação nacionalista dirigida contra o Plano Young, somada ao colapso dos preços agrícolas e do emprego urbano, catapultou-o, nas eleições de setembro de 1930, de 12 para 107 cadeiras – o que já fazia dele o segundo maior partido do país. A partir de então, qualquer maioria parlamentar na Alemanha teria necessariamente que incluir ou os socialistas ou os nazistas. A esquerda (mesmo na suposição de que socialistas, comunistas

---

<sup>64</sup> CHÁVEZ FRÍAS, Hugo. **El Libro Azul**. 2. ed. Caracas: Correo Del Orinoco, 2014.

<sup>65</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 160 e 162.

e católicos de esquerda fossem capazes de superar seus paralisantes antagonismos a ponto de conseguir governar) foi imediatamente excluída pelo presidente Hindenburg e por seus assessores. [...] O sucesso eleitoral de Hitler – muito maior que o de Mussolini – permitiu-lhe uma maior autonomia nas barganhas com os políticos estabelecidos, de cujo auxílio eles precisavam para chegar ao poder.

No Brasil presidencialista dos tempos atuais, a extrema-direita populista chegou ao poder através de eleições diretas, após condenação (posteriormente revista) e encarceramento do principal adversário, o ex-presidente centro-esquerdista Luís Inácio Lula da Silva, por 580 dias.

Uma eleição marcada, principalmente, pelo fracasso dos candidatos notoriamente representantes do neoliberalismo clássico: Geraldo Alckmin (PSDB), atualmente no PSB e vice-presidente ao lado de Lula, e Henrique Meirelles (PMDB), ex-presidente do Banco Central sob a batuta de Lula na primeira década.

Uma vitória de Bolsonaro conquistada, como já visto, após aliança entre: (i) parcela significativa do Poder Judiciário e de seus apoiadores nas classes alta e média, o dito *lavajatismo*, então capitaneado pelo *algoz de Lula*, o hoje ex-juiz, ex-ministro da Justiça, ex-pré-candidato a presidente e senador eleito pelo Paraná Sérgio Moro; (ii) a direita militar clássica, com suas *forças auxiliares*, notadamente as polícias estaduais, por vezes já suborganizadas em milícias, como no Rio de Janeiro; (iii) a elite econômica conservadora, direitista, neoliberal, claro!; (iv) a *nova* extrema-direita, movida por seu velho e hoje finado guru Olavo de Carvalho e pelos expoentes neoliberalizantes do MBL (Movimento Brasil Livre); e (v) um setor mais extravagante e extremado do empresariado, que foge ao perfil da *elite econômica conservadora* já listada. No recorte superestrutural partidário, soma-se o apoio desde o primeiro turno de velhas siglas e caciques políticos regionais de partidos ditos de *centro*, mas que são historicamente de centro-direita e direita. E ainda, no recorte superestrutural religioso, o amplo apoio da quase totalidade dos líderes evangélicos e das lideranças católicas de perfil conservador.

#### 1.4.1 O exercício do poder, cá e lá, hoje e ontem

Como veremos melhor no Item 1.7 deste capítulo, tamanho apoio a Bolsonaro em 2018 teve uma razão e dois preços a serem pagos pelo próprio e que explicam em boa parte sua derrota em 2022. A razão: garantir a continuidade da *Ponte para o Futuro* iniciada com Michel Temer após a derrubada de Dilma, que implica um enorme ajuste neoliberal que não se restringe a teto de gastos com Saúde e Educação ou reformas trabalhista e previdenciária, além da eterna vigilância fiscal, que impossibilitou um “Auxílio Brasil” mais amplo e por mais tempo do que os meses anteriores à eleição (eis aí o preço 1: o freio neoliberal no dito *populismo*). Referido ajuste engloba também as muitas “boiadas passadas”<sup>66</sup>, tão criticadas pela grande mídia neoliberal, como liberação de agrotóxicos, olhos fechados para os transgênicos, garimpo, desmatamento e queimadas na Amazônia etc., afinal o neoliberalismo se exhibe na Avenida Faria Lima, em São Paulo, mas arrecada a valer Brasil adentro, pois não vive só de bolsa de valores e mercado futuro (e então o preço 2: a imagem de Bolsonaro junto a setores mais *esclarecidos*, dentro e fora do Brasil, com reflexo para dentro). Em tempo, a outra explicação para a derrocada do bolsonarismo está na conta do próprio Bolsonaro: o desleixo com a pandemia e suas vítimas; a misoginia, agora mais claramente identificada, sendo prova disso o apoio maior a Lula entre as mulheres, em 2022; sua origem e seus vínculos com as milícias fluminenses<sup>67</sup>, também agora escancarados no escândalo da rachadinha<sup>68</sup> e nas investigações em torno do assassinato da vereadora Marielle Franco<sup>69</sup> etc.

Hitler teve mais *fortuna* ou, provavelmente, mais *virtú* no campo econômico. Roderick Stackelberg<sup>70</sup> escreve em “A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados”:

Apesar da retórica do “socialismo alemão” e da extensa regulamentação do mercado livre pelo governo, no entanto, o

---

<sup>66</sup> Cf. nota de rodapé 3.

<sup>67</sup> Cf. PAES MANSO, Bruno. **A república das milícias**: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2020.

<sup>68</sup> Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rachadinha>.

<sup>69</sup> Cf. <https://www.institutomariellefranco.org/>.

<sup>70</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: Origens, Interpretações, Legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 98.

regime nunca se intrometeu na propriedade capitalista. [...] As grandes empresas desfrutavam de uma posição relativamente privilegiada, com lucros elevados e um grau considerável de independência no Terceiro Reich. Mas havia uma condição: a de que atendessem aos objetivos políticos estabelecidos pela liderança nazista. A "primazia da política" era o princípio orientador da teoria e prática econômica nazista. Como na era pré-liberal, os interesses econômicos privados eram considerados como subordinados aos interesses do estado. Contudo, os interesses das grandes empresas em geral coincidiam com os interesses do partido e do estado. O fato é que os interesses econômicos, sem a menor sombra de dúvida, contribuíram para o impulso expansionista do regime.

Stackelberg ressalta ainda a capacidade do nazismo de, através da propaganda, neutralizar a percepção de luta entre as classes e obter apoio entre trabalhadores e mesmo entre sindicatos:

A propaganda também desempenhou um papel fundamental na integração da força de trabalho e na manutenção da paz social. Através de símbolos, rituais e lemas, como "Honra do Trabalho" (*Ehreder Arbeit*), os nazistas enalteciam a dignidade do trabalho manual. Nunca se cansavam de propagar a ficção de uma nova sociedade sem classes; em que os "trabalhadores do punho" e os "trabalhadores do cérebro" desfrutavam de posições iguais. [...] Apesar das tremendas diferenças nos rendimentos, o magnata da indústria e o operário eram encorajados a se considerarem como contribuintes iguais para o bem-estar da nação.

Os nazistas usaram apelos da propaganda, não políticas econômicas, para combater o sistema de classes. Através de sua campanha publicitária para a *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional), os nazistas procuravam criar a consciência de uma sociedade sem classes.<sup>71</sup>

Algo tentado por aqui recentemente pelo bolsonarismo, com seu "Brasil acima de tudo", discurso sobre uma idealizada ameaça comunista, que causou problemas à esquerda, mas não chegou a lhe conferir êxito eleitoral, afinal, o atual modelo ou discurso do *empreendedorismo* encontra eco e também encontra limites no próprio desenrolar da História, no acúmulo de lutas sindicais, partidárias e eleitorais.

Embora o êxito nazista do período que antecede à Segunda Guerra se diferencie em muito do fracasso bolsonarista no campo econômico, não obstante

---

<sup>71</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: Origens, Interpretações, Legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 101.

ambos estivessem, na prática, a serviço das elites econômicas de seus países a suas épocas, em outros temas os dois *ismos* se aproximam demasiado.

Aqui no Brasil bolsonarista, a devastadora pandemia de Covid-19, com seus quase 700 mil mortos, era classificada como “uma gripezinha” para “os fortes”. Há que se lembrar também o descaso com a prevenção, o negacionismo e a negligência com a pesquisa e implementação da vacina, o incentivo ao uso de substâncias sem eficácia e, o pior, o incentivo à “imunidade de rebanho” não através de vacinação, mas por meio de contaminação.

No fascismo alemão, conforme relata Stackelberg<sup>72</sup>:

Há muito que o país se preocupava com a melhora da "raça" alemã. A derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial não resultou apenas na intensificação do antissemitismo político; também levou a um crescente interesse até mesmo uma obsessão pela eugenia, como um meio de regenerar o povo alemão e restaurar a força nacional.

No Brasil da Saúde privatizada, agora sob Bolsonaro, durante a pandemia, empresas como a Prevent Sênior/Rede Sancta Maggiori de hospitais, especializadas em idosos, faziam experimentos com seus pacientes ou mesmo desligavam os aparelhos em caso de superlotação, para poder “dar giro” aos leitos, segundo descoberta da CPI da Pandemia no Senado, em 2021<sup>73</sup>. À semelhança dos fatos históricos protagonizados no regime nazista por Josef Mengele, célebre por seus experimentos clínicos com judeus, ou por Adolf Eichmann, o *operador logístico* do Holocausto, que levou Hannah Arendt<sup>74</sup> a cunhar o termo “banalidade do mal” em sua obra “Eichmann em Jerusalém”, em 1964.

Segundo o Relatório Final da *CPI da Pandemia*, que não chegou a ser votado, mas está aberto ao público na página do Senado Federal<sup>75</sup>, “[...] a Prevent Senior fez um estudo (com ivermectina e azitromicina) sem autorização. Nessa pesquisa cometeram um erro gravíssimo, talvez uma fraude: para uma

---

<sup>72</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: Origens, Interpretações, Legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 105.

<sup>73</sup> CALHEIROS, Renan. **CPI da Pandemia** – Senado. Brasília 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>74</sup> ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** – um relato sobre a banalidade do mal”. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>75</sup> CALHEIROS, Renan. Op. cit. Acesso em: 15 dez. 2022.

pesquisa existente, mas irregular, informaram o número de uma outra pesquisa científica que ainda viria a ser realizada, mas que já recebera o aval da Comissão”. Sobre a suspensão de cuidados, diz o senador-relator Renan Calheiros:

Destaque-se, por fim, que, pelo seu relato, a Prevent Senior teria transformado em rotina a cessação abrupta do tratamento de pacientes que, imaginamos, estariam há tempo demais ocupando um leito em seus hospitais. [...] Em nosso entendimento, os “cuidados paliativos” praticados pela Prevent Senior, que em nada correspondem a verdadeiros cuidados paliativos, merecem a abertura de inquérito policial urgentemente.<sup>76</sup>

Além disso, no Brasil pentecostal sob Bolsonaro, algo visível na própria Esplanada dos Ministérios, a mulher tem seu papel idealizado, limitado, calado e contido. Por seu turno, escreve Stackelberg sobre a Alemanha hitlerista:

Segundo a ideologia nazista, a estabilidade do estado baseava-se na unidade familiar, a esfera especial reservada às mulheres pela natureza e pela providência. Como outros grupos conservadores, os nazistas procuravam ressuscitar e fortalecer a noção tradicional de que o lugar das mulheres era em casa.<sup>77</sup>

No mais, no Brasil sob Bolsonaro, o incentivo ao histórico preconceito sulista e sudestino contra o povo nordestino; nos EUA sob Donald Trump, há não mais que dois ou três anos, a incitação contra mexicanos (e negros também, cujo resultado se vê desde os episódios de Seattle); na Alemanha sob Hitler, antissemitismo levado às últimas consequências. Nos três casos, racismo!

Nunca é demais lembrar ao menos dois episódios do governo Bolsonaro: 1) a reunião ministerial de 22 de abril de 2020<sup>78</sup>, em que: o presidente declara, entre muitos palavrões, que iria proteger sua família das investigações da Polícia Federal, para isto, claro!, aparelhando e amordaçando a PF; seu ministro da Economia, Paulo Guedes, afirma que iria “botar uma granada no bolso dos

---

<sup>76</sup> CALHEIROS, Renan. **CPI da Pandemia** – Senado. Brasília 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>77</sup> STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: Origens, Interpretações, Legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 104.

<sup>78</sup> GLOBO, G1. **Veja os principais pontos da reunião ministerial que teve gravação divulgada pelo STF**. 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/veja-os-principais-pontos-da-reuniao-ministerial-que-teve-gravacao-divulgada-pelo-stf.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

servidores públicos”, ou lhes cortar direitos e reajustes, além de que era preciso “vender logo essa *p.* (sic) do Banco do Brasil”; o então ministro Ricardo Salles, do Meio Ambiente, sugere “passar a boiada” e afrouxar o regramento ambiental enquanto a atenção da mídia está voltada para a Covid-19; o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, sugere que os ministros do Supremo Tribunal Federal deveriam ser presos; a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, diz que vai pedir a prisão de prefeitos e governadores; e o então ministro da Saúde, Nelson Teich, afirma que o *medo* do novo coronavírus iria *impedir* que a economia fosse tratada como prioridade; e 2) a *live*<sup>79</sup> de 29 de maio de 2020, em que Bolsonaro e seus acompanhantes tomam um copo de leite, em clara apologia à organização racista estadunidense Ku Klux Klan e a movimentos nazistas europeus, que têm no leite o símbolo de um supostamente necessário embranquecimento.

#### 1.4.2 Necropolítica, nazismo suicida, bolsonarismo suicidário

Michel Foucault<sup>80</sup> retrata a Alemanha nazista de Hitler com a célebre frase “Estado racista. Estado assassino. Estado suicida”, já mencionada anteriormente.

Vladimir Safatle remete a origem desta frase ao “Telegrama 71”, com o qual, “em 1945, Adolf Hitler proclamou o destino de uma guerra então perdida. Ele dizia: ‘se a guerra está perdida, que a nação pereça’”<sup>81</sup>.

Em “Bem-vindo ao Estado Suicidário”<sup>82</sup>, Safatle alega que “Esta era a maneira nazista de dar resposta a uma raiva secular contra o próprio estado e contra tudo o que ele até então havia representado”<sup>83</sup>. Relembrando Hannah

---

<sup>79</sup> REVISTA FÓRUM, **Copo de leite: Bolsonaro usa símbolo nazista de supremacia racial em live**. 29 maio 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2020/5/29/copo-de-leite-bolsonaro-usa-simbolo-nazista-de-supremacia-racial-em-live-76033.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

<sup>80</sup> FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade** – Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 311.

<sup>81</sup> SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao estado suicidário**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Março de 2022. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>82</sup> *Ibidem*. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>83</sup> *Ibidem*. Acesso em: 15 dez. 2022.

Arendt, em “Totalitarismo”, texto final de “Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo”, que analisaremos adiante, o autor expõe que “Hannah Arendt falava do fato espantoso de que aqueles que aderiram ao fascismo não vacilavam mesmo quando eles próprios se tornavam vítimas, mesmo quando o monstro começava a devorar seus próprios filhos”<sup>84</sup>.

De acordo com o filósofo brasileiro, “o estado suicidário consegue fazer da revolta contra o estado injusto, contra as autoridades que nos excluíram, o ritual da liquidação de si em nome da crença na vontade soberana [...]”. Isso bem se aplica aos exemplos clássicos do nazifascismo original, conforme Eric Hobsbawn<sup>85</sup> rememora em “A era dos extremos”, ao citar a “carta de um jovem voluntário da República Social Fascista de 1943-5”, na qual o rapaz preleciona: “Morrer pela pátria e pela ideia! [...] Morrer não é nada, isso não existe. [...] Matar é o importante. [...] Sim, esse é um ato concreto de vontade”.

No entanto, o texto de Safatle não é sobre o passado europeu, mas sobre o presente nazifascista brasileiro, **a serviço do neoliberalismo**, como veremos melhor nos itens 1.6 e 1.7 deste Capítulo:

O fascismo brasileiro e seu nome próprio, Bolsonaro, encontraram, enfim, uma catástrofe para chamar de sua. Ela veio sob a forma de uma pandemia que exigiria da vontade soberana e sua paranoia social compulsivamente repetida que ela fosse submetida à ação coletiva e à solidariedade genérica tendo em vista a emergência de um corpo social que não deixasse ninguém na estrada em direção ao Hades. [...] a escolha foi, no entanto, pelo flerte contínuo com a morte generalizada. Se ainda precisássemos de uma prova de que estamos a lidar com uma lógica fascista de governo, esta seria a prova definitiva. Não se trata de um estado autoritário clássico que usa da violência para destruir inimigos. Trata-se de um estado suicidário de tipo fascista que só encontra sua força quando testa sua vontade diante do fim.<sup>86</sup>

Este autor não restringe o bolsonarismo a um fenômeno isolado, meramente político, antes deixa claro que ele é parte, de modo conjuntural, de uma estrutura socioeconômica de poder que se adequa ao momento político para a perpetuação do *status quo*, bem como da dominação por uma elite

---

<sup>84</sup> SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao estado suicidário**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Março de 2022. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>85</sup> HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 113.

<sup>86</sup> SAFATLE, Vladimir. Op. cit. Acesso em: 15 dez. 2022.

econômica que se mantém no topo da pirâmide, seja por meio da proclamação da República, da instituição da ditadura militar de 1964 ou da sabotagem da Nova República pós-ditadura. E continua:

É claro que tal estado se funda nessa mistura tão nossa de capitalismo e escravidão, de publicidade de *coworking*, de rosto jovem de desenvolvimento sustentável e indiferença assassina com a morte reduzida a efeito colateral do bom funcionamento necessário da economia. [...] O engenho não pode parar. Se para tanto alguns escravos morrerem, bem, ninguém vai realmente criar um drama por causa disso, não é mesmo? [...] **A história do Brasil é o uso contínuo desta lógica. A novidade é que agora ela é aplicada a toda a população.**<sup>87</sup>

Por fim, adentrando o tema da necropolítica brasileira, Safatle abertamente expõe:

É claro que séculos de necropolítica deram ao estado brasileiro certas habilidades. Ele sabe que um dos segredos do jogo é fazer desaparecer os corpos. Você retira números de circulação, questiona dados, joga mortos por corona-vírus em outra rubrica, abre covas em lugares invisíveis. Bolsonaro e seus amigos vindos dos porões da ditadura militar sabem como operar com essa lógica. Ou seja, a velha arte de gerir o desaparecimento que o estado brasileiro sabe fazer tão bem. [...] Essa violência é a matriz do capitalismo brasileiro. Quem pagou a ditadura para criar aparatos de crimes contra a humanidade, na qual se torturava, estuprava, assassinava e fazia desaparecer cadáveres? Não estavam lá dinheiro de Itaú, Bradesco, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Fiesp, ou seja, todo o sistema financeiro e empresarial que hoje tem lucros garantidos pelos mesmos que veem nossas mortes como um problema menor?<sup>88</sup>

O exposto nitidamente remonta à lista de empresas citadas por Eric Vuillard<sup>89</sup> ao referir-se ao colaboracionismo empresarial ao nazismo.

Lá como cá, ontem e hoje, o nazifascismo ou teve relação simbiótica com o grande capital ou simplesmente esteve a serviço dele.

---

<sup>87</sup> SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao estado suicidário**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Março de 2022. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>88</sup> Ibidem. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>89</sup> VUILLARD, Eric. **A ordem do dia**. São Paulo: Planeta, 2019, p. 24.

## 1.5 O *tipo ideal* de fascismo (ou do nazifascismo)

Umberto Eco<sup>90</sup>, em sua estatura intelectual e acadêmica, não se apoia declaradamente na descrição de *fenômeno típico ideal* de Max Weber<sup>91</sup>. Entretanto, seu *Ur-Fascismo* ou as 14 características comuns ao fascismo descritas em “Fascismo Eterno” (elencadas logo nas páginas iniciais deste Capítulo) é uma indução, uma construção de conceito, que pode ser no mínimo comparada com o processo de elaboração do *fenômeno típico ideal* de Max Weber, em 1904.

De acordo com Weber em “O significado constitutivo dos interesses epistemológicos das ciências culturais”, segunda parte de seu texto “A objetividade do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política”, em “Metodologia das Ciências Sociais”:

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. [...] A atividade historiográfica defronta-se com a tarefa de determinar, em cada caso particular, a proximidade ou o afastamento entre a realidade e o quadro ideal, na medida, portanto, o caráter econômico das condições de determinada cidade poderá ser qualificado como ‘economia urbana’, no sentido conceitual. Este conceito, desde que cuidadosamente aplicado, cumpre as funções específicas que dele se esperam, em benefício da investigação e da **representação**.<sup>92</sup>

### 1.5.1 “Fascistas”

Na obra “Fascistas”, de 2004, o sociólogo britânico Michael Mann<sup>93</sup> define o fascismo como “a busca de um estatismo nacionalista transcendente e

<sup>90</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 44-59.

<sup>91</sup> WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016, p. 252.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 252, grifos nossos.

<sup>93</sup> MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 41.

purificador através do paramilitarismo”. Mann elenca cinco características definidoras, ou *termos centrais* do fascismo<sup>94</sup>:

(i) Nacionalismo: “[...] dedicação profunda e populista para com uma nação ‘orgânica’ e ‘integral’”, com baixíssima tolerância à diversidade étnica e conversão do diferente em inimigo;

(ii) Estatismo: “Os fascistas adoravam o poder do Estado. O Estado corporativo autoritário parecia poder resolver crises e fomentar o desenvolvimento social, econômico e moral [...]”;

(iii) Transcendência: “O estatismo nacionalista fascista seria capaz de ‘transcender’ o conflito social, reprimindo primeiro os que fomentavam o conflito, ao ‘dar-lhes uma lição’, incorporando depois as classes e outros grupos de interesse em instituições corporativistas estatais”;

(iv) Depuração: “Sendo os opositores encarados como ‘inimigos’, tinham de ser afastados, e a nação depurada deles”;

(v) Paramilitarismo: “Era um valor fundamental, e uma forma de organização também fundamental, do fascismo. Era tido como ‘popular’, brotando espontaneamente das bases, mas também era elitista, por supostamente representar a vanguarda da nação”.

Referida obra de Mann serviu como base para artigo publicado em junho de 2020 pelo portal UOL, do grupo do jornal Folha de S.Paulo, assinado pelo historiador Bruno Frederico Müller<sup>95</sup>. O autor brasileiro é taxativo, a começar pelo título: “Por que o bolsonarismo é um fascismo”<sup>96</sup>, e vai *encaixando* o bolsonarismo no fascismo, conforme os *temas centrais* de Michael Mann:

---

<sup>94</sup> MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 41-45.

<sup>95</sup> Do portal Lattes: “Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (2005) e doutorado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2012). Tem experiência nas áreas de História e Relações Internacionais, com ênfase em História Contemporânea, História das Relações Internacionais, Teoria das Relações Internacionais e estudos e publicações nos seguintes temas: globalização, cosmopolitismo, movimentos sociais transnacionais, direitos humanos, direitos animais e ética” (Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/>. Acesso em: 15 dez. 2022).

<sup>96</sup> MÜLLER, Bruno Frederico. **Por que o bolsonarismo é um fascismo**. Disponível em: <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Por fim, fica claro que, considerando as cinco características do fascismo segundo Michael Mann, Bolsonaro e seus aliados se encaixam em todas elas:

1. Nacionalismo: além da exploração de símbolos nacionais e motes como "Brasil acima de tudo", esse nacionalismo também se manifesta na visão que o presidente tem da cultura. Se há uma aparente incoerência desse nacionalismo com a política econômica liberal, isso se deve a dois fatores: primeiro, o oportunismo; foi o preço que Bolsonaro aceitou pagar para se eleger presidente; segundo, o nacionalismo econômico não é o mais importante para um fascismo: sua prioridade é a construção de uma identidade nacional homogênea, num projeto político que tem a grandeza do país como grande motivador. [...]
2. Estatismo: a essa altura até o mais cauteloso dos analistas percebe que o projeto político de Bolsonaro é autoritário, e que esse autoritarismo não é do tipo clássico – simplesmente fechar os demais poderes e governar isolado do povo –, mas tem pretensões de interferir na vida dos cidadãos para implantar sua visão de nação, secundado pela sua multidão de apoiadores.
3. Transcendência dos conflitos: foi um tema recorrente de campanha, quando ele acusou a esquerda de dividir o povo em "ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres", destacando que isso enfraquecia a nação. No poder, ele faz seu trabalho de fortalecimento das hierarquias sociais, em favor dos mais ricos, é claro, negando outros conflitos ou tentando aboli-los artificialmente, recusando qualquer tipo de diálogo com representantes de minorias e, claro, usando da ameaça da violência.
4. Expurgos: o governo Bolsonaro é muito recente e fraco para embarcar em ondas de violência parecida com as que conhecemos na história do fascismo clássico. Mas cabem ressalvas: a primeira é a do tempo. O governo ainda não consolidou sua ambição ditatorial, e foi depois dessa consolidação que as grandes atrocidades dos fascistas e nazistas aconteceram. A segunda é a do tempo histórico. Hoje um governo autoritário detém de mais meios para se impor sem precisar recorrer de forma tão frequente à violência. [...] A escalada de violência do Estado ou sancionada pelo Estado está aí, para quem quiser ver, e sempre contra os alvos que Bolsonaro elegeu como preferenciais: a esquerda, as minorias, os pretos e pobres que vivem nas comunidades e são suspeitos de práticas ilícitas por definição.
5. Paramilitarismo: não bastasse a associação de Jair Bolsonaro com as milícias que controlam regiões inteiras do estado do Rio de Janeiro, o presidente, que também já defendeu grupos de extermínio, conta com o apoio tácito das polícias militares, e incentiva o armamento civil no campo e nas cidades, para combater os seus inimigos: do MST aos prefeitos que impõem as regras de isolamento social. [...]

Por fim, como todo fascismo, o bolsonarismo é um movimento de massas.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> MÜLLER, Bruno Frederico. **Por que o bolsonarismo é um fascismo**. Disponível em: <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

### 1.5.2 Bolsonaro é nazifascista; bolsonarismo é nazifascismo

Sejam até 14, como enuncia Umberto Eco, sejam 5, como sintetiza Michael Mann, o fascismo tem suas características uniformizadoras. O fascismo é um fenômeno típico ideal que pode ser construído por indução. E, certamente, por dedução, a partir dos fenômenos uniformizadores do conceito, por um ou outro autor, o bolsonarismo bem se enquadra em um e outro modelo de fascismo, ou melhor, de nazifascismo, expressão que talvez torne o fenômeno mais facilmente compreendido, como abordado mais detidamente no Item 1.10.

Por meio da elaboração do *tipo ideal* de Max Weber, temos, portanto, que o bolsonarismo é, sim, um fenômeno típico ideal de nazifascismo.

## 1.6 Afinidades eletivas entre bolsonarismo e neoliberalismo: a ética neopentecostal e o espírito da meritocracia

Max Weber nos fornece ainda um outro conceito, o de *afinidade eletiva*, contribuindo para a compreensão, ao menos em parte, da relação simbiótica entre o bolsonarismo e o neoliberalismo por meio do chamado neopentecostalismo – com o qual ambos, bolsonarismo e neoliberalismo, têm profundas afinidades eletivas.

Conforme relata Michael Löwy<sup>98</sup>, ao se debruçar sobre “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”<sup>99</sup>, Weber refunda o conceito de *afinidade eletiva*, originado simplesmente como *afinidade* na Alquimia (Hermanus Boerhave, no livro *Elementa Chymiae*, Alemanha, 1724) e nominado como *atração eletiva* na Química (Torben Olof Bergman, no livro *De Atractinubus Eletivis*, Suécia, 1775), posteriormente traduzido para o alemão como

---

<sup>98</sup> LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “Afinidade Eletiva” em Max Weber. **PLURAL** – Revista de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17.2, p. 129-142, 2011.

<sup>99</sup> WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

*Wahlverwandtschaft* ou *afinidade eletiva*, em 1782/1790. O termo foi apropriado pela literatura alemã por Goethe, em 1809, em “Die *Wahlverwandtschaft*”.

Em seu esforço para estabelecer uma conexão entre superestrutura e infraestrutura, entre ideologia e modo de produção, entre o protestantismo e a organização produtiva burguesa, Weber se vale da expressão *afinidades eletivas*. Como bem observa Löwy, inicialmente entre aspas e logo em seguida livre delas, já como conceito sociológico. De acordo com Weber<sup>100</sup>:

Em face da enorme barafunda de influxos recíprocos entre as bases materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo espiritual das épocas culturais da Reforma, procedemos tão só de modo a examinar de perto se, e em quais pontos, podemos reconhecer determinadas “afinidades eletivas” entre certas formas da fé religiosa e certas formas da ética profissional. Por esse meio e de uma vez só serão elucidados, na medida do possível, o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material.

Michel Löwy assinala “dez modalidades distintas do conceito de ‘afinidade eletiva’” nos textos de Weber, sendo três “internas a um campo determinado” (religioso, econômico e cultural) e sete que “‘atravessam’ campos sociais diferentes”, como, por exemplo, “entre ética religiosa e *ethos* econômico”, “entre formas religiosas e formas políticas”, “entre estruturas econômicas e formas políticas” e “entre visões de mundo e interesses de classes”<sup>101</sup>.

Ao exemplificar cada uma delas, Löwy reproduz trechos contidos nas obras de Weber (em “A ética protestante” e “Economia e sociedade”, principalmente). Todas as observações de Weber para identificar tais *afinidades eletivas* são obviamente muito pertinentes, mas talvez nenhuma destas afinidades seja tão escancaradamente clara, talvez por sua atualidade, como as identificadas pelo jornalista Ricardo Alexandre entre neoliberalismo e neopentecostalismo e entre este e o bolsonarismo, no capítulo “Economia” de seu livro “E a verdade os libertará”<sup>102</sup>.

---

<sup>100</sup> WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 42, edição digital.

<sup>101</sup> LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “Afinidade Eletiva” em Max Weber. **PLURAL** – Revista de Pós-Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, v. 17.2, p. 129-142, 2011, p. 132-137.

<sup>102</sup> ALEXANDRE Ricardo. **E a verdade os libertará**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, edição digital.

Cristão evangélico da Igreja Batista desde a adolescência, Ricardo Alexandre, de 48 anos, não cita uma única vez Max Weber, nem “A Ética Protestante” ou as *afinidades eletivas*. Prefere um termo mais direto: *correspondente perfeito*, todavia acaba por atualizar Weber para o leitor que se dispuser a estabelecer um paralelo entre as “afinidades eletivas” e o *correspondente perfeito*. Assim Alexandre<sup>103</sup> estabelece a conexão ou as afinidades eletivas ou o correspondente perfeito entre neoliberalismo e neopentecostalismo:

**Foi exatamente nos anos 1980 que o neoliberalismo, enquanto monopolizava o debate econômico, encontrou um correspondente perfeito dentro do universo religioso. Uma corrente que usava a Bíblia para justificar o acúmulo de bens e legitimar o lucro ganhou o nome de “teologia da prosperidade”, embora, como “teologia”, seja repudiada por praticamente todas as linhas protestantes históricas. [...] A expansão da teologia da prosperidade está intimamente ligada à febre dos televangelistas do início dos anos 1980. [...] Até desembarcar no Brasil, nos anos 1990, o evangelho da prosperidade arrastou consigo diversos outros movimentos controversos, [...] gerando o amontoado de denominações em um movimento que se convencionou chamar de “neopentecostalismo” – representado no país por uma galeria de líderes midiáticos como Valnice Milhomens, Renê Terra Nova, Valdemiro Santiago, Edir Macedo, Estevan e Sônia Hernandes, Silas Malafaia e R. R. Soares. [...]**

**A mensagem neoliberal propagada por Paulo Guedes faz todo o sentido do mundo para milhões de evangélicos que passaram décadas aprendendo que nossa relação com Deus se baseia na meritocracia e na fé sacrificial. [...] e é com dinheiro que Deus responde às nossas orações.**

O *correspondente perfeito* ou a *afinidade eletiva* entre o neopentecostalismo e o bolsonarismo reside, principalmente, no oportunismo do próprio Bolsonaro, que assegura que “o sábio que está por trás dele, aquele que, em seu governo, ‘obrigará’ o sistema a funcionar, é o próprio Deus”, conforme afirma Ricardo Alexandre no capítulo “O governo de Deus”. Adiante, o autor contabiliza: “Deus’ foi a segunda palavra mais usada por Bolsonaro nos

---

<sup>103</sup> ALEXANDRE Ricardo. **E a verdade os libertará**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, Cap. 9 - Economia, p. 7-9 de 10, edição digital, grifos nossos.

primeiros dez meses de seu mandato, atrás apenas de Brasil”<sup>104</sup>, citando reportagem do jornal O Globo<sup>105</sup>.

Não foi à toa que Bolsonaro teve o apoio radical, em 2018 e 2022, de lideranças evangélicas citadas pelo jornalista no capítulo sobre “Economia”, como Silas Malafaia, Edir Macedo, R. R. Soares, além de muitos outros entre os mais importantes líderes neopentecostais brasileiros. Tampouco foi por acaso que nomeou um *ministro terrivelmente evangélico* para o STF (Supremo Tribunal Federal) ou preencheu seu ministério com figuras como Damares Alves (*Família e Direitos Humanos*) ou Milton Ribeiro (Educação), num “processo de teocratização da política brasileira”:

Teocracia significa “governo de Deus”. Por definição pressupõe que os chefes de Estado sejam, também, sacerdotes da religião oficial – assim, o país funciona sob as ordens de Deus, aplicando-as às coisas públicas. Embora não seja um padre ou um pastor, o fato é que Bolsonaro montou um time repleto de ministros e secretários vinculados à linguagem, aos dogmas e aos valores de boa parcela do movimento evangélico brasileiro.<sup>106</sup>

Pode-se dizer que há um oportunismo de mão dupla nesta simbiose entre Bolsonaro e grande parte dos principais líderes neopentecostais. Se por um lado Bolsonaro se apropria da força política dos líderes religiosos e mesmo de sua massa de súditos, por outro, estes se apropriam do Estado brasileiro, daí que não se aplica em vão a palavra *teocracia* utilizada por Ricardo Alexandre.

No entanto, há mais em comum entre bolsonarismo e o pensamento da imensa maioria dos líderes neopentecostais: preconceito, intolerância e mesmo misoginia, afinal para muitos ultraconservadores de um e outro *movimento*, o *lugar da mulher é em casa, cuidando da família*. Conforme Alexandre:

Dois fenômenos evangélicos relativamente recentes contribuíram para essa **junção entre autoritarismo político e domínio religioso. O ensino fundamental para transformar a mensagem de Jesus em preconceito e intolerância chama-se Batalha Espiritual. E o ensino fundamental para**

<sup>104</sup> ALEXANDRE Ricardo. **E a verdade os libertará**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, Cap. 5 - O governo de Deus, p. 4 de 8, edição digital.

<sup>105</sup> O GLOBO, “‘Brasil’ e ‘Deus’ são as palavras que mais aparecem nos discursos de Bolsonaro”. 29 set. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-deus-sao-as-palavras-que-mais-aparecem-nos-discursos-de-bolsonaro-23982333>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>106</sup> ALEXANDRE Ricardo. Op. cit., p. 4-5 de 9, edição digital.

### **transformar o cristianismo em projeto de poder chama-se Teologia do Domínio.<sup>107</sup>**

Mais adiante, Alexandre<sup>108</sup> é direto:

Assim, para “acelerar” a volta de Jesus Cristo e o estabelecimento de seu reino, os cristãos devem buscar o poder terreno, institucional [...] E, mais uma vez, na guerra vale tudo: conchavos políticos, aquisição de canais de rádio e televisão, extermínio dos cultos afro-brasileiros, intervenção na grade curricular das escolas públicas. Guerra é guerra. [...]

Com sua parceria com Bolsonaro, evangélicos chegaram aos gabinetes federais, a religião passou a qualificar ministros, embaixadas passaram a ser consideradas em função de doutrinas escatológicas, e o nome de Deus passou a ser citado frequentemente em pronunciamentos oficiais.

Vimos as afinidades eletivas entre neoliberalismo e neopentecostalismo. Também entre neopentecostalismo e bolsonarismo. Passemos a verificar a relação direta entre o bolsonarismo e o neoliberalismo.

## **1.7 Nazifascismo a serviço do neoliberalismo: a quem interessa o bolsonarismo**

### 1.7.1 Neoliberalismo

Neoliberalismo pode ser entendido como teoria econômica, política econômica, sistema de organização econômico-social, ideologia ou mesmo como uma *racionalidade*, na proposta de Pierre Dardot e Christian Laval<sup>109</sup>.

David Harvey<sup>110</sup> assim o define:

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser mais bem promovido liberando-se as liberdades e

---

<sup>107</sup> ALEXANDRE Ricardo. **E a verdade os libertará**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, Cap. 5 - O governo de Deus, p. 1 de 13, edição digital.

<sup>108</sup> Ibidem, Cap. 12 - Domínio, poder e política, p. 7 e 11 de 13, edição digital.

<sup>109</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>110</sup> HARVEY, David. **Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2014, p. 12, grifos nossos.

capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem que garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, **se não existirem mercados** (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado. Mas o Estado não deve se aventurar para além dessas tarefas. As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo [...].

Já o filósofo Dardot e o sociólogo Laval<sup>111</sup> afirmam que:

[...] o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma *racionalidade* e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados [...]. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.

Note-se que não situam mais o capitalismo na troca de mercadorias, mas, sim, na concorrência.

Os três autores concordam que o neoliberalismo tem como ponto de partida a concentração de renda e nenhuma relação intrínseca mais forte entre neoliberalismo e democracia. “O sistema neoliberal está nos fazendo entrar na era pós-democrática”, chegam a afirmar Dardot e Laval no prefácio da edição brasileira de sua obra<sup>112</sup>.

---

<sup>111</sup> HARVEY, David. **Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2014, p. 17.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 8.

### 1.7.2 Neoliberalismo, democracia e bolsonarismo

Conservador nos costumes, (neo)liberal na economia. Este, sim, o verdadeiro mote do bolsonarismo. Muito mais do que “Brasil acima de tudo”, pois interesses internacionais e rentismo estiveram acima de Deus, tudo e todos desde 2019, ou melhor, desde 2016, uma vez que Bolsonaro assumiu o compromisso de prolongar a *Ponte para o Futuro* de Michel Temer.

O futuro projetado em 2016 e garantido no resultado eleitoral de 2018 nos levou ao período vivenciado em 2021 e 2022: inflação<sup>113</sup> à beira dos dois dígitos, desemprego<sup>114</sup> que chegou a superar a barreira dos 10% da PEA (População Economicamente Ativa), custo de vida elevado, com destaque para alta da carne<sup>115</sup> bovina e da gasolina<sup>116</sup>, baixíssimo crescimento do PIB<sup>117</sup>, precarização<sup>118</sup> acelerada das relações de trabalho e ampliação da miséria<sup>119</sup>, trazendo o Brasil novamente para o famigerado mapa da fome<sup>120</sup>.

Em 2021, a pobreza atingiu o auge no Brasil, segundo levantamento do IBGE divulgado no dia 2 de dezembro de 2022: “No ano passado, 62,5 milhões

---

<sup>113</sup> AGÊNCIA BRASIL. **Mercado financeiro prevê inflação em 9% neste ano**. 06 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-06/mercado-financieiro-preve-inflacao-em-9-neste-ano>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>114</sup> G1. **Desemprego cai para 10,5% em abril e atinge 11,3 milhões, diz IBGE**. 31 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/05/31/desemprego-fica-em-105percent-em-abril.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>115</sup> G1. **Preço da carne subiu mais que o dobro da inflação nos últimos dois anos, diz Ipea**. 12 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/05/12/preco-da-carne-subiu-mais-que-o-dobro-da-inflacao-nos-ultimos-dois-anos-diz-ipea.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>116</sup> VALOR INVEST. **Preço médio da gasolina sobe 30% no ano no País, apontam levantamentos**. 02 jun. 2022. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/gastar-bem/noticia/2022/06/02/preco-medio-da-gasolina-sobe-30percent-no-ano-no-pais-apontam-levantamentos.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>117</sup> VALOR ECONÔMICO. **PIB do Brasi cresceu 2% abaixo do potencial em 2021**. 25 maio 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/05/25/pib-do-brasil-cresceu-2percent-abaixo-do-potencial-em-2021.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>118</sup> UOL ECONOMIA. ESTADÃO CONTEÚDO. **Empregos voltam com salário menor e levam à precarização do mercado de trabalho**. 23 jan. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2022/01/23/empregos-voltam-com-salario-menor.htm>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>119</sup> PODER 360. **Número de famílias na extrema pobreza salta 11,8% em 2022**. 08 maio 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/numero-de-familias-na-extrema-pobreza-salta-118-em-2022/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>120</sup> FOLHA DE S.PAULO – OPINIÃO. **Fome voltou ao Brasil a partir do golpe de 2016**. Jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/06/fome-voltou-ao-brasil-a-partir-do-golpe-de-2016.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

de pessoas eram consideradas pobres no país. O número corresponde a 29,4% da população total (212,6 milhões). Dos 62,5 milhões, 17,9 milhões viviam em situação de extrema pobreza. Esse número representava 8,4% da população total”, escreveu o repórter da Folha de S.Paulo, Leonardo Vieceli<sup>121</sup>. E conclui: “Tanto os contingentes quanto os percentuais são os mais elevados de uma série histórica iniciada em 2012, diz o IBGE”.

Na contramão dos indicadores macroeconômicos e sociais, bancos nacionais e estrangeiros operando no Brasil seguiram com seus ganhos<sup>122</sup>, a indústria de armas<sup>123</sup>, fiel escudeira do bolsonarismo, acumulou enorme crescimento, o *agro*<sup>124</sup> movido a pesticida e negacionismo em torno dos transgênicos andou muito bem, acionistas da Petrobras repartiram vultosos dividendos<sup>125</sup>, multinacionais de energia elétrica<sup>126</sup> comemoraram ganhos operacionais e financeiros, de olho inclusive em futuras privatizações<sup>127</sup>, grandes bancos e outras instituições financeiras apostaram forte no controle da água potável e as *big-techs* seguiram operando em regime de baixíssima regulação, concretizando, também em solo brasileiro, seu capitalismo de vigilância<sup>128</sup>.

---

<sup>121</sup> FOLHA DE S.PAULO. **Pobreza no Brasil alcança recorde de 62,5% milhões em 2021**. 02 dez. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/12/pobreza-no-brasil-alcanca-recorde-de-625-milhoes-em-2021>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>122</sup> PODER 360. **Bancos privados lucram R\$ 18,2 bilhões no 1º trimestre**. 09 maio 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/bancos-privados-lucram-r-182-bilhoes-no-1o-trimestre/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>123</sup> UOL – COTIDIANO. **Sob Bolsonaro, país tem mais de 1 milhão de novos registros de armas**. 04 jun. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/04/registro-de-armas-jair-bolsonaro-cacs-violencia-homicidios-lobby.htm>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>124</sup> GOV.BR. **Agronegócio tem saldo positivo de US\$ 43,7 bilhões no acumulado do ano**. 25 maio 2022. Atualizado em 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2022/05/agronegocio-tem-saldo-positivo-de-us-43-7-bilhoes-no-acumulado-do-ano>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>125</sup> INFOMONEY. **Agenda de dividendos**: Petrobras (PETR4) paga R\$ 1,43 por ação em junho; veja lista completa com 43 empresas. 01 jun. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/onde-investir/agenda-de-dividendos-junho-2022/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>126</sup> DIÁRIO DO NORDESTE. **Lucro da Enel bate recorde e é o maior em 10 anos**; reajuste na conta poderia ser menor? 22 abr. 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opinia0/c0lunistas/samuel-quintela/lucro-da-enel-bate-recorde-e-e-o-maior-em-10-anos-reajuste-na-conta-poderia-ser-menor-1.3220334>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>127</sup> MONEYTIMES. **Dividendos**: a Eletrobras pode se tornar uma ‘vaca leiteira’ com a privatização, mas investir nela tem um risco; entenda. 06 jun. 2022. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/conteudo-de-marca/dividendos-a-eletoabras-pode-se-tornar-uma-vaca-leiteira-com-a-privatizacao-mas-investir-nela-tem-um-risco-entenda-lbrdlc195/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>128</sup> A professora da Harvard Business School, Shoshana Zuboff, filósofa e Ph.D em psicologia social, sustenta que vivemos em um “capitalismo de vigilância”, movido inicialmente pela

Os números confirmam a razão de existir do neoliberalismo, conforme proposto a partir dos anos 1950/60 e fortemente posto em prática a partir dos anos 1970/80/90, com sua convergência como “uma nova ortodoxia, com a articulação, nos anos 1990, do que veio a ser conhecido como o ‘Consenso de Washington’”, segundo observara David Harvey<sup>129</sup>, em “O Neoliberalismo: história e implicações”, em 2005. Em apertadíssima síntese, é uma doutrina econômica e social, ou melhor, um sistema econômico e social, voltado a estimular a concentração de renda (entre os que já têm altíssima renda, claro!), centralizar o poder econômico e político e manter o *status quo*:

A crise de acumulação do capital na década de 1970 afetou a todos por meio da combinação de desemprego em ascensão e inflação acelerada. A insatisfação foi generalizada e a conjunção do trabalho com os movimentos sociais urbanos em boa parte do mundo capitalista avançado parecia apontar para a emergência de uma alternativa socialista ao compromisso social entre capital e trabalho que fundamentara com tanto sucesso a acumulação do capital no pós-guerra. Partidos comunistas e socialistas ganhavam terreno, quando não tomavam o poder, em boa parte da Europa e mesmo nos Estados Unidos, forças populares agitavam por amplas reformas e intervenções estatais. Havia nisso uma clara ameaça *política* às elites econômicas e classes dirigentes em toda parte, tanto em países capitalistas avançados (como a Itália, a França, a Espanha e Portugal), como em muitos países em desenvolvimento (como o Chile, o México e a Argentina). [...]

Uma condição do acordo do pós-guerra em quase todos os países era que o poder econômico das classes altas fosse restrito e que o trabalho recebesse uma parcela bem mais ampla do bolo econômico. Nos Estados Unidos, por exemplo, a parcela da renda nacional nas mãos do 1% mais rico caiu de uma taxa de 16% antes da Segunda Guerra Mundial para menos de 8% depois dela, tendo ficado perto deste nível durante quase três décadas. Enquanto o crescimento se mantinha em altos níveis, essa restrição não parecia importante. Uma coisa é ter uma parcela estável de um bolo em crescimento. Mas quando o crescimento entrou em colapso nos anos 1970, quando as taxas de juro reais ficaram negativas e a norma eram poucos dividendos e lucros, as classes altas em toda parte se sentiram ameaçadas. [...]

As classes altas tinham de agir com mais vigor para se proteger da aniquilação política e econômica. **O golpe no Chile e a tomada do poder pelos militares na Argentina, promovidos**

---

“extração – não informada – de dados” e atualmente pelo simples “aceitar cookies”, em uma rasteira atualização (ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda et. al. (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25).

<sup>129</sup> HARVEY, David. **Neoliberalismo: história e implicações**. 5. ed. São Paulo: Loyola Jesuítas, 2014, p. 23-26, grifos nossos.

**pelas elites domésticas com o apoio dos Estados Unidos, ofereceram um tipo de solução.** O subsequente experimento chileno com o neoliberalismo demonstrou que os benefícios da acumulação do capital revivida foram altamente prejudicados pela privatização forçada. O país e suas elites dirigentes, ao lado de investidores estrangeiros, se saíram muito bem no começo. Efeitos redistributivos e uma desigualdade social crescente têm sido de fato uma característica tão persistente do neoliberalismo que podem ser considerados estruturais em relação ao projeto como um todo.

Nota-se, pelo relato de Harvey sobre Chile e Argentina, que a democracia e a liberdade não são pilares do neoliberalismo. O que torna bastante possível sua associação com o autoritarismo, seja no Chile e Argentina de décadas passadas, seja no golpe evangélico-militar (fascista) promovido na Bolívia em 2019 – este frustrado meses depois com a eleição de Lucho Arce para a Presidência –, ou ainda no *impeachment* da presidenta brasileira Dilma Rousseff, em 2016, bem como na destituição, pelo Congresso, do presidente do Peru, Pedro Castillo, em dezembro último, e, principalmente, na construção de uma rede de sustentação política-institucional, no Congresso Nacional brasileiro, para Bolsonaro, de já verificadas inclinações ao autoritarismo e ao nazifascismo.

Ao se falar no Chile de Pinochet, onde os chamados *Chicago Boys* (economistas, em sua maioria, formados pela PUC chilena e com especialização na Universidade de Chicago) comandaram a economia durante a ditadura (1973-1990), não se pode deixar de lado o fato de Paulo Guedes, ministro da Economia do governo Bolsonaro, ter a mesma origem, ou ter feito sua pós-graduação na mesma Universidade de Chicago, “onde o homem-forte era Milton Friedman, pai intelectual dos Chicago Boys” e onde “Guedes estreitou laços com vários estudantes chilenos que depois viriam a ter papéis relevantes no regime militar”, segundo reportagem de Rocio Montes publicada por El País no dia 30 de outubro de 2018 e reproduzida<sup>130</sup> pelo Instituto Humanitas Unisinos.

Referindo-se a processos ditatoriais militares locais apoiados pela Casa Branca e pelo Departamento de Estado dos EUA, Dardot e Laval, logo na

---

<sup>130</sup> INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS / EL PAÍS. **O laço de Paulo Guedes com os ‘Chicago boys’ do Chile de Pinochet.** 31 out. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584287-o-laco-de-paulo-guedes-com-os-chicago-boys-do-chile-de-pinochet>. Acesso em: 13 mar. 2023.

Introdução<sup>131</sup>, argumentam: “Não contestamos que as políticas neoliberais foram impostas primeiro pela mais criminosa das violências no Chile, na Argentina, na Indonésia e em outros lugares, com o apoio decisivo dos países capitalistas, a começar pelos Estados Unidos”. Os autores se apropriam da palavra *desdemocratização*, cunhada pela cientista política Wendy Brown, “que consiste em esvaziar a democracia de sua substância sem a extinguir formalmente”<sup>132</sup>. E adiante expõem:

Não há dúvida de que há uma guerra sendo travada pelos grupos oligárquicos, na qual se misturam uma forma específica, a cada ocasião, os interesses da alta administração, dos oligopólios privados, dos economistas e das mídias (sem mencionar o Exército e a Igreja). Mas essa guerra visa não apenas a mudar a economia para “purificá-la” das más ingerências públicas, como também a transformar profundamente a própria sociedade, impondo-lhe a fórceps a lei tão pouco natural da concorrência e o modelo da empresa. Para isso, é preciso enfraquecer as instituições e os direitos que o movimento operário conseguiu implantar a partir do fim do século XIX, o que pressupõe uma guerra longa, contínua e muitas vezes silenciosa, qualquer que seja a amplitude do “choque” que sirva de pretexto para determinada ofensiva.<sup>133</sup>

Em suas “Conclusões”, sob o intertítulo “Uma racionalidade ademocrática”, afirmam:

Da construção do mercado à concorrência como norma dessa construção, da concorrência como norma da atividade dos agentes econômicos à concorrência como norma da construção do Estado e de sua ação e, por fim, da concorrência como norma do Estado-empresa à concorrência como norma da conduta do sujeito-empresa, essas são as etapas pelas quais se realiza a extensão da racionalidade mercantil a todas as esferas da existência humana e que fazem da razão neoliberal uma verdadeira razão-mundo. [...]

Trata-se de mostrar a que ponto essa extensão, fazendo desaparecer a separação entre esfera privada e esfera pública, corrói até os fundamentos da própria democracia liberal. [...]

Diluição do direito público, em benefício do direito privado, conformação da ação pública aos critérios da rentabilidade e da produtividade, depreciação simbólica da lei como ato próprio do Legislativo, fortalecimento do Executivo, valorização dos procedimentos, tendência dos poderes de polícia a isentar-se de todo controle judicial, promoção do “cidadão-consumidor”

<sup>131</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 20.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>133</sup> Ibidem, p. 20-21.

encarregado de arbitrar entre “ofertas políticas” concorrentes, todas são tendências comprovadas que mostram o esgotamento da democracia liberal como norma política.<sup>134</sup>

A partir de uma rápida mirada nos acontecimentos latino-americanos, nos EUA e na Europa, bem como da interpretação da *racionalidade neoliberal* por Dardot e Laval, podemos perceber que tanto o neoliberalismo como o fascismo deste novo milênio são globais e exigem articulação internacional. Daí a preocupação do bolsonarismo com o que se passa nos países vizinhos ao Brasil, com o resultado das eleições estadunidenses, com o momento europeu em que *neonazistas* e *neofascistas* ou simplesmente fascistas e nazistas criam movimentos que tensionam processos eleitorais ou mesmo chegam ao poder<sup>135</sup>. Daí a articulação de Bolsonaro e do bolsonarismo com a extrema-direita alemã, francesa e italiana, por exemplo.

### 1.7.3. Modos de produção e os nazifascismos analógico e digital

Faz-se necessário apresentar mais uma questão: como a racionalização do trabalho nas últimas décadas acentuou um processo já observado há mais de 80 anos, em 1940, por Walter Benjamin, em sua “11ª Tese<sup>136</sup> sobre o conceito de História”. Antes do início da Segunda Guerra, Benjamin deixou claro que o modo de produção daquele período, ainda muito industrial e compartimentado, já se conduzia por uma concepção tecnocrática que favorecia o fascismo (ou o nazifascismo), que iria *afiorar* no nazifascismo:

[...] Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnico,

---

<sup>134</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 379-380.

<sup>135</sup> Este assunto será pormenorizado no Capítulo 2, a partir do estudo das técnicas de comunicação empregadas por Donald Trump, Jair Bolsonaro e os movimentos e partidos de extrema direita populista da Europa.

<sup>136</sup> BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o Conceito de História**. Disponível em: [http://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia\\_Walter-Benjamin.pdf](http://www.proibidao.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia_Walter-Benjamin.pdf). Acesso em: 23 mar. 2023.

representava uma grande conquista política. **A antiga moral protestante do trabalho, secularizada, festejava uma ressurreição na classe trabalhadora alemã.** O Programa de Gotha já continha elementos dessa confusão. Nele, o trabalho é definido como "a fonte de toda riqueza e de toda civilização". **Pressentindo o pior, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade que a sua força de trabalho está condenado a ser "o escravo de outros homens, que se tornaram... proprietários".** Apesar disso, a confusão continuou a propagar-se, e pouco depois Josef Dietzgen anunciava: "O trabalho é o Redentor dos tempos modernos... No aperfeiçoamento... do trabalho reside a riqueza, que agora pode realizar o que não foi realizado por nenhum salvador". **Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem.** Seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade. **Já estão visíveis, nessa concepção, os traços tecnocráticos que mais tarde vão aflorar no fascismo.** Entre eles, figura uma concepção da natureza que contrasta sinistramente com as utopias socialistas anteriores a março de 1848. O trabalho, como agora compreendido, visa uma exploração da natureza, comparada, com ingênua complacência, à exploração do proletariado [...].

Essa concepção de trabalho sofreu mudanças, desde sua organização, mas estas, muito longe de conduzir a humanidade a alguma emancipação, levaram-na a um processo que Gilles Deleuze<sup>137</sup> pontuou, em 1990, como a passagem de uma sociedade disciplinar, conforme descrita por Michel Foucault em "Vigiar e Punir", para uma sociedade de controle.

De acordo com Deleuze<sup>138</sup>, as sociedades disciplinares sucederam as sociedades de soberania, a partir do final do século XVIII, "e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade a outra". Nas primeiras, afirma Deleuze, suas características predominantes eram "açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida".

Nas sociedades disciplinares, que se erguem nos séculos XVIII e XIX, atingindo seu apogeu no início do século XX, segundo Deleuze<sup>139</sup> ao traduzir a percepção de Foucault, "o indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado

---

<sup>137</sup> DELEUZE, Gilles. Post scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 223-230.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 223.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 223.

a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ('você não está mais na sua família'), depois a caserna ('você não está mais na escola'), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência”.

O autor avança: “Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada [...]”. Conforme Deleuze<sup>140</sup>:

As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa”. [...] Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinadas são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência. A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação ou à rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercadorias ou “bancos”.

Na prática, e onde Gilles Deleuze se encontra com Shoshana Zuboff<sup>141</sup>, para quem vivemos num *capitalismo de vigilância*, o processo de aprendizado, que antes se dava na escola, se estende para a vida na empresa e se confunde com o processo de produção, que antes se dava na fábrica. E isso tem a ver com a mudança radical no processo de acumulação do capitalismo. Em 1990, segundo o autor de “Conversações”, a fábrica havia se tornado empresa:

É um capitalismo de sobre-produção. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que ele quer comprar são ações. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa. A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou

---

<sup>140</sup> DELEUZE, Gilles. Post scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 226.

<sup>141</sup> ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; MELGAÇO, Lucas (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2020.

potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma empresa que só tem gerentes. [...] O serviço de vendas tornou-se o centro, ou a “alma” da empresa. Informamos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing agora é o instrumento de controle social, e forma a raça imprudente de nossos senhores. [...] O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. [...] É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: **o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas.**<sup>142</sup>

E o que temos, algo como 30 anos depois do alerta de Deleuze e 80 anos após Walter Benjamin apontar para o fato de que o modo de produção já trazia a concepção tecnocrática que favorecia o fascismo (ou o nazifascismo), é uma atualização do modo de produção, que, por meio do controle (Deleuze) e da vigilância, conforme prega Shoshana Zuboff ao denunciar o manejo que a Google faz das pegadas deixadas por qualquer internauta na web<sup>143</sup>, tem favorecido amplamente a mobilização nazifascista digital ou, conforme Giuliano Da Empoli prefere nomear em “Os engenheiros do caos”<sup>144</sup>, a mobilização por meio de um novo populismo de extrema-direita, que se vale da manipulação dos indivíduos por meio de suas interações com o Facebook (Meta), o direcionamento de vídeos publicados no YouTube (Google) ou o disparo em massa de mensagens de WhatsApp (Meta, também) conforme veremos mais detidamente no Capítulo 2.

#### 1.7.4 Razões econômicas da derrota de Bolsonaro em 2022

Na subordinação das práticas políticas fascistas (ou de extrema-direita populista) ao neoliberalismo está a chave-mestra da derrota de Bolsonaro nas

---

<sup>142</sup> DELEUZE, Gilles. Post scriptum sobre as sociedades de controle. Conversações. São Paulo, Editora 34, 1992, pp. 227-228 (grifos nossos).

<sup>143</sup> ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; MELGAÇO, Lucas (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2020.

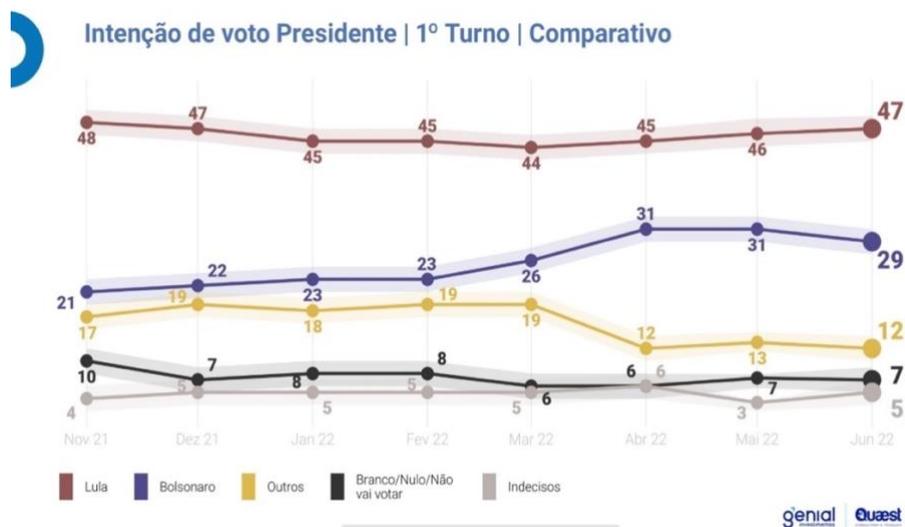
<sup>144</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 60 e 115.

eleições de outubro de 2022<sup>145</sup>. Afinal, como garantir a reeleição (no voto) num país em desenvolvimento, com profundas disparidades sociais e um povo ainda mais pauperizado devido à pandemia e seus reflexos na economia, bem como ao próprio ajuste fiscal neoliberal, se a todo momento as elites econômicas se impõem sobre a agenda governamental exigindo a manutenção do ajuste fiscal?

Não há populismo, não há líder fascista que resista no poder, dentro de regras democráticas mínimas, sendo obrigado a implementar uma agenda neoliberal em período de retração do capitalismo.

Uma pesquisa do Instituto Quaest Consultoria e Pesquisa, com 2.000 entrevistados em todo o Brasil, entre 2 e 5 de junho de 2022 (margem de erro de 2 pontos percentuais, intervalo de confiança de 95% e registro no TSE – Tribunal Superior Eleitoral nº BR-03552/2022), mostrava, além do favoritismo de Lula sobre Bolsonaro (Figura 1), que mesmo entre os beneficiários do Auxílio Brasil, a desaprovação do atual mandatário seguia alta (Figura 2). A conclusão óbvia: pouco dinheiro para tamanha miséria.

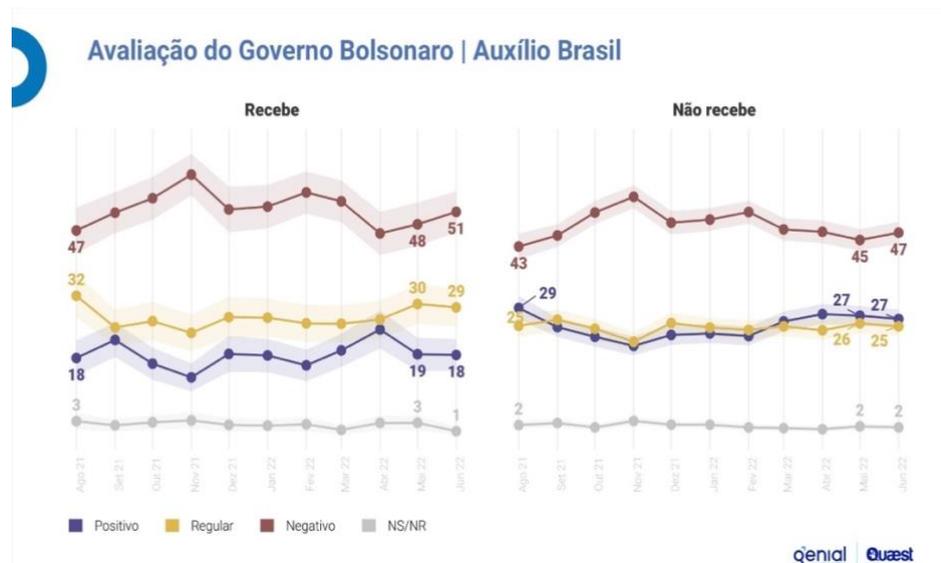
Figura 1 – Intenção de voto, em junho de 2022



Fonte: Instituto Quaest, 2022.

<sup>145</sup> Obviamente há outras razões, como a batalha jurídica em torno da comunicação e as próprias estratégias de comunicação de lado a lado, tratadas no Capítulo 2.

Figura 2 – Avaliação do governo Bolsonaro entre beneficiários e não beneficiários do Auxílio Brasil



Fonte: Instituto Quaest, 2022

Pode-se verificar significativa desaprovação de Bolsonaro, em junho de 2022, mesmo por aqueles que recebem Auxílio Brasil, do Governo Federal – aliás, superior até a desaprovação dos que não recebem.

Como se sabe, o resultado da eleição presidencial de 2022 em seu segundo turno não foi assim tão favorável a Lula, que venceu por apertados 50,9% contra 49,1% dos votos válidos, ou uma diferença de apenas 2,1 milhões de votos, num universo de 124,3 milhões de votantes (118,5 milhões de votos válidos). Sabe-se também que tal recuperação de Bolsonaro se deu a partir de *medidas anticíclicas*, que também foram muito chamadas de *eleitoreiras*, como a ampliação do valor e do alcance do Auxílio Brasil meses antes da eleição. O que só comprova que as razões da desaprovação de Bolsonaro em 2021 e no primeiro semestre de 2022 se deviam a uma determinada *austeridade fiscal* neoliberal, essa completamente (e tardiamente) abandonada no período eleitoral.

Vimos, com Vuillard, Paxton e Stackelberg, que os regimes autoritários de Hitler e Mussolini (e vemos o mesmo no recente governo de Trump, nos EUA), por estarem no centro do capitalismo e não na periferia, tinham uma relação simbiótica com as elites econômicas de seus países, com os industriais e grandes agricultores europeus de um século atrás, com as *big techs* e o sistema financeiro atualmente.

Já o periférico Bolsonaro não conseguiu estabelecer uma relação de igual para igual com o capitalismo, tornando-se refém do sistema que o manteve no poder e, assim, fadado ao insucesso político-eleitoral na tentativa de reeleição. A imprensa dizia que Bolsonaro era refém do dito *Centrão*, mas isso não é verdade. Foi por meio do Centrão, de suas pressões e da relação com este – aí, sim, simbiótica – que Bolsonaro conseguiu espalhar poucas benesses, fazer algum proselitismo, cativar a base da política profissional: prefeitos de cidades pequenas e médias, vereadores, deputados estaduais e federais de baixo clero, que irrigam até mesmo amplos setores das mídias regionais. Isso, sim, manteve o poder de Bolsonaro, ao menos até as eleições de 2022.

O problema de subordinação ao neoliberalismo não é exatamente novo nem exclusivo da extrema-direita populista. Em 2014, Dilma Rousseff, de centro-esquerda, se reelegeu para mais quatro anos na Presidência da República e um dos motivos, senão o principal, para a baixa sustentação popular a seu mandato (afinal o escândalo da Petrobras não manchava de morte sua imagem) foi a submissão de sua segunda gestão às *necessidades de ajuste*.

O PSDB a acusava, não sem razão, de um *estelionato eleitoral*, uma vez que Dilma havia se comprometido com a continuidade de uma política desenvolvimentista e fez o oposto, propondo e aplicando um pacote de austeridade fiscal. O próprio Lula neste 2022, apoiado pela libertária cantora Anitta, mas com Geraldo Alckmin como seu vice, teve imensas dificuldades em manejar temas como a revisão da reforma trabalhista ou do congelamento de gastos com Saúde e Educação.

Nas semanas e meses que sucederam o término do segundo turno, marcadas pela construção da equipe de transição, da própria transição de governo e das especulações e mesmo anúncios de parte do novo ministério, os temas-chave que levaram *mercado* e neoliberais clássicos à beira da histeria foram exatamente teto de gastos e novo Bolsa Família.

### 1.7.5 Neoliberalismo e *totalitarismo*

No artigo “Neoliberalismo, a nova forma do totalitarismo”, publicado em 2020, Marilena Chauí<sup>146</sup> preferiu descrever o momento atual de supremacia neoliberal como *totalitarismo*, e não *fascismo*, por *três motivos*:

(a) porque o fascismo tem um cunho militarista que, apesar das ameaças de Trump à Venezuela ou ao Irã, as ações de Nathanayu sobre a faixa de Gaza, ou a exibição da valentia do homem armado pelo governo Bolsonaro e suas ligações com as milícias de extermínio, não podem ser identificados com a ideia fascista do povo armado; (b) porque o fascismo propõe um nacionalismo extremado, porém a globalização, ao enfraquecer a ideia do Estado-nação como enclave territorial do capital, retira do nacionalismo o lugar de centro mobilizador da política e da sociedade; (c) porque o fascismo pratica o imperialismo sob a forma do colonialismo, mas a economia neoliberal dispensa esse procedimento usando a estratégia de ocupação militar de um espaço delimitado por um tempo delimitado para devastação econômica desse território, que é abandonado depois de completada a espoliação.

Embora o *motivo ‘b’* (e talvez somente este) seja bastante convincente, pois no Brasil observamos um *nacionalismo dependente*, impregnado no discurso da extrema-direita local, há que se considerar a enorme distância entre o que se observa no Brasil governado por Jair Bolsonaro ou nos EUA sob Donald Trump e a definição mais positiva e objetiva de totalitarismo.

Ao procurar definir o que era, afinal de contas, o regime salazarista espanhol, Juan Linz<sup>147</sup> assinalou, em 1970, que: “Ao definir totalitarismo, também queremos restringir um pouco o termo e reservá-lo para as novas e inéditas formas que os governos autocráticos adotaram desde a Primeira Guerra Mundial [...]”. Adiante, Linz<sup>148</sup> cita o cientista político germano-americano Carl J. Friedrich, um dos principais formuladores da teoria do totalitarismo:

---

<sup>146</sup> CHAUI, Marilena. **Neoliberalismo, a nova forma do totalitarismo**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>147</sup> LINZ, Juan. Um regime autoritário: Espanha. In: CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevan (orgs.). **Política e Sociedade**. v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983, p. 320.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 320.

C. J. Friedritch, em sua conhecida definição, inclui estes cinco grupos de características: uma ideologia oficial, geralmente com elementos quiliásticos; um só partido popular, inquestionavelmente dedicado à ideologia; controle quase completo dos meios de comunicação; completo controle político das forças armadas; e um sistema de controle policial terrorista dirigido não apenas contra inimigos ostensivos. Poder-se-ia incluir também a direção e o controle central da economia.

Linz conclui que o salazarismo (já) não era exatamente fascismo (porque, com o passar do tempo, deixou de ser mobilizador de massas), tampouco totalitarismo, ainda que fosse uma ditadura militar, ainda que fosse um regime autoritário. Vale dizer que uma ditadura militar *clássica* sob o almirante Horthy, na Hungria, evitou a implantação de um regime fascista propriamente dito, conforme cita Robert Paxton<sup>149</sup> em “A Anatomia do Fascismo”, lembrando que Paxton procura entender os fenômenos do fascismo (e do nazismo) em cada uma de suas etapas: criação, enraizamento, chegada ao poder e exercício do poder, bem como enfatiza que para entender o (nazi)fascismo é preciso separar o discurso inicial (nazi)fascista da prática política e do modo como o poder foi exercido.

Voltando ao caso dos Estados Unidos e do Brasil, para nos restringirmos à América ao analisar a afirmação de Marilena Chauí sobre a existência de um *novo totalitarismo*: a uma primeira vista e mesmo considerando os últimos 20 anos, não se verificam ideologia oficial, partido único e controle quase total dos meios de comunicação. Menos ainda economia planificada. Os EUA, no pós 11/9, até chegaram a flertar com o *estado policial*, mas não há como estabelecer um paralelo muito evidente entre os EUA dos dias atuais e a URSS sob Stálin ou a Alemanha de Hitler, as principais estrelas da teoria do totalitarismo, mesmo verificando que os EUA tenham editado medidas de exceção após os atentados de 11/9/2001 ou mesmo se valido de um *estado de exceção*, como veremos mais adiante no item 1.8.

Por mais que autores como Giorgio Agamben falem sobre *totalitarismo moderno*, como veremos no item 1.8, é curioso ver o substantivo *totalitarismo* afirmando uma característica do neoliberalismo, já que, por décadas, a teoria do totalitarismo serviu para unir as pontas da ferradura comunismo-nazismo,

---

<sup>149</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 129.

passando longe de qualquer associação com o liberalismo. Parece necessário resguardar determinados conceitos da aplicação generalizada como adjetivo, de modo a poder preservar a força de sua aplicação quando realmente necessária.

Umberto Eco<sup>150</sup> chega a afirmar em “O Fascismo Eterno” que “O fascismo foi certamente uma ditadura, mas não era completamente totalitário”. O mesmo sustenta Hannah Arendt<sup>151</sup> na última parte de “Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo”, ao expor e analisar os fatos históricos do nazismo sob Hitler e do bolchevismo sob Stálin, passando longe da Itália sob Mussolini.

Por fim, totalitarismo é uma construção para abarcar extremismos de direita e de esquerda. Contudo, o que vemos agora não é um mundo extremado em dois polos ultrarradicais. O extremismo atual, ao menos o que tem expressão no mundo de hoje, é apenas o extremismo de direita, o *populismo nacionalista*, que por vezes pode até abarcar valores comuns à esquerda em seu discurso pré-eleitoral e eleitoral, mas que tem resultado em governos de extrema direita.

#### 1.7.6 Bolsonarismo e totalitarismo

Há que se tomar certo cuidado com a adjetivação a partir de conceitos históricos, sociológicos e políticos, para não incorrer no erro do exagero, o que certamente leva ao descrédito.

Dito isto, passemos a analisar o bolsonarismo a partir do conceito de totalitarismo.

- (i) É possível dizer que o *movimento bolsonarista* possui viés totalitário, simplesmente por ser fascista (ou nazifascista – termo que talvez seja de maior alcance para a compreensão), conforme já comprovado;
- (ii) Considerando que quase 700 mil pessoas perderam a vida durante a pandemia de Covid-19 devido à política do governo Bolsonaro e do próprio

---

<sup>150</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 26.

<sup>151</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Sshwarcz, 2019.

presidente Bolsonaro, e tendo em vista o *estado suicidário* descrito por Wladimir Safatle<sup>152</sup> sobre o Brasil, comparado com o *estado suicida* dito por Michel Foucault acerca do Estado alemão sob o nazismo hitlerista, também é possível dizer que o governo Bolsonaro (e o próprio Bolsonaro) possuem tendências totalitárias;

(iii) Dificilmente alguém poderia dizer que o Brasil se tornou um país de regime totalitário sob Bolsonaro.

Analisando-se as seis características do totalitarismo definidas por Carl Friedrich, já expostas, em relação ao bolsonarismo, verifica-se que: (i) ideologia oficial: não houve; (ii) um só partido popular, dedicado à ideologia oficial: também não houve; (iii) controle quase completo dos meios de comunicação: apesar do desejo de Bolsonaro, não houve; (iv) completo controle político das forças armadas: foi um pouco além de um simples desejo, mas não se concretizou; (v) sistema de controle policial terrorista, não apenas contra os inimigos ostensivos, mas contra toda a população: um ensejo que até se esboçou em determinadas regiões por meio de milícias atreladas a polícias estaduais, no sentido do qual até tentou-se levar a Polícia Federal, mas também passa muito longe de ter se realizado por completo; (vi) direção e controle central da economia: Bolsonaro nem pretendia nem passou perto.

Hannah Arendt<sup>153</sup> apresenta, logo no início do tópico “Ideologia e terror: uma nova forma de governo”, o último do capítulo “Totalitarismo”, um breve resumo conceitual do que vem a ser o totalitarismo:

**[...] o governo totalitário sempre transformou as classes em massas, substituiu o sistema partidário não por ditaduras unipartidárias, mas por um movimento de massa, transferiu o centro de poder do Exército para a polícia e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente ao domínio mundial. Os governos totalitários do nosso tempo evoluíram a partir de sistemas unipartidários; sempre que estes se tornavam realmente totalitários, passavam a operar segundo um sistema de valores tão radicalmente diferente de todos os outros que nenhuma das nossas tradicionais categorias utilitárias – legais, morais, lógicas ou de bom senso – podia mais nos ajudar a aceitar, julgar ou prever o seu curso de ação.**

<sup>152</sup> SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao estado suicidário**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>153</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Sshwarcz, 2019, p. 611, grifos nossos.

Logo no início do tópico “Uma sociedade sem classes”, o primeiro do capítulo “Totalitarismo”, pondera Hannah Arendt:

Depois da Primeira Guerra Mundial, uma onda antidemocrática e pró-ditatorial de movimentos totalitários e semitotalitários varreu a Europa: da Itália disseminaram-se movimentos fascistas para quase todos os países da Europa central e oriental [...]; contudo, nem mesmo Mussolini, embora useiro da expressão “Estado totalitário”, tentou estabelecer um regime inteiramente totalitário, contentando-se com a ditadura unipartidária. Ditaduras não totalitárias semelhantes surgiram, antes da Segunda Guerra Mundial, na Romênia, Polônia, nos Estados Bálticos (Lituânia e Letônia), na Hungria, em Portugal e, mais tarde, na Espanha. [...]

Em todos esses países menores da Europa, movimentos totalitários precederam ditaduras não totalitárias, como se o totalitarismo fosse um objetivo demasiadamente ambicioso, e como se o tamanho do país forçasse os candidatos a governantes totalitários a enveredar pelo caminho mais familiar da ditadura de classe ou de partido. Na verdade, esses países simplesmente não dispunham de material humano em quantidade suficiente para permitir a existência de um domínio total. [...] Sem muita possibilidade de conquistar territórios, os ditadores desses pequenos países eram obrigados à moderação, sem a qual corriam o risco de perder os poucos súditos de que dispunham. [...] **Somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário, diferente do movimento totalitário.**<sup>154</sup>

Bem mais adiante, ao tratar de “Ideologia e terror” nos regimes totalitários, a autora<sup>155</sup> é taxativa: **“O súdito ideal do regime totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção”**<sup>156</sup>.

Situação bastante semelhante chegamos a observar, neste final de 2022, entre os seguidores de Jair Bolsonaro que se aglomeraram na porta de quartéis pedindo intervenção militar. Não são nem uma nem duas ou três as ditas *fake-news* que circulam entre os autoproclamados *patriotas* e que os convencem de

<sup>154</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Sshwarcz, 2019, p. 436-438, grifos nossos.

<sup>155</sup> Ibidem, p. 632, grifos nossos.

<sup>156</sup> Cf. Capítulo 2 - A comunicação nazifascista na Alemanha de ontem e no Brasil de hoje.

um iminente golpe militar que, na realidade, estava/está muito longe de acontecer.

Sobre o bolsonarismo – forma brasileira atual de nazifascismo – pode-se dizer que, caso tivesse conseguido se manter no poder, se conseguisse, após sua reeleição (que terminou fracassada) estabelecer uma ditadura como certamente gostaria, Jair Bolsonaro talvez lograsse, por descuido da história e por meio do neopentecostalismo, de sua guarda pretoriana paga pelos Estados e de milícias paramilitares atreladas às polícias militares estaduais (ver Item 1.8 deste capítulo), conduzir o Brasil rumo ao totalitarismo.

Todavia, trata-se de algo muito improvável, vale ressaltar, mesmo em caso de ditadura, afinal estaríamos, para começar, muito longe de uma ditadura de partido único, pois Bolsonaro nem partido político realmente tem, tendo sido filiado a quase uma dezena deles.

Em tese, estariam presentes certas condições para tanto, se levarmos em conta alguns dos ingredientes apontados por Hannah Arendt<sup>157</sup>: país com mais de 200 milhões de habitantes, líder que se vangloria de seus crimes, súditos incapazes de estabelecer diferenças entre fato e ficção, polícias estaduais e milícias<sup>158</sup> aptas a atuarem como escolas de formação de polícias secretas. E o mais dramático, tanto ontem como hoje na sociedade global neoliberal: uma massa *atomizada e individualizada*, para a qual “a consciência da desimportância e da dispensabilidade deixava de ser a expressão da frustração individual e tornava-se um fenômeno de massa”<sup>159</sup>, enfim, populações pouco organizadas dentro de suas classes, uma massa praticamente já não mais estratificada.

De todo modo, na contramão de tais *condições*, o que se constatou durante o processo eleitoral brasileiro de 2022 foi a surpreendente e positiva fortaleza das instituições democráticas, apesar de tão atacadas e mesmo enfraquecidas, em relação a um passado recente; mais que isso, nota-se mesmo

---

<sup>157</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Sshwarcz, 2019, p. 436-438, (sobre contingente populacional), p. 632 (sobre fato e ficção). Sobre “polícia secreta”, cf. os subcapítulos “Organização totalitária” e “O domínio Total”.

<sup>158</sup> Cf. PAES MANSO, Bruno. **A república das milícias**: dos esquadrões da morte à era bolsonarista. São Paulo: Todavia, 2020. Ver também Item 1.8 deste Capítulo.

<sup>159</sup> ARENDT, Hannah. Op. cit., p. 445.

certo enraizamento da democracia como valor da cidadania, dos cidadãos, da maioria das classes sociais estruturadas ou do que restou delas.

No que concerne à conceituação de Hannah Arendt, portanto, o bolsonarismo mostra-se como um movimento de características totalitárias ou semitotalitárias, sendo que o governo Bolsonaro fez movimentos que podem ser classificados como em direção ao totalitarismo. No entanto, não há razões para crer que Bolsonaro tivesse, tenha ou venha a ter condições históricas, objetivas e subjetivas de submeter o Brasil a um regime totalitário *clássico*.

### **1.8 Patriarcalismo, estado de exceção, nazismo, neoliberalismo**

Nenhuma ditadura, seja militar clássica, de matriz nazifascista ou comunista, nenhum regime autoritário ou semiautoritário, mesmo que liberal ou neoliberal, se implanta e se realiza sem a consumação de um estado de exceção, em maior ou menor grau: desde a observada nos EUA após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, conforme Giorgio Agamben<sup>160</sup>, aos regimes totalitários nazista e bolchevista, na definição de Hannah Arendt.

Jean Bodin<sup>161</sup> conceitua *República*, em seu “Livro primeiro”, como “um reto governo de vários lares”, sendo o lar “um reto governo de vários súditos”, uma vez que “toda república, todo corpo e colégio e todo lar se governa por comando e obediência”, que “o poder público reside no soberano que dá a lei ou na pessoa dos magistrados, que vergam sob a lei e comandam os outros magistrados e os particulares” e que “o comando particular cabe aos chefes de famílias [...]”. O teórico esclarece que “O comando dos lares se dá em quatro tipos: do marido para com a mulher, do pai para com as crianças, do senhor para com os escravos e do mestre para com os servidores”. Bodin, querendo ou não, definia a *República* como um patriarcado.

---

<sup>160</sup> Cf. AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 14 e p. 24-38.

<sup>161</sup> BODIN, Jean. **Os seis livros da República**. Livro Primeiro. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2011, p. 71 (República), p. 81 (Lar), p. 91 (Poder Público e Comando dos Lares).

A palavra *pátria* deriva do latim *patres familias*, plural de *pater familia*, a significar literalmente o *pai de família* e se estendia, na Roma Antiga, ao senhor de um território e da vida ou morte sobre aqueles que viviam sob sua jurisdição: esposa, filhos, escravos etc. A maioria dos senadores e magistrados romanos provinha desses *patres familias*.

Jean Bodin escreveu “Os seis livros da República”, em 1576, baseando-se fundamentalmente na Roma Antiga e em sua estrutura patriarcal. Três séculos e meio depois, o próprio Bodin e seus exemplos extraídos da Roma Antiga e de outras antigas sociedades patriarcais escoraram a argumentação do jurista alemão Carl Schmitt quanto ao poder de decisão do soberano, conduzindo à fundamentação da validade do conceito de estado de exceção no âmbito do Direito, mesmo que a desconsideração ou supressão das normas jurídicas por si só não encontrasse previsão no ordenamento jurídico.

“Por isso dizemos que a exceção está no direito, ainda que não se a encontre nos textos normativos do direito positivo”, escreve o jurista brasileiro e ex-ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Eros Roberto Grau na apresentação da edição de 2006<sup>162</sup> da “Teologia Política” de Carl Schmitt, texto escrito em dois momentos: antes e depois do nazismo dominar a Alemanha, em março de 1922, com prefácio do autor em 1933 (“Considerações preliminares sobre a segunda edição”), e em 1969.

Note-se que Carl Schmitt não faz menção a tal patriarcado (*patres familias*) e a seu poder, o que somente Agamben o fará, ao criticar Schmitt em 2003<sup>163</sup>, ou 70 anos após a edição prefaciada de 1933, resgataando o *iustitium* romano, como veremos mais adiante.

Agamben toma o arcaico *iustitium* como *arquétipo*” ou “modelo em miniatura” para explicar o estado de exceção. Referido instituto era decretado por um magistrado<sup>164</sup>, após o Senado ter emitido o *senatus consultum ultimum*, “que tinha por base um decreto que declarava o *tumultus* (isto é, a situação de emergência em Roma, provocada por uma guerra externa, uma insurreição ou

---

<sup>162</sup> SCHMITT, Carl. **Teologia Política**. Belo Horizonte: Del Rei, 2006.

<sup>163</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020.

<sup>164</sup> Ressalte-se que havia magistrados plebeus, mas os mais altos cargos eram ocupados por *patres familias*.

uma guerra civil) e dava lugar, habitualmente, à proclamação de um *iustitium* [...]”<sup>165</sup>.

Logo na apresentação de novembro de 1933, ano em que Hitler havia se tornado chanceler alemão, em 30 de janeiro, Schmitt<sup>166</sup> faz uma defesa clara em favor do decisionismo, contra o normativismo positivista de Hans Kelsen. Um decisionismo, claro, a ser posto em prática por magistrados decisionistas e, principalmente, diretamente pelo soberano, ou seja, Hitler – correligionário maior do Partido Nazi, ao qual Schmitt também era filiado. Afinal, “soberano é quem decide sobre o estado de exceção”, frase inaugural da “Teologia Política” de Schmitt.

Enquanto que o puro normativista pensa em regras impessoais e o decisionista realiza, em uma decisão pessoal, o bom direito da situação política corretamente avaliada, o pensamento jurídico institucional desenvolve-se em instituições e configurações suprapessoais. E, enquanto o normativista, na sua degeneração, faz do Direito um simples modo funcional de uma burocracia estatal e o decisionista sempre corre o perigo de, com a funcionalidade do momento, errar o ser que repousa em todo grande movimento político, um pensamento institucional isolado leva ao pluralismo de um crescimento feudal, sem soberania. [...] O chamado positivismo e normativismo da teoria de estado alemã do tempo de Weimar e Wilhelm é somente um normativismo degenerado e em si contraditório – porque, em vez de fundamentado sobre um Direito Natural ou da razão, vincula-se a normas “válidas” somente faticamente –, somado a um positivismo que era somente um decisionismo degenerado, juridicamente cego, mantido conforme “a força normativa de âmbito fático”, em vez de uma decisão real. A mescla desconfigurada e incapaz de conformação não estava à altura do sério problema estatal e jurídico-constitucional. [...] Para desviar da decisão, ela estampa [...] uma frase que remete a si própria e que ela carrega como lema: “Aqui termina o Estado de Direito”.

Em “Teologia Política”, Carl Schmitt trata intrinsecamente dos conceitos de soberania, soberano, decisionismo (versus normativismo) e estado de exceção. Logo nas primeiras linhas, é claro sobre a profundidade da *exceção* de que trata:

Soberano é quem decide sobre o estado de exceção. Essa definição, em si, pode fazer jus ao conceito de soberania como um conceito limítrofe [...] A isso corresponde que a sua definição

<sup>165</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 67.

<sup>166</sup> SCHMITT, Carl. **Teologia Política**. Belo Horizonte: Del Rei, 2006, p. 5-6.

não pode vincular-se ao caso normal, mas ao caso limítrofe. [...] O fato de o estado de exceção ser adequado, em sentido eminente, para a definição jurídica de soberania, possui um motivo sistemático, lógico-jurídico. A decisão sobre exceção é, em sentido eminente, decisão, pois uma norma geral, como é apresentada pelo princípio jurídico normalmente válido, jamais pode compreender uma **exceção absoluta** e, por isso, também, não pode fundamentar, de forma completa, a decisão de que [sic] um caso real, excepcional.<sup>167</sup>

É de se ressaltar que Schmitt não está se referindo a um decreto-lei específico, como bastante utilizado na Itália sob Mussolini ou mesmo depois dele, ou no Brasil dos militares ou mesmo depois deles, na forma de medida provisória. Ele contempla a *exceção absoluta*, algo sem a qual o *estado total*, tão citado na criação do fascismo originário ou do nazifascismo real decorrente, é desvalidado; está se referindo a uma exceção absoluta sem a qual não seria possível a instituição de estados totalitários como a Alemanha sob Hitler e a URSS sob Stálin. Segundo Schmitt: “O soberano se coloca fora da ordem jurídica normalmente vigente, porém a ela pertence, pois ele é competente para a decisão sobre se a Constituição pode ser suspensa *in toto*”<sup>168</sup>.

É no debate sobre a *necessidade* que se encerra a *necessidade de decisão*, mais especificamente, a necessidade de decisão do soberano sobre o estado de exceção. Ao longo do texto, Schmitt faz o debate em torno da *necessidade*, amparado, principalmente, nos escritos de Jean Bodin, de quase 350 anos antes, sobre “As verdadeiras marcas da soberania”, título do capítulo X do “Livro Primeiro” de “República”. Pondera Schmitt<sup>169</sup>, acerca de Bodin:

Ele explica seu conceito com base em muitos exemplos práticos e, nisso, sempre retorna à questão: Até que ponto o soberano se submete às leis e se obriga diante das corporações? A esta última questão, especialmente importante, Bodin responde no sentido de que promessas são vinculantes, porque a força obrigacional de uma promessa repousa no Direito Natural; porém, **no caso de necessidade**, cessa a vinculação segundo os princípios naturais gerais. [...] O que é decisivo nas explanações de Bodin é que ele confere à explicação das relações entre governante e corporações/classes um sentido alternativo (ou isso ou aquilo), remetendo, assim, ao **estado de necessidade**. Esse era o aspecto impressionante de sua definição, que entendeu a soberania como unidade indivisível e

<sup>167</sup> SCHMITT, Carl. **Teologia Política**. Belo Horizonte: Del Rei, 2006, p. 7, grifos nossos.

<sup>168</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>169</sup> Ibidem, p. 9, grifos nossos.

resolveu, terminantemente, a questão sobre o poder do Estado. Sua realização científica e o motivo de seu sucesso repousam no fato de ele ter inserido **a decisão** no conceito de soberania. [...] Assim, a competência para revogar a lei vigente – seja de forma geral ou no caso isolado – é o que realmente caracteriza a soberania, de forma que Bodin deduz disso todas as outras características (declaração de guerra e acordos de paz, nomeação de funcionários públicos, última instância, direito de indulto etc.).

Em seguida, e após descrever brevemente a polêmica em torno do artigo 48 da Constituição de Weimar (1919) acerca do estado de exceção e de sua incidência sobre a soberania (ou não) dos estados alemães existentes antes da unificação em 1871, Schmitt<sup>170</sup> passa a conceituar o estado de exceção:

**Sendo o estado de exceção algo diferente da anarquia e do caos, subsiste, em sentido jurídico, uma ordem, mesmo que não uma ordem jurídica. A existência do Estado mantém, aqui, uma supremacia indubitável sobre a validade da norma jurídica. A decisão liberta-se de qualquer vínculo normativo e torna-se absoluta em sentido real. Em estado de exceção, o Estado suspende o Direito por fazer jus à autoconservação, como se diz. [...]**

Todo direito é “direito situacional”. O soberano cria e garante a situação como um todo na sua completude. Ele tem o monopólio da última decisão. Nisso repousa a natureza da soberania estatal que, corretamente, deve ser definida, juridicamente, não como monopólio coercitivo ou imperialista, mas como monopólio decisório, em que a palavra decisão é utilizada no sentido geral ainda a ser desenvolvido. O estado de exceção revela o mais claramente possível a essência da autoridade estatal. **Nisso, a decisão distingue-se da norma jurídica e (para formular paradoxalmente), a autoridade comprova que, para criar direito, ela não precisa ter razão/direito.**

Na apresentação da edição brasileira de 2006 da “Teologia Política” de Schmitt, Eros Grau referencia “Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua”, obra de Giorgio Agamben, de 1995, para quem, àquele momento:

[...] o estado de exceção é uma zona de indiferença entre o caos e o estado da normalidade, zona de indiferença não obstante capturada pelo direito. De sorte que não é a exceção que se subtrai à norma, mas ela que, suspendendo-se, dá lugar à exceção – apenas desse modo ela se constitui como regra, mantendo-se em relação com a exceção.<sup>171</sup>

<sup>170</sup> SCHMITT, Carl. **Teologia Política**. Belo Horizonte: Del Rei, 2006, p. 13-14, grifos nossos.

<sup>171</sup> Ibidem, p. XI.

Schmitt, após negar a necessidade de razão ou direito para *criar direito*, traduz sua crítica ao pensamento liberal de Locke e ao racionalismo do século XVIII, bem como ao *neokantismo* de Hans Kelsen, considerando que, “para Kant, o direito de necessidade não é de forma alguma direito”. Logo, segundo Schmitt, “fica claro que um neokantiano, como Kelsen, não sabe, sistematicamente, o que fazer com o estado de exceção”<sup>172</sup>. Da crítica a Kelsen, como já visto, depreende-se a crítica ao pensamento normativo-positivista, base de muitas escolas do direito ocidental, como a brasileira, por exemplo.

Giorgio Agamben, em “Estado de exceção”<sup>173</sup>, publicado originalmente em italiano no ano de 2003, apresenta a questão do estado de exceção sob alguns aspectos, propondo definições e elaborando críticas, entre as quais algumas são relevantes para este estudo:

(i) Apesar da célebre frase de Carl Schmitt: “soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção”, ainda falta uma teoria sobre o estado de exceção que o apresente “como um genuíno problema jurídico”, uma vez que “a própria definição do termo tornou-se difícil por situar-se no limite entre a política e o direito”, de modo que, se tais limites “são fruto de períodos de crise política”, e as medidas excepcionais proporcionadas pelo estado de exceção “não podem ser compreendidas no plano do direito”, logo “o estado de exceção apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal”<sup>174</sup>;

(ii) O estado de exceção “é essa terra de ninguém, entre o direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida”, “entre o político e o jurídico e entre o direito e o vivente”, possuindo “estreita relação com a guerra civil, a insurreição e a resistência”<sup>175</sup>;

(iii) “Dado que é o oposto do estado normal, a guerra civil se situa numa zona de indecidibilidade quanto ao estado de exceção, que é a resposta imediata do poder estatal aos conflitos internos mais extremos”<sup>176</sup>;

---

<sup>172</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 14.

<sup>173</sup> Ibidem.

<sup>174</sup> Ibidem, p. 11-12.

<sup>175</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>176</sup> Ibidem, p. 12.

(iv) O caso do Estado nazista seria um exemplo de “guerra civil legal”<sup>177</sup>, pois “logo que tomou o poder, Hitler promulgou, no dia 28 de fevereiro, o “Decreto para a proteção do povo e do Estado”, que suspendia os artigos da Constituição de Weimar relativos às liberdades individuais”. Como o decreto nunca foi revogado, “o Terceiro Reich pode ser considerado, do ponto de vista jurídico, como um estado de exceção que durou 12 anos”<sup>178</sup>.

Sobre isso, referindo-se tanto à Alemanha sob Hitler como à URSS sob Stálin, e talvez à Itália sob Mussolini, Hannah Arendt bem observa, em “Ideologia e terror: uma nova forma de governo”, texto que encerra o capítulo “Totalitarismo”<sup>179</sup>:

A política totalitária [caso da Alemanha nazista] não substitui um conjunto de leis por outro, não estabelece o seu próprio *consensus iuris*, não cria, através de uma revolução, uma nova forma de legalidade. O seu desafio a todas as leis positivas, **inclusive às que ela mesmo fórmula**, implica a crença de que pode dispensar qualquer *consensus iuris* e ainda assim não resvalar para o estado tirânico da ilegalidade, da arbitrariedade e do medo. Pode dispensar o *consensus iuris* porque promete libertar o cumprimento da lei de todo ato ou desejo humano; e promete a justiça na terra porque afirma tornar a humanidade encarnação da lei.

Giorgio Agamben, dando prosseguimento a seu raciocínio sobre a Alemanha nazista e retomando o pensamento de Hannah Arendt em “Totalitarismo”, afirma:

O totalitarismo moderno pode ser definido, neste sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político. **Desde então, a criação voluntária de um estado de emergência permanente (ainda que, eventualmente, não declarado no sentido técnico) tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos.**<sup>180</sup>

<sup>177</sup> Cf. SCHNUR, R. *Revolution und Weltbürgerkrieg*. Berlim: Dunker & Humblot, 1983.

<sup>178</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 13.

<sup>179</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Sshwarcz, 2019, p. 615, grifos nossos.

<sup>180</sup> AGAMBEN, Giorgio. Op. cit., p. 13, grifos nossos.

(v) “Diante do incessante avanço do que foi definido como ‘uma guerra civil mundial’, **o estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como paradigma de governo dominante na política contemporânea**”<sup>181</sup>;

(vi) “[...] **o estado de exceção agora tornou-se a regra**”<sup>182</sup>.

Agamben confirma sua afirmação a partir de estudos de casos em diversos países considerados democráticos: nos EUA, seja no pós 11 de setembro de 2001, durante a Guerra Civil e durante o *New Deal* (guerra contra a recessão e o desemprego); na própria Alemanha pré-nazista, durante a República de Weimar; “na maior parte dos países beligerantes” da Primeira Guerra Mundial, período que coincide “com um estado de exceção permanente”; na França, durante a Segunda Guerra; na Inglaterra e mesmo na Suíça.

(vii) “Uma das características essenciais do estado de exceção – a abolição provisória da distinção entre poder legislativo, executivo e judiciário – mostra, aqui, sua tendência a transformar-se em prática duradoura de governo”<sup>183</sup>;

(viii) A tentativa de distinguir *ditadura comissária* de *ditadura soberana* ou *ditadura constitucional* (com o pretexto de salvaguardar o Estado e a democracia) de *ditadura inconstitucional*, conforme propõe Carl Schmitt, é frustrada, na prática, uma vez que não é possível definir uma *diferença substancial* entre uma e outra forma de dominação. “Uma ‘democracia protegida’ não é uma democracia”, de forma que “o paradigma da ditadura constitucional funciona sobretudo como uma fase de transição que leva finalmente à instauração de um regime totalitário”<sup>184</sup>;

(ix) “Na verdade, o estado de exceção não é nem exterior nem interior ao ordenamento jurídico”<sup>185</sup>;

(x) “[...] o problema de sua definição diz respeito a um patamar ou a uma zona de indiferença, em que dentro e fora não se excluem, mas se indeterminam [...]”<sup>186</sup>;

---

<sup>181</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 13, grifos nossos.

<sup>182</sup> Ibidem, p. 21, grifos nossos.

<sup>183</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>184</sup> Ibidem, p. 20 e 29.

<sup>185</sup> Ibidem, p. 39.

<sup>186</sup> Ibidem, p. 39.

(xi) “A suspensão da norma não significa sua abolição e a zona de anomia por ela instaurada não é (ou, pelo menos, não pretende ser) destituída de relação com a ordem jurídica”<sup>187</sup>;

(xii) Sobre a *teoria da necessidade*, uma *opinião recorrente* nas fundamentações sobre o estado de exceção: “Não só a necessidade se reduz, em última instância, a uma decisão, como também aquilo sobre o que ela decide é, na verdade, algo indecível de fato e de direito”<sup>188</sup>;

(xiii) Sobre a teoria schmittiana do estado de exceção, classificada como “uma profecia, por assim dizer, interessada”, resta, ao final que “ela pode ser apresentada como doutrina de soberania” porque se o soberano pode decidir sobre o estado de exceção, isso “garante sua ancoragem na ordem jurídica”. O soberano pode “estar fora” (da ordem jurídica, ou da subordinação às normas) “e, ao mesmo tempo, pertencer” (ao universo jurídico, uma vez que decide sobre ele): “tal é a estrutura topológica do estado de exceção, e apenas porque o soberano que decide sobre a exceção é, na realidade, logicamente definido por ela em seu ser, é que ele pode também ser definido pelo oxímoro êxtase-pertencimento”<sup>189</sup>;

(xiv) Na *ditadura comissária* (constitucional, portanto), a norma “pode ser suspensa sem, no entanto, deixar de estar em vigor”, segundo definição de Carl Schmitt<sup>190</sup> contida em “A ditadura”, de 1921, um ano antes de “Teologia Política”. Já a *ditadura soberana* (inconstitucional), “em que a velha constituição não existe mais e a nova está presente sob a forma de ‘mínima’ do poder constituinte, representa um estado de lei em que esta se aplica, mas não está formalmente em vigor”<sup>191</sup>;

(xv) “O estado de exceção separa, pois, a norma de sua aplicação para tornar possível a aplicação. Introduce no direito uma zona de anomia para tornar possível a normatização efetiva do real”<sup>192</sup> – poder de fato;

---

<sup>187</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 39.

<sup>188</sup> Ibidem, p. 40 e 47.

<sup>189</sup> Ibidem, p. 53-57.

<sup>190</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>191</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>192</sup> Ibidem, p. 58.

(xvi) **“Tem-se aí um campo de tensões jurídicas em que o mínimo de vigência formal coincide com o máximo de aplicação real e vice-versa”**<sup>193</sup>;

(xvii) “O sintagma ‘força de lei’ [...] tem o sentido geral de eficácia, de capacidade de obrigar”. O conceito se refere “tanto na doutrina moderna, como na antiga, não à lei, mas àqueles decretos – que têm justamente, como se diz, força de lei – que o Poder Executivo pode, em alguns casos – particularmente no estado de exceção – promulgar”<sup>194</sup>;

(xviii) “Em nosso estudo do estado de exceção, encontramos inúmeros exemplos de confusão entre atos do Poder Executivo e atos do Poder Legislativo; tal confusão define, como vimos, uma das características essenciais do estado de exceção”<sup>195</sup>;

(xix) **“O caso limite dessa confusão é o regime nazista em que, como Eichmann não cansava de repetir: ‘as palavras do Führer têm força de lei’”**<sup>196</sup>;

(xx) “Ele (o estado de exceção) define um ‘estado da lei’ em que, de um lado, a norma está em vigor, mas não se aplica (não tem ‘força’) e em que, de outro lado, atos que não tem valor de lei adquirem sua ‘força’”<sup>197</sup>;

(xxi) “O estado de exceção é um espaço anômico onde o que está em jogo é uma força de lei sem lei (que deveria ser escrita: força de ~~lei~~)”<sup>198</sup>;

(xxii) “O estado de exceção é, neste sentido, a abertura de um espaço em que aplicação e norma mostram sua separação e em que uma pura força de ~~lei~~ realiza (isto é, aplica desaplicando) uma norma cuja aplicação foi suspensa”<sup>199</sup>;

(xxiii) O *iustitium*, um instituto do direito romano, “pode ser considerado o arquétipo do moderno *Ausnahmezustand* e que, no entanto, e talvez

---

<sup>193</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 58, grifos nossos.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 59-60.

<sup>195</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 60-61, grifos nossos.

<sup>197</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>198</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>199</sup> Ibidem, p. 63.

justamente por isso, não parece ter recebido atenção suficiente por parte dos historiadores do direito e dos teóricos do direito público”<sup>200</sup> ;

(xxiv) O *iustitium* pode ser considerado um *modelo em miniatura* ou a *forma paradigmática* do estado de exceção. Era decretado por um magistrado após o Senado haver expedido um *senatus consultum ultimum*, o que ocorria depois da decretação de *tumultus*, quando Roma estava em situação de emergência, provocada por guerra externa, guerra civil ou insurreição e “implicava, pois, uma suspensão não apenas da administração da justiça, mas do direito enquanto tal”, produzindo um *vazio jurídico*, que “enquanto efetua uma interrupção e uma suspensão de toda ordem jurídica, não pode ser interpretado segundo o paradigma da ditadura”, pois no *iustitium* “não existe a criação de nenhuma nova magistratura; o poder ilimitado de que gozam de fato [...] os magistrados existentes resulta não da atribuição de um *imperium* ditatorial, mas da suspensão das leis que tolhiam sua ação”. Seria, portanto, no limite, uma *quase ditadura* e não *uma ditadura*<sup>201</sup>;

(xxv) “O fato de haver confundido estado de exceção e ditadura é o limite que impediu Schmitt, em 1921, bem como Rossiter e Friedrich depois da Segunda Guerra Mundial, de resolverem as aporias do estado de exceção”<sup>202</sup>;

(xxvi) “[...] o erro era interessado, [...] era mais fácil justificar o estado de exceção inscrevendo-o na tradição prestigiosa da ditadura romana do que restituindo-o ao seu autêntico, porém mais obscuro, paradigma genealógico do direito romano: o *iustitium*”<sup>203</sup>.

Como vimos, Giorgio Agamben se debruça sobre a Antiguidade para pontuar as origens do estado de exceção; esmiúça a formulação jurídica pré-nazista ou mesmo nazista em torno de soberania e estado de exceção e encontra exemplos em diversos países democráticos ocidentais, mais precisamente na Europa e nos EUA, em que no decorrer do século XX a exceção foi mais presente, o que lhe possibilita afirmar que “o estado de exceção agora tornou-se a regra”. O exemplo dos EUA já no século XXI, após os atentados de 11 de setembro de 2001, talvez seja o mais próximo historicamente, confirmando

---

<sup>200</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 67-68.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 67, 74 e 75.

<sup>202</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>203</sup> Ibidem, p. 75.

que a convivência da exceção com a democracia não ficou no século passado. Conforme Agamben<sup>204</sup>:

O significado imediatamente biopolítico do estado de exceção como estrutura original em que o direito inclui em si o vivente por meio de sua própria suspensão aparece claramente na “*military order*”, promulgada pelo presidente dos Estados Unidos no dia 13 de novembro de 2001, e que autoriza a “*indefinite detention*” e o processo perante as “*military commissions*” (não confundir com os tribunais militares previstos pelo direito da guerra) dos não cidadãos suspeitos de envolvimento em atividades terroristas.

Já o *USA Patriot Act*, promulgado pelo Senado no dia 26 de outubro de 2001, permite ao *Attorney general* “manter preso” o estrangeiro (*alien*) suspeito de atividades que ponham em perigo a “segurança nacional dos Estados Unidos”; mas, no prazo de sete dias, o estrangeiro deve ser expulso ou acusado de violação da lei sobre a imigração ou de algum outro delito. A novidade da “ordem” do presidente Bush está em anular radicalmente todo estatuto jurídico do indivíduo, produzindo, desta forma, um ser juridicamente inominável e inclassificável. Os talibãs capturados no Afeganistão, além de não gozarem do estatuto de POW (prisioneiros de guerra) de acordo com a Convenção de Genebra, tampouco gozam daquele de acusado segundo as leis norte-americanas. Nem prisioneiros nem acusados, mas apenas *detainees*, são objeto de uma pura dominação de fato, de uma detenção indeterminada não só no sentido temporal, mas também quanto à sua própria natureza, porque totalmente fora da lei e do controle judiciário. A única comparação possível é com a situação jurídica dos judeus nos *Lager* nazistas: juntamente com a cidadania haviam perdido toda identidade jurídica, mas conservavam pelo menos a identidade de judeus. Como Judith Butler mostrou claramente, no *detainee* de Guantánamo a vida nua atinge sua máxima indeterminação.

Na América Latina, tal *convivência* entre democracia e exceção tem levado à conformação de sociedades de *regime híbrido*, ou seja, algo mais autoritário ainda que o atual modelo de sociedades liberais “politicamente democráticas e socialmente fascistas”, na conceituação de Boaventura de Sousa Santos<sup>205</sup>.

---

<sup>204</sup> AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 14-15.

<sup>205</sup> SOUSA SANTOS, Boaventura. A perigosa emergência dos “regimes híbridos”. **Outras Palavras**, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/a-perigosa-emergencia-dosregimes-hibridos/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Necessário acrescentar que são sociedades *politicamente democráticas* até certo ponto, pois, como observado por Laval e Dardot<sup>206</sup>, há ainda o fenômeno de *desdemocratização* promovido pelo neoliberalismo, com a constante retirada de direitos sociais e mesmo civis, a corrosão das instituições democráticas, o rebaixamento da cidadania, enfim.

Como exemplo, é possível citar, na Bolívia, o golpe de estado contra o presidente Evo Morales em 2019, com a instituição de um *gobierno de facto* (e não de direito), golpe que terminou fracassado após a vitória de Lucho Arce, do partido de Morales, nas eleições presidenciais de 2020.

No Peru, a recente deposição do presidente Pedro Castillo, em dezembro de 2020, pelo Congresso, classifica-se como um golpe dentro da constitucionalidade.

Na Argentina, testemunha-se a *lawfare* ou *perseguição jurídico-midiática* contra a ex-presidente e atual vice-presidente Cristina Kirchner, que resultou, em dezembro de 2022, na sua condenação à prisão e à impossibilidade perpétua de se apresentar em novas eleições, decisão da qual ainda cabe recurso, sem contar também as constantes retiradas de direitos, principalmente no governo de Maurício Macri (2015-2019).

Em El Salvador, assim se enquadram as manobras legislativas do atual presidente Nayib Bukele para mudar a composição dos tribunais superiores, bem como a perseguição político-jurídica promovida contra os ex-presidentes Maurício Funes e Salvador Sanchez Cerén – ambos eleitos pela FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), guerrilha comunista de orientação maoísta dos anos 1970 e 1980 que virou partido político após a assinatura de acordos de paz de 1992, partido ao qual Nayib já foi filiado – e contra antigos membros das duas gestões que antecederam à atual. Sem contar as prisões de membros de *pandillas* (*maras* – de irmandade – ou *facções do crime*, como seriam chamadas no Brasil) sem a necessidade de autorização judicial expressa.

Na Venezuela, vê-se, de um lado, as manobras político-jurídicas do chavismo no poder, com o presidente Nicolás Maduro e, de outro, os constantes

---

<sup>206</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 20-21.

ataques à combalida democracia organizados desde os EUA, que já incluíram o país no rol de inimigos a serem esculhambados em séries de televisão (como *Jack Ryan*, da Amazon Prime).

No Brasil, considere-se o golpe de estado dentro da institucionalidade que tirou Dilma Rousseff da Presidência em 2016; a *lawfare* contra o ex-presidente Lula da Silva, que resultou em 580 dias de prisão e a impossibilidade de disputar as eleições presidenciais contra Bolsonaro em 2018; a brutal retirada de direitos trabalhistas e previdenciários por meio de reformas infraconstitucionais nos anos que sucederam o golpe de 2016; as constantes violações de direitos humanos por parte das polícias estaduais; o ataque frontal aos direitos dos povos indígenas etc.

## 1.9 Nazifascismo à brasileira e Estado híbrido

A serviço do neoliberalismo patriarcal e patrimonialista brasileiro, Bolsonaro não apenas flertou com o estado de exceção ao sugerir golpe militar, como também o pôs em prática, com seu apoio ao paramilitarismo criminoso e assassino e seu governo suicidário.

### 1.9.1 Bolsonarismo: nazifascismo à brasileira

No Item 1.5 – “O Tipo ideal de fascismo (ou nazifascismo)” –, concluímos que as características de Bolsonaro e do bolsonarismo são suficientes para, por dedução, considerar que ele é um tipo ideal de líder nazifascista e que o bolsonarismo ou movimento bolsonarista é um fenômeno típico ideal de nazifascismo, conforme o conceito de Max Weber<sup>207</sup> e a partir das 14 características do Ur-fascismo listadas por Umberto Eco<sup>208</sup> ou das cinco categorias estabelecidas por Michael Mann<sup>209</sup>.

---

<sup>207</sup> WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016, p. 252.

<sup>208</sup> ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018, p. 44-59.

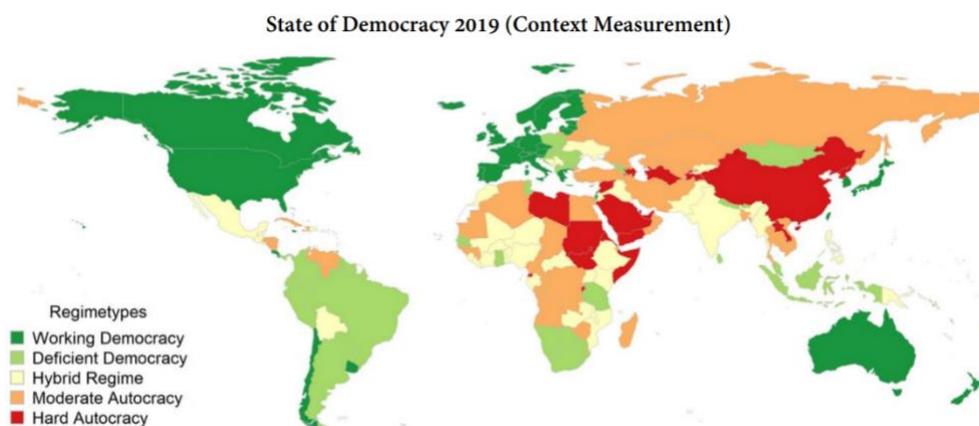
<sup>209</sup> MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 41-45.

### 1.9.2 Estado híbrido sob Bolsonaro

Estudos de ranqueamento de democracias, como o *Democracy Matrix* (*De-MaX*, como é referido), realizado em 2019 pela Universidade Würzburg, tendem a classificar o Brasil como *democracia deficiente*, não chegando a ser exatamente um *regime híbrido*<sup>210</sup>, apenas rumando em direção a isto.

Segundo reportagem<sup>211</sup> do site “Poder 360” sobre esse levantamento, “A pesquisa avalia mais de 200 itens de liberdade política, igualdade e controle legal em 179 países desde 1900. Com base no esquema de classificação da *De-MaX*, 83 de 179 países, ou 39,7%, têm o status de democracia. Entretanto, há menos democracias funcionais (37) do que democracias deficientes (46)”.

Figura 3: Democracia em 2019



Fonte: Democracy Matrix, 2019.

O mapa-mundi do De-MaX mostra países em regime de democracia funcional e satisfatória, democracia deficiente, regime híbrido entre democracia e autoritarismo, autoritarismo moderado e autoritarismo duro. O Brasil, em verde claro, era considerado *democracia deficiente* em 2019.

<sup>210</sup> **Democracy Matrix**. Disponível em: [https://www.democracymatrix.com/fileadmin/Mediapool/PDFs/Report/DeMaX\\_Report\\_2019\\_Growing\\_Hybridity.pdf](https://www.democracymatrix.com/fileadmin/Mediapool/PDFs/Report/DeMaX_Report_2019_Growing_Hybridity.pdf). Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>211</sup> PODER 360. **Estudo mostra onda de retrocessos em democracias pelo mundo**. 13 set. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/estudo-mostra-onda-de-retrocesso-em-democracias-pelo-mundo/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Boaventura de Sousa Santos alerta para “A perigosa existência de regimes híbridos”<sup>212</sup>, ao apontar, no intertítulo “O crescimento global da extrema direita”, que:

A prevalência atual do poder cru traz consigo um péssimo presságio e um enorme desafio para a democracia liberal. Na raiz do poder cru contemporâneo estão o neoliberalismo e a extrema-direita, uma mistura tóxica que está a atingir o âmago da democracia liberal, os direitos cívicos e políticos, depois de ter reduzido ao mínimo a proteção social e os direitos sociais. É um processo de destruição da democracia, por vezes lento por vezes rápido, que vai injetando componentes e lógicas ditatoriais na prática concreta dos regimes democráticos. Um novo tipo de regime político está a emergir, um regime híbrido que combina discursos e práticas ditatoriais (apologia da violência, criação caótica e oportunista de inimigos, insulto impune dos órgãos de soberania eleitos, desobediência ativa de decisões judiciais, apelo à intervenção golpista das forças armadas) com práticas democráticas. Um monstro? **Uma coisa é certa: a democracia liberal não é a democracia real, mas é uma condição necessária (ainda que não suficiente) para se atingir a democracia real.**

O autor não cita especificamente nenhum país, mas podemos averiguar, dentre todas as características de regime híbrido listadas, práticas de Bolsonaro e do movimento bolsonarista: “discursos e práticas ditatoriais (apologia da violência)”; “criação caótica e oportunista de inimigos”; “insulto impune dos órgãos de soberania eleitos”, “desobediência ativa de decisões judiciais”, “apelo à intervenção golpista das forças armadas”<sup>213</sup>.

Por dedução, e novamente a partir da conceituação de *fenômeno típico ideal* de Max Weber, podemos observar que se Bolsonaro, segundo o De-MaX, não introduziu o estado brasileiro no regime híbrido – o que um novo ranqueamento ainda pode vir a demonstrar – ao menos fez de tudo para conduzi-lo a tanto. E não seria exagero afirmar que se Bolsonaro adotou medidas de exceção, flertando com o estado de exceção, teria levado, sim, o Brasil à categoria de Estado híbrido.

---

<sup>212</sup> SOUSA SANTOS, Boaventura. A perigosa emergência dos “regimes híbridos”. **Outras Palavras**, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/a-perigosa-emergencia-dosregimes-hibridos/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>213</sup> Ibidem. Acesso em: 12 dez. 2022.

Há que se considerar que o De-MaX se vale de preceitos liberais ao estabelecer critérios de avaliação e ranqueamento, sendo, portanto, necessária a criação de algum estudo permanente, brasileiro, que também tome em conta princípios como a inclusão social, a amplitude de acesso a bens e serviços privados e públicos como educação e saúde e a observação de direitos difusos e sociais, além dos individuais, para estabelecer base alternativa de ranqueamento do grau de democracia entre as nações.

### 1.9.3 Bolsonaro a serviço do neoliberalismo patriarcal-patrimonialista

Ao reconstituir o passado da sociedade brasileira em “Raízes do Brasil”, Sérgio Buarque de Holanda<sup>214</sup> observa que, desde o período dos engenhos de cana instalados após 1530 “até bem depois da Independência”, ou pelo menos até meados do século XIX, “nos domínios rurais, a autoridade dos proprietários de terra não sofria réplica. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica”, o que *o pai do Chico*, assim como vários outros historiadores e estudiosos, chamou de *patriarcado rural* ou *patriciado rural*:

Nos domínios rurais é o velho tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na península ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente os escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-família. Esse núcleo bem característico em tudo se comporta como seu modelo da Antiguidade, em que a palavra “família”, derivada de *famulus*, se acha estreitamente vinculada à ideia de escravidão, e em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, os *liberi*.<sup>215</sup>

Uma sociedade, portanto, bastante próxima daquela descrita por Jean Bodin em 1576, que se inspirou na sociedade romana para definir “República” no final do Século XVI, afinal Portugal e Espanha não tinham desenhos societários lá muito diferentes da romana antiga.

---

<sup>214</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 81.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 81.

Como bem observa o psicólogo Octavio Souza em “Fantasia de Brasil”<sup>216</sup>, Portugal projetou seu *ideal do eu* na Terra Nova à maneira de como os pais fazem com os filhos. Sobrevive ainda no Brasil de hoje certa herança deste período colonial patriarcalista.

A decadência do patriarcalismo rural colonial brasileiro, ou melhor, sua transformação em patrimonialismo, começa em 1808, com a chegada da família real portuguesa, a abertura dos portos, a chegada das mil formas de adornos manufaturados ou industrializados da França e, principalmente, das máquinas e do que podemos chamar de Estado, fazendo um brevíssimo resumo dos relatos históricos e análises de Sérgio Buarque de Holanda e Jessé Souza<sup>217</sup>.

Junto com a família real, instala-se a centralidade do poder e a necessidade de administração do Estado, criando-se as condições para a ascensão de uma classe média de profissionais como advogados, escrivães, escritores, burocratas e mesmo médicos, formada pelos herdeiros legítimos (brancos) e ilegítimos (*mulatos*) dos antigos senhores patriarcais. A Igreja passa a dividir atenções com o teatro, os livros, a produção cultural e o entretenimento em geral. As máquinas de uma incipiente indústria geram ocupação para uma parte da sociedade que não era nem escrava nem senhora de escravos – aqui de novo os *mulatos* – e ainda atraem um novo grupo: os migrantes italianos e europeus em geral.

O Estado tira das famílias e de seus patriarcas a centralidade do poder e o velho patriarcado se vê diante de uma nova realidade: desde se mudar para as cidades, o novo centro de poder, a pagar dívidas, agora cobradas com força policial. Mas também desenvolve suas estratégias de convivência com este centro de poder: a relação patrimonialista com a burocracia, ou melhor a formação de uma burocracia de estado, disposta a defender os interesses em torno da manutenção e da ampliação dos patrimônios familiares acumulados nos períodos anteriores. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda<sup>218</sup>:

---

<sup>216</sup> Cf. SOUZA, Octavio. **Fantasia de Brasil** – As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

<sup>217</sup> SOUZA, Jessé. **A elite do atraso** – Da escravidão a Bolsonaro. São Paulo: GMT, 2019.

<sup>218</sup> BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 145-146.

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização – que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera da influência das cidades – ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos até hoje. Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. Assim, eles se separam justamente pelo que separa o funcionário “patrimonial” do puro burocrata conforme a definição de Max Weber. Para o funcionário patrimonial, a própria função política apresenta-se como assunto de seu interesse particular: as funções, os empregos e os benefícios que deles auferem relacionam-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos, como sucede no verdadeiro estado burocrático, em que prevalecem a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos.

A primeira edição de “Raízes do Brasil” é de 1936, período em que a USP (Universidade de São Paulo) era articulada, segundo Jessé Souza, para defender os interesses do capitalismo paulista, afastado do poder político, mas detentor de grande poder econômico. Jessé Souza aponta que o conceito de patrimonialismo formulado por Sérgio Buarque de Holanda serviu ao intento da burguesia paulista de mobilizar as classes médias urbanas em torno de um moralismo político que serviria para combater Getúlio Vargas – e que teria servido até os dias de hoje para combater o PT e os governos Lula e Dilma, por meio da *lawfare* da Lava-Jato. O argumento não invalida referido conceito, nem seria essa a intenção de Souza, mas de certo modo o enriquece e o atualiza até este momento da Nova República.

Uma Nova República cuja fase de chegada, entre o movimento pelas (Eleições) Diretas Já (1984) e a proclamação da *Constituição Cidadã* (1988), coincide com o período do enraizamento do neoliberalismo em sua forma político-partidária-eleitoral no Brasil, resultando nas eleições de Fernando Collor de Melo, em 1989, e, logo em seguida, de Fernando Henrique Cardoso, em 1994, após o exitoso *fim da inflação* com o Plano Real, ainda sob a batuta de Itamar Franco, vice-presidente que chegara ao poder um ano antes, após o *impeachment* de Collor de Melo.

É a esse neoliberalismo, com raízes históricas no patriarcalismo escravocrata e perenes no patrimonialismo racista, que o governo Bolsonaro

atendeu, como exposto no item 1.4, com Vladimir Safatle (afinal, “o engenho não pode parar”) e no Item 1.7 – “Nazifascismo a serviço do neoliberalismo”.

#### 1.9.4 Bolsonaro, ditadura, polícias, milícias, racismo e marginalização

O patriarca Bolsonaro fez da política seu *negócio de família*<sup>219</sup>, com seus filhos 01, 02 e 03 ocupando cargos públicos eletivos no Senado, na Câmara dos Deputados e na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde se funda o curral eleitoral primeiro do bolsonarismo e de onde o próprio Capitão tirou seus sete mandatos como deputado federal e um como vereador (1989).

Um curral que mescla voto corporativista de policiais militares e respectivos familiares com o voto de opinião da classe média (alta e baixa) reacionária fluminense. Bolsonaro se fez líder político pelo seus discursos em defesa da ditadura militar e pela volta dela, bem como em função de seu comportamento de líder corporativista dos agentes militares e membros das forças auxiliares (as PMs) de baixa patente e pelo seu discurso em defesa da liberdade de matar – algo muito caro a uma importante parcela de policiais militares em todo o Brasil – e da defesa da liberdade e da memória de agentes militares e membros de forças auxiliares que cometeram assassinatos, como o coronel torturador Brilhante Ulstra e milicianos da PMERJ (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro) e do crime fluminense, como Adriano da Nóbrega, Fabrício Queiroz e Ronnie Lessa, que teria feito os disparos que mataram a vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e seu motorista, Anderson Gomes. As ligações de Bolsonaro e de seus filhos com o crime organizado de dentro da PMERJ estão bem detalhadas no livro “República das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro”<sup>220</sup>, do cientista político e jornalista Bruno Paes Manso.

Aliás, uma mirada na PMERJ, que comporta policiais corruptos e assassinos integrantes do 18º Batalhão, bastante citado por Bruno Paes Manso, e batalhões de elite (não menos assassinos) como o Bope, nos remete às

---

<sup>219</sup> Cf. MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família**. Campina Grande: Liber Ars, 2017.

<sup>220</sup> PAES MANSO, Bruno. **República das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

polícias secretas soviéticas sob Stálin, conforme descritas por Hannah Arendt em “Totalitarismo”<sup>221</sup>, que se sobrepunham umas às outras e investigavam umas às outras e matavam umas às outras.

Em meio a isso, um povo, em sua maioria preto, vive sob o domínio do crime organizado e da polícia criminosa, muitas vezes estruturada em milícias que praticam tanto *serviços de limpeza* (assassinatos de criminosos) como narcotráfico e exercem tanto o monopólio da violência (este, de fato, um oligopólio) como o monopólio do *gato-net*, a *internet a gato* (pirata). O contexto torna válida, brasileira e atual a “Oitava Tese sobre o Conceito de História”, de Walter Benjamin: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral”<sup>222</sup>.

O posicionamento discursivo autoritário e o *modus operandi* de Bolsonaro não lhe rendem apenas apoio político tradicional e votos: lhe proporcionam também sua *guarda pretoriana*, agora encarnada nas polícias militares estaduais, que neste dezembro de 2022 ainda garantiram e apoiaram as manifestações dos *patriotas* bolsonaristas nas portas dos quartéis militares<sup>223</sup>, pedindo a anulação das eleições presidenciais de 2 e 30 de outubro, além de uma intervenção militar.

Ao defender, desde sempre, a polícia corrupta e assassina fluminense, bem como as polícias militares de todos os estados brasileiros, Bolsonaro se afirma como um defensor da política de encarceramento e extermínio da maioria preta brasileira. Aliás, o sistema prisional é o *campo* brasileiro, outro paralelo possível entre a realidade pátria e o horror descrito no conjunto da obra de Hannah Arendt sobre o holocausto nazista. A seguinte notícia da Ponte Jornalismo – site de notícias sobre segurança pública, capitaneado, entre outros, por Bruno Paes Manso – nos leva a uma ideia da lógica que impera nas polícias

---

<sup>221</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Schwarcz, 2019.

<sup>222</sup> BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito de história**. 1940. Disponível em: [http://www.proibido.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia\\_Walter-Benjamin.pdf](http://www.proibido.org/wp-content/uploads/2011/10/Sobre-o-conceito-de-historia_Walter-Benjamin.pdf). Acesso em: 12 dez. 2020.

<sup>223</sup> FOLHA DE S.PAULO. **Militares já esperam ordem de Lula para acabar com atos em quartéis**. Disponível (para assinantes) em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/12/militares-ja-esperam-ordem-de-lula-para-acabar-com-atos-em-quarteis.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2022.

militares estaduais: “**Todas** as pessoas mortas pela polícia no Recife (PE) eram negras”<sup>224</sup>.

A reportagem de Gil Mendes é baseada em um estudo da Rede de Observatórios da Segurança, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), realizado nos estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, São Paulo, Ceará e Piauí<sup>225</sup>.

Perseguir de forma obcecada jovens negros de bairros pobres (mesmo que essa obsessão nunca leve à desarticulação do crime organizado), estigmatizar esses bairros como locais perigosos e, a partir disso, legitimar e justificar operações em série em que mais jovens serão mortos, é uma técnica sofisticada de produção de violência. Esta é a essência das políticas de segurança baseadas na ‘guerra às drogas’”, diz um trecho do documento. [...] Os números trazidos pelo estudo são relativos ao ano de 2021 e o resultado é alarmante. Em Recife (PE), por exemplo, 100% dos mortos pela polícia são negros. Já em Salvador (BA), dentre todas as pessoas que morreram nas mãos das forças policiais, apenas uma não era negra. O estado de São Paulo registra uma morte de pessoa negra provocada pela polícia a cada dois dias.

Brevíssimo e incompleto raio-x do Brasil revela, com dados de dezembro de 2022: população de 214 milhões de habitantes, 56% pretos ou pardos, 29,4% pobres (3 a cada 10), 8,4% abaixo da linha da miséria e da fome (1 a cada 10), elite em sua maioria branca, origem colonial (exploradora), escravocrata (racista) e patriarcal (elitista). Desenvolvimento agrícola, industrial e pós-industrial atrelado ao Estado e dele dependente. Economia periférica e dependente, em processo de desindustrialização há quase quatro décadas, atualmente posicionada internacionalmente em commodities agrícolas e minerais, e internamente no rentismo do mercado financeiro, na construção civil, no comércio de importados de baixo valor, no comércio de produtos nacionais de primeira necessidade, que fomenta uma agropecuária e uma indústria de beneficiamento em retração. Conta com decadente siderurgia e metalurgia. A prestação de serviços é operada por empresas médias e grandes, que oferecem baixa remuneração a seus funcionários, e ainda sobrevive com serviços de

---

<sup>224</sup> PONTE JORNALISMO. **Todas as pessoas mortas pela polícia no Recife (PE) em 2021 eram negras**. 17 nov. 2022. Disponível em: <https://ponte.org/todas-as-pessoas-mortas-pela-policia-no-recife-pe-em-2021-eram-negras/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

<sup>225</sup> Ibidem. Acesso em: 12 dez. 2020.

baixíssimo valor agregado por micro e pequenas empresas e pessoas físicas, atreladas ou não a multinacionais de arregimentação de mão-de-obra sem vínculo empregatício como a Uber. Além disso, dispõe dos serviços especializados em saúde, direito, engenharia e tecnologia, que geram boa renda a profissionais de nível universitário, parcela importante da população, mas pequena no todo.

**Vale destacar o Estado e o crime como geradores de emprego e renda.** Aliás, o combate ao crime é importante gerador de empregos pelo Estado, sendo que nesse *setor econômico* crime-segurança está a parcela mais radicalizada das vítimas do processo da financeirização, desindustrialização e constante modernização tecnológica da produção agrícola, industrial e de prestação de serviços. Na *guerra ao crime* residem a repressão, aprisionamento e morte de uma indesejada parcela excedente de população, desnecessária à produção e à prestação de serviços no ecossistema neoliberal – em sua maioria, pretos e pardos, efeito colateral da era colonial escravagista. Já não se trata mais de *exército industrial de reserva*, uma vez que não há previsão nem interesse verdadeiro de ampliação da capacidade instalada da produção.

De um lado, o modo de produção de lucro, cada vez mais financeirizado, não conduz, em seu todo, à necessidade real de permanente expansão. E de outro, o próprio atavismo produtivo-comercial brasileiro dos tempos coloniais nos faz presa fácil das estratégias comerciais estadunidenses, europeias ou chinesas. Muito se fala em criar polos de desenvolvimento tecnológico, mas eles são economicamente desnecessários para as matrizes corporativas multinacionais, pois já existem em seus países de origem. No mais, como ou mesmo *para que* instalar novas indústrias ou ampliar as existentes num ecossistema em que as duas maiores potências em volume de produção (EUA e China) competem globalmente sem tréguas e com poucos limites éticos?

O que fazer contra um núcleo de sistema que se enriquece, se empodera e se arma cada vez mais, ao mesmo tempo em que se retrai, ampliando, na mesma escala, a quantidade de desnecessários, ao menos e principalmente nos países da periferia do sistema? Perde razão o dito “se não pode vencê-lo, junte-se a ele”, pois *ele* está cada vez menos em busca de novos parceiros. Pior: *ele* não é externo, mas é o próprio ecossistema, o que torna tudo e todos parte *dele*,

ainda que *e/e* não se posicione como externo a este todo. Uma colocação equiparável à dos teólogos sobre o binômio mundo-Deus ou Schmitt sobre direito-Soberano, em que o planeta e a população mundial são o todo e a razão neoliberal permeia e se impõe sobre este todo, beneficiando diariamente seus construtores e operadores-líderes, mas está fora dele, sendo, portanto, um alvo bastante difícil, bélica, política e comunicacionalmente.

Os operadores-líderes estão bem protegidos pela força do capital, da política e das armas (estatais ou privadas), além do anonimato promovido pela financeirização do mercado; são, pois, como uma Al-Qaeda ou um Estado Islâmico, em que Elon Musk não passa de um Bin Laden. O verdadeiro poder já não pode ser derrubado por assassinato, golpe, guerrilha ou guerra.

A superação do neoliberalismo, se um dia ocorrer, terá sido consequência de processos históricos humanos, neste momento, imprevisíveis, indescritíveis, mas de algum modo em curso. Resta a convivência.

Porém, uma convivência movida pela eterna necessidade de enfrentamento, algo a ser realizado por meio de ações táticas específicas e não a partir de estratégias supostamente redentoras, com o cuidado de se preservar e ampliar os regimes democráticos, conforme nos recomenda Boaventura de Souza Santos<sup>226</sup> de modo a assegurar, resgatar e ampliar direitos individuais e sociais a partir da dialética enfrentamento-concertação.

E, se tanto falamos em racismo, vale uma observação final sobre o tema do preconceito, agora sobre sexismo e misoginia. Em “A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro”, Jessé Souza<sup>227</sup> recorda que, para Gilberto Freyre, o sexismo teria sido *nosso preconceito mais persistente*. Muito provavelmente ainda o é, e pode ter sido razão de voto em Bolsonaro para milhões de homens pobres e pretos ou mestiços em todo o Brasil. Por ora, não mais que uma hipótese a ser investigada em algum estudo psicanalítico semelhante ao

---

<sup>226</sup> “Uma coisa é certa: a democracia liberal não é a democracia real, mas é uma condição necessária (ainda que não suficiente) para se atingir a democracia real” SOUZA SANTOS, Boaventura. A perigosa emergência dos “regimes híbridos”. **Outras Palavras**, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/a-perigosa-emergencia-dosregimes-hibridos/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>227</sup> SOUZA, JESSÉ. **A elite do atraso** – Da escravidão a Bolsonaro. São Paulo: GMT, 2019, p. 67.

realizado por Theodor Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford em “A Personalidade Autoritária”, do qual trataremos no Capítulo 3.

#### 1.9.5 Bolsonaro e seu governo suicidário

Conforme o Item 1.4, de acordo com Vladimir Safatle, é possível estabelecer uma comparação direta entre o discurso e a prática de Adolf Hitler no nazismo e Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19. Lá, extermínio de judeus, ciganos, portadores de deficiências e doentes, além da recomendação para que a Alemanha perecesse, uma vez que havia perdido a guerra. Aqui, a busca por imunidade de rebanho por meio de contaminação, e não vacinação, num *salve-se quem puder* darwiniano com vistas à manutenção da produção, das vendas e do lucro capitalista neoliberal.

A entidade Conectas Direitos Humanos, em seu décimo e último boletim “Direitos na Pandemia”<sup>228</sup>, além de mapear as 3.049 normas jurídicas editadas pela União entre março e o final de 2020, aponta a prevalência de normas produzidas pelo Ministério da Economia (514 contra 382 editadas pela Anvisa, a agência brasileira de regulação da Saúde), um “indicativo da ênfase na economia que foi dada pelo governo federal no enfrentamento da pandemia”. Vale anotar que, ao final de 2022, as normas do próprio Ministério da Saúde foram superiores numericamente às do Ministério da Economia – o estudo separa as normas da Anvisa das normas do Ministério da Saúde – mas meses antes, a normatização econômica referente à pandemia se sobrepuja, inclusive numericamente, à normatização epidemiológica e sanitária do Ministério da Saúde.

O boletim da Conectas traz ainda um compilado das frases do presidente Bolsonaro durante a pandemia. As mais autoincriminatórias foram amplamente divulgadas pela imprensa e fartamente reproduzidas pela campanha digital de Lula e do PT nos períodos pré-eleitoral e eleitoral: “É só uma gripezinha”; “Não sou coveiro”; “Ai, tô com Covid, *arf, arf*, vou morrer”.

---

<sup>228</sup> Disponível em: <https://www.conectas.org/publicacao/boletim-direitos-na-pandemia-no-10/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Morreram de Covid-19, no Brasil, até 20 de dezembro de 2022, 694 mil pessoas, ou 11,5% do total de judeus mortos por Hitler-Eichmann nos campos de concentração da Alemanha nazista.

Sob Bolsonaro, o Brasil conheceu seu holocausto.

### 1.10 Por que *nazifascismo* em vez de *fascismo* apenas

Procuramos justificar, a seguir, a opção pelo conceito *nazifascismo*, ao invés de, simplesmente, *fascismo*, em muitas partes deste texto.

Se o fenômeno do fascismo, como aconteceu na Itália de Mussolini, é algo um tanto distante, irreconhecível para a maioria dos brasileiros, latino-americanos ou mesmo ocidentais, o nazismo tal qual manifestado na Alemanha de 1934 a 1945 é algo bem mais palpável para a maioria das pessoas, graças à influência judaica na produção cultural estadunidense, principalmente na indústria cinematográfica de Hollywood.

Talvez aqui, no desconhecimento generalizado sobre o que é fascismo, resida uma possível explicação para a facilidade com que a *alt-right* (nova extrema-direita) global consegue *reposicionar* e distorcer os movimentos autoproclamados antifascistas no discurso para suas bases ou *bolhas*.

Além disso, se Adolf Hitler se inspirou na astúcia política de Benito Mussolini (para compor com a elite econômica liberal e a direita conservadora tradicional) e nos *squadristi* (os camisas negras) italianos para criar suas SA (*Sturmabteilung – Divisão Tempestade* ou *tropas de assalto*), na outra mão, ao chegar ao poder, uma década depois de Mussolini, Hitler superou em muito seu inspirador italiano, tanto na capacidade bélica como na capacidade de criar um Estado genocida ou mesmo suicida, como o enuncia o filósofo Michel Foucault<sup>229</sup>: “Estado racista. Estado assassino. Estado suicida”.

Enfim, em sua maioria, os autores enquadram o nazismo alemão como fenômeno localizado do fascismo, este um grande *guarda-chuva* a nomear esta

---

<sup>229</sup> FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade** – Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 311.

nova “corrente da cultura política do Ocidente moderno”, que se estabeleceu ao lado do conservadorismo, do liberalismo e do socialismo, tal qual descreve Robert Paxton em “A Anatomia do Fascismo”<sup>230</sup>.

**Mas o período histórico é o mesmo na Itália e na Alemanha.** Por essas razões, se faz necessário assumir como nazifascismo aquilo que não queremos reviver, porém que sempre esteve presente nos cotidianos das sociedades ocidentais, ao menos durante os últimos cem anos, ainda que em estado latente, ainda que fosse negado.

Há também a questão do antissemitismo, aparentemente um grande *marcador* do nazismo e, portanto, um possível diferenciador entre nazismo e fascismo: o fascismo italiano, que originalmente não era antissemita, durante a Segunda Guerra, na aliança com a Alemanha de Hitler, também perseguiu judeus. Sem contar que o antissemitismo também era *elemento agregador* de muitos movimentos nomeados de *fascistas* em diversos países europeus de 1920 a 1930.

O uso do conceito de fascismo se *popularizou* na Academia, entre seus principais estudiosos, mas termina que é incompleto, porque marginaliza seu expoente mais horrendo, o nazismo alemão. O conceito de **nazifascismo** pode ser facilmente compreendido na Academia e tem mais chances de comunicar uma memória e um sentimento em maior profusão além dos muros das universidades.

---

<sup>230</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

## CAPÍTULO 2 – A COMUNICAÇÃO NAZIFASCISTA NA ALEMANHA DE ONTEM E NO BRASIL DE HOJE: TEMAS E FORMA

*“É preciso falar a língua que o povo entende.”*

*“Uma mentira, contada mil vezes, torna-se uma verdade.”<sup>231</sup>*

*Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha nazista de Hitler*

O discurso e a estratégia de comunicação bolsonaristas bem como de outros movimentos e líderes populistas de extrema direita atuais, na Europa e nas Américas, seguem padrões inaugurados há um século com o nazifascismo.

Este Capítulo trata dessa hipótese. Considerando desde Robert Paxton<sup>232</sup>, em “A Anatomia do Fascismo”, analisaremos a comunicação dos fenômenos nazifascistas de um século atrás, bem como a ausência ou a superficialidade de uma *teoria do fascismo*, o que permitiu e ainda permite a esse movimento adaptar-se às circunstâncias políticas em cada momento. Serão objeto de estudo também a comunicação fascista nos EUA do pós-guerra, conforme pesquisas e análises de Theodor Adorno nesse período, bem como o discurso e as técnicas de comunicação da chamada extrema-direita populista na Europa e na América, particularmente no Brasil de Jair Bolsonaro e, principalmente, a partir de “Os engenheiros do caos”, de Giuliano Da Empoli<sup>233</sup>, livro lançado na Europa e publicado no Brasil quase simultaneamente, em 2019. Assim como se concluiu no Capítulo anterior que o bolsonarismo é um tipo ideal de nazifascismo, pretende-se aqui demonstrar que a comunicação bolsonarista segue padrões do nazifascismo.

---

<sup>231</sup> KLEMPERER, V. **Os diários de Victor Klemperer**: testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista, 1933-1945. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 91.

<sup>232</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>233</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

## 2.1 Nazifascismo: teoria flexível, propaganda combativa

“Nosso programa é quebrar os ossos dos democratas [...]. E quanto antes, melhor”. A frase de Mussolini, segundo relata o historiador e cientista político estadunidense Robert Paxton<sup>234</sup>, em “A Anatomia do Fascismo”, retrata bem o fato de que:

**Os líderes fascistas não faziam segredo de não terem um programa.** Mussolini exaltava essa ausência; ‘*Os Fasci di Combattimento*’, escreveu ele nos ‘Postulados do Programa Fascista’ de maio de 1920, ‘não se sentem presos a qualquer tipo particular de forma doutrinária’. [...]

Hitler apresentou um programa (os 25 Pontos de Fevereiro de 1920) e o proclamou imutável, embora passando por cima de muitos de seus dispositivos. Embora os aniversários do programa fossem celebrados, ele era menos um guia para a ação do que um sinal de que o debate havia sido encerrado dentro do partido. Em sua primeira fala pública como chanceler, Hitler ridicularizou aqueles que diziam: ‘mostrem-nos os detalhes de seu programa. Sempre me recusei a aparecer diante deste *Volk* (povo) e fazer promessas baratas’. [...]

**A radical instrumentalização da verdade adotada pelos fascistas explica por que razão eles nunca se deram ao trabalho de escrever obras casuísticas nas ocasiões em que alteravam seu programa,** o que acontecia com frequência e sem o menor escrúpulo. Stálin gastou muito tempo escrevendo para provar que as políticas ditadas por ele, de algum modo, estavam em conformidade com os princípios de Marx e de Lênin. Hitler e Mussolini jamais se preocuparam com justificações teóricas dessa natureza.

“Triunfo da Vontade”, filme de 1935, da diretora alemã Leni Riefenstahl, a cineasta favorita de Hitler, é marco e síntese da propaganda nazifascista<sup>235</sup>.

“Realizado por ordem do *Führer*”, conforme legenda inicial, o filme segue *all-type* nas primeiras cenas: “No dia 5 de setembro de 1934”, “20 anos depois da eclosão da Primeira Guerra Mundial”, “16 anos depois do início do sofrimento alemão”, “19 meses depois do renascimento alemão”, “Adolph Hitler voou novamente para Nuremberg para rever seus fiéis seguidores”. Seguem-se as imagens aéreas, entre nuvens, como se algo celestial estivesse descendo à

---

<sup>234</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 40-41, grifos nossos.

<sup>235</sup> O conceito de *nazifacismo* é mais completo, preciso e didático que simplesmente *facismo*, como tratamos no Item 1.10, no final do Capítulo 1.

Terra: o avião de Hitler, que logo sobrevoa Nuremberg. O *Führer* então desce da aeronave e é saudado por multidões. Há um corte para a cena em que desfila em carro aberto, novamente saudado por multidões, responde com seu aceno andrógino e recebe flores. Retoma-se a câmera subjetiva do *olhar de Hitler*, agora não mais entre nuvens, mas mirando as construções e seus *seguidores* nas sacadas, focado de baixo para cima, como um semideus que acabara de descer dos céus para se colocar a serviço de um povo, o povo alemão. Dois mitos num só: o do semideus e o do povo superior, que tem um semideus a seu serviço.

Diversos historiadores e filósofos corriqueiramente questionam: “como se construiu tamanho ‘império?’”, ou melhor, “como o povo germânico, que havia produzido transformações tão profundas no pensamento, na filosofia ocidental, foi capaz de produzir um autocrata e se ajoelhar diante dele?”. Pois bem, as questões econômicas (hiperinflação e miséria) e histórico-sociais (as consequências da derrota na Primeira Guerra e o socialismo emergente), tratadas no capítulo anterior, bem como a construção e a aplicação de técnicas de comunicação destinadas à manipulação de indivíduos (e massas), tratadas neste Capítulo, justificam especificamente a ascensão do nazifascismo na Europa de um século atrás, no entanto, Étienne de La Boétie<sup>236</sup>, por volta de 1550, já bem descrevia as *correntes* de poder, em seu “Discurso da Servidão Voluntária”:

Não são os esquadrões de cavalaria, nem os batalhões de infantaria, nem as armas que defendem um tirano. [...] Isso sempre aconteceu porque cinco ou seis obtiveram a confiança do tirano e se aproximaram dele por conta própria, ou foram chamados por ele para serem cúmplices de suas crueldades, companheiros de seus prazeres, favorecedores de suas libidinagens e beneficiários de suas rapinas. [...] Esses seis têm seiscentos à sua disposição, e fazem com esses seiscentos o que os seis fizeram com o tirano. Esses seiscentos têm sob suas ordens seis mil, que elevaram em dignidade. [...] É enorme a fileira daqueles que os seguem. E quem quiser destrinçar os fios dessa meada verá que, não seis mil, mas cem mil e milhões estão ligados ao tirano por esta corda, da qual ele se serve como Júpiter em Homero, que se gaba de poder trazer a si todos os deuses ao puxar a sua corrente.

---

<sup>236</sup> LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Martin Claret, 2009, p. 54-55.

Tais *correntes* citadas por La Boétie são materializadas por Paxton ao retratar o nazifascismo original, lembrando a imagem-clichê de líderes discursando para multidões uniformizadas e alertando que essa imagem “oferece um alibi às nações que aprovaram ou toleraram os líderes fascistas, desviando a atenção das pessoas, dos grupos e das instituições que lhes prestaram auxílio”<sup>237</sup>.

A propagação massiva de tais imagens foi fundamental para o êxito nazifascista na Itália e na Alemanha. Como bem sintetiza Paxton<sup>238</sup>:

Hitler sabia como trabalhar um eleitorado de massas. Jogava habilmente com os ressentimentos e os medos dos alemães comuns em incessantes reuniões públicas, apimentadas por esquadrões armados e uniformizados, pela intimidação física de seus inimigos, pelo entusiasmo das massas excitadas, pelos discursos inflamados e pelas entradas espetaculares, de avião ou em velozes Mercedes de capota abaixada. Os partidos tradicionais aferravam-se obstinadamente aos longos discursos eruditos, apropriados apenas a um pequeno eleitorado composto de pessoas cultas. A esquerda alemã também adotou saudações e camisas, mas não era capaz de ampliar seu recrutamento muito além da classe trabalhadora. Enquanto os demais partidos identificavam-se firmemente com um único interesse, uma única classe ou um único enfoque político, os nazistas conseguiram prometer alguma coisa a todos. Eles foram o primeiro partido alemão a se dirigir a diferentes categorias profissionais com discursos talhados sob medida para cada uma delas, não se importando se esses discursos fossem contraditórios entre si.

O exposto suscita uma *comparação* com os tempos atuais, conforme descreve o cientista político franco-italiano Giuliano Da Empoli<sup>239</sup> no novo clássico “Engenheiros do Caos”, publicado um ano após a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República no Brasil:

No mundo de Donald Trump, de Boris Johnson e de Jair Bolsonaro, cada novo dia nasce com uma gafe, uma polêmica, a eclosão de um escândalo. Mal se está comentando um evento, e esse já é eclipsado, numa espiral infinita, que catalisa a atenção e satura a cena midiática.

---

<sup>237</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 23.

<sup>238</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>239</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 18.

Referindo-se aos *marqueteiros* ou *spin doctors* (doutores do discurso) dos atuais líderes mundiais classificados por Da Empoli como de *extrema-direita populista*, este autor prossegue:

Juntos, esses engenheiros do caos estão em vias de reinventar uma propaganda adaptada à era das selfies e das redes sociais, e, como consequência, transformar a própria natureza do jogo democrático. Sua ação é a tradução política do Facebook e do Google. É naturalmente populista, pois, como as redes sociais, não suporta nenhum tipo de intermediação e situa todo mundo no mesmo plano, com um só parâmetro de avaliação: os *likes*, ou curtidas. [...]

Para os novos Doutores Fantásticos da política, o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia. **Para conquistar uma maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos.** [...]

No caso do Brexit<sup>240</sup>, assim como nos casos de Trump e da Itália<sup>241</sup>, o sucesso dos nacional-populistas se mede pela capacidade de fazer explodir a cisão esquerda/direita para captar os votos de todos os revoltados e furiosos e não apenas dos fascistas.<sup>242</sup>

Note-se que Da Empoli prefere as expressões *populismo de extrema-direita* ou *nacional populismo* em detrimento de *fascismo* ou *nazifascismo*. Faz sentido, uma vez que os países retratados em “Os Engenheiros do Caos” seguem em seus regimes democráticos. Por outro lado, vale assinalar, Hitler também chegou ao poder sob um regime democrático.

A transição para a autocracia não se esgota em prazo preciso nem resulta em *pura autocracia*, como já bem supunha La Boétie, mas seguramente foi cumprida por Hitler e Mussolini, frustrada no caso de Trump e parece haver sido tentada por Bolsonaro entre 2019 e 2022, com seus constantes *balões de ensaio* em torno de um fechamento do Supremo Tribunal Federal e de uma intervenção militar.

---

<sup>240</sup> Brexit é uma abreviação para "British exit" ("saída britânica", na tradução literal para o português). Esse é o termo mais comumente usado quando se fala sobre a decisão do Reino Unido de deixar a UE. Definição da BBC disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46335938>. Acesso em: 15 dez. 2022.

<sup>241</sup> O Movimento 5 Estrelas, como o próprio autor tratará mais pormenorizadamente em capítulo específico.

<sup>242</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 20-21.

## 2.2 A propaganda nazifascista nos EUA dos anos 1940 e a comunicação bolsonarista atual: fenômeno típico ideal

Em 1946, um ano após o final da Segunda Guerra Mundial e depois de analisar “uma extensa amostra de propagandas antidemocráticas e antissemitas”, Theodor Adorno assinou o artigo “Antissemitismo e propaganda fascista”, contido em “Ensaio Sobre Psicologia Social e Psicanálise”, coletânea publicada em Frankfurt, em 1972.

Segundo o autor<sup>243</sup>, foram analisadas “transcrições taquigráficas de palestras radiofônicas de alguns agitadores da Costa Oeste dos Estados Unidos, panfletos e publicações semanais”. No mesmo parágrafo, sintetiza o caráter da propaganda fascista dos anos 1940:

Esses trabalhos são de natureza principalmente psicológica, embora frequentemente abordem problemas econômicos, políticos e sociológicos. Consequentemente é o aspecto psicológico da análise da propaganda, e não seu conteúdo objetivo, que estamos considerando aqui. [...]

O próprio material estudado indica uma abordagem psicológica, pois está concebido em termos mais psicológicos do que objetivos. Almeja convencer as pessoas *manipulando seus mecanismos inconscientes*, e não apresentando ideias e argumentos. [...] É através desses estímulos e de outras informações, e menos de plataformas confusas e vagas dos discursos, que podemos identificá-los como fascistas.

Em seguida, Adorno identifica as “três características de abordagem predominantemente psicológicas” da propaganda fascista nos EUA dos anos 1940<sup>244</sup>:

(i) Propaganda personalizada, essencialmente não objetiva, na qual “os agitadores despendem grande parte de seu tempo falando sobre si mesmos ou sobre suas audiências”, seus ouvintes, “apresentados por eles como cristãos nativos, pobres, mas honestos, de bom senso, mas não intelectuais”. Daqui sobressaem prontamente algumas características da propaganda fascista dos anos 1940 nos EUA, comparáveis com a que se pratica no Brasil

---

<sup>243</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2007, p. 137-138.

<sup>244</sup> *Ibidem*, p. 138-141.

pelo bolsonarismo: a) cristianismo como elemento político-discursivo de aglutinação e de separação (dos outros); e b) anticientificismo, base para o negacionismo, algo tão falado durante os picos da pandemia de Covid-19 no Brasil, desde 2020;

(ii) Propaganda de um *grande movimento*, de um *amplo renascimento norte-americano*, pela qual se possa “[...] demonstrar ao mundo que existem patriotas, homens e mulheres cristãos tementes a Deus, que ainda estão dispostos a dar suas vidas à causa de Deus, ao lar e à pátria”, o que proporciona outras duas *comparações*: a) a primeira, com o texto de Leni Riefenstahl, mencionado anteriormente: “16 anos depois do início do sofrimento alemão”, “19 meses depois do renascimento alemão” com o *amplo renascimento norte-americano*, propagado nos anos 1940 pelos fascistas estadunidenses e, mais curiosamente, com o slogan de Donald Trump, classificado generosamente por Giuliano Da Empoli como *extremista de direita*: “*Make America great again*” (ou “Torne a América ótima outra vez”), ou ainda com “Brasil acima de tudo” (Hitler usava “*Deutschland über alles*” – “Alemanha acima de tudo”); e b) a segunda inevitável *comparação* entre os “cristãos tementes a Deus ...” dos discursos pentecostais dos anos 1940 nos EUA e dos discursos pentecostais do Brasil, desde 1990, “... que estão dispostos a dar suas vidas à causa de Deus, ao lar e a pátria”, um mote presente no fascismo italiano, no nazismo alemão, nos EUA de 1940 e no Brasil de Bolsonaro, quase uma indução ao suicídio em nome de um projeto autoritário e de um *Mito*, *Dulce* ou *Führer*. Vale a nota: o jornalista, filósofo e astrólogo Olavo de Carvalho e o médico Anthony Wong seguiram à risca a orientação de seus superiores e morreram de Covid-19, defendendo tratamentos ineficazes contra a doença;

(iii) Propaganda como “um tipo de *realização do desejo*”, na qual “o prazer de bisbilhotar é tanto encorajado como satisfeito”, como no caso de “Um demagogo da Costa Oeste, por exemplo, [que] certa vez prometeu fornecer, em seu discurso seguinte todos os detalhes sobre um **decreto falso** do governo soviético organizando a prostituição de mulheres russas”, conforme

Adorno<sup>245</sup>. Novamente outras duas *comparações* possíveis: a *realização do desejo* por meio da própria comunicação é notória no manejo *populista de extrema-direita* da comunicação, nas redes sociais, com vias à manipulação, conforme exaustivamente descreve Da Empoli em “Os Engenheiros do Caos” (tema do Item 2.3, a seguir); e, sob a ótica de que “Uma mentira, contada mil vezes, torna-se uma verdade”, célebre frase de Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazi, que inclusive abre o presente Capítulo, o uso de mentiras, hoje em escala pós-industrial, a disseminação das *fake-news*, que no Brasil renderam uma CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) no Congresso Nacional e inquéritos abertos no Supremo Tribunal Federal contra o presidente Jair Bolsonaro e seus filhos.

Como veremos ao final do Item 2.3, a repetição, ou melhor, a reprodução, não aos milhares, mas aos milhões, no Brasil de Bolsonaro se dá por meio do WhatsApp. Segundo a jornalista Patrícia Campos Mello conta em seu livro “A Máquina do Ódio”, informações e *memes* falsos como boletins de urna ou sobre a intenção dos adversários de Bolsonaro de distribuírem *kit-gay* ou mesmo *mamadeira de piroca* às crianças foram recordistas de versões e reproduções por meio do WhatsApp durante as eleições de 2018 no Brasil<sup>246</sup>.

Até aqui, seis *comparações* possíveis.

O autor alemão<sup>247</sup>, em seu ensaio de 1946, ainda destaca outras facetas da propaganda fascista:

(i) “A propaganda fascista ataca fantasmas” ou “constrói um imaginário do judeu e do comunista, separa-o em pedaços sem prestar muita atenção a como este imaginário se relaciona com a realidade”. Semelhante ao discurso bolsonarista de que “Lula e o PT querem implantar o comunismo no Brasil”, amplamente difundido e que não toma em conta o fato de que *Lula e o PT* governaram o país por oito anos, de 2003 a 2010, época em que os bancos tiveram enormes lucros, por exemplo, e em que nenhuma empresa foi estatizada ou reestatizada;

---

<sup>245</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2007, p. 140.

<sup>246</sup> CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 10 de 28 do Capítulo 1, edição digital Kobo.

<sup>247</sup> ADORNO, Theodor. Op. cit., p. 143-151.

- (ii) A propaganda fascista contém uma *irracionalidade aplicada*, “frequentemente através de associação, ao empregar a mesma palavra característica em duas proposições que são logicamente bastante desconexas”. Um exemplo bastante comum em textos e *memes* bolsonaristas seria comparar *nazismo* com *socialismo* porque, *afinal*, o nazismo era *nacional-socialismo*;
- (iii) “O agitador fascista é usualmente um exímio vendedor de seus próprios defeitos psicológicos”, afirma Adorno. Atitude bastante frequente e comum em pregações de líderes do pentecostalismo, lá e cá, e mesmo do próprio presidente Bolsonaro;
- (iv) “É característica dos demagogos fascistas se vangloriar de terem sido heróis atléticos em sua juventude”;
- (v) “Os típicos líderes fascistas são frequentemente chamados de histéricos”;
- (vi) “Os agitadores fascistas são tomados a sério porque arriscam a se passar por tolos”;
- (vii) “Hitler foi aceito, não apesar de suas bizarrices baratas, mas precisamente por causa delas, de sua entoação falsa e suas palhaçadas”;
- (viii) “Evidentemente, o mais importante é a dicotomia entre preto e branco, amigo e inimigo”;
- (ix) “Não é acidental que se encontrem muitas pessoas com uma atitude religiosa falsa entre os agitadores fascistas”;
- (x) “Uma das características intrínsecas do ritual fascista é a *insinuação*, que apenas algumas vezes é seguida pela revelação concreta dos fatos aludidos”;
- (xi) “A transformação da doutrina cristã em slogans de violência política”.

Uma *comparação* verificada é uma *comparação* verificada. **Dezessete comparações** (seis na primeira parte deste item somadas às onze listadas logo acima, algumas das quais nem é preciso contextualizar em relação ao que se passa no Brasil de hoje, de tão espontânea é a forma com que os exemplos vêm à mente do leitor) já nos permitem um processo de indução (sobre o que caracteriza a propaganda ou a comunicação fascista) e de dedução (de que o bolsonarismo se utiliza de métodos de comunicação fascistas).

No Capítulo 1, restou que “o bolsonarismo é um fenômeno típico de nazifascismo”, a partir da formulação de Max Weber<sup>248</sup>.

Do mesmo modo, é possível afirmar, desta vez, que a comunicação bolsonarista é um fenômeno típico de comunicação nazifascista.

### **2.3 Ferramentas tecnológicas, psicológicas e midiáticas de ação política nazifascista nos tempos atuais, na Europa, nos EUA e no Brasil**

Nacionalismo xenófobo. Racismo e misoginia. Negacionismo e anticientificismo. Incitação à intolerância, sempre “contra a ditadura do politicamente correto”, e manipulação do ódio, começando pelo ódio às elites políticas e econômicas, mas se estendendo a outros alvos: mulheres, população LGBTQIA+, judeus, estrangeiros ou mesmo cidadãos de outras partes de um único país.

São esses os componentes manejados, com rigor científico e conhecimentos aplicados de matemática e física quântica, pelos *engenheiros do caos*<sup>249</sup> na formulação e implementação de estratégias e táticas de campanhas eleitorais de candidatos *nacionais populistas*, bem como no planejamento e gestão da comunicação estratégica de governos *nacionais populistas* após as vitórias de líderes extremistas e/ou partidos algorítmicos como no caso de Donald Trump e Jair Bolsonaro, na América, e Giuseppe Conti, na Itália.

Viktor Orban não chegou ao poder na Hungria por meio das redes sociais, mas logrou se manter nele apesar de escândalos de corrupção, manejando com astúcia as mídias tradicionais e depois as chamadas *novas mídias*.

O Partido Republicano, dos EUA, data de 1854 e jamais poderia ser chamado de *partido algoritmo*, mas é justo dizer que o elefante, símbolo da legenda republicana estadunidense, se moveu rapidamente em direção aos novos tempos.

---

<sup>248</sup> Cf. Capítulo 1, p. 45 deste trabalho (WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016, p. 252).

<sup>249</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

Por fim, com a pandemia de Covid-19, surgida após Da Empoli publicar seu livro, é possível agregar mais um componente a esta liga de caos vigiado, ao menos no caso de Brasil e EUA, ambos governados nos dias de hoje por *nacionalistas populistas* (ou neoliberais nazifascistas): o rebaixamento do valor da vida – mais de 1 milhão de mortes nos EUA e quase 700 mil mortes no Brasil até o final de 2022.

Giuliano Da Empoli esmiúça algumas campanhas eleitorais comandadas por *spin doctors* (doutores do discurso), no Brasil chamados de *marketeiros eleitorais*, que ele nomeia de *os engenheiros do caos*<sup>250</sup>, a serviço do nacional-populismo, como no caso do Brexit, o *Leave* (a saída) da Grã-Bretanha da União Europeia, de *nacionais populistas* como Victor Orban, ou mesmo a serviço apenas do retorno financeiro, de poder e prestígio, como no caso do Movimento 5 Estrelas, na Itália – este sim um legítimo *partido algoritmo*, criado por um publicitário, um partido apto a conhecer os anseios e os medos dos italianos por meio de algoritmos, por meio de suas interações digitais, e dar respostas simplistas para toda e qualquer situação, além, claro, de manipular comportamentos em busca de votos, não se importando em fazer discursos ora *de esquerda*, ora *de extrema direita*. Ao que parece, assim também obteve financiamentos... Segundo a Wikipedia<sup>251</sup>, em 2010, o então líder máximo da revolução bolivariana na Venezuela e pregador do *socialismo do século XXI*, Hugo Chávez, teria doado três milhões e meio de euros para o M5E, que tem nas cinco estrelas a representação de suas cinco bandeiras oficiais: “água pública, ambientalismo, transportes sustentáveis, direito à Internet e desenvolvimento sustentável”, algo construído a partir da percepção do anseio dos internautas.

Da Empoli estrutura sua obra em seis capítulos, e pelo menos quatro deles se dedicam a historiar, em cada país, a aplicação da engenharia vigilante e discursiva na operacionalização do caos psicológico para garantir vitórias *nacionais populistas*, nas palavras do autor, mas que também podem ser chamadas de naziliberais. Os fenômenos que resultaram nas vitórias do *Brexit*

---

<sup>250</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

<sup>251</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento\\_5\\_Estrelas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_5_Estrelas). Acesso em: 15 dez. 2022.

*Party* e de Jair Bolsonaro não têm um capítulo exclusivo, mas permeiam todo o livro.

Quem também permeia todo o livro é **Waldo**, tratado no capítulo “Waldo Conquista o Planeta”<sup>252</sup>, sobre o episódio da série *Black Mirror*, exibida pela Netflix, em que um urso digital azul animado por um ator frustrado, Jamie, torna-se querido do público ao xingar políticos entrevistados de um programa de *talk-show*, tornando-se, ele mesmo, um fenômeno político ao se apresentar como candidato de oposição ao sistema e a todo e qualquer político:

No dia das eleições, Waldo perde por um punhado de votos, mas pouco importa. O fenômeno é incontrolável. [...] A cena final se passa alguns anos mais tarde, à noite, numa megalópole não identificada, à la *Blade Runner*. Uma patrulha de milicianos uniformizados caça a golpes de cassetete um grupo de mendigos que dormem sob uma ponte. Entre eles encontra-se Jamie, que se vê diante de um gigantesco painel eletrônico. Desfilam na tela imagens que chegam dos quatro cantos do planeta: estudantes asiáticos usando uniformes azul-turquesa-Waldo, aviões militares com a efígie de Waldo. Em superposição, destacam-se, traduzidos em todas as línguas, os slogans vazios do novo poder: *Change, Hope, Believe, Future*. **O antissistema tornou-se o sistema e, por trás da máscara do Carnaval, estabeleceu um regime de ferro.**

Para Da Empoli<sup>253</sup>, “alguns anos passados da transmissão, **fica claro que Waldo está, de certa forma, em vias de tomar o poder simultaneamente em todas as praças**”. Na análise do autor, a cólera é “um sentimento irresistível [...] alimentado por aqueles que, com ou sem razão, pensam ter sido lesados, excluídos, discriminados ou insuficientemente ouvidos” e que antes seria manejada pela Igreja Católica, num dado momento, mas que “teve de abandonar os tons apocalípticos, o juízo universal e a revanche dos humilhados no ‘outro mundo’”, ou pelos partidos da esquerda, que “em geral, reconciliou-se com os princípios da democracia liberal e as regras do mercado”. Com isso, sustenta o autor, “desde o início do Século XXI, a cólera passou a se expressar de maneira cada vez mais desorganizada”.

---

<sup>252</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 69-70, grifos nossos.

<sup>253</sup> Ibidem, p. 71-72, grifos nossos.

Prosegue o autor<sup>254</sup>:

Por trás da ira pública, há causas reais. Os eleitores punem as forças políticas tradicionais e voltam suas bandeiras para líderes e movimentos cada vez mais extremistas. Sentem-se ameaçados pela perspectiva de uma sociedade multiétnica. E, no conjunto, castigados pelos processos de inovação e mundialização que as elites lhes vêm empurrando goela abaixo, em doses cavalares, ao longo do último quarto de século. [...]

**Nós não estaríamos evidentemente falando de Waldo, de Trump e de Salvini, do Brexit e de Marine Le Pen se não houvesse uma realidade material sobre a qual os novos populistas tenham fincado os pés para levar suas reivindicações adiante. Mas, se olharmos os dados mais de perto, esses elementos, ainda que pertinentes, não bastam para explicar a amplitude das mudanças em curso. Como o prova, aliás, o simples fato de que, quase em todos os lugares, não são necessariamente as categorias mais pobres, nem as mais expostas à imigração e à mudança, as que se entregam ao abraço do urso Waldo.**

Neste ponto, faz-se necessário retomar Poulantzas, amplamente analisado no Capítulo 1 deste estudo, para estabelecer o contraponto com Giuliano Da Empoli. Embora tratando de fenômenos que ocorrem no intervalo de um século, a explicação psicológica de Giuliano Da Empoli e sua análise de classes sociais a partir dos próprios perfis dos eleitores de opção nacional populista que o autor italiano apresenta dialoga, de alguma forma, com Nicos Poulantzas em “Sobre o Impacto Popular do Fascismo”<sup>255</sup> (o nazifascismo original).

Como exposto no Capítulo 1, Poulantzas rechaça qualquer elucidação *falsamente psicanalítica* para o fenômeno dos fascismos (ou do nazifascismo), por tratar-se de uma “noção que instaura, de maneira artificial, uma relação entre os indivíduos que supostamente desejaram o fascismo” e que desconsidera o fato de tais indivíduos pertencerem a classes ou frações de classes sociais.

---

<sup>254</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 73-74, grifos nossos.

<sup>255</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones de fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994.

Na compreensão estruturalista de Poulantzas, " é preciso distinguir entre as classes sociais que fazem parte das massas populares", das quais ele trata resumidamente no seguinte texto<sup>256</sup>:

a) Em primeiro lugar, a classe operária [...] foi muito menos contaminada pelo fascismo do que se pode sugerir [...]. Ela foi sempre consideravelmente sub-representada nos aparelhos fascistas (partidos, sindicatos) em comparação à sua importância na população global da Alemanha e da Itália e, mesmo do ponto de vista eleitoral, [...] a classe operária permaneceu, em sua massa, fiel às suas organizações tradicionais, aos partidos comunistas e socialistas.

[...] os que afirmam, pela classe operária, que ela "desejou" o fascismo ignoram, por certo, totalmente: sabotagens e queda da produção, faltas massivas, greves selvagens, etc. [...] Formas de resistência que, levando em conta a forma de Estado fascista, eram efetivamente formas de oposição política ao regime.

b) O campesinato pobre ficou, também, sub-representado nos aparelhos fascistas e jamais se constituiu em base de sustentação do fascismo. Além disso, o fascismo rural, na Alemanha e na Itália, se parece claramente com o fenômeno tradicional do "terror branco" dos grandes proprietários fundiários tradicionais contra as classes populares do campo, que, massivamente, teriam ficado surpreendidas ao saberem que elas "desejaram" o fascismo.

c) A pequena burguesia tradicional (pequenos comerciantes e artesãos) e a nova (empregados, funcionários, etc.) inclinou-se, efetivamente, de maneira massiva e aberta para o lado do fascismo e se fez consideravelmente sobre-representada nos aparelhos fascistas.

Em síntese, os estruturalistas são mais convencidos de que o apoio aos regimes nazifascistas está mais imbricado com a classe social de origem e com os fatores deterministas das sociedades em que os indivíduos e as classes estão inseridos do que com questões mais próximas ao estudo psicológico, seja do indivíduo, seja das classes, ou das *massas*:

Entretanto é inegável a importância do estudo liderado no final dos anos 1940, após o término da Segunda Guerra, por Theodor Adorno, em Berkeley, na Califórnia (EUA), que originou a famosa *Escala F*, capaz de mensurar quantitativamente ou de *fotografar*, em determinado momento, o quanto uma sociedade está mais ou menos propensa a se *nazifascistizar*.

---

<sup>256</sup> POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). *Interpretaciones de fascismo*. Buenos Aires: Biblos, 1994, p. 60-61.

Por ora, cabe a citação ao trabalho de Adorno, “A personalidade autoritária”<sup>257</sup>, obra bastante criticada por Poulantzas, mas que fundou as modernas pesquisas de opinião voltadas para a percepção do autoritarismo na sociedade e que será mais bem tratada no Capítulo 3.

Uma vez estabelecida a comparação entre a concepção estruturalista e a aparente fenomenologia de Da Empoli, o grande desafio agora será adaptar o método empírico de Adorno às novas técnicas de pesquisa on-line e *não-verbais*, para podermos compreender melhor este momento de aparente *caos político*, causado pela engenharia nacional populista, que mais rapidamente percebeu como poderia utilizar o capitalismo de vigilância para se projetar (ou teriam sido os capitalistas da era da vigilância<sup>258</sup> a projetar líderes nacionais populistas?).

Vale ressaltar um aspecto que será aprofundado no Capítulo 3. Da Empoli irá ainda estabelecer uma correlação entre os tempos de narcisismo e frustração (algo que será mais bem tratado no Capítulo 3) advindos com as redes sociais, em que “cada curtida (no Facebook) é uma carícia maternal em nosso ego”, pois, por outro lado, “hoje, nas redes sociais, somos todos adolescentes fechados em nossos pequenos quartos, onde aumenta a frustração por causa do crescente abismo entre a mediocridade de nossa vida e todas as vidas possíveis que se oferecem virtualmente em nossos monitores e telas de celular”, o que abre as portas da mente do indivíduo para os “sites conspiratórios, que exercem um poder de fascinação intenso porque oferecem, enfim, uma explicação plausível para as dificuldades nas quais nos encontramos. *É culpa dos outros!*, nos dizem eles”<sup>259</sup>.

Neste momento coube estabelecer comparações históricas entre o nacional populismo (nazifascismo) atual e o verificado após o final da Primeira Guerra Mundial, bem como quem – ou melhor, qual classe social – se beneficia do nacional populismo presente, além dos líderes políticos e seu entorno político.

---

<sup>257</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 1655-200, julio-diciembre, 2006.

<sup>258</sup> Cf. ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; et. al. (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 25.

<sup>259</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 76-77.

A seguir, apontamos um breve estudo de cada surto de nacional populismo de cunho nazifascista, que, na somatória, parece apontar para uma pandemia.

### 2.3.1 Brexit

O referendo do *Brexit* (2016), em que a *Cambridge Analytica* de Steve Bannon atuou por meio de uma empresa canadense de *Big Data* chamada *AggregateIQ*, é exemplar para explicar a mecânica da *física de dados*, destinada a identificar perfis de eleitores a partir de suas buscas no Google e de suas interações com o Facebook: :

O objetivo: conceber as mensagens mais convincentes para cada nicho de simpatizantes. [...]

Graças ao trabalho desses físicos aplicado à comunicação, cada categoria de eleitores recebeu uma mensagem sob medida: para os animalistas, uma mensagem sobre as regulamentações europeias que ameaçam os direitos dos animais; para os caçadores, uma mensagem sobre as regulamentações europeias que, ao contrário, protegem os animais; para os libertaristas, uma mensagem sobre o peso da burocracia de Bruxelas; e para os estatistas, uma mensagem sobre os recursos desviados do estado de bem-estar (britânico) para a União [Europeia]. Graças a todas as versões possíveis dessas mensagens, os físicos de dados puderam identificar as mais eficazes, da formulação do texto ao aspecto gráfico. Puderam também otimizar continuamente, em função dos cliques registrados em tempo real.<sup>260</sup>

No centro da campanha do Brexit, além do nacionalismo, algumas moléculas de negacionismo e anticientificismo, mas principalmente a incitação ao ódio às elites políticas: “Acabe com a vontade deles de sorrir, votem *Leave!*”<sup>261</sup>.

Da Empoli faz um registro que carece de reprodução aqui: o nacionalismo e a xenofobia não são uma exclusividade da direita populista na Europa, o que termina sendo um bom argumento para os populistas se posicionarem como o diferente, o novo e para além da esquerda e da direita.

<sup>260</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 150-151.

<sup>261</sup> Ibidem, p. 72.

Em todos os países industrializados os engenheiros do caos se apropriaram do tema das relações com o “Estrangeiro”, fosse este um refugiado, um imigrante, ou mesmo um compatriota de origem étnica ou religião diferentes, para transformá-lo em combustível principal do Waldo populista. [...]

A ênfase na imigração permite desarticular as formações habituais, liberando um imenso espaço político para o Waldo populista, que pode, assim, exibir-se como não sendo nem de direita, nem de esquerda.<sup>262</sup>

### 2.3.2 Itália com o M5S

O estudo de caso na Itália, terra natal do autor, é um relato da construção do primeiro *partido-algoritmo*, o **Movimento 5 Estrelas**, “inteiramente fundado na coleta de dados de eleitores sobre a satisfação de suas demandas, independentemente de qualquer base ideológica”<sup>263</sup>, bem como da construção das seitas e/ou pirâmides de ódio, bastante semelhantes ao modelo olavista no Brasil, conforme relata Luciano Ayan, ex-olavista, expurgado da seita política nazifascista liderada pelo filósofo Olavo de Carvalho, um dos principais *engenheiros* – senão o principal ou pelo menos o mais exposto – da eleição de Jair Bolsonaro em 2018. O caso do Movimento 5 Estrelas é exemplar para concluir pela existência de um *fascismo digital* (nazifascismo digital), com seu *squadrismo online*.

#### 2.3.2.1 Partido-algoritmo (e sua aplicabilidade para erguer seitas de ódio)

De acordo com Giuliano Da Empoli, no capítulo “A Netflix da Política”<sup>264</sup>, em 2005 o especialista em marketing digital Gianroberto Casaleggio criou um blog, assinado por um ator, Beppe Grillo, ao perceber que “a internet iria revolucionar a política, tornando possível o surgimento de um movimento novíssimo, guiado pelas preferências dos eleitores-consumidores”<sup>265</sup>. O blog

---

<sup>262</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 136-137.

<sup>263</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>264</sup> Ibidem, p. 43-66.

<sup>265</sup> Ibidem, 2019, p. 45.

“surfa sobre temas populares que estimulam o ressentimento com o establishment político e financeiro: a corrupção dos homens públicos, os abusos das grandes empresas à custa dos pequenos acionistas, a precarização do trabalho”<sup>266</sup>.

É então que Grillo e Casaleggio decidem partir para o voo solo. [...]

Com seu filho Davide, especialista apaixonado por internet e marketing viral, Casaleggio-pai põe em marcha o modelo de organização do Movimento 5 Estrelas. **Uma arquitetura aparentemente aberta, fundada na participação das bases, mas na verdade completamente bloqueada e controlada pela cúpula.** [...]

**Uma organização complexa, com fachada descentralizada, no seio da qual nenhuma formiga deve conhecer o projeto geral, nem os papéis exercidos pelas outras.** [...]

É em torno desse ponto que, desde o começo, repousa o grande mal-entendido do Movimento. Para sua base de militantes, a internet é sinônimo de participação. É o instrumento de uma revolução democrática destinada a arrancar o poder das mãos de uma casta de profissionais da política e entregá-lo ao homem comum. **Mas, para a elite do próprio Movimento, encarnada pela “diarquia” Casaleggio/Grillo, as coisas são diferentes: internet é, antes de tudo, um instrumento de controle.** [...]

**Os partidários são formigas, é proibido formular críticas ou tomar iniciativas. Cada um é conectado ao Centro através do blog, mas é impedido de estabelecer conexões com outras formigas. Quem se desvia do caminho programado é eliminado.**

**É o caso de centenas de apoiadores, muitas vezes os maiores entusiastas, expulsos por Casaleggio por insubordinação. O rito é sumário e brutal. Para o Movimento, não sendo nem um partido nem uma simples associação, basta um clique e os traidores estão excluídos do blog. [...] Às vezes recebem uma carta do advogado de Grillo que os proíbe de utilizar o logotipo do 5 Estrelas, propriedade exclusiva desse último.**<sup>267</sup>

### 2.3.2.2 *Seitas políticas ou pirâmides de ódio*

As partes grifadas acima remetem ao que o blogueiro Luciano Ayan – pseudônimo de Carlos Augusto de Moraes Afonso, fundador do blog “Ceticismo Político”, um ativista de direita expurgado das hostes olavistas (a exemplo do

<sup>266</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, p. 46.

<sup>267</sup> Ibidem, p. 51-55, grifos nossos.

que Da Empoli relata acerca de simpatizantes/ativistas do M5S na Itália<sup>268</sup>) – chama de *seitas políticas* ou *pirâmides de ódio*.

Luciano Ayan relata, em uma série de vídeos postados no Youtube, as “Regras do Bolsolavismo”<sup>269</sup>, que ele pretendia transformar no livro, aparentemente ainda não publicado, “Manchetes do Inferno”. No primeiro vídeo da série publicado em 2019, “Introdução”<sup>270</sup>, Ayan conta que “Existe uma seita destrutiva, que é o *Olavismo*, numa referência a Olavo de Carvalho (morto de Covid-19 em janeiro de 2022), e agora, junto com Bolsonaro, é o *Bolsolavismo*”.

Seguramente há que ter cuidado com informações prestadas por um ativista expurgado. Porém, salvo análises e juízos de valores, há informações importantes no texto oral de Ayan. Do mesmo modo como se pode extrair importantes informações do texto (oral ou escrito) de Brittany Kayser, a especialista em comunicação digital criada nas campanhas eleitorais do Partido Democrata estadunidense e que acabou se tornando uma colaboradora associada da *Cambridge Analytica*, tanto no referendo do Brexit como na campanha do republicano Donald Trump à presidência dos EUA, em 2016, que supostamente se arrependeu e cujo depoimento ao parlamento britânico (contido no documentário “Privacidade Hackeada”, disponível na plataforma Netflix) tem enorme valor na compreensão do atual fenômeno nacional populista impulsionado por *partidos-algoritmos* e *candidatos-Waldo*, bem como para esclarecer a definição de *capitalismo de vigilância* proposta por Zuboff<sup>271</sup>.

<sup>268</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

<sup>269</sup> AYAN, Luciano. **Regras do bolsolavismo**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLJX43jGraLALdczZkrP3JJss7e5VZCNDT>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>270</sup> AYAN, Luciano. Regras do bolsolavismo. **Introdução**. In:

<https://www.youtube.com/watch?v=YDoa6HsAYLY>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>271</sup> A professora da *Harvard Business School*, Shoshana Zuboff, filósofa e Ph.D em Psicologia Social, sustenta que vivemos em um “capitalismo de vigilância”. Uma era iniciada com a ascensão de plataformas como Facebook e seus derivados, bem como e até mesmo anteriormente, do Google. Plataformas gerenciadas por empresas (Meta, ex-Facebook, e Google) que as utilizam para a coleta, a extração (mais invasiva que a simples coleta) e a análise de dados (hoje de forma menos descontrolada e invasiva que há alguns poucos anos), mas que ainda alimentam poderosos bancos de dados (big-datas) sobre usuários-consumidores-eleitores. Tais informações foram de suma importância nos trabalhos desenvolvidos por Steve Bannon e Cambridge Analytics no plebiscito do Brexit em 2015 e na eleição de Trump no ano seguinte. (Cf. ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; et. al. (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2020).

A série de Ayan no Youtube, tem 11 capítulos, além da Introdução: (1) Dissonância Cognitiva; (2) Realidade Paralela; (3) Túnel de Realidade<sup>272</sup>; (4) Anti-intelectualismo (ou anticientificismo); (5) Linguagem Carregada; (6) Chantagem Emocional; (7) *Gaslighting* (ou, em português, manipulação); (8) Xadrez 4D<sup>273</sup>; (9) Desengajamento moral; (10) Psicologia do Peão; e (11) Esquema de pirâmide (e recrutamento enganoso) – este último, “o pilar da sustentação de tudo”, nas palavras de Ayan, no vídeo final da série.

O esquema de pirâmide no Brasil será melhor analisado no Item 2.3.5. Os títulos de cada episódio mencionados acima dão a dimensão de como o fenômeno brasileiro do *bolsolavismo* ou a engenharia das redes *olavistas* ou *bolsolavistas*, que culminaram na eleição do atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro em 2018, têm nítidas semelhanças com o que foi arquitetado pelos *engenheiros do caos* na Itália do M5S e nos Estados Unidos de Donald Trump.

Em abril de 2021, Ayan divulgou páginas de seu livro em preparação no site DCM<sup>274</sup>, que reproduziu um quadro que ilumina o *modus operandi* da extrema-direita brasileira:

---

<sup>272</sup> Cf. Wikipedia: “Túnel de realidade é uma teoria que, com um conjunto subconsciente de filtros mentais formadas a partir de crenças e experiências, cada indivíduo interpreta o mesmo mundo de forma diferente, portanto, “A verdade está no olho de quem vê”. É semelhante à ideia de realismo representativo e foi cunhado por Timothy Leary (1920-1996). Foi expandido por Robert Anton Wilson (1932-2007), que escreveu sobre a ideia extensivamente em seu livro de 1983, *Prometheus Rising*” (Disponível em: [https://pt.qwe.wiki/wiki/Reality\\_tunnel](https://pt.qwe.wiki/wiki/Reality_tunnel). Acesso em: 15 dez. 2022).

<sup>273</sup> Do artigo “Nas mãos de Bolsonaro, o Brasil vive em um triste jogo de xadrez 4D”, assinado por Henry Bugalho, no dia 2 de junho de 2020, na versão on-line da revista *Carta Capital*: “Influenciadores bolsonaristas nas redes sociais popularizaram a ideia de que a disputa política que integram nada mais é do que uma espécie de jogo de xadrez 4D (em quatro dimensões), ou seja, os movimentos das peças no tabuleiro são apenas uma pequena parte do que nós vemos, que, por detrás de tudo isto, existem as mãos que as movem, e as intenções da pessoa ao mover suas mãos” (Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/nas-maos-de-bolsonaro-o-brasil-vive-em-um-triste-jogo-de-xadrez-4d/>. Acesso em: 15 dez. 2022).

<sup>274</sup> DCM. EXCLUSIVO: **Blogueiro que rompeu com MBL e com o bolsonarismo conta em livro como funcionam as fake news**. 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/exclusivo-blogueiro-que-rompeu-com-mbl-e-com-o-bolsonarismo-Conta-em-livro-como-funcionam-as-fake-news/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Figura 4 – O *modus operandi* da extrema-direita brasileira, segundo Luciano Ayan

Esperança	Medo	Guerra moral	Desmascaramento	Ridicularização
1.1. Apontamento de nossa oportunidade 1.2. Aviso ameaçador ao oponente 1.3. Baile tático 1.4. Comportamento exemplar 1.5. Contradições do inimigo a nosso favor 1.6. Esforço inútil do oponente 1.7. Falsos conselhos 1.8. Inexorabilidade de nossa vitória 1.9. Inimigo abandonado pelo povo 1.10. Tiro no pé do oponente 1.11. Laudo da fragilidade adversária 1.12. Proclamação de vitória 1.13. Justiça sendo feita 1.14. Oponente fúlo com nossa vitória 1.15. Racionalização de vitória 1.16. Recuo obrigatório do outro 1.17. Revés do oponente 1.18. Escamecimento após vitória	2.1. Alerta tático 2.2. Alertas sobre o mal 2.3. Chamado à luta contra o mal 2.4. Representação dos piores males 2.5. Risco no futuro 2.6. Situação temerária 2.7. Única chance 2.8. Motivo para a luta 2.9. Exposição do "ódio" inimigo 2.10. Intenção maligna 2.11. Exposição de comportamento revelador 2.12. Inimigo do povo 2.13. Lançamento de suspeitas 2.14. Associação com pessoas perversas 2.15. Causa do mal 2.16. Comparação com o mal 2.17. Consequência da maldade 2.18. Exemplo do mal 2.19. Exposição de vítimas do mal	3.1. Superioridade moral 3.2. Punição justificada 3.3. Em nome de valores superiores 3.4. Acusação de oportunismo 3.5. Contradição moral 3.6. Exposição de duplo padrão 3.7. Sucumbindo pelo próprio livro de regras 3.8. Afronta ao povo 3.9. Cobrança moral 3.10. Denúncia de cumplicidade 3.11. Omissão diante do mal 3.12. Comparação desfavorável 3.13. Podridão moral 3.14. Cumulo a imoralidade 3.15. Orgulho da vergonha 3.16. Vergonha da vergonha 3.17. Esqueletos no armário 3.18. Exposição de vergonhas 3.19. Exposição de injustiças 3.20. Limpinhos que são sujos 3.21. Cria Cuervos 3.22. Vingança do destino	4.1. Confissão inadvertida 4.2. Desculpa esfarrapada 4.3. Desmascaramento de contradições 4.4. Desmascaramento por aliados 4.5. Desmascaramento de rumores 4.6. Desmascaramento humilhante 4.7. Uso de eufemismos vergonhosos 4.8. Explicação dos truques do inimigo 4.9. Exposição de cinicos e fingidos 4.10. Exposição de mentira 4.11. Acusação de "fake news" 4.12. Fim de farsa 4.13. Fraude recorrente 4.14. Narração da narrativa 4.15. Pego no flagra 4.16. Refutação com provocação	5.1. Acredite se quiser 5.2. Adversário desinformado 5.3. Afirmções estúpidas (com sabão) 5.4. Coisa de maluco 5.5. Comparações cômicas 5.6. Compreensão sarcástica 5.7. Consequências insólita 5.8. Cúmulo da contradição 5.9. Delírio do inimigo 5.10. Ironia do destino 5.11. Pisada no tomate 5.12. Padrão Barão de Itararé 5.13. Rotulagem 5.14. Pagação de mico 5.15. Peido na farofa 5.16. Piada que não é piada 5.17. Situação absurda 5.18. Situação patética 5.19. Vergonha alheia

Padrões de desinformação no livro de Ayan. Foto: Reprodução

Fonte: Luciano Ayan, no site DCM, 2021

### 2.3.2.3 Squadristo on-line, o (nazi)fascismo na era digital

O blog de Casaleggio e Grillo lançado em 2005 já se tornara um polo aglutinador e gerador de *realidade paralela* em 2012, servindo de biblioteca para *posts* no Facebook e em outras mídias. Da Empoli<sup>275</sup> continua, no mesmo capítulo "A Netflix da Política":

**Os títulos são sedutores, muitas vezes enganosos, outras vezes violentos.** Começam sempre com as mesmas palavras e expressões: *Vergonhoso, Péssima notícia, Isto é a Itália!, Vocês vão ficar chocados!, Basta!, É o fim!*. De início, antecipa-se a emoção, em geral negativa, que se quer suscitar. Depois, divulgada a informação, às vezes verdadeira, mas muito frequentemente falsa, convida-se à participação: *Compartilhe! Faça circular!, Máxima difusão!* [...]

Diariamente, o blog e outros sites da galáxia Casaleggio martelam o mesmo refrão. *Eles são todos iguais. Eles nos arruinaram! Vamos mandá-los de volta para casa!* [...]

<sup>275</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 56-60, grifos nossos.

Assim chegamos às eleições de fevereiro de 2013, quando o Movimento, com pouco menos de 9 milhões de votos e 25% do sufrágio se torna o partido mais votado da Itália. [...]

Passadas as eleições, os fundadores conseguem seguir impondo sua linha: jamais comprometer sua pureza, nunca formar alianças para chegar ao governo. [...] Seu objetivo continua a ser o de minar, por dentro, as bases da democracia representativa em nome de uma democracia direta *made in Casaleggio*. [...]

**A eleição de 163 representantes do Movimento não convence Grillo a adotar um tom mais moderado. Muito pelo contrário, ele descreve o evento como uma “marcha sobre Roma”, aludindo à tomada de poder por Mussolini e 1922.** [...]

Dois anos mais tarde, a Associação Internacional de Jornalistas publicará: **“O nível de violência contra os jornalistas (intimidações verbais e físicas, provocações e ameaças) é alarmante**, em particular quando os políticos como Beppe Grillo não hesitam em tornar públicos os nomes dos jornalistas de quem ele não gosta”.

Se nem todos os adeptos do Movimento praticam o esquadrismo digital, a taxa de agressividade é bem mais elevada que em todas as outras formações políticas.

### 2.3.3 Hungria

Na Hungria, o primeiro-ministro Viktor Orban, em atividade desde 2010, sobreviveu a escândalos de corrupção que eclodiram após sua recondução ao cargo em 2014 graças a uma cortina de fumaça a partir da criação de um ambiente de xenofobia num país em que os estrangeiros representam menos de 2% da população, uma obra do *engenheiro* Arthur Finkelstein, que se valeu inicialmente de ferramentas tradicionais de publicidade e depois da manipulação por meio das redes sociais. Como?

(i) Xenofobia: basicamente, segundo o relato de Giuliano Da Empoli<sup>276</sup>, a elaboração de Finkelstein dava a entender que o país estava infestado de migrantes e que eles seriam responsáveis pelo incremento da violência e do desemprego. É de Finkelstein a frase “A coisa mais importante é que ninguém sabe nada. Em política, o que você percebe como verdade é que é a verdade”;

---

<sup>276</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 129.

(ii) O fantasma da Primeira Guerra: após o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Hungria esteve à beira de se tornar um país fascista, com o movimento Cruz de Ferro, o que só não aconteceu porque o país acabou se tornando uma ditadura militar *clássica* (de extrema direita e sem apoio popular) pelas mãos do almirante Horthy. Pois bem: Orban chegou ao cargo em 2010, explorando o nacionalismo e o “espírito de revanche de uma nação que, no dia seguinte à Primeira Guerra Mundial, foi amputada em dois terços de seu território e dois quintos de sua população”<sup>277</sup>, haja vista que na ocasião do Tratado de Trianon, em 1920, mais de três milhões de húngaros situavam-se na Romênia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, conforme registra Da Empoli. Após eleito, Orban criou o *Dia da Solidariedade Nacional*, incorporando cidadãos húngaros de países vizinhos, de modo a ampliar seu eleitorado nas eleições de 2014: 95% dos húngaros *repatriados* votaram no Fidesz, o partido de Orban e da extrema direita húngara;

(iii) Concentração do poder no Executivo: de acordo com Da Empoli<sup>278</sup>, a vitória de Orban revestiu-se de uma revolução que possibilitou a tomada do poder pelo povo, validando, nesse sentido, medidas como a reformulação da Constituição para “acelerar os procedimentos (a partir de então uma lei pode[ria] ser aprovada em poucas horas) e para centralizar o poder (as cortes de Justiça passa[ram] a se submeter ao controle do Executivo)”.

#### 2.3.4 Estados Unidos da América

Donald Trump venceu as eleições presidenciais dos EUA pelo Partido Republicano em 2016 e governou o país entre 20 de janeiro de 2017 e 20 de janeiro de 2021 (quando incitou um levante frustrado contra a posse do democrata Joe Biden), a partir de uma combinação de racismo (de cor e etnia), xenofobia (contra mexicanos), misoginia, incitação do ódio (inicialmente às elites democratas) e ao preconceito (por meio do combate à “ditadura do politicamente correto”), negacionismo (climático), anticientificismo (em relação ao clima e até

---

<sup>277</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 126-128.

<sup>278</sup> *Ibidem*, p. 127.

defesa do terra-planismo), manipulação e mentiras na escala industrial das *fake-news*, chegando à incitação da prática de *esquadrismo online* – expressão de Giuliano Da Empoli<sup>279</sup> que compara os extremistas digitais que vociferam em favor de líderes nacionais populistas como Trump aos *squadristi* ou *camisas negras*, a tropa de choque fascista que levou Mussolini ao poder em 1923.

Ao longo de todo o capítulo “Troll, o Chefe”, em “Os Engenheiros do Caos”, Da Empoli cita casos e dá exemplos que tratam de cada uma dessas práticas, tanto pelo candidato e sua campanha, como pelo presidente e seu governo<sup>280</sup>.

Nos Estados Unidos, assim como no Facebook (a principal ferramenta de Trump), essa é uma síntese da engenharia do caos orquestrada pelo próprio Donald Trump e também por Steve Bannon, discípulo e continuador da *obra* de Andrew Breitbart, e pelo bilionário Robert Mercer, principal financiador do site extremista *Breitbart News*, entre outros *engenheiros do caos*, como Milo Yannopoulos, ex-editor do *Breitbart News*.

### 2.3.5 Brasil

No Brasil, Jair Bolsonaro chegou à Presidência da República em 2018 utilizando, principalmente, o comunicador instantâneo WhatsApp, pertencente ao mesmo grupo econômico (Meta, atualmente) que criou e controla o Facebook e o Instagram, além de postar vídeos em plataformas abertas como o YouTube (plataforma comprada há alguns anos pela Google) ou nem tão abertas, como o aplicativo Mano.

Bolsonaro não chegou a ganhar um capítulo no livro do italiano Da Empoli, mas, assim como o urso Waldo, é frequentemente citado no transcurso da obra. O autor escreve:

No Brasil, os comunicadores a serviço do candidato ultranacionalista Jair Bolsonaro driblaram os limites impostos aos conteúdos políticos no Facebook comprando milhares de

---

<sup>279</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 60 e 115.

<sup>280</sup> *Ibidem*, p. 91-118.

números de telefone para bombardear quem utiliza o WhatsApp com mensagens e *fake news*.<sup>281</sup>

Mais do que fazer disparos ilegais de mensagens, cujos conteúdos foram objeto de apuração no âmbito da *CPMI das Fake-News*, iniciada em 2019 e com relatório concluído em 2022 sem muitos holofotes<sup>282</sup>, vale lembrar que a campanha bolsonarista utilizou a criação de pirâmides de ódio, conforme o relato de Luciano Ayan disponível em sua série “Regras do Bolsolavismo”, citada anteriormente.

Afirma o blogueiro Luciano Ayan, no último vídeo da série no Youtube, intitulado “Regras do bolsolavismo – 11 – Esquema de pirâmide”<sup>283</sup>:

**Sem esse esquema piramidal não tem seita que se sustente. Não tem grupo sectário que se sustente. E por que? Porque [...] ninguém quer se sentir um tolo. Então, se você diz que alguém pertence a uma elite, e isso é falso, você não pode deixar essa pessoa descobrir todos os truques que fazem com que ela se sinta falsamente uma elite, para que ela fique cada vez mais dependente, que ela se torne cada vez mais extremista e disposta a um comportamento antissocial que só vai ajudar a quem? Ao próprio líder, e não (a) ela. [...] O benefício é para poucos ali em cima. [...] Aqui agora no Brasil nós temos o culto à personalidade, em uma democracia, em torno do Jair Bolsonaro, e um culto político em torno do Olavo de Carvalho. [...] A junção de um culto político como esse [...], copiando padrões da *alt-right*, mais o culto à personalidade numa democracia deu nesse nível de selvageria que você não observa em nenhuma democracia. Então, Bolsonaro age de uma maneira selvagem, totalmente focada em ruptura, porque ele tem um duplo culto em sua base. Isso é o bolsolavismo, ele é uma mistura de um culto político inspirado na ação das milícias virtuais como *alt-rights*, tem o uso de perfis falsos organizados [...] e ainda o culto à personalidade em torno de um líder. É uma ferramenta de mútuo fanatismo e obsessão e isso tem que funcionar, então, como em todos os outros cultos, como todos os 40 casos estudados, como um esquema de pirâmide, [...] uma concentração de poder em algumas pessoas que vão se aproveitar de um bando de incautos aqui embaixo. [...] Uma hierarquia vaga com regras vagas.**

---

<sup>281</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 88.

<sup>282</sup> POLÍTICA LIVRE. **Em relatório final, CPMI das Fake News aponta uso de publicidade estatal em canais de desinformação**. Disponível em <https://politicalivre.com.br/2022/12/em-relatorio-final-cpmi-das-fake-news-aponta-uso-de-publicidade-estatal-em-canais-de-desinformacao/#gsc.tab=0>. Acesso em: 30 dez. 2022.

<sup>283</sup> AYAN, Luciano. **Regras do Bolsolavismo 11: Esquema de Pirâmide**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTy2miZNFQ&list=PLJX43jGraLAldczZkrP3JJs7e5VZCNDT&index=13&t=0s>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Isso se encaixa perfeitamente no modelo descrito por Giuliano Da Empoli, ao tratar do Movimento Cinco Estrelas na Itália.

Da Empoli<sup>284</sup>, em breve síntese, também aborda o processo político brasileiro nos últimos anos a partir do relato sobre o *modus operandi* do MBL, o Movimento Brasil Livre:

[...] uma organização fundada durante a campanha a favor do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, dotado de uma poderosa produtora de vídeos para o YouTube que empregava jovens profissionais dedicados à luta contra o que consideram “a ditadura do politicamente correto”. Em outubro de 2018, um de seus membros mais ativos, Kim Kataguiri, foi eleito, aos 22 anos, o mais jovem deputado a integrar o Congresso Nacional. Na mesma ocasião, outros cinco postulantes do MBL fizeram sua entrada no Parlamento. Juntos, esses personagens, assim como inúmeras figuras similares, contribuíram para criar o clima que tornou possível a eleição de um ex-militar de extrema direita, ele mesmo muito popular nas redes sociais, à Presidência da República. O vídeo dos apoiadores de Jair Bolsonaro, reunidos em Brasília no dia de sua posse, que gritavam alegremente os nomes do Facebook e do Youtube, rodou o mundo.

Em “A Máquina do Ódio”, a jornalista brasileira Patrícia Campos Mello<sup>285</sup>, do jornal Folha de S.Paulo, relata como rastreou o *dinheiro*, ou seja, as empresas de tecnologia contratadas por candidatos e partidos políticos para fazer disparos de WhatsApp, bem como as ações judiciais trabalhistas, para encontrar funcionários que a levassem a um nível mais profundo de informações, mais precisamente sobre as contratações ilegais de disparos de WhatsApp. Esse dinheiro, além de servir para a distribuição de *fake-news*, era ilegal, por consistir em doação velada a candidaturas por parte de empresários, uma vez que a doação direta de empresas para candidaturas estava proibida desde 2016, por meio de legislação ordinária, não eleitoral, editada em ano anterior. Conforme Patrícia Campos Mello<sup>286</sup>:

Com isso, no dia 18 de outubro, publicamos a reportagem ‘Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp’. A matéria revelava que empresas se preparavam para comprar, de

---

<sup>284</sup> DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 81-82, grifos nossos.

<sup>285</sup> CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, edição digital.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 13 (Cap. 1), edição digital.

agências de marketing digital, pacotes de disparo em massa no WhatsApp contra o PT e planejavam uma grande operação na semana anterior ao segundo turno. Prática ilegal tanto por se tratar de doação de campanha *por empresas* quanto por não ter sido declarada ao TSE, conforme exige a legislação.

Após contar detalhes da apuração, a jornalista prossegue:

A reação à reportagem foi brutal. [...] os apoiadores de Bolsonaro puseram em marcha uma operação para atacar minha reputação e desconstruir a matéria. [...]

Bolsonaro abriu um processo contra os acionistas da *Folha*, Luiz Frias e Maria Cristina Frias, contra mim e seus adversários Fernando Haddad e Manuela D'Ávila. Ele exigia que divulgássemos os materiais que embasavam a reportagem. Em outras palavras, queria que eu violasse o sigilo das fontes, assegurado pela Constituição.

Por sete votos a zero, o presidente perdeu a ação em setembro de 2019.<sup>287</sup>

Nem o relato nem a história terminam por aí. “[...] quanto mais eu era atacada, mais eu entendia que havia tocado num ponto nevrálgico. [...] Ao longo de 2019 continuamos investigando”, escreve Patrícia, que terminou por chegar a diversas empresas, como a Yacows, que opera no Brasil, ou a espanhola Enviawhatsapps. “A reportagem foi publicada em 18 de junho de 2019”, relata Patrícia, e “revelava mais um eixo da engrenagem [...] e ressaltava a dificuldade de monitorar esse tipo de ação”<sup>288</sup>.

A jornalista segue narrando sua pouca esperança, à época, em conseguir decisões judiciais no Brasil que barrassem os disparos em massa, bem como a baixa disposição do WhatsApp de coibir essa prática. Em seguida, transcreve uma inesperada declaração de Ben Supple, gerente de políticas públicas e eleições globais do WhatsApp, durante uma conferência de imprensa em Medellín, na Colômbia: “Na eleição brasileira do ano passado houve a atuação de empresas fornecedoras de envios maciços de mensagens, que violaram nossos termos de uso, para atingir um grande número de pessoas”<sup>289</sup>.

---

<sup>287</sup> CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 17 de 33 (Cap. 1), edição digital.

<sup>288</sup> *Ibidem*, p. 27 de 33 (Cap. 1), edição digital.

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 28 de 33 (Cap. 1), edição digital.

Por fim, a repórter declara que “Em dezembro, com um ano de atraso, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) passou a proibir o envio em massa de mensagens pelo WhatsApp”<sup>290</sup>.

Se Da Empoli detectou os *engenheiros do caos* mundo afora, Patrícia Campos Mello encontrou em *Carluxo*, a versão brasileira destes *gênios do mal*:

A estratégia digital da campanha do ex-capitão estava anos-luz à frente de qualquer outra. Carlos Bolsonaro, o Carluxo, o Zero Dois, segundo filho do então candidato, foi um visionário. Ele acompanhava como os outros políticos populistas de direita estavam atuando mundo afora e muito cedo percebeu que a propaganda – viral ou contratada – nas redes sociais passaria a ser crucial em campanhas políticas.

Ao longo dos anos, Carluxo, à frente da estratégia digital do pai, estimulou a criação de uma infinidade de grupos no WhatsApp e no Facebook e identificou influenciadores, as pessoas mais ativas na difusão e criação de mensagens. Jair Bolsonaro e os três filhos políticos também se transformaram em influenciadores digitais, documentando pelo YouTube e pelas mídias sociais suas vidas e se comunicando diretamente com seus apoiadores.<sup>291</sup>

### 2.3.6 Tecnopolítica e manipulação para a mobilização de massas

A tecnopolítica do presente se dá principalmente através das redes sociais, por meio da manipulação psicológica da raiva e do ódio inicialmente contra as elites e, depois e rapidamente, contra o *outro* – ou a outra, no caso dos *gladiadores gamers* misóginos dos EUA –, tenha ele ou ela outra cor ou outra nacionalidade, etnia ou *cultura*, ou mesmo outra orientação sexual. Verifica-se, ainda, o rebaixamento do valor da vida.

A história não se repete, mas semelhanças não são *meras coincidências*: se o componente tecnológico é retirado e a análise se concentra na essência das mensagens – nacionalismo e xenofobia, racismo e misoginia, negacionismo e anticientificismo, rebaixamento do valor da vida –, constata-se quase um espelho do observado no discurso e na prática do nazifascismo original, nas primeiras décadas do século passado.

---

<sup>290</sup> CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 29 de 33 (Cap. 1), edição digital.

<sup>291</sup> *Ibidem*, p. 7 de 33 (Cap. 1), edição digital.

Verifica-se também, e talvez principalmente, no fenômeno *nacional populista* atual, uma **ausência declarada de programa, de princípios**. O candidato a governante, e depois o governante, podem dizer que *a é igual a 0* e, no minuto seguinte, negar essa afirmação, dizendo que *a é igual a 1* ou mesmo que *1 é igual a 0*. Isso se observa tanto no texto do líder húngaro Victor Orban como, especialmente, no de Donald Trump e Jair Bolsonaro, o que é clinicamente explicado pelo marketeiro do Partido Republicano Arthur Finkelstein, também assessor de Orban, para quem “A coisa mais importante é que ninguém sabe nada. Em política, o que você percebe como verdade é que é a verdade”<sup>292</sup>, frase já citada neste estudo, mas por demais representativa.

Por fim, ressaltamos a **tradução do racismo, da xenofobia e do preconceito em violência, estimulada pelos líderes nacionais populistas (fascistas)**, neste momento ainda predominantemente verbal, mas já ganhando as ruas e as instituições, como se depreende da atual crise social estadunidense, após a morte do cidadão negro George Floyd, asfixiado por um policial branco em Minneapolis, no Estado de Minnesota, no dia 25 de maio de 2020, gerando uma onda de protestos que se espalhou por todo o Ocidente.

Aqui no Brasil, esse enfoque remete à morte da vereadora Marielle Franco, negra e militante das causas racial e LGBTQIA+, caso que encobriu de suspeitas a família presidencial e que bem reflete uma **adaptação do *squadrismo online*** – expressão usada por Da Empoli<sup>293</sup> para comparar a violência verbal digital estimulada pelo nacional populismo italiano (e mesmo mundial) – **para um *squadrismo físico, real, sangrento e fatal, semelhante ao observado no Vale do Pó (norte da Itália), no início dos anos 1920, que culminou na marcha de Mussolini sobre Roma.***

Aqui no país de Bolsonaro, em 2020, um grupo chamado “Trezentos do Brasil” chegou a se preparar para vestir seu uniforme *squadrista* e partir para o ataque, com rostos cobertos e tochas na mão<sup>294</sup>, a exemplo dos ativistas da Ku Klux Klan, organização nazifascista estadunidense surgida em 1865, antes do surgimento do *fascismo original*, e que foi se adaptando ao momento histórico.

---

<sup>292</sup> Entrevista concedida por Arthur Finkelstein em Praga. Trecho reproduzido em DA EMPOLI, Giuliano. **Os Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019, p. 129.

<sup>293</sup> Ibidem, p. 60 e 115.

<sup>294</sup> Cf. <https://www.cartacapital.com.br/tag/300-do-brasil/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Atualmente a Terceira Klan reúne algo entre 5 mil e 10 mil militantes no território dos EUA.

Os primeiros nazifascistas, nos idos de 1920 e 1930, segundo Robert Paxton em “Anatomia do Fascismo”<sup>295</sup>, foram capazes de fazer *política de massas* pela direita:

Preferindo manipular um eleitorado de massas a privá-lo de direitos civis, se afastaram tanto dos conservadores quanto dos liberais, e também da política tal como então praticada, na forma de debates cultos entre notáveis, escolhidos por um público deferente para governar em seu nome.

Diferentemente dos conservadores e dos liberais mais cautos, os fascistas nunca pretenderam deixar as massas fora da política. Queriam atraí-las, discipliná-las e energizá-las. [...] Embora os fascistas pretendessem restaurar o patriarcado na família e nos locais de trabalho, preferiram mobilizar as mulheres simpatizantes a privá-las de direitos, pelo menos até que tivessem condições de abolir as eleições por completo. [...]

A nova fórmula dos fascistas, tal como a dos conservadores, prometia resolver os conflitos territoriais permitindo que os fortes triunfassem. Diferentemente dos conservadores, contudo, os fascistas mediam a força dos Estados com base não apenas em seu poderio militar, mas também no fervor e na unidade de suas populações: eles propunham superar os conflitos de classe integrando a classe trabalhadora à nação, pela persuasão se possível, e pela força se necessário, e também se livrando dos ‘forasteiros’ e dos ‘impuros’.<sup>296</sup>

Paxton, como já vimos no início deste capítulo, relembra Hannah Arendt, para quem Mussolini "foi provavelmente o primeiro líder a conscientemente rejeitar um programa formal, substituindo-o unicamente por liderança inspirada e ação"<sup>297</sup>.

Interessante que “O Poder da Ação” é título da *bíblia brasileira* sobre o fenômeno motivacional mundial, cuja principal função, na racionalidade neoliberal, é responsabilizar o indivíduo pelo seu próprio insucesso, como se o indivíduo não fosse parte de uma determinada classe social nem estivesse imerso em uma realidade histórica de luta de classes.

Por fim as mentiras, hoje transformadas em *fake-news*, em um processo toyotista e mundializado de produção e veiculação, consubstanciam um método

<sup>295</sup> PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 18.

<sup>296</sup> Ibidem, p. 81 e 63.

<sup>297</sup> Ibidem, p. 40.

de ontem, hoje e sempre empregado pelos nazifascismos, ao menos na atualidade, a serviço de uma *alt-right* neoliberal, a serviço de um sistema e de uma razão neoliberal, como apresentado no Capítulo 1.

#### **2.4 A comunicação nazifascista nas eleições brasileiras de 2022**

As redes sociais se confirmaram como um espaço de *indignação e esperança*, como Manuel Castells<sup>298</sup> assim as descreveu, entre 2012 (primeira edição) e 2015, tanto na Primavera Árabe como na Europa ou nos EUA, após o aperto neoliberal que sucedeu a crise dos *subprimes* de 2008/2009, contra as elites neoliberais democratas, em 2015, ou após o assassinato de George Floyd, em 2020.

No Brasil, as redes balançaram (sendo até apropriada a metáfora futebolística neste momento) tanto pelo passe livre nos transportes públicos como contra a realização da Copa do Mundo de 2014, pelo *impeachment* (impedimento) de Dilma Rousseff (e em parte contra este), a favor da prisão do ex-presidente Lula (e em parte contra esta também), contra o presidente Bolsonaro a partir de 2020, contra a posição suicidária de seu governo durante a pandemia, pela libertação do ex-presidente Lula (e bastante contra também), a favor de Bolsonaro nos 7 de Setembro de 2021 e 2022, pelo fechamento do STF (Supremo Tribunal Federal) e por uma intervenção militar, a favor e contra Lula e a favor e contra Bolsonaro na corrida eleitoral de 2022.

Perdão pela segunda metáfora boleira, mas Lula e Bolsonaro, que tanto abusam delas, não de concordar: no Novo Mundo digital, como no futebol, parece que o campo da disputa também tem duas redes. Na franca bipolarização das políticas estadunidense, latino-americana em geral e brasileira, observada já há quase duas décadas, o jogo causa muita indignação e promove esperança, porém não é jogado *dentro das quatro linhas*, como Bolsonaro tanto gosta de dizer – para também, nas entrelinhas de seu discurso, ameaçar chutar a bola

---

<sup>298</sup> CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.

para fora do estádio, ou fazer gol com a mão do Deus evangélico-pentecostal ou de solada dos militares, mandando a democracia para o chuveiro.

A indignação com o mandatário no poder tem sido uma constante, qualquer que seja ele, venha de onde venha a indignação. A esperança de mudança no jogo também tem sido motivo de indignação contínua, mas o problema é identificar qual mudança se deseja. Deseja-se um estado promotor da vida e indutor da inclusão ou um *estado suicidário*? Busca-se o aprimoramento da democracia ou intervenção militar e ditadura? É fundamental registrar que, em dezembro de 2022, havia uma razoável quantidade de pessoas no Brasil depositando esperanças num golpe militar que conduzisse a uma ditadura. Isso, no limite, corresponderia a 21% da população, segundo o Datafolha<sup>299</sup>. Em 2016, havia mais gente ainda cheia de esperanças na Lava-Jato e no golpe constitucional que tirou Dilma Rousseff do poder e nos trouxe ao ponto em que estamos.

Tais exacerbações passam, seguramente, pelo fato de que o jogo da política no ambiente digital não é jogado *dentro das quatro linhas*, além do fato de que, como bem observou o *spin-doctor* Finkelstein, infelizmente, “ninguém sabe nada, então o que parece verdade é a verdade”. As poucas regras existentes atualmente, seja no âmbito da proteção de dados dos usuários-consumidores-eleitores, seja na tentativa de controle da disseminação de *fake-news*, foram escritas (e lá vai mais uma metáfora esportiva) com a bola em jogo e o placar já há muito tempo distante do 0 x 0.

Conforme vimos no Item 2.3, ao menos entre 2015 (Brexit) e 2018 (Bolsonaro), o jogo foi claramente manipulado, com uma enorme ajuda das *big techs*, em favor da extrema-direita. Estudos e publicações como as de Giuliano Da Empoli e Patrícia Campos Melo, documentários como “Privacidade Hackeada” e as delações de operadores como Brittany Kayser jogaram luz sobre as táticas de manipulação, de modo que, nas eleições gerais brasileiras de 2022, já se sabia como o jogo seria jogado.

---

<sup>299</sup> FOLHA DE S.PAULO. **75% são contra protestos que pedem intervenção militar.** Disponível (para assinantes) em: <https://Datafolha.folha.uol.com.br/opiniao-e-sociedade/2022/12/75-sao-contra-protestos-que-pedem-intervencao-militar.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2022.

Algumas reportagens, como “O show de Jair”, publicada neste dezembro de 2022 pela revista “Piauí”<sup>300</sup>, contam determinadas histórias sobre o papel deste ou daquele escritório de marketing político, desta ou daquela banca de advogados, deste ou daquele especialista em mapeamento netnográfico ou levantamento de concorrência digital, desta ou daquela teoria que embasou a prática.

“O show de Jair” conta que a teoria *ator-rede* de Bruno Latour, Michel Callon e Madelaine Akrich teria sido a base teórica para dois pesquisadores iniciarem um mapeamento dos principais porta-vozes do bolsonarismo nas redes, de modo a, rapidamente, perceberem a tática e o tema do dia da operação da campanha bolsonarista nas redes e, assim, poderem alertar os advogados da campanha de Lula para que acionassem a Justiça Eleitoral.

Há várias técnicas de monitoramento (por *player*, por palavra-chave, por grupo de influenciadores) e, certamente, houve mais de uma agência à frente das operações digitais em cada uma das campanhas.

A agência de Sidônio Palmeira, contratada pelo PT para a campanha de Lula em 2022, também fez mapeamentos semelhantes e elaborou suas táticas de enfrentamento a partir da própria lógica da comunicação, de resposta e contra-ataque, a partir da proposição de novos temas desconfortáveis para o adversário e de enfrentamento judicial. Também ficou bastante conhecida a participação do deputado federal mineiro André Janones (Avante) na campanha de Lula, com suas táticas digitais *agressivas*, como disseminar a participação de Bolsonaro em evento da maçonaria para *criar a dúvida* no público evangélico que tenderia para Bolsonaro, mas ainda estava indeciso.

Fatos de última hora e amplamente divulgados, envolvendo apoiadores de Jair Bolsonaro – como o ex-deputado Roberto Jefferson<sup>301</sup> ter recebido a Polícia Federal a tiros e granadas após ter sua prisão decretada pelo STF, ou a

---

<sup>300</sup> PIAUÍ. **O show de Jair**. Dez. 2022. Disponível (para assinantes) em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-show-de-jair/>. Acesso em: 16 dez 2022.

<sup>301</sup> FOLHA DE S.PAULO. **Lula leva Bolsonaro armado à TV e liga presidente a ataque de Roberto Jefferson**. Disponível (para assinantes) em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/lula-leva-bolsonaro-armado-a-tv-e-liga-presidente-a-ataque-de-roberto-jefferson.shtml>. Acesso em: 20 dez. 2022.

deputada federal por São Paulo Carla Zambelli<sup>302</sup> ter entrado armada em um bar de São Paulo para ameaçar um sujeito que a havia provocado na rua – contribuíram para a decisão final de eleitores que ainda não pendiam em definitivo para nenhum lado no segundo turno.

No campo da disputa eleitoral digital, decisivos mesmo foram, seguramente, os papéis exercidos pelas agências de checagem de fatos, que já criavam seus públicos e construíam sua credibilidade desde a eleição de Bolsonaro em 2018, bem como pela Justiça Eleitoral, principalmente pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), por seu presidente em exercício, ministro Alexandre de Moraes. Destacaram-se as agências pela disposição de fazer um trabalho constante, maçante e um tanto inglório à primeira vista; Moraes e os demais ministros do TSE, por conta da defesa firme dos princípios democráticos, aliada à disposição de conhecer a fundo as práticas da disseminação de *fake-news* para poder combatê-las.

As *fake-news* e as táticas de criação de controvérsia em processos eleitorais nunca foram monopólio da direita ou da extrema-direita. No entanto, ambas sempre tiveram mais recursos financeiros à disposição para propagar suas peças e suas ideias. Na década passada, saíram na frente no acesso às *big-techs* e a seus escritórios de representação mundo afora, nem sempre formalmente autorizadas, o que soa natural, uma vez que grandes corporações econômicas e direita ou extrema-direita sempre tiveram relação simbiótica.

Bolsonaro e sua máquina de ódio pilotada por Carluxo, o filho 02, perderam em 2022. Mas isso não significa o fim do bolsonarismo, como se observava nas portas dos quartéis ao final do mesmo ano, tampouco que se tratou de uma vitória do amor sobre o ódio nem da verdade sobre a mentira. Muito menos se tratou de uma vitória definitiva sobre Bolsonaro ou da derrota final do movimento. O nazifascismo à brasileira segue vivo e deve sobreviver com chances eleitorais nos próximos anos.

Mas foi uma vitória da democracia sobre o autoritarismo e da esperança na inclusão sobre a esperança na ditadura. De certo modo, foi uma vitória de

---

<sup>302</sup> FOLHA DE S.PAULO. **Carla Zambelli saca e aponta arma para pessoas em São Paulo**; veja vídeo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/10/carla-zambelli-saca-e-aponta-arma-para-pessoas-em-sao-paulo-veja-video.shtml>. Acesso em: 29 dez. 2022.

Eros sobre Thanatos. Afinal, segundo Adorno, “eros pertence principalmente à democracia”<sup>303</sup>. Sem dúvida, não foi uma vitória final e o governo Lula terá uma extrema-direita mais ou menos bem organizada em seu calcanhar, fazendo a correlação de forças pender para o Centrão, na política, e para a razão neoliberal, no todo.

---

<sup>303</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefacio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 200, tradução nossa.

## CAPÍTULO 3 – ESTUDO DE CASO: O BOLSONARISTA AUTORITÁRIO OU O NAZIFASCISTA EM POTENCIAL

“Vamos fuzilar a petralhada [...]”<sup>304</sup>

*Jair Bolsonaro, Presidente da República Federativa do Brasil*

### 3.1 A Personalidade autoritária, ou o fascista em potencial

Em 1950, Theodor Adorno<sup>305</sup>, Else Frenkel-Brunswik, Daniel J. Levinson e R. Nevitt Sanford publicaram “A Personalidade Autoritária”, um estudo de pelo menos quatro anos com quase mil páginas fundado na *práxis* de construir a técnica da pesquisa empírica a partir do modelo teórico (no caso o de Freud) e de teorizar a partir da prática da técnica, que se deu por métodos quantitativos e qualitativos, além de diversas sessões de terapia psicanalítica. O resultado inaugurou a metodologia de medir as inclinações ideológicas predominantes ou apenas presentes nas sociedades e revelou o surgimento de *uma nova espécie antropológica*, nas palavras de Max Horkheimer: *o homem autoritário*.

Ao prefaciar “A Personalidade Autoritária”, Horkheimer<sup>306</sup>, então diretor do Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt (Alemanha), abordou o indivíduo autoritário da seguinte forma:

Diferentemente do intolerante de sempre, este parece combinar ideias e atitudes típicas de uma sociedade altamente industrial com crenças irracionais ou antirracionais. É ao mesmo tempo ilustrado e supersticioso, orgulhoso de seu individualismo e constantemente temeroso de se parecer com os demais, orgulhoso de sua independência e inclinado a submeter-se cegamente ao poder e à autoridade.

---

<sup>304</sup> PODER 360. **No Acre, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’ e enviá-los à Venezuela**. 3 set. 2018. Disponível em: [poder360.com.br/eleicoes/no-acre-bolsonaro-fala-em-fuzilar-a-petralhada-e-envia-los-a-venezuela/](http://poder360.com.br/eleicoes/no-acre-bolsonaro-fala-em-fuzilar-a-petralhada-e-envia-los-a-venezuela/). Acesso em: 17 dez. 2022.

<sup>305</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006.

<sup>306</sup> Ibidem, p. 165, tradução nossa.

Logo na Introdução<sup>307</sup>, Adorno e seus três parceiros anunciam o comportamento fascista como uma *síndrome* psicológica:

Um dos descobrimentos mais importantes do presente estudo é que os indivíduos que mostram uma suscetibilidade extrema à propaganda fascista têm muito em comum, mostram numerosas características que formam unidas uma “síndrome”, ainda que se distingam variações dentro deste padrão. Os indivíduos que se encontram em posição oposta diferem muito mais entre si.

Os pesquisadores frankfurtianos e californianos levantam algumas questões, dentre elas:

Se existem indivíduos potencialmente fascistas, como são exatamente? como se forma seu pensamento antidemocrático? quais são suas forças de organização interna? se tais pessoas existem, quais têm sido os fatores determinantes no curso de seu desenvolvimento?<sup>308</sup>

Apontam ainda outras questões, como “por que determinados indivíduos admitem essas ideias (fascistas) e outros não?”. Antecipando em 27 anos a *espiral do silêncio* de Elisabeth Noelle-Neumann<sup>309</sup>, elaboram:

O que as pessoas dizem e, em menor grau, o que realmente pensam, depende em grande medida do clima de opinião em que vivem. Mas quando o clima muda, alguns indivíduos se adaptam muito mais rapidamente que outros. [...] Em outras palavras, os indivíduos diferem em suas suscetibilidades à propaganda antidemocrática, em sua predisposição a mostrar tendências antidemocráticas. Parece necessário estudar a ideologia a este “nível de predisposição” a fim de poder calibrar o potencial fascista da população. Alguns observadores têm notado que na Alemanha anterior a Hitler havia menos antissemitismo declarado que atualmente em nosso país [Os Estados Unidos, onde a pesquisa foi feita].<sup>310</sup>

Definem ideologia como “uma organização de opiniões, atitudes e valores”, ou como “uma maneira de pensar sobre o homem e a sociedade”, que “se expressam mais ou menos abertamente por meio de palavras”, algo que

---

<sup>307</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 169, tradução nossa.

<sup>308</sup> Ibidem, p. 169.

<sup>309</sup> NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio**: Opinião Pública, nosso tecido social. São Paulo: Nacional, 2017.

<sup>310</sup> ADORNO, Theodor; et. al. Op. cit., p. 171-172, tradução nossa.

estaria, portanto, *na superfície*. Considerando que alguns pensamentos de determinado indivíduo são expressos por palavras, outros não são verbalizados, são *mantidos em segredo*, e outros nem chegam a ser completamente formulados, se perguntam “qual o grau de relação entre ideologia e ação”, considerando que “a ação manifesta, como a expressão verbal, depende em grande medida da situação do momento”, mas “os indivíduos se diferenciam muito sobre sua predisposição para atuar”<sup>311</sup>. E concluem:

O exame deste potencial forma parte do estudo da ideologia global do indivíduo. Conhecer de que tipo e com que intensidade devem dar-se as crenças, atitudes e valores de um indivíduo para levá-lo à ação e que forças internas do indivíduo servem como inibidores dessa ação são problemas da maior importância prática.

Existem poucas razões para duvidar que ideologia em termos de disposição (receptividade ideológica) e ideologia em termos de palavras e ações sejam essencialmente a mesma coisa. A caracterização da ideologia total de um indivíduo deve incluir não somente a organização de cada nível, e sim a existência entre os níveis. O que o indivíduo diz de maneira conseqüente em público, aquilo que diz quando se sente a salvo de críticas, o que pensa, mas nunca dirá, o que pensa, mas não admitirá a si mesmo ou o que ele está disposto a pensar ou fazer sob certos estímulos, são todos fenômenos que podem ser considerados como uma estrutura única. A estrutura pode não estar integrada, pode conter tanto aspectos coerentes como contraditórios, mas está *organizada*, no sentido de que as partes que a constituem se relacionam de modo psicologicamente significativo.

**Para compreender tal estrutura, é necessária uma teoria total da personalidade. De acordo com a teoria que tem guiado esta investigação, a personalidade é uma organização mais ou menos duradoura das forças internas do indivíduo.** Essas forças persistentes da personalidade contribuem para decidir a resposta a diversas situações, e é devido sobretudo a elas que podemos atribuir consistência ao comportamento, seja verbal ou físico. Mas o comportamento, ainda que consistente, não é o mesmo que a personalidade. **A personalidade situa-se por trás do comportamento e dentro do indivíduo. As forças da personalidade não são respostas, mas sim predisposições à respostas.** Se as predisposições vão se converterão em expressões manifestas depende não apenas da situação do momento, mas sim da existência de predisposições opostas. As forças da personalidade que se inibem se situam em um nível mais profundo do que aquelas que são expressas imediata e consistentemente em comportamentos manifestas.<sup>312</sup>

<sup>311</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 172, tradução nossa.

<sup>312</sup> Ibidem, p. 172-173, tradução nossa.

Em outras palavras, o *comportamento* (ação manifesta, mesmo que verbal) é a *superfície*, algo que pode ser verificado em uma pesquisa, seja quantitativa dicotômica ou de múltipla escolha, seja qualitativa, como grupos focais. Já a *personalidade*, que se encontraria *dentro do indivíduo*, como escreve Adorno, foi percebida a partir de sessões de psicanálise.

Os pesquisadores concluíram algo que Freud já sinalizara três décadas antes: residem na primeira infância, no contato entre mães/pais e filhos, os principais acontecimentos que vão contribuir para a constituição da personalidade. A principal contribuição de Adorno a esta teoria, além de verificá-la quase que em escala, é alertar para os fatores sociais e econômicos que contribuem direta ou indiretamente (afinal a família mãe-pai-filho está imersa em condições socioeconômicas objetivas):

Uma vez que se admite que opiniões, atitudes e valores dependem das necessidades humanas e uma vez que a personalidade é essencialmente uma organização de necessidades, então a personalidade pode ser considerada um determinante das preferências ideológicas. No entanto, não podemos considerá-la um determinante último. Longe de ser algo dado desde o início, que permanece fixo e age sobre o mundo circundante, a personalidade evolui sob o impacto do ambiente social e não pode ser isolada da totalidade social em que se desenvolve. De acordo com essa teoria, os efeitos das forças ambientais na formação da personalidade são geralmente tanto mais profundos quanto mais cedo aparecem na história de vida do indivíduo. **As influências mais importantes no desenvolvimento da personalidade são apresentadas durante a educação da criança dentro do círculo familiar. O que acontece lá está profundamente influenciado por fatores econômicos e sociais.** [...]

Ainda que a personalidade seja um produto do ambiente social do passado, uma vez que se desenvolve, não é um mero objeto do ambiente presente. [...] **O conceito de estrutura de personalidade é a melhor salvaguarda contra a inclinação para atribuir as tendências persistentes do indivíduo a algo 'inato', 'básico' ou 'racial' próprio dele.** O postulado nazi de que os traços biológicos naturais decidem o ser total de uma pessoa não teria sido um instrumento político tão eficaz se numerosos exemplos de fixidez não pudessem ser apontados no comportamento humano e, assim, refutar aqueles que procuravam explicá-los com base em fatores não biológicos.<sup>313</sup>

---

<sup>313</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 173-174, tradução nossa.

### 3.1.1 A ação da comunicação/*propaganda* sobre o indivíduo

Os pesquisadores de Berkeley e Frankfurt apontam que “a estrutura da personalidade pode ser tal que converta o indivíduo em alguém suscetível à propaganda antidemocrática”. Eles se perguntam *sob que condições*, em que quantidade, *tom e volume a propaganda antidemocrática* precisaria se dar a ponto de fazer o *potencial* autoritário se tornar *ativamente manifesto*<sup>314</sup>.

Reconhecem que à época da pesquisa (bem como atualmente) a propaganda dominante nos meios volta-se aos “interesses econômicos mais poderosos” e que estes, “conscientes ou não, utilizam estes mecanismos para manter seu *status* dominante”<sup>315</sup>. Observam que, ao contrário do que se deveria supor, os indivíduos não estão, em geral, suscetíveis majoritariamente a *propagandas* que vão ao encontro de seus interesses econômicos e citam o fato de que *trabalhadores de colarinho branco* (classe média, executivos de nível médio, gerentes) não necessariamente e até muito raramente vão contra interesses da elite dominante.

Concluem, com alguma satisfação, que as disputas em torno de interesses econômicos ocorrem no âmbito da competição racional, “sem darem rédea solta a impulsos emocionais profundos”. Mas que, ao contrário, quando se trata de questões sociais (e políticas), “as tendências irracionais se destacam notavelmente”<sup>316</sup>. E o principal:

Há, sem dúvida, casos de hostilidade contra um grupo com base na frustração real, provocada pelos membros desse grupo. Mas essas experiências frustrantes não podem justificar a propensão a generalizar o preconceito. **A evidência empírica deste estudo confirma o que tem sido frequentemente apontado: que uma pessoa hostil a uma minoria é propensa a ser hostil a uma ampla variedade de grupos.** Não há bases racionais para tal generalização; e, o que é mais chamativo, o preconceito contra ou a aceitação totalmente acrítica de um grupo particular se dá apesar da ausência de experiência com membros desse

<sup>314</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 175, tradução nossa.

<sup>315</sup> Ibidem, p. 175, tradução nossa.

<sup>316</sup> Ibidem, p. 176, tradução nossa.

mesmo grupo. A situação objetiva do indivíduo parece uma fonte pouco confiável de tal irracionalidade. [...]

Há razões para crer que os indivíduos geralmente assumem, através de mecanismos como a imitação e o condicionamento, opiniões, atitudes e valores mais ou menos dadas dos grupos a que pertencem, motivados por suas necessidades de se ajustar aos cânones, pertencer a um grupo e crer em algo.<sup>317</sup>

Os autores avançam, então, em direção à propaganda fascista, especificamente: “O fascismo, para ter sucesso como movimento político, deve ter o apoio da massa. Deve garantir não apenas submissão temerosa, mas cooperação ativa da grande maioria das pessoas”. Acrescentam que, “portanto, devem apelar, sobretudo, não ao interesse pessoal racional, mas a necessidades emocionais, muitas vezes aos mais profundos desejos e medos primitivos e irracionais”<sup>318</sup>. Por fim, sintetizam:

**Em outras palavras, a tarefa da propaganda fascista é mais fácil quanto maior o grau de potencial antidemocrático ainda existente na grande massa da população.** Pode-se admitir que na Alemanha os conflitos econômicos e as fraturas dentro da sociedade eram tais que constituíam uma razão suficiente para o fascismo triunfar mais cedo ou mais tarde. Mas os líderes nazistas não atuaram como se acreditassem que isso aconteceria. Em vez disso, eles agiram como se fosse necessário levar em conta a todo momento a psicologia das pessoas, ativando cada fragmento de potencial antidemocrático, comprometendo-se com eles, sufocando a menor faísca de rebelião.<sup>319</sup>

### 3.1.2 Três conclusões

A primeira conclusão dos pesquisadores liderados por Adorno e Sanford é que (a) os principais acontecimentos que irão moldar a personalidade do indivíduo residem na primeira infância (a pesquisa empírica, num primeiro momento quantitativa, para localizar os entrevistados mais radicalizados em suas opiniões autoritárias, e posteriormente nas sessões de psicanálise, provou

---

<sup>317</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 176-177, tradução nossa.

<sup>318</sup> Ibidem, p. 177-178, tradução nossa.

<sup>319</sup> Ibidem, p. 178, tradução nossa.

isso); e (b) os indivíduos de personalidade potencialmente fascista ou autoritária não tiveram uma infância exatamente feliz:

Desta forma, uma relação pai-filho fundamentalmente hierárquica, autoritária e exploradora, pode levar a uma atitude de dependência, exploração e desejo de dominar o(a) parceiro(a) ou Deus, e pode culminar numa filosofia política e numa perspectiva social que permite apenas um apego desesperado ao que parece forte e uma rejeição desdenhosa de tudo que é relegado a posições inferiores. [...] Por outro lado, há um padrão caracterizado principalmente por relações interpessoais afetuosas, basicamente igualitárias e tolerantes. Esse padrão engloba atitudes dentro da família e em relação ao sexo oposto bem como uma interiorização de valores religiosos e sociais. Como resultado dessa atitude básica encontramos maior flexibilidade e a possibilidade de alcançar satisfações verdadeiras.<sup>320</sup>

A segunda conclusão é que “não devemos pôr maior ênfase na discriminação contra grupos minoritários concretos, mas em fenômenos como o estereótipo, a frieza emocional, identificação com o poder e impulso destrutivo”<sup>321</sup>. **Afinal, o problema não está na vítima, mas no agressor; o problema não é a vítima, mas o agressor:**

Quando se adota esse ponto de vista, é fácil entender por que as medidas contra a discriminação social não foram mais eficazes. Não podemos esperar que argumentos racionais tenham efeitos profundos ou duradouros sobre um fenômeno que é essencialmente irracional. [...] E se conseguirmos desviar a hostilidade para uma minoria, devemos ser muito cautelosos com nossa satisfação, porque sabemos que é muito provável que eles direcionem sua hostilidade para algum outro grupo. [...] Ainda que os apelos à razão ou à compaixão caiam em saco roto, as apelações ao convencionalismo ou à **submissão à autoridade** podem ser eficazes. (Porém se deve ter clareza que tal atividade não reduzirá nem seu convencionalismo nem seu autoritarismo nem seu fascismo potencial).<sup>322</sup>

Logo, criminalizar atos preconceituosos e exigir o cumprimento de leis neste sentido é o primeiro e mais concreto passo a ser dado e um caminho a ser percorrido.

---

<sup>320</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 195, tradução nossa.

<sup>321</sup> Ibidem, p. 197, tradução nossa.

<sup>322</sup> Ibidem, p. 197, tradução nossa.

Correlata às duas conclusões iniciais, vem a terceira: uma vez que a publicidade em favor da tolerância não é capaz de conter impulsos fascistas, e considerando as limitações de *tratar* por meio da psicanálise clínica uma massa crescente de indivíduos potencialmente autoritários, reside na educação, na transformação da sociedade a partir da educação, um primeiro caminho, **ainda muito insuficiente**, para conter o avanço do fascismo:

Portanto, mostra-se que não podemos alcançar a modificação da estrutura potencialmente fascista por meios exclusivamente psicológicos. A tarefa é semelhante à de eliminar a neurose, a delinquência ou o nacionalismo. Todos são produtos da organização global da sociedade e só podem ser modificados com mudanças na sociedade. [...] Acreditamos que a compreensão científica da sociedade deve incluir o estudo de seus efeitos sobre as pessoas, e que as reformas sociais, mesmo as mais radicais e abrangentes, podem ser desejáveis, mas ineficazes para mudar a estrutura da personalidade preconceituosa.<sup>323</sup>

Evidencia-se, ainda, a importância de constantemente buscar a inibição do comportamento fascista por meio da submissão à autoridade, o que depende de constante disputa na sociedade em torno de legislação e aparato. *Mas sem perder a ternura jamais*, afinal, como encerra Adorno, “se o medo e a destruição são as principais forças emocionais do fascismo, *Eros* pertence principalmente à democracia”<sup>324</sup>.

### 3.1.3 Notas sobre a metodologia empregada por Adorno na Califórnia

Há pelo menos uma década e a cada poucos anos, o jornal Folha de S.Paulo publica pesquisas que buscam revelar as opiniões dos brasileiros a respeito de temas comportamentais, sociais e econômicos e, principalmente, determinar se a *opinião pública* está mais à esquerda ou à direita, mais libertária ou autoritária quanto a questões societais ou comportamentais, mais estatista ou liberal sobre as questões econômicas (como veremos no Item 3.3). Tal

<sup>323</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 199, tradução nossa.

<sup>324</sup> Ibidem, p. 200, tradução nossa.

enquadramento é possível a partir da criação de índices ou escalas construídas com base em respostas dadas para perguntas de múltipla escolha, normalmente quanto à concordância ou não com frases previamente construídas e apresentadas ao entrevistado, ou simplesmente de posições dicotômicas *contra* ou *a favor* em relação a determinado assunto.

A metodologia não é exatamente uma novidade. O método de estabelecer uma escala (Escala Likert) a partir de respostas de concordância/discordância em relação a afirmações foi desenvolvido por Renses Likert e apresentado em 1932<sup>325</sup>.

Naresh Malhotra<sup>326</sup> afirma que “a escala de Likert é uma das mais amplamente usadas”. Segundo o especialista em pesquisas de marketing e professor do Instituto de Tecnologia da Georgia, “Seus pontos extremos normalmente são ‘discordo totalmente’ e ‘concordo totalmente’, os entrevistados devem indicar seu grau de concordância marcando uma das cinco categorias de resposta”.

Essa foi uma das principais metodologias utilizadas na década de 1940 pela equipe liderada por Theodor Adorno e Nevitt Sanford que se dedicou a medir as tendências antidemocráticas e antissemitas na personalidade dos indivíduos entrevistados. Daí nasceu a *Escala F* (de fascismo), criada por Adorno, com o apoio direto de Daniel Levinson, um dos *quatro de Berkeley-Frankfurt*, que criou escalas intermediárias.

A Escala F, segundo a publicação original, “*The Authoritarian Personality*”<sup>327</sup>, contempla os seguintes aspectos:

- a. Convencionalismo. Aderência rígida aos valores tradicionais da classe média.
- b. Submissão autoritária. Atitude submissa e acrítica em relação a autoridades morais idealizadas do grupo social.
- c. Agressão autoritária. Tendência a estar na espreita e condenar, rejeitar e punir as pessoas que violam os valores tradicionais.

---

<sup>325</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escala\\_Likert](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escala_Likert). Acesso em 20 dez. 2020.

<sup>326</sup> MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**: foco na decisão. 3. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2010, p. 220.

<sup>327</sup> ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. **The Authoritarian Personality**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1950, p. 228, tradução nossa.

- d. Anti-intracção. Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, ao sensível.
- e. Superstição e estereotipia. A crença em determinantes místicos do destino do indivíduo; a disposição de pensar em categorias rígidas.
- f. Poder e “dureza”. Preocupação com as dimensões dominância-submissão, forte-fraco, líder-seguidor, identificação com figuras de poder, ênfase excessiva nos atributos convencionalizados do ego, afirmação exagerada de força e tenacidade.
- g. Destrutividade e cinismo. Hostilidade generalizada, difamação do humano.
- h. Projetividade. Predisposição para acreditar que coisas bárbaras e perigosas estão acontecendo no mundo; projeção exteriorizada de impulsos emocionais inconscientes
- i. Sexo. Preocupação exagerada com “acontecimentos” sexuais.

A equipe de estudiosos frankfurtianos e californianos mesclou três métodos: (i) pesquisas quantitativas, com aplicação de questionários com perguntas que permitissem montar índices de modo a construir a Escala F (acima) a diferentes grupos populacionais (estudantes universitários, presidiários e pacientes psiquiátricos, militares, trabalhadores e representantes das classes médias), nos anos de 1945 e 1946; (ii) métodos qualitativos em grupo, com testes de percepção temática, em que, segundo os pesquisadores descrevem, “se apresentam ao sujeito uma série de imagens dramáticas e lhe pedem que relate o que vê nelas”; e (iii) entrevistas em profundidade em sessões psicanalíticas, com métodos psicanalíticos, destinadas a “trazer à luz as forças da personalidade que descansavam no inconsciente” de uma parcela dos entrevistados que se encontrava nos extremos das escalas criadas a partir das respostas aos questionários, ou seja, a uma parcela dos 25% dos entrevistados que demonstrava tendências *menos antidemocráticas* e a uma parcela dos 25% de entrevistados que demonstrava tendências a uma personalidade *mais antidemocrática*. Das sessões de psicanálise com estes 25% mais radicalizados na tendência ao fascismo, brotaram as três principais conclusões citadas anteriormente.

Como já foi dito, a Escala F inaugurou um modo de realizar pesquisas quantitativas voltada a uma melhor percepção da opinião pública a respeito do grau de autoritarismo de uma população.

Neste estudo, já mais próximos da versão utilizada correntemente, principalmente pelo instituto Datafolha, procuramos adaptar ao menos uma parte do projeto original de Adorno nos EUA, desta vez em João Pessoa (PB), por questões de *economia da pesquisa*, afinal ali seria possível utilizar um *survey* quantitativo da Prefeitura de João Pessoa, por meio do qual pudemos dimensionar o povo pessoense, naquele momento, quanto ao seu grau de autoritarismo-libertarismo ou de liberalismo-estatismo e, principalmente, identificar indivíduos dentre os *mais democráticos* e os *menos democráticos* que, se não passaram por profundas sessões de psicanálise, foram entrevistados por duas psicólogas, ligadas ao Instituto Data Qualyt, de Campina Grande (PB), sob nossa orientação (*briefing*) e acompanhamento.

O resultado, ao menos sobre a questão dos dramas sofridos na infância, entre aqueles mais radicalmente bolsonaristas e antidemocráticos, foi muito semelhante ao obtido na experiência de Adorno e seus parceiros em Berkeley, mais de setenta anos antes. Se tal pesquisa fosse feita em escala mais ampla, muito provavelmente seria possível concluir que o bolsonarista mais fascinado é um traumatizado. Além de outras percepções, conforme veremos a seguir.

### **3.2 Estudo de caso em João Pessoa (PB): o bolsonarista autoritário, nazifascista em potencial**

De início, se faz importante ressaltar que está na economia da pesquisa, ou melhor, na possibilidade de sua realização – uma vez que a quantitativa foi paga pela Prefeitura de João Pessoa –, a escolha da capital do Estado da Paraíba para a realização desta dupla pesquisa: a qualitativa, que nos permite estudar em profundidade a personalidade de determinados eleitores, com foco naqueles que se destacam por seu radicalismo na defesa de Jair Bolsonaro e suas posições mais próximas do extremo autoritário, racista e preconceituoso; e a quantitativa, por meio da qual foi possível localizar os sujeitos a serem entrevistados, garantindo-se a aleatoriedade e a pertinência da escolha da pessoa X ou Y para ser entrevistada em profundidade.

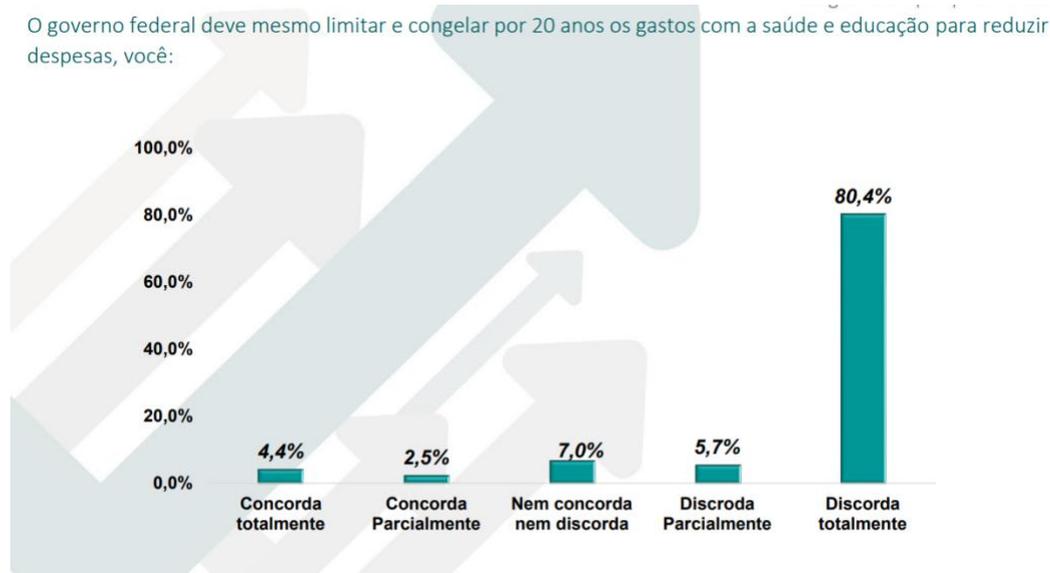
Em dezembro de 2020, ao ensejo de uma pesquisa de avaliação de campanha publicitária da Prefeitura de João Pessoa, pudemos medir também a opinião de 601 entrevistados a respeito de temas sociais/comportamentais e econômicos, com margem de erro de 4 pontos percentuais e intervalo de confiança fixado em 95%.

Inicialmente foram empregadas 25 perguntas, por nós elaboradas, em cinco blocos ou eixos, que orientamos: altruísmo/egoísmo (descartado ao final); estatismo/liberalismo; libertarismo/autoritarismo; valorização/preconceito racial e valorização/preconceito LGBTQIA+.

As 20 perguntas que restaram em quatro eixos foram as seguintes, com seus respectivos resultados e conclusões primárias, a partir da observação dos gráficos, por nós orientados, finalizados pelo instituto Data Qualyt, com sede em Campina Grande (PB), liderado pelo sociólogo e estatístico Alex Raia:

**I - Estatismo/liberalismo**, com as seguintes frases apresentadas e os seguintes percentuais de respostas:

Gráfico 1 – Concordância ou discordância com a adoção de um *teto de gastos* públicos com saúde e educação

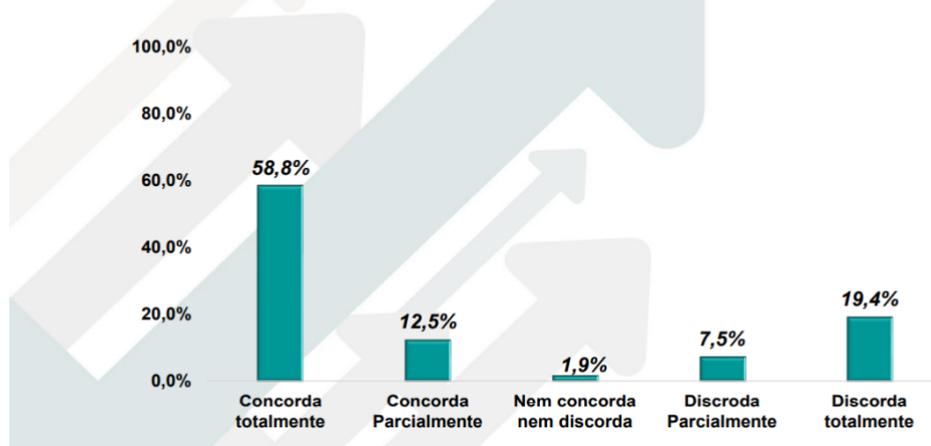


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Segundo o gráfico anterior, oito a cada dez entrevistados discordam do *teto de gastos* – o eufemismo para limitar e congelar por 20 anos o custeio público com Saúde e Educação.

Gráfico 2 – Concordância ou discordância com a gratuidade no transporte público

Já que o governo oferece educação e saúde de graça, transporte em ônibus, trens e metrô também deveriam ser gratuitos, você:

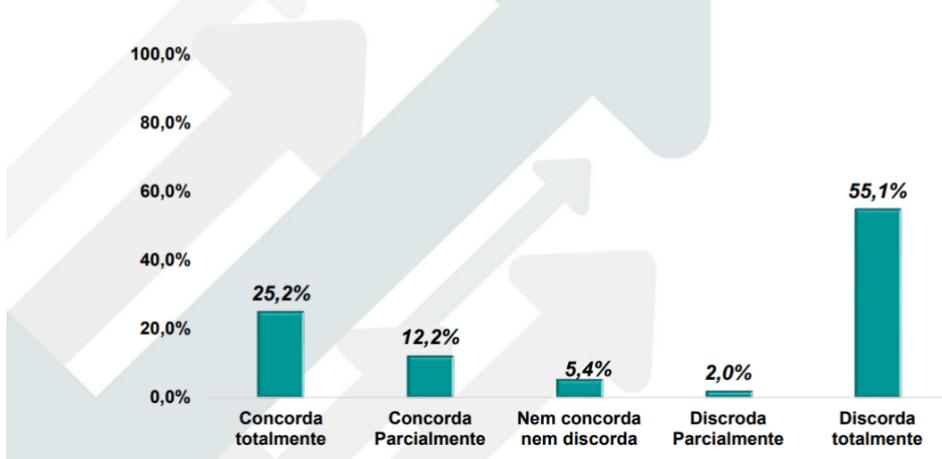


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Como se observa, seis em cada dez entrevistados concordam totalmente com a oferta de transporte público gratuito, sendo que apenas 2 em 10 discordam totalmente.

Gráfico 3 – Concordância ou discordância com a privatização do sistema de previdência social

A previdência social custa muito ao governo e deveria ser privatizada, ser gerida por bancos para os impostos poderem baixar, você:

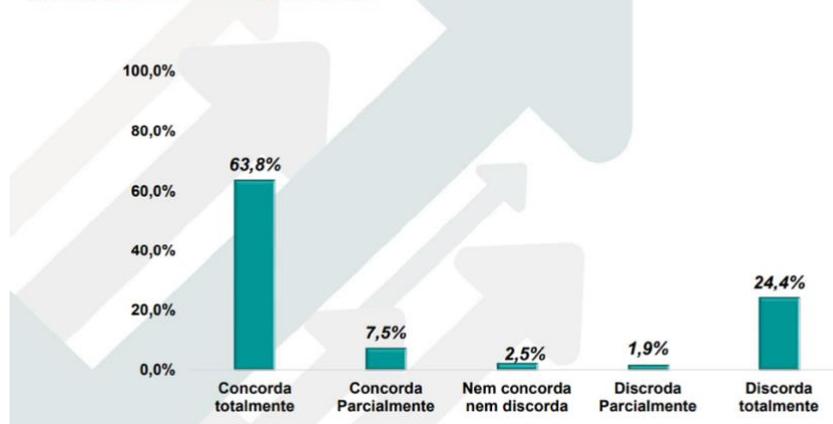


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Apesar de uma recente e massiva campanha em torno da Reforma da Previdência, focada no *peso* que aposentados e pensionistas representariam para a *sociedade*, seis a cada dez dos entrevistados, em dezembro de 2020, eram contra o modelo de previdência privada em substituição ao modelo público vigente; apesar mesmo da capciosidade da pergunta, que aponta como finalidade *para os impostos poderem baixar*.

Gráfico 4 – Concordância ou discordância com o sistema de cotas raciais para o ingresso nas universidades

Está correto que o governo reserve vagas nas universidades públicas para negros e estudantes mais pobres e que estudaram em escolas públicas, você:

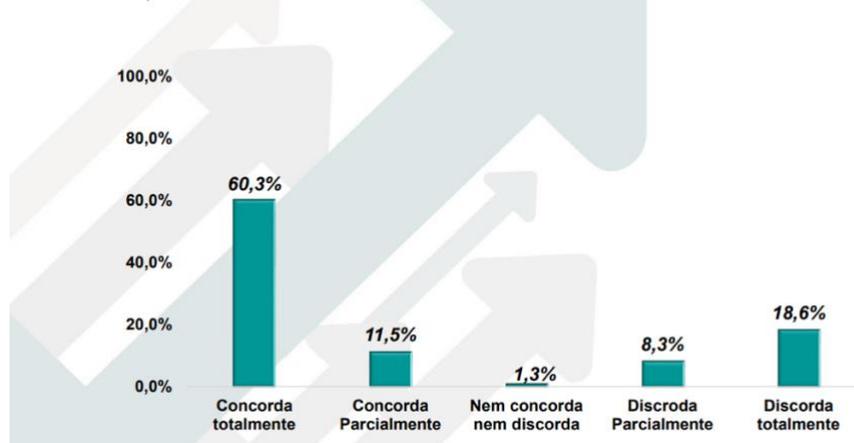


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Sete em cada dez entrevistados concordam total ou parcialmente com as cotas étnicas nas universidades; um quarto discorda. Tal pergunta foi formulada neste eixo porque a questão é também econômica e não apenas étnica.

Gráfico 5 – Concordância ou discordância sobre hipotética adoção de uma *renda básica universal*, permanente

O governo deveria pagar uma renda básica permanente, para todas as pessoas que ganhem menos de um salário mínimo, você:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

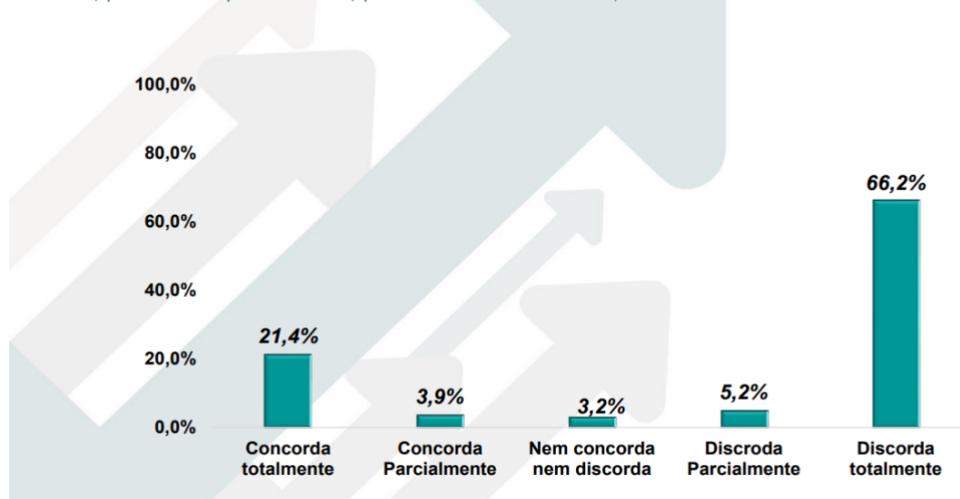
Seis em cada dez concordam totalmente e sete em dez concordam total ou parcialmente com a pergunta, que remete ao Auxílio Emergencial, aprovado à revelia do governo federal e que chegou a retardar ou diminuir a explosão da miséria no país, causada pela gestão neoliberal dos aspectos econômicos da pandemia.

Os entrevistados tinham posição claramente mais favorável a uma condução econômica voltada para melhores condições sociais.

**II - Libertarismo/Autoritarismo**, com as seguintes frases apresentadas e os seguintes percentuais de respostas:

Gráfico 6 – Concordância ou discordância sobre uma hipotética ditadura militar pelo tempo determinado de dez anos

As eleições para presidente, deputados e senadores deveriam ser suspensas, e os militares deveriam governar o Brasil, pelo menos por dez anos, para botar ordem na casa, você:

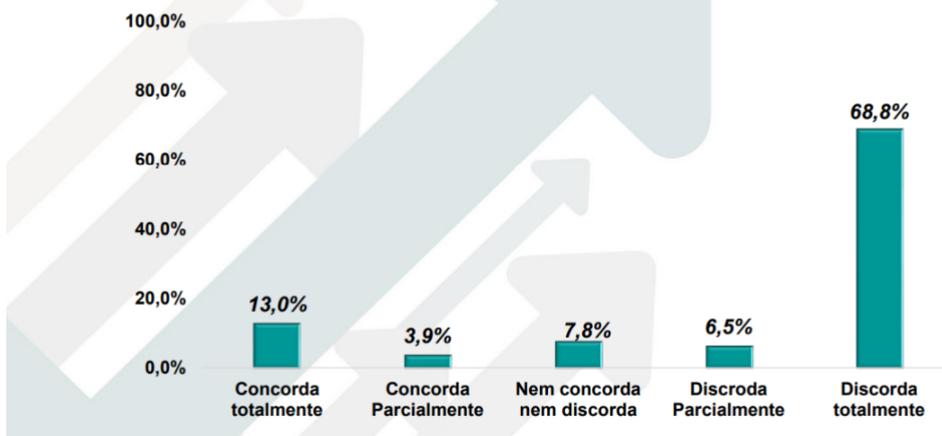


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Verifica-se que um quarto dos entrevistados defendia a *volta da ditadura*, (indício de *submissão autoritária* e, talvez, *agressão autoritária*), enquanto uma ampla maioria, ou sete em cada dez entrevistados, era contra.

Gráfico 7 – Concordância ou discordância quanto a um general merecer mais respeito em relação a um professor

Um general está acima de um professor e que devemos mais respeito ao general que a um professor, você:

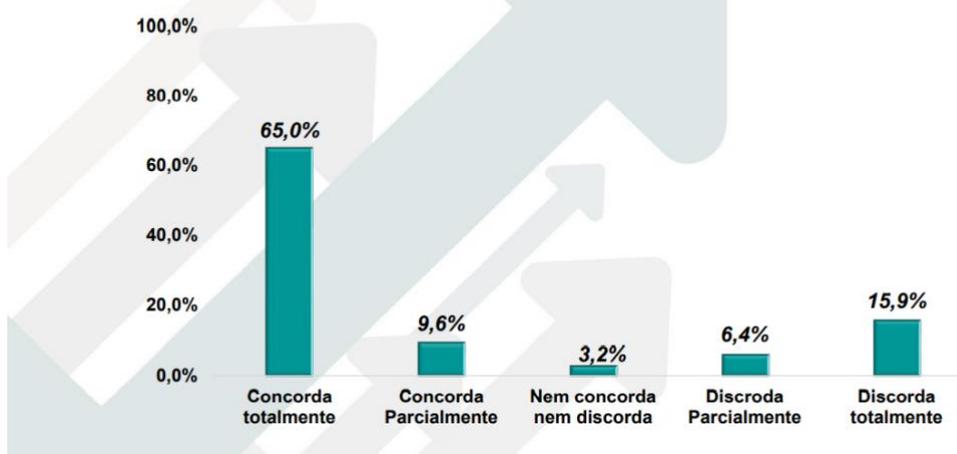


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Três quartos dos entrevistados discordam da afirmação; já 17% tendiam a achar o general superior ao professor – *submissão autoritária*.

Gráfico 8 – Concordância ou discordância sobre um poder de polícia: a revista em local público

Um policial militar pode abordar e revistar qualquer pessoa que ele considerar em atitudes suspeita, você:

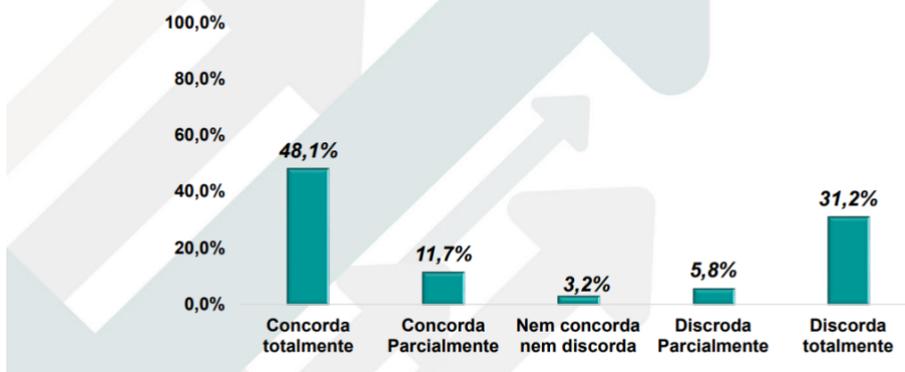


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Para três quartos dos entrevistados a polícia pode abordar e revistar, a conotar *convencionalismo* predominante e, talvez, *submissão autoritária*.

Gráfico 9 – Concordância ou discordância sobre hipotética descriminalização das drogas, visando à reversão dos recursos destinados à *guerra às drogas* para tratamentos de saúde e prevenção ao uso

As drogas devem ser descriminalizadas para que o dinheiro gasto pelo governo na guerra às drogas e seja investido em campanhas de prevenção e no sistema de saúde para tratar os dependentes e mesmo melhorar a saúde no Brasil, você:

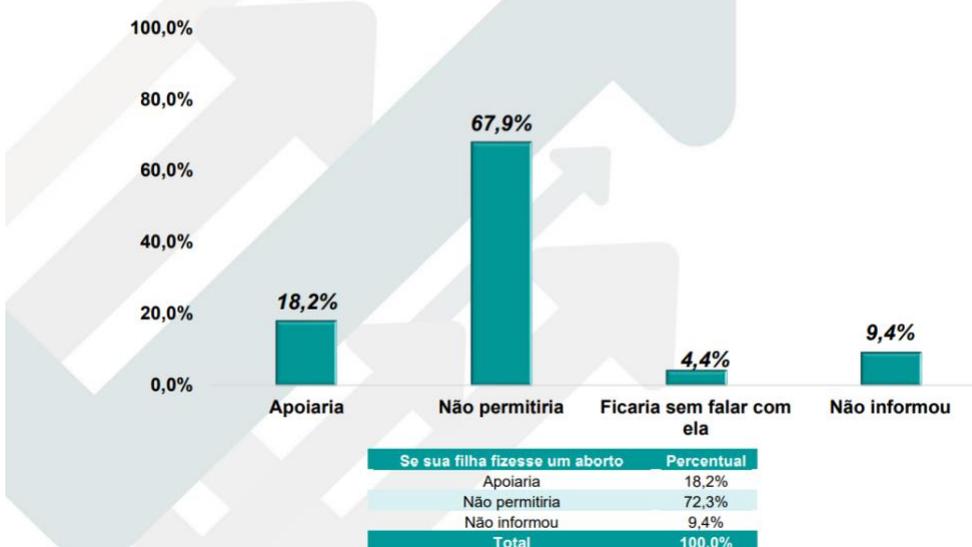


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Vê-se que seis em cada dez entrevistados são favoráveis à substituição da *guerra às drogas* por uma política mais racional de enfrentamento. Aparentemente, aqui, o *convencionalismo* não foi predominante.

Gráfico 10 – Opinião sobre hipotético caso de aborto na família, envolvendo a própria filha

Se sua filha lhe dissesse que iria fazer um aborto e depois de você conversarem longamente sobre o peso disso na vida dela, além de eventuais implicações religiosas e mesmo assim ela mantivesse a decisão de abortar, você:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Somente dois em cada dez entrevistados apoiariam uma filha na decisão de abortar, suscitando questionar se há *convencionalismo* predominante. Seriam necessárias, no entanto, perguntas adicionais para alguma conclusão a respeito, ainda que muito primária.

Algumas considerações: observando-se as principais tendências medidas, nota-se que a predominância ou não de *convencionalismo* varia conforme o tema e, provavelmente, varia de acordo com a necessidade percebida (maior no caso de permitir a abordagem policial, talvez para elevar o nível de segurança; porém menor no caso da manutenção da política de *guerra às drogas*, optando-se por algo mais racional, eficiente e de menos *submissão autoritária*). Entretanto, deve ser considerado bastante alto e alarmante o percentual (em torno de 25%) dos que defendiam, há cerca de dois anos, um regime ditatorial militar.

**III - Valorização/preconceito étnico**, com as seguintes frases apresentadas e os seguintes percentuais de respostas:

Gráfico 11 – Concordância ou discordância sobre a existência de racismo no Brasil

Na sua opinião, existe racismo no Brasil:

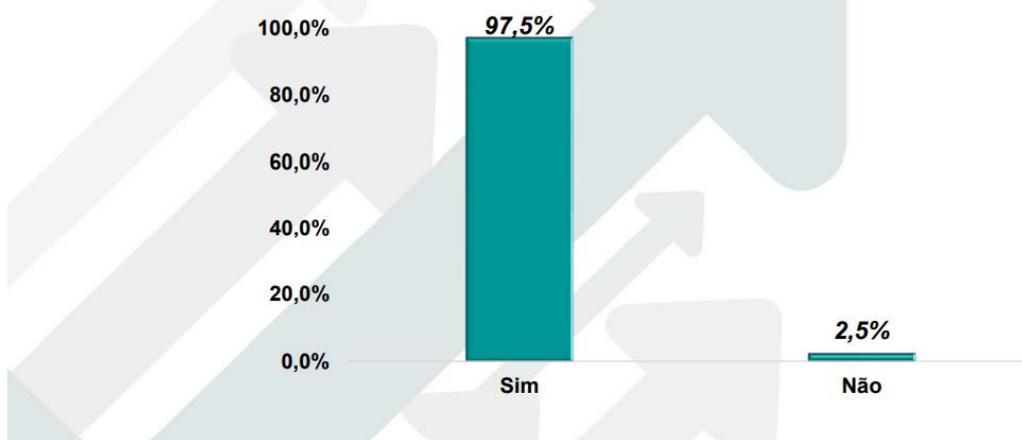


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Revela-se, no reconhecimento da presença do racismo, um importante passo na luta contra essa forma de preconceito e discriminação.

Gráfico 12 – Concordância ou discordância sobre tratamento igualitário a brancos e pretos

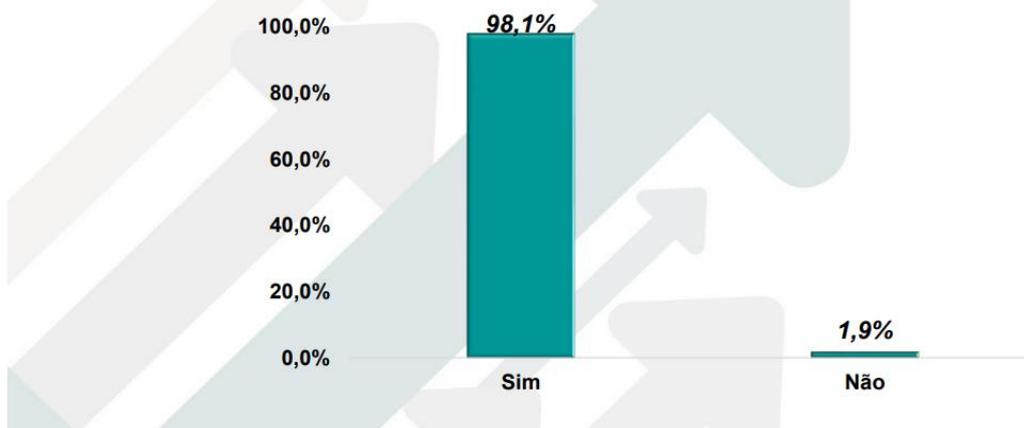
Você acha que brancos e negros devem ser tratados da mesma forma:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Gráfico 13 – Possibilidade de eleger uma pessoa negra como presidente

Você votaria em um negro para presidente:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Gráfico 14 – Submissão ao poder exercido por uma pessoa negra

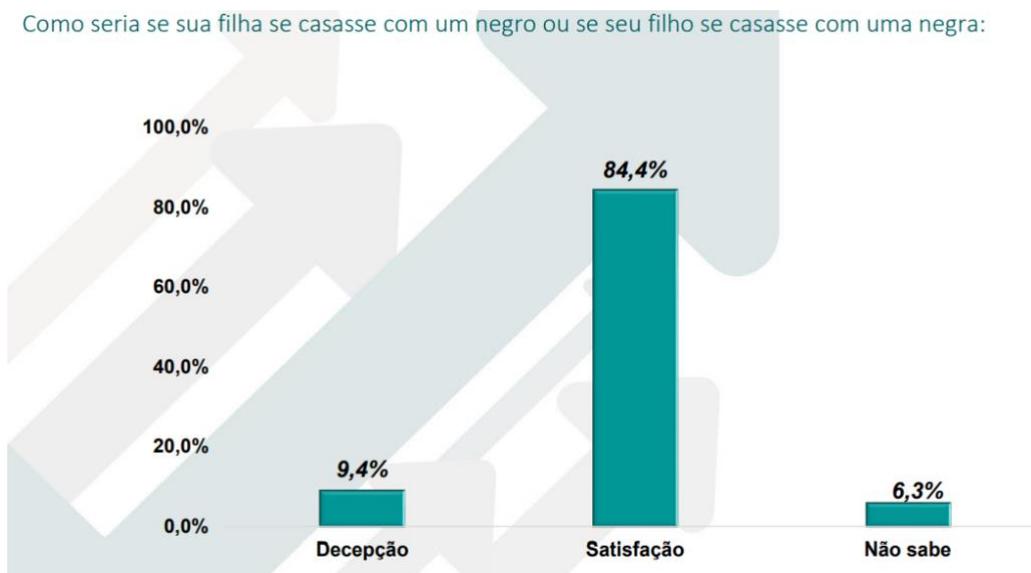
Você cumpre ou cumpriria ordens de um chefe negro:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Gráfico 15 – Satisfação ou decepção com eventual casamento da filha/do filho com uma pessoa negra

Como seria se sua filha se casasse com um negro ou se seu filho se casasse com uma negra:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Se nos gráficos 11, 12, 13 e 14 o racismo é admitido por apenas 2% dos entrevistados, no gráfico 15 o racismo acaba sendo admitido por mais de 15% dos entrevistados.

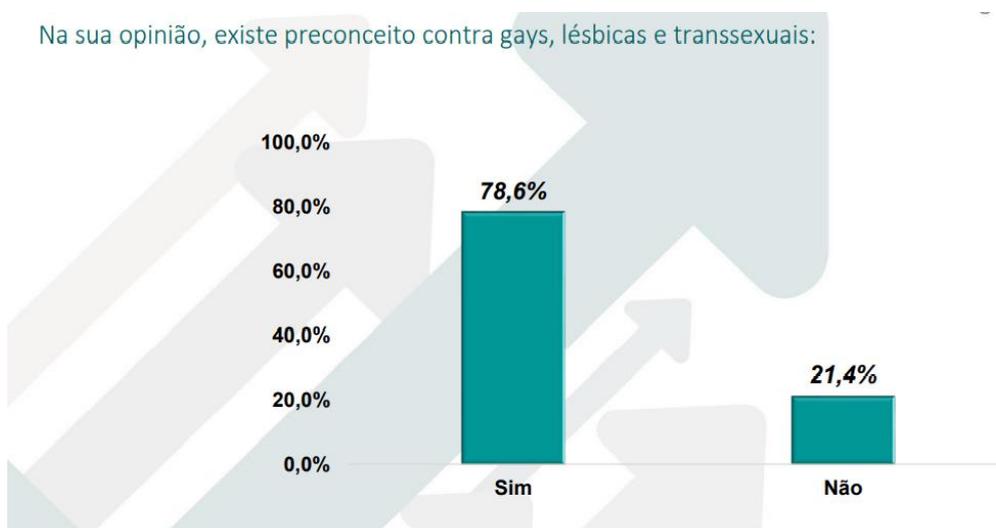
A partir da construção do questionário, de modo a proporcionar a construção de índices, podemos perceber que o racismo é algo longe de estar

eliminado na sociedade pessoense: o *nosso racismo*, ou melhor, o *racismo do outro* é declarado; o *meu racismo* é difícil de ser verbalizado, porém ainda existe. Nesta pesquisa, com uma pergunta um pouco mais capciosa, conseguimos percebê-lo em 15% dos entrevistados.

**IV - Valorização/preconceito nas questões LGBTQIA+**, com as seguintes frases apresentadas e os seguintes percentuais de respostas:

Gráfico 16 – Preconceito contra a população LGBTQIA+

Na sua opinião, existe preconceito contra gays, lésbicas e transsexuais:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Da comparação com a pergunta-espelho sobre a questão étnico-racial, já se percebe que o preconceito contra a população LGTBTQIA+ é mais forte.

Gráfico 17 – Opinião sobre o exercício da maternidade e paternidade por pessoas LGBTQIA+

Você acha que casais gays e lésbicas podem adotar filhos:

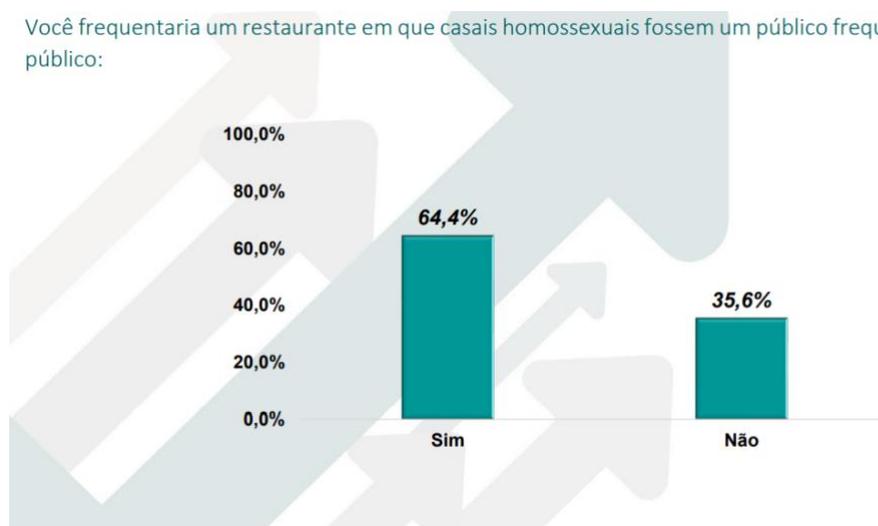


Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Quase dois terços são favoráveis à adoção de crianças por casais do mesmo gênero, mas um terço se diz contrário.

Gráfico 18 – Opinião sobre relacionamento em público por pessoas LGBTQIA+

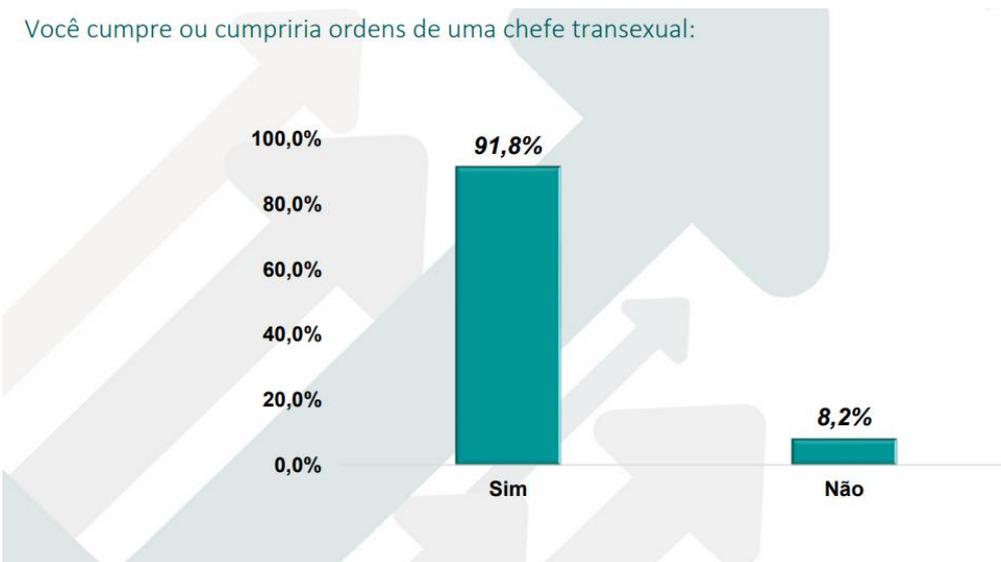
Você frequentaria um restaurante em que casais homossexuais fossem um público frequente e se beijasse em público:



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

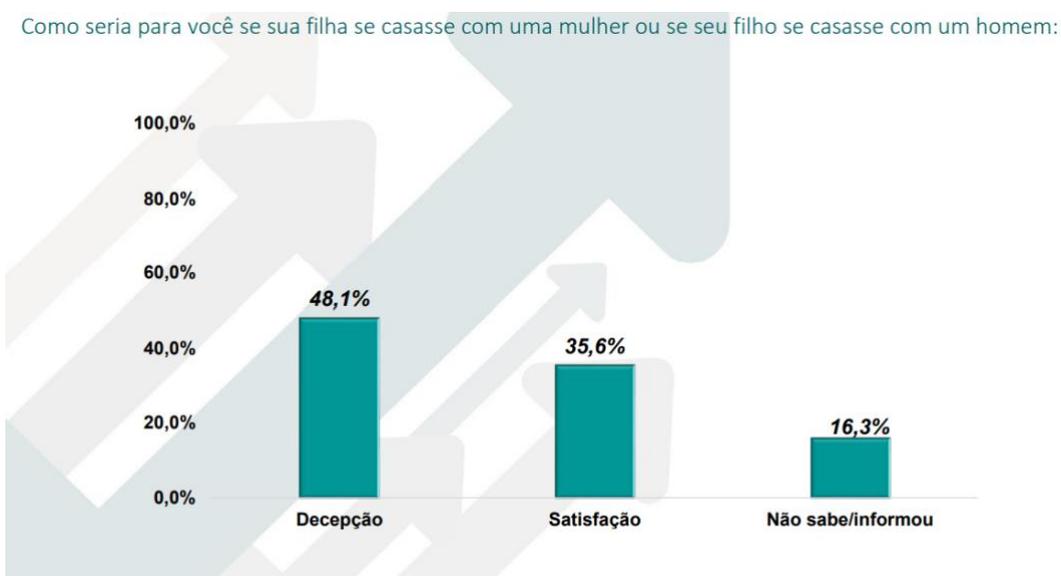
No gráfico acima, a confirmação dos dois terços valorizadores e do um terço preconceituoso, resultantes da pergunta anterior.

Gráfico 19 – Submissão ao poder exercido por uma pessoa trans



Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Neste caso, a necessidade econômica parece ter prevalecido sobre o preconceito, uma vez que o percentual de respostas preconceituosas foi inferior ao obtido nos gráficos 17 e 18.

Gráfico 20 – Satisfação ou decepção com um hipotético casamento *gay* da filha / do filho

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Pouco mais de um terço (36%) da população de João Pessoa admitiu preconceito aberto de orientação sexual em 2020. Porém, quase a metade (48%) revelou-se preconceituosa com a última pergunta.

### 3.2.1 Construção de índices e seleção para entrevistas em profundidade

As 20 perguntas apresentadas na forma de questionário estruturado em pesquisa quantitativa com as 601 pessoas em João Pessoa tinham como objetivo principal a construção, senão de uma escala como a Escala F, ao menos de quatro índices (estatismo/liberalismo; libertarismo/autoritarismo; valorização/preconceito étnico e valorização/preconceito LGBTQIA+). A intenção seria localizar nos três últimos índices (excluindo estatismo/liberalismo) os entrevistados que *pontuassem mais* ou *pontuassem menos*, de modo a identificar as pessoas mais radicalmente democráticas e as mais radicalmente antidemocráticas, como inauguraram Adorno e os pesquisadores de Berkeley na segunda metade dos anos 1940, para entrevistas em profundidade com as duas psicólogas contratadas pelo Instituto Data-Quality, que nos apoiou na pesquisa.

Cabe observar, inicialmente, a distribuição da amostra da população de João Pessoa nestes quatro índices, segundo o relatório construído em parceria com o Instituto, considerando que dentro de cada eixo as cinco perguntas tinham valor ou peso idênticos:

Tabela 1 – Eixo Estatismo ⇔ Liberalismo

#### Estatismo □ Liberalismo

Fração 1 (Liberais) = Os Entrevistados que somaram de 0,4 a 0,8

Fração 2 (Intermediários) = Os Entrevistados que somaram de 0,9 a 1,4

Fração 3 (Estatistas) = Os Entrevistados que somaram de 1,5 a 2,0

Estatismo/Liberalismo	Percentual
Estatistas	66,9%
Intermediários	29,4%
Liberais	3,8%
<b>Total Geral</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Quality, 2021.

Dois terços da população de João Pessoa tinham posições favoráveis à maior presença do Estado na gestão econômico-social em 2020.

Tabela 2 – Eixo Libertarismo ⇔ Autoritarismo

### Libertarismo □ Autoritarismo

Fração 1 (Libertários) = Os Entrevistados que somaram de 0,4 a 0,8

Fração 2 (Intermediários) = Os Entrevistados que somaram de 0,9 a 1,4

Fração 3 (Preconceituosos) = Os Entrevistados que somaram de 1,5 a 2,0

Liberdade/Autoritarismo	Percentual
Intermediários	45,0%
Libertários	37,5%
Autoritários	17,5%
<b>Total Geral</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Pelo menos oito em cada dez entrevistados qualificavam-se como *Libertários* e *Intermediários*. As entrevistas em profundidade se concentrariam em pessoas que estivessem entre os 17,5% de *Autoritários*.

Tabela 3 – Eixo Valorização ⇔ Preconceito Étnico

### Valorização Racial □ Preconceito Racial

Fração 1 (Valorizadores) = Os Entrevistados que somaram de 5 a 6

Fração 2 (Intermediários) = Os Entrevistados que somaram de 7 a 8

Fração 3 (Preconceituosos) = Os Entrevistados que somaram de 9 a 10

Preconceito Racial	Percentual
Intermediários	3,5%
Preconceituosos	0,6%
Valorizadores	95,9%
<b>Total Geral</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Como as perguntas tinham peso idêntico dentro de cada eixo, a quinta e definidora pergunta sobre preconceito racial não prevaleceu no índice de valorização e preconceito étnico-racial, que acabou produzindo uma falsa impressão de esmagadora maioria valorizadora. Vale lembrar que 15% admitiram ou revelaram seu racismo étnico na pergunta sobre casamento de filho(a).

Tabela 4 – Eixo Valorização ⇔ Preconceito em relação à população LGBTQIA+

**Valorização LGBT □ Preconceito LGBT**

Fração 1 (Valorizadores) = Os Entrevistados que somaram de 5 a 6

Fração 2 (Intermediários) = Os Entrevistados que somaram de 7 a 8

Fração 3 (Preconceituosos) = Os Entrevistados que somaram de 9 a 10

Preconceito LGBT	Percentual
Intermediários	35,7%
Preconceituosos	8,0%
Valorizadores	56,3%
<b>Total Geral</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

O mesmo aconteceu aqui, uma vez que as perguntas definidoras eram as apresentadas nos gráficos 18 e 19, revelando preconceito por parte de dois terços da amostra de entrevistados.

A partir das pontuações e respectivas classificações de entrevistados nos eixos valorização ⇔ preconceito em relação à população LGBTQIA+, valorização ⇔ preconceito étnico e libertarismo ⇔ autoritarismo apresentadas acima, foi possível partirmos em busca dos perfis (i) mais *democráticos* ou *progressistas* ou *de esquerda*; (ii) dos *centristas*; e (iii) dos mais *antidemocráticos* ou *conservadores* ou *de direita* (consistindo este terceiro tipo, enfim, no suposto *bolsonarista-autoritário* ou *brasileiro potencialmente fascista*), para entrevistas em profundidade, de modo a se confirmar, 75 anos depois, algumas das conclusões de Adorno.

Por fim, também foram realizados cruzamentos com o voto para presidente da República em 2018, obtendo-se os resultados a seguir:

Tabela 5 – Voto para presidente em 2018 x Eixo Libertários ⇔ Autoritários

	Fernando Haddad	Jair Bolsonaro	Não fui votar	Branco/Nulo	Não lembra	Total Geral
Intermediários	18,1%	43,1%	12,5%	16,7%	9,7%	100,0%
Libertários	31,7%	33,3%	15,0%	16,7%	3,3%	100,0%
Autoritários	10,7%	57,1%	17,9%	7,1%	7,1%	100,0%
<b>Total Geral</b>	<b>21,9%</b>	<b>41,9%</b>	<b>14,4%</b>	<b>15,0%</b>	<b>6,9%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Ao observarmos a tabela logo acima, percebemos a predominância do voto dos *Autoritários* em Bolsonaro: seis em cada dez.

Tabela 6 – Voto para presidente em 2018 x Eixo Valorização/Preconceito Étnico

	Fernando Haddad	Jair Bolsonaro	Não fui votar	Branco/Nulo	Não lembra	Total Geral
Intermediários	0,0%	89,7%	0,0%	0,0%	10,3%	100,0%
Preconceituosos	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Valorizadores	22,8%	39,8%	15,0%	15,6%	6,8%	100,0%
<b>Total Geral</b>	<b>21,9%</b>	<b>41,9%</b>	<b>14,4%</b>	<b>15,0%</b>	<b>6,9%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Como o critério de pontuação neste eixo racial acabou mascarando o preconceito, seria necessário caracterizar-se quase como um *racista militante* para ser enquadrado como *preconceituoso*. Destaca-se que 100% dos que se encaixaram neste extremo também declararam ter votado em Bolsonaro dois anos antes.

Tabela 7 – Voto para presidente em 2018 x Eixo Valorização ⇔ Preconceito em relação à população LGBTQIA+

	Fernando Haddad	Jair Bolsonaro	Não fui votar	Branco/Nulo	Não lembra	Total Geral
Intermediários	24,0%	41,0%	10,0%	16,3%	8,8%	100,0%
Preconceituosos	25,6%	64,4%	10,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Valorizadores	20,0%	39,2%	17,8%	16,3%	6,7%	100,0%
<b>Total Geral</b>	<b>21,9%</b>	<b>41,9%</b>	<b>14,4%</b>	<b>15,0%</b>	<b>6,9%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Elaboração do autor, com aporte do Instituto Data Qualyt, 2021.

Novamente, verifica-se uma predominância da preferência por Bolsonaro entre os *preconceituosos* muito maior que entre os *valorizadores* ou *intermediários*.

### 3.2.2 A pesquisa qualitativa, na forma de oito entrevistas em profundidade

Entre os dias 24 e 27 de agosto de 2021, foram entrevistadas oito pessoas na capital paraibana que haviam respondido a questionários estruturados na pesquisa quantitativa de dezembro de 2020 e que, novamente procuradas, confirmaram suas opiniões e se dispuseram a conversas mais longas ou entrevistas em profundidade, conduzidas pelas duas psicólogas e acompanhadas, sempre que possível, por Raia e por nós.

Para uma organização interna dos trabalhos, entre os oito entrevistados, dois foram classificados como *de esquerda*, dois como sendo *de centro* e quatro como *de direita* ou *de extrema-direita*. A maior concentração no campo da *direita* e de seu extremo justifica-se em razão do tema deste trabalho. Alguns trechos dos relatórios das psicólogas, sejam algumas referências teóricas (fiquemos aqui no porto seguro de Adorno e Freud), sejam alguns relatos ou observações supérfluas, foram suprimidos neste documento principal. Ademais, alguns ajustes textuais foram realizados, para melhor compreensão.

Seguem as transcrições das entrevistas feitas pelas psicólogas, com pequenos ajustes textuais e grifos nossos no que nos pareceu mais relevante:

(i) *De esquerda*, como se autodefiniu, foi entrevistada *Carolina*, de 35 anos:

Exposição de motivos: Define-se como de esquerda, por entender que seus ideais de sociedade se parecem com os propostos pelos partidos esquerdistas, baseando-se na história social, política e econômica. Análise: C., cristã, solteira, é a primeira filha de um farmacêutico e de uma aposentada, de classe B, com 35 anos, com curso superior, independente financeiramente, que teve uma educação conservadora, na presença constante e superprotetora dos pais e que, em alguns momentos, sentiu-se sufocada, mas hoje consegue entender o cuidado deles e que isso, de certa forma, ajudou-a a manter-se emocionalmente equilibrada. C. não se considera racista, nem homofóbica, defende que casais homoafetivos possam adotar filhos, por acreditar que a base familiar que predomina na criação de uma criança é o amor, o respeito, e não os gêneros envolvidos. Acredita que a ditadura militar existiu, sim, e teme um retorno desse período 'cruel', já que percebe que o atual governo federal se mostra defensor dessas ideias. C. não apresenta traços extremistas, é tímida, pondera as palavras, mas enfatiza bem seu posicionamento político e afirma ter excluído pessoas do seu convívio social por não compartilhar das mesmas opiniões políticas destas, alegando não conseguir manter uma conversa saudável e produtiva com as mesmas. Conclusão: **Ao analisar a educação à qual C. foi submetida, seu atual perfil social, o contexto em que ela está inserida, e levando em consideração seu grau de escolaridade, acesso à informação e o seu círculo de amizades, podemos dizer, salientando que foi apenas um encontro entre o entrevistador e a entrevistada, que Carolina teve uma infância tranquila e, apesar da superproteção de seus pais, conseguiu traçar metas e cumpri-las.** C. sugeriu um lugar público para o encontro, um café, próximo à sua residência, alegando que em sua casa não teríamos privacidade. Mostrou-se, a princípio, tímida e suas palavras eram comedidas. Ao

passo que a entrevista avançava, a mesma colocava com mais ênfase as suas opiniões e parecia menos tensa. Quando perguntada quanto às suas posições políticas, C. afirmou: “não sou petista nem lulista, mas esquerdista”, dizendo que cortou muitos vínculos de amizade e também com apoiadores do atual presidente, por acreditar que o mesmo é homofóbico, fascista e que quem o apoia também o é, demonstrando ódio em suas palavras e expressões facial e corporal, chegou a ficar inquieta com a indagação. [...] C. faz parte de grupo de rede social de mensagens de esquerda, defende as cotas por entender que é *um erro do passado*, referindo-se à escravidão e, portanto, uma dívida com a sociedade que precisa ser paga com educação. C. justifica sua escolha profissional por querer cuidar do outro. Embora a sua primeira opção tenha sido medicina, não obteve êxito e foi para enfermagem, na qual conseguiu encontrar-se profissionalmente e ressignificar seu interesse, com a sensação de missão e de sentido para si. [...] **Entre suas falas, destacam-se as sobre sua sexualidade, revelada após muita insistência, mas que ainda era um tabu em sua casa, seus pais não costumavam conversar nem ela discutia o assunto, por vergonha e medo, disse que a sua vida sexual teve início de maneira muito discreta, para não chocar a família.**

Nota-se acima, que a entrevistada não revelou, aparentemente, nenhum trauma infantil mais grave que tenha sido detectado pelas psicólogas durante a entrevista. Se houve algum constrangimento familiar sobre sua vida sexual ou orientação sexual, isso provavelmente já fora superado, o que se encaixa nos padrões dos indivíduos de tendências mais libertárias ou democráticas identificados por Adorno no estudo original de 1950.

(ii) O segundo entrevistado classificado como *de esquerda* foi Aldenis, de 29 anos. Escrevem as psicólogas:

Exposição de motivos: De esquerda, A. tem muita informação acerca dos propósitos e ideais esquerdistas e diz concordar com todos, por acreditar que seria o melhor para o povo. Análise: A., cristão, solteiro, 29 anos, filho de um carreteiro já falecido, e de uma dona de casa, tecnólogo em edificações, cursando Engenharia Civil, Classe C, viveu grande parte de sua infância no interior do Estado, em São Bento do Una, onde os costumes e tradições são muito fortes e muita coisa desse período permanece arraigada em sua postura. **A. teve uma educação que considera equilibrada, sem conturbações, embora o fato de seu pai ter falecido enquanto eram muito jovens, ele e seus dois irmãos, sendo ele o filho do meio, tenha acarretado uma sobrecarga para a mãe, que precisou arcar com as responsabilidades sozinha. Por outro lado, reconhece que a ausência do pai, enquanto vivo, devido ao**

**trabalho que exercia, sempre teve um peso muito grande para a família, tendo preparado-a para essa missão.** O entrevistado não se considera homofóbico nem racista. Inclusive, cita uma situação de racismo em que defendeu a vítima, por não compactuar com esse tipo de ofensa. A. mostrou grande conhecimento na sua área de trabalho, edificações, e conseqüentemente tem argumentos para defender o plano que o PT tem para investir em tal setor e ampliá-lo em nosso país, sendo bem atualizado quanto às informações que envolvem política e economia. Conclusão: A. concordou em receber a equipe de entrevistadores no prédio onde mora, de classe C, mostrou-se receptivo, tranquilo e disposto a responder todas as perguntas. Não esboçou espanto, nem inquietação, apesar da hora avançada (passava das 21h). **O entrevistado teve uma educação saudável junto aos seus, admite ter recebido pouco carinho, mas diz que sempre houve diálogo.** A. não votou no atual presidente na última eleição e nunca votaria, segundo ele, porque não acha que o mesmo tenha perfil presidencial, nem tampouco um plano de governo capaz de diminuir as discrepâncias sociais do país. Acredita que ele ganhou porque iludiu as pessoas com a ideia de ser incorruptível, religioso e moralista, e a maioria estava carente de uma figura que representasse a família e seus valores.

Do mesmo modo que a primeira, o segundo entrevistado, de perfil mais democrático e progressista, também reflete os padrões de personalidade e comportamento identificados por Adorno a partir das experiências na infância.

(iii) No campo do *centro-direita*, a primeira entrevistada foi Patrícia, de 37 anos:

Exposição de motivos: P., apesar de ter votado na última eleição no atual presidente, não se define como de direita e afirma que, apesar de não concordar com as posições políticas deste, votou nele por influência de seu pai, que é eleitor de Bolsonaro. Análise: P., divorciada, psicóloga, 37 anos, mãe de duas filhas, mora com os pais por uma questão de logística devido ao trabalho, mas sente falta de ter seu próprio espaço, que está alugado desde que se divorciou. P. conta que se casou porque estava grávida, depois de 4 anos de namoro, porém não por vontade própria, apenas para cumprir o protocolo, devido à gestação, e que não precisou arrumar nada para o evento, pois sua família preparou tudo. Nesse período de sua vida, ela trabalhou como autônoma com o esposo e dedicou-se muito ao trabalho. Afirma não ter sido boa a experiência do casamento e, por isso, chegou ao divórcio. Conclusão: P. recebeu a equipe de entrevistadores no hall do prédio onde mora, no horário de almoço, de classe B, muito disponível, embora a filha tenha interfonado para o porteiro para lhe chamar, ela prontamente disse que estava em reunião com nossa equipe, não sendo esse

um traço autoritário, mas mostrou-se firme na educação de suas filhas e ponderada, aberta a novas reflexões propostas pelas psicólogas que a entrevistavam, em nenhum momento invocou a teoria aprendida enquanto psicóloga para questionar o trabalho que estava sendo realizado, tampouco considerou a abordagem incoerente, mas expôs que só votou no atual presidente por influência de seu pai, com quem mantém várias conversas a respeito deste governo e cada vez se convence mais que não fez o certo, **o que revela quão grande é sua dependência emocional em relação à família, assim como foi de seu casamento, quanto à escolha de sua moradia e também da vida que levou antes do divórcio, de muito trabalho no estabelecimento comercial de seu ex-esposo.** A abordagem realizada pela equipe de psicólogas a fez refletir sobre sua postura diante de muitas coisas, inclusive ela mencionou que durante sua trajetória nada foi muito difícil, sempre encontrou tudo quase pronto, o que acredita ter facilitado muito a logística da sua vida profissional, porém disse que isso limitou sua individualidade, sendo que sua decisão de estudar foi após o divórcio, visto que antes não tinha tempo e o curso escolhido era um sonho antigo, disse que hoje é realizada no que faz.

A terceira entrevistada, autodeclarada *de centro-direita*, também não parece revelar, na entrevista, nenhum trauma infantil, porém carrega certo conservadorismo de classe e *dependência emocional em relação à família*, segundo relatam as psicólogas. Aqui, muito possivelmente também devido a tensões psíquicas mais recentes, como o divórcio, também de acordo com a análise das psicólogas, ou melhor, a partir desta.

(iv) O segundo *centrista* foi Henrique, de 39 anos:

Exposição de motivos: H. disse que votou no atual presidente, que concorda com muitas de suas ideias, porém não se considera extremista, visto que defende algumas demandas de políticas públicas, as quais o governo federal não aprova, como Bolsa Família, por exemplo. Análise: H., divorciado, 39 anos, ensino médio, Classe D, atualmente vigilante desempregado, pai de um menino, serviu o exército e se identificava muito com o trabalho. O entrevistado apoia o porte de arma, desde que sob um alto controle, mas preocupa-se com o *jeitinho brasileiro* de que alguns se valeriam para obter esse privilégio. Concorda que a polícia militar deva abordar qualquer cidadão em atitude suspeita, mas fala sobre abuso de autoridade, mesmo acreditando que *quem não deve, não teme*. Afirma que Bolsonaro está fazendo um bom governo, acredita que ele está sozinho por achar que o STF está contra ele e isso dificulta. Henrique diz que não seria má ideia se o exército governasse o país por no mínimo 10 anos, contanto que depois desse período

tudo voltasse ao normal. Henrique também falou sobre racismo e homofobia, dizendo que não tem preconceito de nenhuma ordem, porém não é um assunto do qual trataria com os filhos nem frequentaria com sua família ambientes em que houvesse público LGBTQIA+, mas sozinho não vê problema em frequentá-los. Conclusão: H. recebeu a equipe de entrevistadores na casa da atual sogra, que funciona como estabelecimento comercial (um bar), mas deixou a todos muito à vontade para fazer as perguntas. Ele enfatizou em muitas falas o fato de estar desempregado e o quanto isso está desequilibrando sua vida, pois é pai e cumpre rigorosamente com seus compromissos. No início da conversa, Henrique estava apreensivo e inquieto, mas tão logo o encontro foi acontecendo, ele se soltou e colocou-se mais disponível para responder todas as perguntas. H. teve uma educação liberal, na fase da adolescência sentiu falta de ser cobrado para estudar e cumprir com outras obrigações familiares. Falou que a educação que dá a seu filho é diferente nesse sentido, pois entende que é necessário ser mais rígido e que mais tarde os filhos acabam agradecendo, entende que talvez, por isso, hoje ele não tenha uma profissão que proporcione mais estabilidade financeira. Afirmo que talvez por não ter vivido sob uma educação mais rígida é que tenha gostado de servir o Exército.

O quarto entrevistado tem fatos da infância pouco marcantes na percepção das entrevistadoras, segundo a transcrição acima, e realmente nada de importante surgiu durante a entrevista acompanhada por nós. Apresenta, assim, um posicionamento político-ideológico menos facilmente caricaturável, provavelmente localizando-se numa área pouco interessante da Escala F original de Adorno. Nem democrático, nem autoritário; um tanto conservador, mas muito longe do extremo que identificaria a *personalidade autoritária*, mesmo trabalhando com segurança privada ou declarando que tenha gostado de sua experiência no Exército.

(v) Entre os *direitistas* que se consideram menos extremados, dois foram os entrevistados pelas psicólogas. A seguir, Vinícius, 38 anos:

Exposição de motivos: De direita, convicto, acredita que as pessoas precisavam de uma representatividade que fosse firme, incorruptível, com valores morais e acredita que o atual governo federal preenche esses requisitos. Análise: V., 38 anos, recém-formado em Direito, casado com uma professora funcionária pública, classe C, pai de duas filhas, passa a maioria do seu tempo trabalhando em casa e, por isso, tem a responsabilidade e cuida da logística de cuidar das filhas; todos na casa não viram a necessidade de tomar a vacina contra a Covid-19, [...]

considera as crianças de hoje em dia muito mal-educadas e diz que felizmente tem filhas maravilhosas e bem-educadas, com uma educação de obediência e muita conversa. Na casa tem dois animais de estimação, dois cachorros, em um dado momento da entrevista os cachorros começaram a latir, com um tom forte e disciplinado V. ordenou os animais, que imediatamente obedeceram. É o filho mais novo de uma família de quatro irmãos, sendo três homens e uma mulher, sua irmã mais nova tem uma deficiência visual, filho de pais divorciados foi criado por muito tempo por seus avós maternos, sob uma criação firme (o avô era 'comunista', V. diz que o comunismo não é bom pelo resultado mas, se tivesse dado certo, a ideia seria boa). Sua mãe, 'esquerdista', trabalhava como professora, deixava os filhos sozinhos na casa vizinha à dos avós, enfatiza V. Relata que sua infância foi uma fase muito difícil, pois precisava do carinho e afeto da mãe e não o tinha, porque ela era muito dispersa com os filhos. Com o seu pai falava em datas comemorativas. **Relembra que sua vida sexual se iniciou muito cedo, por ter mais dois irmãos homens, sendo que todos ficavam em casa, então, a própria mãe permitia que fossem levadas mulheres para a casa e os irmãos precisavam ter relações sexuais para 'mostrar sua virilidade' com essas mulheres, mas ele não tinha vontade, talvez por ser uma criança de apenas onze anos de idade, mesmo assim, ele fazia sexo, só que se sentia muito mal, agredido e violentado, enquanto seus irmãos o incentivavam. Quando questionado se a mãe sabia, Vinicius diz que sim, mas afirma que ela também achava isso muito normal. Durante esses momentos, a sua irmã se mantinha trancada no quarto, e isso foi uma experiência que ele nunca esqueceu.** Tem como hobby a marcenaria, diz-se admirador do Budismo, pesquisador do Hinduísmo, mas considera-se cristão por acreditar em Jesus, porém, não praticante, não se considera racista, acredita que para ele não existe nenhum problema em suas filhas escolherem uma pessoa de cor preta para casar e não teria problema em obedecer às ordens de pessoas de cor preta, diz que: "O mundo de preconceito do passado é uma aberração e o que existe hoje é diferente, eu não tenho dívidas com o passado, porque a minha vida hoje é outra e eu não existia nesse passado para pagar essa dívida!". Acredita que existe preconceito no Brasil com pessoas gays ou lésbicas, porém não se considera uma pessoa preconceituosa, no entanto não concorda com todas as atitudes desse público, como por exemplo o jeito de falar, alguns são muito exagerados e querem ser o que não são. Acredita que, diferente da educação que existe no Brasil que é gratuita, o transporte popular de ônibus, trens e metrô não deve seguir o mesmo modelo, visto que as empresas com estatais privadas geram para o Brasil um retorno melhor, e a regulação pode ser melhor, com a previsão de multas pesadas em caso de negligências, coisa que nas empresas públicas não se garante. V. discorda totalmente que o governo deveria pagar uma renda básica permanente para as famílias com renda baixa, de um salário mínimo, mesmo em tempos difíceis, pois ele acredita que isso causaria uma acomodação em relação à sobrevivência dessas pessoas e

cada vez mais o povo se tornaria refém dos políticos. Em relação aos militares governarem o Brasil por pelo menos 10 anos para colocar ordem na casa, V. discorda totalmente dessa ideia, pois nenhum governo merece passar tanto tempo no poder, para não criar um costume e uma adaptação do povo. Na opinião dele, o general não está acima de um professor porque somos todos iguais, porém a obediência deve ser posta independentemente da profissão, acredita que os policiais, mesmo quando não estão em serviço, devem abordar na rua qualquer pessoa que considerarem suspeita, porque essa é a missão deles: cuidar e proteger a população. Em relação às drogas, entende que não devem ser descriminalizadas no Brasil, mesmo que o dinheiro investido pelo governo no combate a elas seja utilizado em campanhas de prevenção e no sistema de saúde para tratar dependentes, acredita que isso só facilitaria cada vez mais o comando por marginais e traficantes no Brasil, coisa que para ele já existe demais. **Conclusão:** V. apresenta características de um indivíduo moral e ético, como considerado na compreensão filosófica: ético na convivência com a sua família e com seus grupos, e moral no que se refere ao seu comportamento individual. [...] Parece autônomo em seus pensamentos e comportamentos, denota uma inteligência teórica e reflexiva, que anteceda a prática das suas ideias, o que se depreende, por exemplo, quando explica por que mudou a alimentação e sugeriu à família a mesma mudança, quando decidiu não tomar a vacina, mas ao mesmo tempo faz uso de chás naturais para aumentar sua imunidade, pratica atividade física no ambiente da sua casa preparado para tanto, segue os protocolos da OMS e as medidas de prevenção contra o Covid-19, salientando que a vacina é a maior forma de proteção. Não concorda com algumas atitudes do presidente Bolsonaro, no entanto, o vê como o sujeito mais preparado no sentido de promover ordem e, por se afirmar como o novo, ele apoiou a ideia da mudança, razão porque não concorda com um governo de longos anos. Acredita que precisamos ter essa consciência moral, onde os movimentos externos não nos modifiquem com a punição, mas que a boa conduta se dê por uma reflexão interna. Por isso, reprime iniciativas como o incentivo à promoção de auxílios financeiros e a gratuidade de transporte público, bem como o comportamento imposto de maneira vulgar pelo público LGBTQIA+. **V. apresenta, de forma “subconsciente” (sic), comportamento autoritário, embora tenha um tom de voz equilibrado, diz que a sua filha mais velha é muito tranquila, no entanto a mais nova é bem mais difícil e sempre se depara com ela questionando a sua ordem, isso o deixa às vezes chateado. Demonstra sentimentos de medo, inquietação e preocupação quando questionado em relação ao seu conhecimento em relação à vida afetiva das filhas, visto que, a mais velha já tem 18 anos e a mais nova, ainda criança, tem um comportamento bem mais esperto e desafiador, segundo V.** O assunto sobre as suas experiências sexuais é trazido de volta e isso deixa o entrevistado por alguns segundos em silêncio, reflexivo. Com um sorriso tímido, diz: ‘minhas filhas têm liberdade para namorar, mas só quando estiverem preparadas’. Para Freud, nessas reflexões feita por

V., nas quais ele se imagina quando criança e traz de volta o seu trauma vivido na infância (projeção), no período da sua sexualidade, existe uma fraqueza do seu eu que o torna incapaz de refletir sobre esse fenômeno, **projetando seus impulsos em outras pessoas de maneira autoritária, como uma fuga, como por exemplo no momento vivenciado durante a entrevista em que V. repreende os seus animais de forma ordenadora, sentindo-se orgulhoso por seu comportamento. Hipoteticamente, ações subjacentes de suas pulsões sexuais e características vivenciadas de abandono e negligência da sua mãe quanto à permissividade de seu abuso sexual na infância.**

O quinto entrevistado, que se autodescreve como *de direita*, acima apresentado e aqui brevemente resumido, já revela mesmo que penderia mais à direita, mais ao autoritarismo, na escala F original. Com certos traumas na infância atrelados a questões sexuais, aparentemente mal explicadas e mal resolvidas, com “sentimentos de medo, inquietação e preocupação”, principalmente “em relação à vida afetiva das filhas”.

(vi) No segundo perfil *direitista* menos extremado, Gerônimo, de 52 anos, que diz não ser *de esquerda nem de direita*:

Exposição de motivos: G.R. é um profissional militar (major), com um discurso moralista, não se julga nem de direita nem de esquerda e, sim, ‘contra a bandidagem’, acredita que o governo atual é ideal por representar a sua classe militar e faz a seguinte analogia: armas novas, bons cavalos, boa comida e tempo para adestrar, isso sim é o cenário ideal para realização de um bom trabalho. Acredita que Bolsonaro é capacitado para construir esse Brasil. Análise: G.R. é um homem de 52 anos, aposentado, servidor público (major do Exército), casado, considera-se cristão/católico, pai de três filhas, classe C, filho de pai militar e de mãe dona de casa, vindo de uma família de quatro irmãos. Sugeriu que a entrevista acontecesse em um lugar público, na praça de alimentação de um shopping. No dia e horário escolhido o lugar estava tranquilo, o entrevistado parecia à vontade durante o encontro. Com aparência de uma pessoa vaidosa, perfil atlético para a sua idade, sempre muito atento aos movimentos externos e parecia fazer questão de nos mostrar que era um homem ativo e atento. A entrevista foi iniciada falando-se de racismo, G. R. não se considera uma pessoa racista, como um desabafo diz que ele mesmo sendo branco já sofreu racismo, por vir de uma família em que os seus avós eram pretos, ele acredita que brancos e pretos devem ser tratados da mesma maneira. Quando questionado sobre o preconceito LGBTQIA+, G. R. afirma que existe o preconceito, não deixa claro em suas palavras se ele é preconceituoso, procura sempre

uma maneira de fugir dessa resposta, como se fosse para ele desconfortável falar do tema, busca justificar-se dizendo que não tem nada contra, que até tem amigos gays que são mais homens que muitos machos por aí, porém, ele não se sente à vontade próximo ou com essas pessoas, diz que não faz o tipo dele. Usa um exemplo que considera a teoria da azeitona: 'A azeitona é um petisco que muita gente gosta quando está tomando uma cervejinha, porém eu não gosto, detesto azeitona!' Em vários momentos faz discursos moralistas, de bom caráter, bondade, fé etc. Quando perguntada a sua opinião em relação à hipótese de um governo que congele gastos com saúde e educação, G.R. discorda totalmente. Acredita que se o governo disponibilizar transporte público para a população, o serviço será desvalorizado pelas pessoas. Diz que grande parte das pessoas que recebem Bolsa-Família ou algum auxílio do governo passa a ser refém dos políticos, sendo que isso só deixa cada vez mais o povo pobre e completa: 'Não acho que tem que dar o peixe, é preciso ensinar a pescar'. G.R. concorda parcialmente com o Brasil ter um governo militar durante um período de 10 anos, entendendo que existem políticos corruptos em todos os lugares, porém, no sistema militar há menos, por se tratar de um regime rígido, punitivo e sério. Não se considera uma pessoa nem de direita nem de esquerda e sim 'anticorrupção'. **G.R. quando lembra da sua infância, de como foi sua educação, seu relacionamento com a família, diz que sua educação foi construída por um pai ex-militar muito autoritário, violento e de pouca conversa, que educava pelo exemplo, e por uma mãe com comportamento superprotetor. 'Muitas vezes via minha mãe proteger meu irmão mais novo, esconder do meu pai as coisas erradas que ele fazia, eu sempre achei tudo muito errado, por isso, talvez, ele tenha se envolvido com o mundo das drogas', disse.** G.R. falou em vários momentos que fazia muito por todos da família, mas não via reconhecimento, e que estava tranquilo em sua consciência e em seu coração porque ele fazia o melhor sempre. G.R. Diz que seguiu a carreira do pai, porque o tinha como exemplo, e quando cresceu sempre buscou ser o filho exemplo da família, afirma que todos os seus irmãos, mesmo os que têm boa profissão, vivem uma vida desorganizada, de envolvimento com drogas, inclusive já perdeu um irmão para as drogas, ele é sempre quem está ali para resolver quando pode e orientar, embora nunca o tenham valorizado antes. Tenta mostrar sempre um perfil de perfeição e exemplo a ser seguido. Diz que a educação que transmite às suas filhas é pelo exemplo e que sua esposa faz o mesmo. **Em um dado momento de sua fala, relata algumas de suas experiências como militar, fala que matar bandido faz parte da sua profissão e que não vê nenhuma dificuldade nisso quando se está em missão, apenas precisa salvar a pessoas que estão nas mãos do bandido, faz gestos de como segura a arma, contraindo os músculos do seu corpo, como quem quisesse mostrar o seu físico forte, viril, imponente.** **Conclusão:** G.R. apresenta traços de uma personalidade autoritária, moralista, com discurso preconceituoso quando se fala em público LGBTQIA+, com uma necessidade de tudo estar sob o seu controle o tempo todo. A necessidade

**de controle é um mecanismo de enfrentamento utilizado por muitas pessoas que têm dificuldades em lidar com as suas próprias dores e emoções. Um indivíduo com um perfil controlador geralmente faz uso do controle para se sentir seguro e se afastar de reflexões que o levem ao sofrimento.** Isso é percebido quando G.R. traz reflexões sobre a sua educação na infância, em que o pai 'dava muita porrada', quando ele não obedecia as ordens. O entrevistado busca por uma organização do meio externo, na tentativa de encontrar um bem-estar internamente, havendo uma necessidade de alcançar esse bem-estar com o seu controle. **Foi percebida em suas palavras uma emoção negativa ao lembrar sobre a sua infância, como se não houvesse um reconhecimento dos seus pais em relação a ele, o que é trazido de forma destoante na constituição do seu desenvolvimento.** Apresenta características psicológicas de preconceito [...] como uma frustração reprimida e deslocada para grupos mais fracos; desenvolvimento de um tipo de personalidade autoritária (Adorno, Frenkel-Brunswilk, Levinson & Sanford, 1950); pouca disposição a abertura mental. [...] Resguarda-se em um muro protetivo que construiu, refletido em um discurso de dono da verdade, da razão, das certezas e das moralidades, sustenta uma figura que, quando convidada a lidar fora dos seus ideais, não apresenta a menor flexibilidade, por exemplo, quando **G.R diz que não se sente bem sentado ao lado de uma pessoa homossexual.** [...] **Demonstra durante todo o encontro como considera importante a sua persona, revelando alguns traços característicos de uma personalidade narcisista de grau leve/moderado, ao falar da sua vida, exigindo o respeito das pessoas, a atenção para si, buscando afirmações, validações, mostrando seu status. Ao falar do relacionamento com as filhas, demonstra, com as poucas palavras, um baixo nível de afeto e carinho, mas diz que elas precisam tê-lo como exemplo, assim como foi com o seu pai. Possui vários traços de um narcisista patológico, no entanto, existe uma consciência desses traços fortes e, em certa medida, busca o controle, projetando no outro apenas uma parte disso, suportando algumas críticas sem tanta reatividade e demonstrando até uma certa empatia.** Vale ressaltar que tais características não configuram uma patologia, tendo em vista as limitações dos instrumentos e tempo de estudo. Hipoteticamente, o indivíduo pode ser mais bem avaliado e, então, possivelmente classificado nesse perfil.

Gerônimo, o sexto entrevistado, estaria no limite entre o que define o indivíduo autoritário e o extremado radical. Sua subordinação, na infância, ao autoritarismo do pai violento se reflete até mesmo na escolha da profissão, de policial militar, e no modo como se posiciona politicamente. O que o separa das duas entrevistadas a seguir parece ser apenas a capacidade de medir suas palavras, de procurar ser mais polido, mais *político*, mais *policia*, enfim.

Gerônimo se enquadra perfeitamente como indivíduo potencialmente autoritário, conforme descrito por Adorno. Talvez não apenas potencialmente.

(vii) Chegamos às duas entrevistadas mais radicalizadas em suas posições *antidemocráticas*, como escreveria Adorno, ou *de extrema-direita*, como definiram as psicólogas parceiras neste estudo. A primeira: Katiane, de 44 anos:

Exposição de motivos: K. se considera de extrema direita, diz não ter medo do que pensam quando expõe sua posição política, porque entende que está do lado certo, que o atual presidente é um homem incorruptível, com postura e perfil forte e é muitas vezes mal interpretado quanto às suas colocações, mas que está certo em tudo. Concorda inteiramente com todas as propostas do governo federal e se opõe a toda e qualquer pessoa que não está do mesmo lado que ela. Análise: K., 44 anos, no seu segundo casamento, ensino médio, cabelereira, com uma filha de 5 anos, Classe D, cristã (evangélica). A entrevistada diz que há preconceito racial e não se considera racista, mas admite que usa frases pejorativas por força do hábito, porém disse não permitir em seu estabelecimento comercial nenhum destrato às suas clientes. **Afirma ter preconceito contra LGBTQIA+, por ser cristã e saber que Deus não se agrada e não gosta de receber em sua casa essas visitas, assim como também não concorda com a adoção de crianças por casais homoafetivos, por ter lido ‘pesquisas científicas que falam sobre a má influência que geram na criança e na distorção de valores que essa convivência traz’.** K. votou no atual presidente por sentir falta de alguém que representasse os valores da família, que diz estarem esquecidos por culpa das ideias e posturas das pessoas da esquerda. Pela sua fala, ela se reconhece em discursos autoritários e que demandam traços de poder, independentemente de como isso repercutirá ou a quem irá *agredir*, acreditando que o *certo* sempre causa estranheza. Segundo ela, ‘as pessoas se acostumaram com o que é errado porque não tinham um presidente correto’. Utiliza muito a Bíblia em suas palavras para justificar suas ações. Ela também falou que o STF está contra o presidente e, por isso, muitas vezes, ele não consegue trabalhar bem e expor seu plano de governo de forma satisfatória, além disso, como a esquerda fica aguardando e torcendo por qualquer deslize dele, isso acaba o prejudicando. Conclusão: K. recebeu a equipe de entrevistadores em sua residência com uma postura desconfiada, apesar de dizer que não, mas foi nítida sua postura de dúvida em muitos momentos, desde a forma como nos recebeu (com um olhar investigativo), até a forma como se sentou (com uma postura curvada, mãos nervosas, sempre repreendendo a filha quando esta chamava sua atenção), e também no momento em que um dos entrevistadores quis participar da conversa (a entrevistada já havia comentado que não confiava em homens). K. teve uma educação confusa, seu pai era um estudioso autodidata e sua mãe era do lar e artesã, a sua formação se deu mais ao lado da avó, que repetia muito para que ela não confiasse nos homens. **Por algumas vezes, ela viu sua mãe se insinuar para outros homens e percebia que seu pai não se importava, não sabe se era porque traía sua mãe, se era porque não gostava dela ou se porque sempre estava rodeado de muitos amigos e bebida.** Sempre foi muito incentivada a estudar, mas nunca gostou e preferiu

seguir por outro caminho. Gosta muito do que faz, embora esteja cansada e por diversas vezes já tenha pensado em seguir outra profissão. **Num dado momento da entrevista, Katiane sugeriu aos entrevistadores que se organizassem para a guerra que se iniciaria após 7 de setembro (a entrevista foi feita no final de agosto de 2021), para que estocassem comida, bebida e estivessem prontos para serem convocados para a guerra. Disse que ela e sua família já estavam se organizando e que iria à luta com muita vontade, pois queria defender o presidente e acreditava que só assim daria certo, com a união de todos. K. sempre voltava ao assunto de sua infância confusa, falando que percebia o comportamento da mãe em relação aos outros homens, mas em nenhum momento tocou no assunto *traição*, apenas deixou subentendido.** Sua posição partidária é bem forte em suas palavras, comportamento, atitudes e expressão corporal e facial. Não concorda com as políticas públicas assistencialistas, entende que a privatização da previdência deveria acontecer e que os militares deveriam governar o país no mínimo por 10 anos, até as *coisas* se ajeitarem.

Katiane, a sétima entrevistada, procurou esconder ao máximo as questões mais dramáticas de sua infância, revelando-as somente às duas entrevistadoras, em momento posterior, sem nossa participação nem de Alex Raia. Conseguiu-se, então, apurar ou extrair as dificuldades na relação dela com os pais e deles entre si. Tanto neste segundo momento da entrevista, sem nossa presença, como no primeiro, em que pudemos participar, a entrevistada se mostrava altamente radicalizada em seu conservadorismo, nitidamente homofóbica, ainda que de início tenha tentado negar, e claramente vitimada pela manipulação ideológica promovida pela extrema-direita brasileira. Seguramente alguém que, caso tivesse participado do experimento liderado por Adorno ao final dos anos 1940, estaria no extremo autoritário da Escala F.

(viii) Por fim, Aline, de 37 anos, autodefinida como de *extrema-direita*:

Exposição de motivos: A. define-se como pessoa de direita daquelas mais conservadoras, democrata-cristã, liberal e nacionalista, que defende o bem privado, entende que o homem por si só, com o seu próprio esforço, pode ganhar a sua própria vida e conquistar a sua carreira, formando então a base política que identificamos como de direita. Análise: A.R. é uma jovem empresária, proprietária de um espaço de beleza, de classe econômica C/D, tem formação superior em Administração, é bem receptiva, não se mostra tímida, tem 37 anos de idade, separada, mãe de dois filhos, diz ter uma renda mensal de 7 mil reais, cristã evangélica, apresenta uma personalidade forte, mostra firmeza nas suas palavras. Quando contrariada em sua opinião, evidencia movimentos de inquietude no seu corpo, busca por uma fala com perfeição, tem um discurso objetivo e bastante impositivo. Filha de pais de classe econômica C/D, foi educada na

maior parte de sua vida por sua mãe, que ela considera uma mulher muito passiva. 'Minha mãe coitada, sempre sofreu muito com o meu pai!', diz A. Sendo os pais separados, foi criada na presença do padrasto muito rígido e calado, o qual ela considera como referencial de convívio paterno. É a figura feminina na família de dois irmãos. Ao falar sobre o pai, diz que ele é um viajante, caminhoneiro, um sujeito alegre, brincalhão, mas nunca foi um pai presente, só o via em tempos esporádicos, mesmo quando morava com a sua mãe. Porém, quando estava na casa, ele e a mãe discutiam muito, na maioria das vezes o motivo era traição e farras com outras mulheres. Seu irmão mais novo era muito pequeno e não percebia muita coisa, o pai o levava muitas vezes para passeios, A. não podia ir junto por ser mulher. Sua mãe sempre foi uma pessoa muito omissa, e não se posicionava em relação às atitudes do pai. Em todos os momentos A. parecia inquieta ao falar do assunto e, quando podia, levava a conversa para outros temas, porém sempre voltava a falar de maneira breve, com alteração na voz sobre a sua família. Diz que o padrasto é um homem muito bom, mas sempre muito bravo, fechado e coordenador de tudo, bem diferente do seu pai. 'Se bem que hoje mais velho, depois de ter passado por uma cirurgia de câncer, ele mudou um pouco!', diz A. Quando perguntada sobre a sua opinião sobre a existência de racismo no Brasil, ela responde afirmativamente: 'É hipócrita quem diz que não! E eu sou bem sincera'. A. não se considera uma pessoa preconceituosa, acredita que brancos e pretos devem ter os mesmos direitos, o seu voto para presidente poderia ser sido em uma pessoa preta e, caso os seus filhos decidissem casar-se com uma pessoa de cor preta, ela não veria nenhum problema nisso. **Em relação ao preconceito LGBTQIA+, A. acha que existe sim, define este grupo como 'uns anarquistas e que a todo momento buscam se vitimar'**. [...] Em sua fala diz, que o atual presidente Bolsonaro, é o único homem capaz de modificar o país, por possuir características como integridade, firmeza nas palavras e por ser tão verdadeiro na sua opinião. [...] Sobre a ditadura, A. diz que foi uma mentira, que 'até as histórias nos livros da nossa educação escolar sobre a ditadura são tudo uma farsa, inventada e criada por comunistas para enganar a população'. inclusive a história sobre a tortura sofrida pela ex-presidente Dilma A. acredita ser 'uma grande mentira, uma farsa mais uma vez para enganar a população'. [...] A entrevistada diz ser administradora de vários grupos de direita das redes sociais pelo aplicativo WhatsApp, parece sentir-se orgulhosa disso, fala muitas vezes que tem como provar que o que diz é verdadeiro, mas não demonstra em nenhum momento alguma prova de fato. [...] A. pediu para concluirmos a entrevista, encerramos naquele dia, porém, buscando maiores entendimentos e informações, um segundo momento foi sugerido, um novo encontro com a entrevistada, que sorriu e aceitou. O segundo encontro aconteceu no mesmo local do primeiro, pela manhã e com maior disponibilidade de tempo. Foi combinado que dessa vez só estariam presentes a entrevistadora e a entrevistada. A. parecia mais livre, porém se mantinha em seu jeito ordenador. Para quebrar o gelo, foi perguntado como ela se sentia naquele dia e ela respondeu: 'Eu estou bem! Mas curiosa para saber o que você ainda quer saber de mim?' Obteve uma resposta breve: 'Eu não sei! Mas podemos descobrir o que você quer saber de você?' A. sorri discretamente, pois é de poucos sorrisos e diz: 'Vamos lá!' Sugiro para A. falar um pouco sobre quem é ela como filha, qual o

papel da mãe na vida dela, como é A. mãe. A entrevistada diz que como mãe consegue colocar ordem na sua casa, os seus filhos são obedientes, ela acredita que a forma de educar precisa ser com ordem. Sobre a sua mãe, diz que não consegue entender como é que alguém pode ser tão boba e achar que todo mundo é bom. Pedi para A. falar sobre o papel do pai como esposo, ela responde imediatamente: **'Horrrível! Meu pai é um traidor e infiel! Quando era criança via ele bater na minha mãe, eles discutiam muito, e o pior, ela não fazia nada! Era um inferno!'** A., por alguns segundos, parece perdida em seus pensamentos, depois continua: 'Já comigo é diferente! O homem para ficar comigo precisa ser muito homem e ter dinheiro, porque homem sem dinheiro, prefiro ficar sozinha! Falo isso para os meus namorados'. [...] Ela acredita que Bolsonaro é 'a esperança de salvar o país'. Acredita que a mídia quer comprar o presidente e, mais uma vez, diz que ele 'não tem preço'. 'Eu sou uma patriota e seguirei o Bolsonaro para sempre, porque eu não voto em benefício próprio, voto no candidato que Bolsonaro apoiar'. Quando questionada sobre o que acha do ex-presidente Lula, A. diz que não suporta ouvir falar nele, sente enjoo e, para ela, ele é um comunista. Em relação à vacina contra a Covid-19, porque estamos em um momento pandêmico, perguntamos: 'você tomou?' A. respondeu: 'nem tomei nem vou tomar! Não precisa e vou mostrar que não pego essa doença, porque isso foi inventado pela China e é mais um golpe contra Bolsonaro' [...].

**Conclusão:** Ao analisar a educação recebida por A. e suas experiências relatadas a partir da infância, seu perfil atual e o contexto em que hoje está inserida, levando em consideração todas as observações no momento da entrevista, como seu tom de voz, suas características pessoais, seu comportamento e pensamentos como filha, mãe, profissional, sua expressão corporal durante os encontros, suas palavras e visão política, bem como o contexto geral apresentado pela mesma, salientando que foram apenas dois encontros entre a entrevistada e o entrevistador, podemos dizer que A. teve uma infância com sentimentos de descaso e abandono, tendo vivenciado fases de inconstância, violência e insegurança em relação ao contexto familiar, que repercutem nos dias atuais características de autoritarismo e, em alguns momentos, traços de personalidade antissocial, como, por exemplo, quando A. é contrariada, responde atacando, não troca argumentos e vai para o jogo de forças, alterando o seu tom de voz, fugindo das situações em que percebe que precisa se explicar ou justificar. No seu papel de mulher, mãe e profissional, talvez devido às experiências da relação com sua mãe, A. defende-se atacando o outro, para se vangloriar da sua posição hoje como mulher, independente, dona de sua história, manifestando a imposição de dar ordem nos grupos de redes sociais dos quais participa, na educação dos filhos e nas exigências como companheira etc. A. apresenta em seu discurso afirmações comprovadamente mentirosas, como negar a existência da ditadura e das torturas no Brasil, parece saber estar mentindo, pois demonstra não ter segurança em suas falas e, mesmo sabendo disso, procura mostrar para o entrevistador sua imagem de liderança, de guerreira, alguém que se sente comprometida com modificar a história. Vive as questões reais como em videogame, em que a morte não é real e as perdas podem ser substituídas por moedas: nega-se a tomar a vacina, arriscando sua vida e a de outras pessoas, quando também ignora as necessidades básicas daqueles mais carentes, considerando-os preguiçosos. Tenta conduzir de forma

intolerante o seu pensamento e plano de independência, como uma criança mimada e cheia de vontades, incapaz de se limitar ou de aceitar limites. Constrói de si uma imagem de um sujeito sem lei, montando-se como uma figura sem limite, com alguns padrões de relacionamento e comportamento desajustados, diferentes da normalidade, trazendo sempre o exagero nas suas realizações e uma arrogância na fala, que desvaloriza o outro. Acredita que a esquerda é perigosa e que sempre irá 'ferrar o país' e o papel da direita é estar preparada, chamando aqui a atenção para a sua experiência e trauma vivenciados na infância, por ter presenciado o pai bater na mãe em várias ocasiões, e a figura da mãe omissa, não compreendida por A. [...]. A. parece ter vivido uma cisão, algo que ficou quebrado, aquele sentimento de falta de pais presentes, amorosos, que pudessem propiciar segurança e cuidado, revertendo na falta de um amadurecimento completo na formação de A., que apresenta impulsividade e dificuldades na administração de suas emoções e relacionamentos, principalmente onde há cobrança de afeto. Há uma desregulação nas suas emoções, quando exalta a voz, impactando de maneira negativa suas relações atuais e sua constituição como sujeito no mundo. Particularmente com tendências anticomunistas, autoritárias, nacionalistas de extrema e nativistas, considerando-se no perfil de extrema direita.

O perfil de nossa última entrevistada, Aline, dispensa comentários pormenorizados para que possamos posicioná-la no extremo autoritário da Escala F: convencionalista, conservadora, reacionária, com traumas na primeira infância e na vida adulta, claramente ao dispor das manipulações mais absurdas para se atingir o ponto máximo da radicalização política.

Ainda que certamente dispendo de menos recursos materiais e imateriais, inclusive o recurso do tempo, que os empregados na pesquisa original liderada no pós-guerra estadunidense pelos pesquisadores de Frankfurt e Berkeley, podemos afirmar que cumprimos nosso objetivo inicial de confirmar ou validar, mais de 70 anos depois, os parâmetros de análise que tornam possível identificar as características do indivíduo potencialmente autoritário ou potencialmente fascista (ou nazifascista).

### 3.2.3 Adorno: “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”

Em 1951, um ano após a publicação de “A Personalidade Autoritária”, Adorno escreveu “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”<sup>328</sup>, retomando muito do que já havia anunciado no estudo realizado em Berkeley, na Califórnia, mas aqui explicitando elementos da teoria freudiana contidos em “O mal-estar na civilização” (1929) e, principalmente, em “Psicologia das Massas e Análise do eu” (1921/1922).

Veremos que muito do que foi descrito por Adorno a partir de Freud para comentar tanto sobre os indivíduos estadunidenses que se encaixavam no *extremo antidemocrático* de sua Escala F, como sobre os próprios líderes fascistas, fosse Hitler ou fossem obscuros pregadores radialistas californianos, condiz perfeitamente com o que se pode observar em nossos(as) bolsonaristas-autoritários, ou fascistas em potencial, bem como no próprio presidente Jair Bolsonaro.

Em “A Personalidade Autoritária” já residia a conclusão primeira: na infância está a chave da formação da personalidade e, “desta forma, uma relação pai-filho fundamentalmente hierárquica, autoritária e exploradora pode levar a uma atitude de dependência, exploração e desejo de dominar o parceiro ou Deus”<sup>329</sup>. Atesta-se claramente a confirmação de um desequilíbrio nas personalidades de Gerônimo, Aline e Katiane, os entrevistados dos três últimos relatórios apresentados acima, com origem tanto na relação que tinham com seus pais como na relação que seus pais tinham entre si, diferindo completamente dos dois primeiros entrevistados.

Em “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”, Adorno<sup>330</sup>, referindo-se ao conteúdo da propaganda fascista e ao seu público ou *target*, enuncia:

---

<sup>328</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. São Paulo: Unesp, 2007.

<sup>329</sup> ADORNO, Theodor; et. al. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, p. 165-200, julio-diciembre, 2006, p. 195, tradução nossa.

<sup>330</sup> ADORNO, Theodor. Op. cit., p. 155.

Enquanto a rigidez mecânica do padrão é óbvia e é ela mesma a expressão de certos aspectos psicológicos da mentalidade fascista, não se pode evitar o sentimento de que o material de propaganda de tipo fascista forma uma unidade estrutural com uma concepção comum total, seja ela inconsciente ou consciente [...].

Essa rigidez é facilmente percebida no relatório das entrevistas dos quatro bolsonaristas mais aguerridos: Gerônimo, Aline, Katiane e também Vinícius. Conforme Adorno<sup>331</sup>, “De acordo com Freud, o problema da psicologia de massas está intimamente relacionado ao novo tipo de sofrimento psicológico, bastante característico da era que, por razões socioeconômicas testemunha o declínio do indivíduo e seu conseqüente enfraquecimento”.

Freud inicia o capítulo X de “Psicologia das massas e análise do eu” com a frase: “Em 1912 adotei a hipótese de Charles Darwin de que a forma primordial da sociedade humana era uma horda governada soberanamente por um macho forte”<sup>332</sup>. E prossegue: “Dessa maneira, a massa nos parece uma revivescência da horda primordial”<sup>333</sup>.

Adorno<sup>334</sup>, por sua vez, no texto de 1951, cita a conclusão de Freud, constante de “Psicologia das massas e análise do eu”: “O líder do grupo é ainda sempre o pai primitivo temido; o grupo será sempre dominado por uma violência ilimitada, demandando a autoridade em alto grau. [...] O pai primitivo é o ideal do grupo, que domina o eu no lugar do ideal do eu”. O conceito de *ideal do eu* seria substituído mais tarde pelo termo *super-eu* ou superego, pelo próprio Freud.

Freud e depois Adorno<sup>335</sup> entendem que a relação entre massa e líder termina sendo *libidinal* e que, como nos casos individuais de *apaixonamento*, a massa transfere parte do próprio *eu* para o objeto *amado*, para o objeto do apaixonamento:

Além disso, o aspecto primitivamente narcísico da identificação com o ato de devorar, de tornar o objeto amado uma parte de si

---

<sup>331</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. São Paulo: Unesp, 2007, p. 157.

<sup>332</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: L&PM Editores, 2013, p. 129.

<sup>333</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>334</sup> FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werk*. Fischer Verlag, 1999, p. 142-143 apud ADORNO, Theodor. *Op. cit.*, p. 164.

<sup>335</sup> ADORNO, Theodor. *Op. cit.*, p. 168.

mesmo, pode nos fornecer uma pista para o fato da imagem moderna de líder algumas vezes parecer ser o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito [...].

E novamente Adorno cita Freud:

O papel essencial do narcisismo em relação às identificações em jogo na formação de grupos fascistas é reconhecido na teoria de Freud sobre a idealização.

Vemos que o objeto é tratado como o próprio eu, de modo que, no apaixonamento, uma grande quantidade de libido narcísica flui para o objeto. É até mesmo evidente que em muitas formas de escolha amorosa o objeto sirva para substituir nosso próprio ideal do eu não alcançado. Amamos em virtude das perfeições pelas quais nos esforçamos em vista do nosso próprio eu, e que gostaríamos de obter, através desse desvio, para satisfação de nosso narcisismo.<sup>336</sup>

Conclui Adorno<sup>337</sup>:

É precisamente essa idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliado pela ideologia do Führer. As pessoas com quem ele tem de contar padecem geralmente do conflito moderno característico entre uma instância do eu racional, fortemente desenvolvida e autoconservadora e o contínuo fracasso em satisfazer as demandas do seu próprio eu. Este conflito resulta em impulsos narcísicos fortes, que podem ser absorvidos e satisfeitos apenas através de idealização, como a transferência parcial da libido narcísica ao objeto. [...] A *comunidade do povo*<sup>338</sup> fascista corresponde exatamente à definição por Freud de um grupo como sendo “um número de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu e, conseqüentemente, se identificaram reciprocamente em seu eu” (MPIA [sigla em alemão para PMAE], p. 128). A imagem do líder, por sua vez, toma de empréstimo, por assim dizer, da força coletiva sua onipotência primitiva paterna.

[...] A fim de permitir identificação narcísica, o próprio líder deve parecer absolutamente narcisista, e é a partir desta perspectiva que Freud deriva o retrato do ‘pai primitivo da horda’, que também poderia ser o de Hitler.

<sup>336</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: L&PM Editores, 2013, p. 168-169.

<sup>337</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. São Paulo: Unesp, 2007, p. 169-170.

<sup>338</sup> Volksgemeinschaft, ou “comunidade do povo”. Segundo Stackelberg: “O ideal da *Volksgemeinschaft* foi provavelmente o aspecto isolado do nacional-socialismo que mais atraiu o apoio popular. Seu apelo ajuda a explicar a extraordinária disposição de segmentos substanciais de participar da dissolução de instituições e organizações não nazistas. Muitos alemães também passaram a acreditar que a melhor maneira de influenciar o movimento nacional-socialista era juntar-se a ele, em vez de se opor” (STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: origens, interpretações, legados. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 88 de 213, edição digital).

**Ou o retrato de Bolsonaro.** Em entrevista concedida à revista Cult, na edição 269, de 5 de maio de 2021, o psicanalista Christian Dunker foi instado a “traçar um perfil psicológico de Jair Bolsonaro baseado em seu comportamento público”. Sua resposta foi a seguinte:

Em geral, evitamos fazer juízos clínicos de figuras públicas, pois se entende que seria uma apreciação da vida privada da pessoa. Mas é uma questão que não pode ser evitada, principalmente quando há efeitos de genocídio. Dito isso, me parece que Bolsonaro tem um funcionamento narcísico muito problemático. Alguns veem sinais de uma personalidade antissocial, mas, se fosse esse o caso, ele não teria tanto apego infantil aos filhos, à família e à defesa de uma virilidade imaginária. No fundo é aquela pessoa limitada cognitivamente – de baixa inteligência relacional – que só consegue pensar em um plano retilíneo de vingança imaginária. Cria uma polarização muito pessoal, tendente à paranoia sistêmica. É alguém que calcula permanentemente a imagem que mostra para as pessoas. Isso produz um estado de solidão, pois aqueles que conseguem competir narcisicamente com ele são objetos de perseguição [...]<sup>339</sup>

**E também um retrato dos bolsonaristas radicalizados** entrevistados pelas psicólogas Wandecleid Ginuino e Susymary Abrante em João Pessoa, exclusivamente para este estudo. Afinal, essa mesma impressão sobre *funcionamento narcísico muito problemático*, expressão usada por Dunker para definir Bolsonaro, surgiu entre seus seguidores mais fascinados, ainda que com outras palavras, nos relatórios das psicólogas sobre três dos quatro entrevistados que tinham tendências mais *antidemocráticas* e abertamente extremadas quanto a seu bolsonarismo.

Há que se destacar ainda a *unidade em torno de um inimigo comum*, ainda que este esse inimigo precise ser fabricado. Conforme Adorno<sup>340</sup>:

O ganho narcísico fornecido pela propaganda fascista é óbvio. Ela sugere continuamente, e algumas vezes de forma maliciosa, que o seguidor, simplesmente por pertencer ao *in-group*, é melhor, superior e mais puro que aqueles que são excluídos. [...] Concomitantemente, a concentração de hostilidade sobre o *out-*

<sup>339</sup> REVISTA CULT. Edição 269, 5 maio 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/narcisismo-ressentido-o-sintoma-nacional-que-chegou-ao-poder/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

<sup>340</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. São Paulo: Unesp, 2007, p. 177-178.

*group* elimina a intolerância do próprio grupo, ao qual a relação de uma pessoa seria, de outra forma, altamente ambivalente. [...] Esta é a linha perseguida pelo 'truque de unidade' padrão dos agitadores.

No caso do nazifascismo original, o *out-group* inimigo a ser odiado, perseguido e aniquilado era formado pelos comunistas, socialistas, judeus, ciganos e estrangeiros em geral. No caso do nazifascismo à brasileira de um século depois, o *out-group* a ser odiado, perseguido e aniquilado é composto pelos *comunistas*, muitas vezes imaginários, os esquerdistas em geral e os petistas, *petralhas* e *corruptos*, a ponto de que qualquer cidadão que se importe com liberdades individuais ou que se manifeste contra a injustiça social seja classificado como *comunista* e *petralha*, sendo convidado a fazer as malas e a embarcar *para Cuba*. Vale ressaltar que o próprio *lawfare*, como promovido pelo lavajatismo, foi um fenômeno bastante presente no nazismo.

O discurso contra o *out-group comunista e petista* é extremamente presente nas falas das duas mulheres ultra-bolsonaristas entrevistadas em João Pessoa. E não é preciso fazer busca extensa para encontrar quem mais repita a mesma ladainha.

Ainda neste processo de “encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos”, como escreveu Weber<sup>341</sup> para conceituar o *fenômeno típico ideal* ou o *tipo ideal*, ou, mais simplesmente, neste processo de estabelecer comparações, vale alinhar o que diz Adorno<sup>342</sup> (“O contínuo perigo de guerra inerente ao fascismo significa destruição, e as massas sabem disso, pelo menos de forma pré-consciente”) com o que, nas entrevistas, dizem o policial militar Gerônimo (sobre entrar em *confronto com bandidos*) ou a cabelereira Katiane (sobre guardar mantimentos para a *guerra* que viria no 7 de Setembro de 2021).

Por fim, para concluir este processo de espelhamentos, uma última citação de Adorno<sup>343</sup>, ainda que coubessem outras comparações mais:

---

<sup>341</sup> WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016, p. 252.

<sup>342</sup> ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. São Paulo: Unesp, 2007, p. 184.

<sup>343</sup> Ibidem, p. 184.

Dado que seria impossível angariar as massas através de argumentos racionais, sua propaganda tem necessariamente que desviar de um pensamento discursivo; precisa ser orientada psicologicamente e tem que mobilizar processos irracionais inconscientes e regressivos. A tarefa é facilitada pelo quadro mental de todos aqueles extratos da população que sofrem de frustrações sem sentido e, portanto, desenvolvem uma mentalidade mesquinha e irracional.

Termina sendo inevitável a comparação entre os discursos de Lula e do lulismo com os de Bolsonaro e do bolsonarismo nesta pré-campanha eleitoral de 2022. Um lado apostando na denúncia do aumento da miséria, da crescente inflação, do desemprego e do desmatamento da Amazônia (racionais), e outro, na *ameaça comunista*, na crítica ao feminismo da cantora Anitta ou em desviar o foco do problema das queimadas e da *queima de arquivos* na Amazônia com uma imaginária comunidade subterrânea naquela região.

#### 3.2.4 Breve síntese

No Capítulo 1 – “Bolsonarismo, fenômeno típico de nazifascismo” –, o título restou provado, após um processo de interpretação do que foram os fenômenos nazifascistas originais, ou seja, de indução sobre o que caracteriza o nazifascismo e de dedução, a partir do espelhamento com o fenômeno brasileiro atual e a partir da concepção de Max Weber<sup>344</sup>.

No Capítulo Dois, “A comunicação nazifascista na Alemanha de ontem e no Brasil de hoje)”, também foi comprovado que os objetivos e métodos (e não ferramentas tecnológicas) da comunicação bolsonarista são os mesmos de Hitler e do nazifascismo em geral, pelo mesmo processo de indução e dedução, pelo mesmo processo de “encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e (*nem sempre*) discretos”, que permite a construção de *tipos ideais*, como conceituado por Max Weber.

Neste Capítulo Três, “O bolsonarista-autoritário, ou o brasileiro fascista”, pelo mesmo método, seguindo o mesmo quadro teórico de referências, ou seja,

---

<sup>344</sup> Cf. Capítulo 1, p. 45 deste trabalho (WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016, p. 252).

o mesmo processo enunciado por Max Weber em “A ‘objetividade’ do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política”, depreende-se que:

- a) O bolsonarista-autoritário é um tipo de *personalidade autoritária* ou um tipo *fascista em potencial* ou simplesmente *fascista*;
- b) Jair Messias Bolsonaro é um típico líder fascista.

### 3.3 Datafolha e o Brasil pré-eleitoral de 2022

Entre 2013 – quando começaram, por uma suposta perspectiva de esquerda, os protestos contra o aumento de tarifas de ônibus em São Paulo, comandados pelo MPL (Movimento Passe Livre) e que logo foram dominados pela direita e extrema-direita, terminando no impeachment da presidente Dilma Rousseff no ano de 2016 e na prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2018 – e o primeiro semestre de 2022, a opinião do brasileiro evoluiu em direção à defesa da vida, da democracia, das liberdades individuais e de associação, bem como na direção de uma condução macroeconômica menos neoliberal e, por consequência, menos produtora e mantenedora de desigualdades e miséria.

A afirmação é possível a partir de uma nova rodada, a quarta desde 2013, de pesquisa quantitativa destinada a medir o posicionamento do brasileiro sobre temas econômicos e comportamentais.

A pesquisa<sup>345</sup> foi realizada com 2.556 entrevistados com 16 anos ou mais, em 181 municípios brasileiros, nos dias 25 e 26 de maio de 2022 (margem de erro de 2 pontos percentuais, intervalo de confiança fixado em 95% e registro no TSE, o Tribunal Superior Eleitoral, sob nº BR-05166/2022).

A leitura primeira desta pesquisa é que a opinião pública no Brasil rumou em direção à direita entre 2013 (início dos protestos) e 2014 (eleições presidenciais), inclusive tendo se mantido nesta direção até 2016 (*impeachment* de Dilma Rousseff e início da *Ponte para o Futuro*, já sob Michel Temer), mas

---

<sup>345</sup> Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/06/pesquisa-Datafolha-mai-2022.pdf>. Acesso em 17: dez. 2022.

isso é apenas uma hipótese, uma vez que não houve pesquisa Datafolha sobre o tema publicada em 2016.

Entretanto, a conclusão possível é que a migração inicial à direita foi impulsionada pela enorme campanha político-judicial-midiática contra a esquerda, o PT, o ex-presidente Lula e o governo Dilma Rousseff (operação Lava-Jato), bem como pela condução econômica fracassada, principalmente a partir de 2014, culminando no que foi classificado pela oposição como *estelionato eleitoral*, uma vez que, na campanha pela reeleição, Dilma prometeu desenvolvimento e entregou ajuste neoliberal a partir de 2015, ou pelo menos tentou entregar – o PIB brasileiro cresceu 0,5% em 2014 e recuou 3,5% em 2015 e 3,3% em 2016. Pode-se considerar bastante provável que a inflexão à esquerda começa com os resultados da *Ponte para o Futuro* de Michel Temer (perda de direitos trabalhistas e escalada do desemprego) e se acentua na frustração com Jair Bolsonaro, seja na condução terceirizada da política econômica, no descaso com que tratou a vida das pessoas na pandemia e no retrocesso nas questões ambientais, de gênero e étnico-racial.

A pesquisa do Instituto Datafolha<sup>346</sup> consistiu em duas escalas Likert, conforme descrito na primeira parte deste capítulo: uma quanto às opiniões a respeito de temas classificados como *comportamentais* e outra sobre temas *econômicos*. Ambas foram construídas a partir de perguntas baseadas no modelo “Com qual dessas duas frases você concorda? Frase X ou Frase Y?”

---

<sup>346</sup> Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/06/pesquisa-Datafolha-mai-2022.pdf>. Acesso em 17: dez. 2022.

### Quadro 1 – Frases aplicadas na parte comportamental da pesquisa

Para chegar a essa classificação, o Datafolha consultou os entrevistados sobre uma série de questões envolvendo valores sociais, políticos, culturais e econômicos, e a partir daí os posicionou em escalas de comportamento e pensamento econômico, dentro das quais eles foram segmentados em esquerda, centro-esquerda, centro, direita e centro-direita. A união dos resultados dessas escalas resultou em uma escala geral de posicionamento ideológico, definida pela mesma segmentação.

**ESCALA DE COMPORTAMENTO**

Possuir uma arma legalizada deveria ser um direito do cidadão para se defender	ou	A posse de armas deve ser proibida, pois representa ameaça à vida de outras pessoas
Boa parte da pobreza está ligada à preguiça de pessoas que não querem trabalhar	ou	Boa parte da pobreza está ligada à falta de oportunidades iguais para que todos possam subir na vida
Pessoas pobres de outros países e estados que vêm trabalhar na sua cidade acabam criando problemas para a cidade	ou	Pessoas pobres de outros países e estados que vêm trabalhar na sua cidade contribuem com o desenvolvimento e a cultura da cidade
A maior causa da criminalidade é a falta de oportunidades iguais para todos	ou	A maior causa da criminalidade é a maldade das pessoas
A pena de morte é a melhor punição para indivíduos que cometem crimes graves	ou	Não cabe à Justiça matar uma pessoa, mesmo que ela tenha cometido um crime grave
O uso de drogas deve ser proibido porque toda a sociedade sofre com as consequências	ou	O uso de drogas não deve ser proibido, porque é o usuário que sofre com as consequências
A homossexualidade deve ser aceita por toda a sociedade	ou	A homossexualidade deve ser desencorajada por toda a sociedade
Acreditar em Deus torna as pessoas melhores	ou	Acreditar em Deus não necessariamente torna uma pessoa melhor
Os sindicatos são importantes para defender os interesses dos trabalhadores	ou	Os sindicatos servem mais para fazer política do que defender os trabalhadores
Adolescentes que cometem crimes devem ser reeducados	ou	Adolescentes que cometem crimes devem ser punidos como adultos

Alternativas marcadas em vermelho foram identificadas com a esquerda, e em azul, com a direita. Para obter os resultados dessa escala, o Datafolha atribuiu peso 1 a cada uma delas, e segmentou os grupos de acordo com a pontuação obtida nas questões de comportamento. A cada resposta identificada com a esquerda, neste caso, é atribuído um ponto. Os grupos são obtidos de acordo com a soma desses pontos, obedecendo aos seguintes critérios:

Esquerda: 8, 9 e 10 pontos	Centro-Esquerda: 6 e 7 pontos	Centro: 5 pontos	Centro-direita: 3 e 4 pontos	Direita: 0, 1 e 2 pontos
----------------------------	-------------------------------	------------------	------------------------------	--------------------------

**Datafolha**  
INSTITUTO DE PESQUISAS

Fonte: Datafolha, 2022.

O quadro acima apresenta as frases *comportamentais*, em azul as *de direita* e em vermelho as *de esquerda*. As frases em vermelho pontuavam 1, as frases em azul, 0 (zero). Quanto menos pontos o entrevistado somasse, mais à direita estaria; quanto mais pontos somasse, mais à esquerda. Ao final, os entrevistados foram classificados como de *direita*, *centro-direita*, *centro*, *centro-esquerda* e *esquerda*, de acordo com um crescente de pontos.

### Quadro 2 – Frases aplicadas na parte econômica da pesquisa

Para a escala de pensamento econômico, foram apresentadas aos leitores as questões abaixo elencadas:

**ESCALA DE PENSAMENTO ECONÔMICO**

É bom que o governo atue com força na economia para evitar abusos das empresas	ou	Quanto menos o governo atrapalhar a competição entre as empresas, melhor para todos
É preferível pagar menos impostos ao governo e contratar serviços particulares de educação e saúde	ou	É preferível pagar mais impostos ao governo e receber serviços gratuitos de educação e saúde?
Quanto menos eu depender do governo, melhor estará minha vida	ou	Quanto mais benefícios do governo eu tiver, melhor estará minha vida
O governo tem o dever de ajudar grandes empresas nacionais que corram o risco de ir à falência	ou	O governo não deve ajudar grandes empresas nacionais que corram o risco de ir à falência
As leis trabalhistas no Brasil mais atrapalham o crescimento das empresas do que protegem os trabalhadores, por isso boa parte delas deveria ser eliminada	ou	As leis trabalhistas no Brasil mais protegem os trabalhadores do que atrapalham o crescimento das empresas, por isso boa parte delas deveria ter seus benefícios ampliados
As empresas privadas devem ser as maiores responsáveis por investir no país e fazer a economia crescer	ou	O governo deve ser o maior responsável por investir no país e fazer a economia crescer

A determinação seguiu o sistema de pontuação descrito anteriormente, mas, com o menor número de questões, a atribuição de pontos por grupo foi feita a partir dos seguintes critérios:

Esquerda: 5 e 6 pontos	Centro-Esquerda: 4 pontos	Centro: 3 pontos	Centro-direita: 2 pontos	Direita: 1 e 0 pontos
------------------------	---------------------------	------------------	--------------------------	-----------------------

Processados de forma conjunta, os resultados das escalas de comportamento e pensamento econômico possibilitaram a construção da escala geral de posicionamento ideológico.

Devido ao diferente número de questões sobre comportamento (10) e pensamento econômico (6), os resultados dessas duas escalas foram ponderados para terem o mesmo peso (50% para cada uma) na composição da escala de posicionamento ideológico.

A pontuação utilizada, neste caso, é a seguinte:

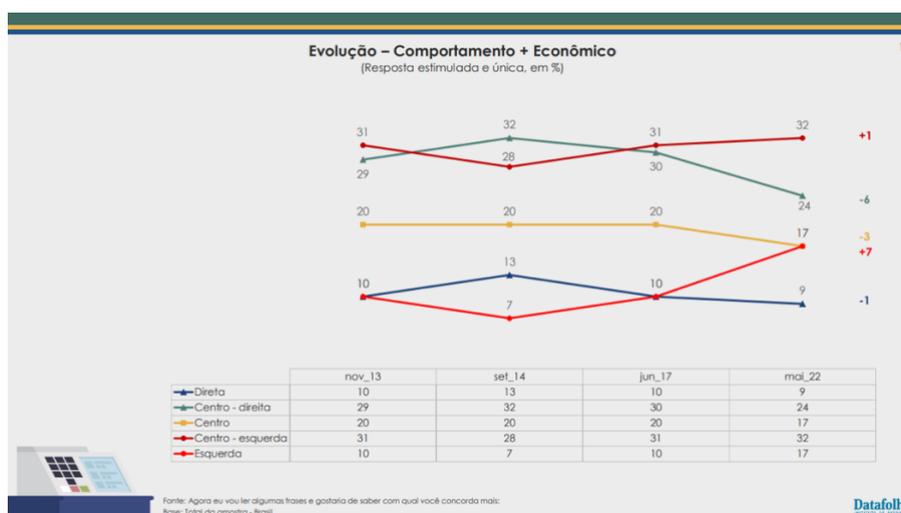
Esquerda: 9, 10, 11 e 12 pontos	Centro-Esquerda: 8 e 7 pontos	Centro: 6 pontos	Centro-direita: 5 e 4 pontos	Direita: 3, 2, 1 e 0 pontos
---------------------------------	-------------------------------	------------------	------------------------------	-----------------------------

**Datafolha**  
INSTITUTO DE PESQUISAS

Fonte: Datafolha, 2022

O quadro apresenta as frases *econômicas*, no mesmo modelo das comportamentais. Frases em vermelho somando 1 e frases em azul somando 0 (zero). Ao final, as classificações: de *direita* (menos pontos somados) e de *esquerda* (mais pontos somados).

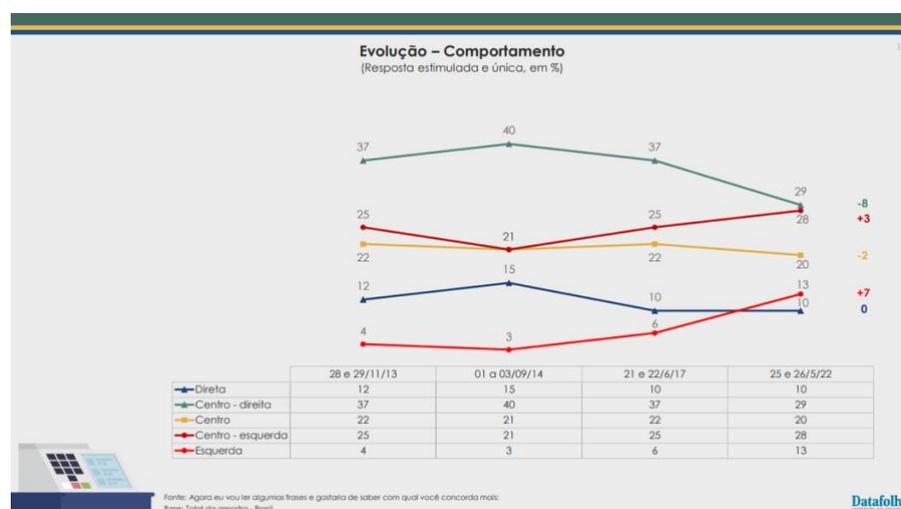
Quadro 3 – Evolução da síntese das escalas comportamental e econômica



Fonte: Datafolha, 2022

No quadro anterior, a síntese da pesquisa Datafolha considera as duas escalas: *comportamental* e *econômica*. Vê-se a predominância de opiniões de *centro-esquerda* em 2022 e curva acentuadamente crescente de opiniões *esquerdistas* na comparação de 2022 com 2017.

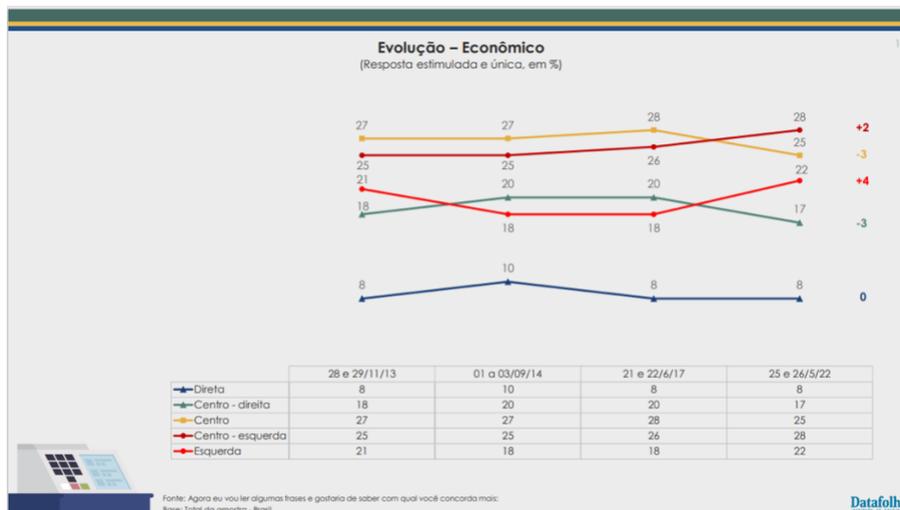
Quadro 4 – Evolução da escala comportamental



Fonte: Datafolha, 2022

Observa-se um crescimento do percentual de entrevistados classificados como *de esquerda* e de *centro-esquerda* nas questões comportamentais, entre 2017 e 2022. Queda acentuada entre os classificados como de *centro-direita* no mesmo período.

Quadro 5 – Evolução da escala econômica

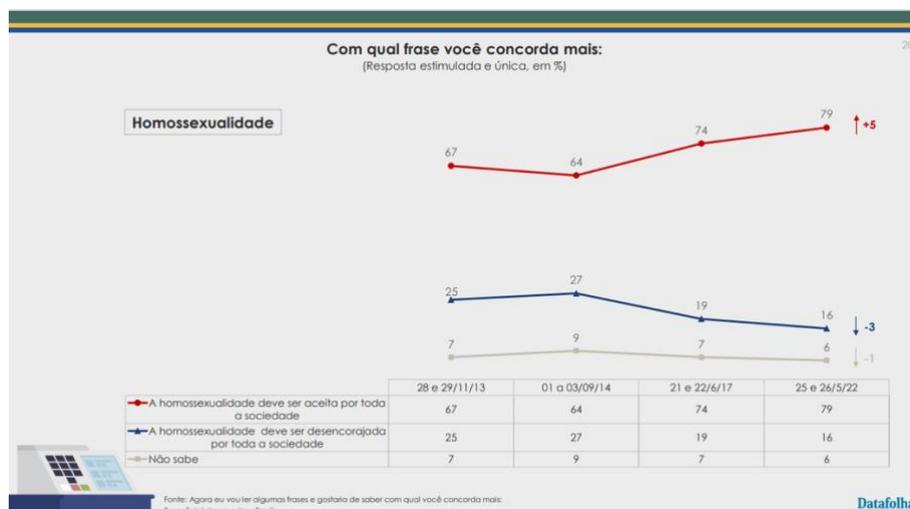


Fonte: Datafolha, 2022

Assim como nas questões comportamentais, pode-se observar, no que tange às questões econômicas, um crescimento do percentual de entrevistados classificados como *de esquerda* e de *centro-esquerda* quanto aos temas *econômicos*, entre 2017 e 2022.

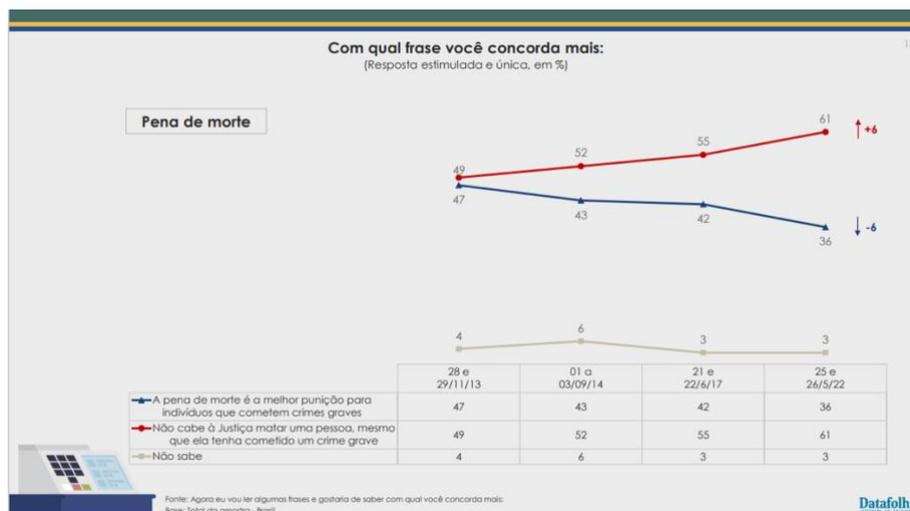
Nos temas *comportamentais*, as variações mais significativas parecem ter sido quanto à ampliação da aceitação da homossexualidade e reprovação da pena de morte, conforme os quadros 6 e 7, abaixo:

Quadro 6 – Crescimento da aceitação/valorização da liberdade de orientação sexual



Fonte: Datafolha, 2022

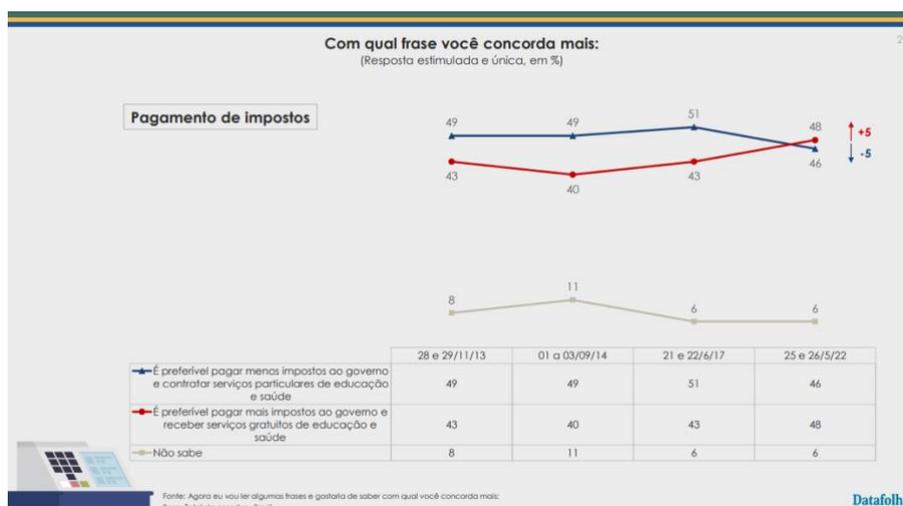
Quadro 7 – Crescimento da reprovação da pena de morte



Fonte: Datafolha, 2022

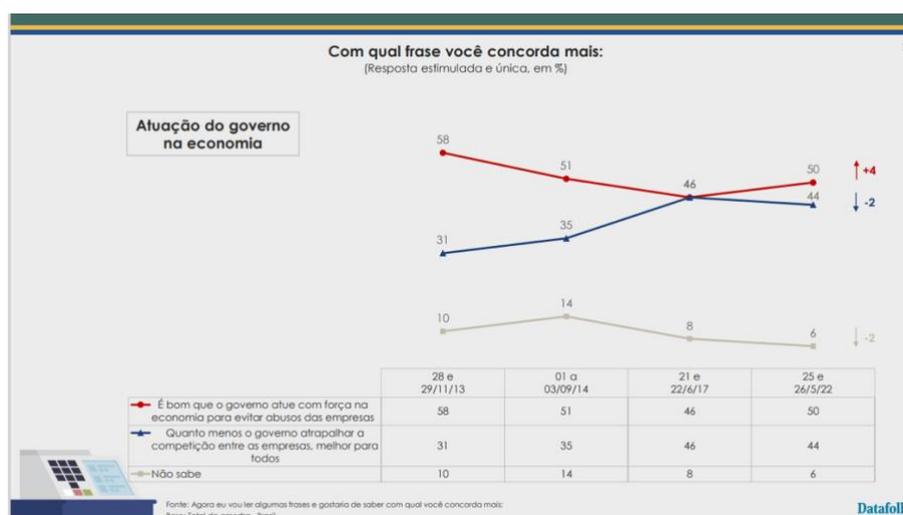
Já nos temas *econômicos*, destaca-se a inédita preferência da maioria pelo pagamento de impostos para se obter serviços gratuitos de educação e saúde promovidos pelo Poder Público (Quadro 8), bem como pela preferência pela atuação do Estado na Economia (Quadro 9).

Quadro 8: Concordância ou discordância com o pagamento de impostos para garantia de serviços gratuitos de saúde e educação



Fonte: Datafolha, 2022

Quadro 9 – Concordância ou discordância quanto à presença do Estado na Economia



Fonte: Datafolha, 2022

As preferências da *esquerda* à *direita* observadas pelo Datafolha, conforme a pesquisa realizada no final de maio, de algum modo anteciparam o resultado das eleições de 2 e 30 de outubro, ainda que em maio a diferença de Lula sobre Bolsonaro fosse bem mais ampla do que o escrutinado nas urnas.

Vale notar que entre a pesquisa e o primeiro turno houve massiva quantidade de articulações políticas, fatos político-administrativos e administrativo-eleitorais, como a ampliação do Auxílio Brasil em valor e alcance

e a cobrança direta aos prefeitos beneficiados com emendas de relatores, além, claro de campanhas publicitárias (tradicionais e digitais) dos dois lados.

Quadro 10 – Comparativo de grupos x intenção de voto para presidente

		TOTAL DA AMOSTRA	ELEITORES DE LULA	ELEITORES DE BOLSONARO	ELEITORES DE CIRO
Segmento Comportamento + Econômico	Direita	9	4	21	5
	Centro - direita	24	19	33	22
	Centro	17	18	17	16
	Centro - esquerda	32	36	22	33
	Esquerda	17	23	7	25
Segmento Comportamento	Direita	10	5	22	5
	Centro - direita	29	23	40	15
	Centro	20	20	17	20
	Centro - esquerda	28	33	18	37
	Esquerda	13	19	3	22
Segmento Econômico	Direita	8	4	12	10
	Centro - direita	17	15	21	15
	Centro	25	24	27	25
	Centro - esquerda	28	29	26	25
	Esquerda	22	27	15	24

Fonte: Agora eu vou ler algumas frases e gostaria de saber com qual você concorda mais.  
Base: Total da amostra - Brasil

Fonte: Datafolha, 2022

O pesquisador Carlos Matheus<sup>347</sup> afirma que “as opiniões se movem nos fatos ou no silêncio das mentes; as opiniões nascem, crescem e se apagam em função de fatores externos e internos que atuam sobre a vida dos indivíduos, em suas relações recíprocas”.

Pois a opinião se moveu. Da centro-direita, mais próxima da extrema direita de Jair Bolsonaro, em direção à *centro-esquerda*, tradicionalmente ocupada por Lula. Isso explica, inclusive, o fracasso de todas as candidaturas chamadas de *terceira via*, de Luciano Huck a Simone Tebet (que, no fim, teve papel fundamental ao apoiar Lula no segundo turno), de Sérgio Moro (este, na verdade, tão fascista como Bolsonaro) a João Dória, que terminou sem mandato e sem força partidária, mesmo depois de ter cumprido papel essencial no combate à pandemia de Covid-19, ao conseguir produzir vacinas de origem chinesa no Instituto Butantan, em São Paulo, contribuindo assim para forçar o governo federal a se mover na compra de vacinas europeias.

<sup>347</sup> MATHEUS, Carlos. **As opiniões de movem nas sombras**. São Paulo: Atlas, 2011.

Como em 2018, mesmo derrotado no segundo turno em 2022, o melhor representante dos anseios neoliberais continuou sendo Jair Bolsonaro, cujos apoiadores – no empresariado, nas classes médias rentistas e *liberais* – romperam a espiral do silêncio que os envolvia e partiram, sem nenhuma vergonha, para a campanha aberta contra Lula. Afinal, como vimos no Capítulo 1, o nazifascismo é sempre uma boa alternativa para o conservadorismo dominante em tempos de crise do liberalismo (ou do neoliberalismo).

Por fim, uma observação sobre a última pesquisa de 2022 do mesmo instituto Datafolha<sup>348</sup>, divulgada no final da noite de 29 de dezembro, com 2.026 entrevistas realizadas em 126 municípios brasileiros nos dias 19 e 20 do mesmo mês: Jair Bolsonaro deixava o governo com 39% de aprovação (governo ótimo ou bom), contra 37% de reprovação (governo ruim ou péssimo). Na reportagem que apresentava a pesquisa, o jornal Folha de S.Paulo afirmava que “o resultado de Bolsonaro é o pior de um presidente eleito para seu primeiro mandato desde a volta da democracia ao país, em 1985”. Porém, a aprovação de 39%, percentual levemente superior ao de reprovação (num cenário com margem de erro de dois pontos percentuais), o manteria vivo politicamente, com um apoio de até quatro em cada dez brasileiros, para ser a principal liderança de oposição ao novo-velho presidente Luís Inácio Lula da Silva, que tomaria posse dali a pouco mais de dois dias.

---

<sup>348</sup> FOLHA DE S.PAULO. Datafolha: **Bolsonaro acaba governo aprovado por 39% e reprovado por 37%**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/12/Datafolha-bolsonaro-acaba-governo-aprovado-por-39-e-reprovado-por-37.shtml>. Acesso em: 30 dez. 2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrou-se ao longo de toda a dissertação, desde a introdução e no decurso de cada capítulo, a personalidade nazifascista de Jair Bolsonaro, o caráter nazifascista do bolsonarismo, os métodos nazifascistas da comunicação bolsonarista e a identificação do perfil autoritário e potencialmente nazifascista do bolsonarista extremado.

A preferência do conceito de nazifascismo foi justificada em função de sua completude e maior facilidade de compreensão.

Também restou esclarecido que, por mais que Bolsonaro e o bolsonarismo radicalizado sejam nazifascistas e, deste modo, tenham inclinações ao totalitarismo, seria enorme erro dizer que o governo Bolsonaro tenha sido totalitário, uma vez que sequer ditadura foi.

Conceituação, aliás, que deve ser preservada para seus casos específicos, conforme as construções de Hannah Arendt e Carl Friedrich, evitando-se transformá-la em adjetivação dramatizada, como no caso de se tentar falar em *totalitarismo neoliberal*.

Nestas considerações, cabe uma análise final sobre o binômio liberalismo-neoliberalismo. Como já referido, Robert Paxton afirma ter sido o fascismo “a grande inovação política do século XX e também a origem de boa parte de seus sofrimentos”.

Há que se lembrar, no entanto, que o fascismo surge como resposta ao fracasso do conservadorismo e do liberalismo como formas de manejo político do capitalismo imperialista e colonialista e, ainda, como resposta bastante conveniente à ameaça comunista que agora vinha da Rússia, mesmo que sob alguma incerteza de sua capacidade de consolidação, mas dando novo ânimo às lutas de comunistas e socialistas na Europa ocidental.

Uma análise oportunista poderia tentar justificar que a criação, enraizamento, conquista e exercício do poder pelo nazifascismo teria origem na necessidade de resposta ao comunismo, sendo este, portanto, a raiz de todos os *sofrimentos* do último século e meio. Não fossem o resultado da Primeira

Guerra ou a enorme crise do capitalismo que já vinha da crise do imperialismo e explodiu nos anos 1920 e 1930, sendo, portanto, causa e consequência da Primeira Guerra, tal barbaridade até poderia ser considerada. Fato é que foi a partir da lógica exploratória e excludente do capitalismo que se originaram tanto os socialismos dito utópicos, o comunismo científico e o nazifascismo. Os primeiros como tentativas de superação. O nazifascismo como uma mescla de rebeldia, ódio e autoritarismo latente, em face de um sistema permeado por contradições, gerador de riquezas e misérias materiais e psíquicas.

Surge então como uma *síndrome-resposta*, algo que só foi tateado a partir da pesquisa liderada nos Estados Unidos por Theodor Adorno, já após a Segunda Guerra. Uma síndrome cujos acometidos foram muito úteis, em conjunto com a própria, ao sistema organizacional e produtivo da época, com seus líderes políticos e empresariais, os operadores-líderes do sistema capitalista.

Está no capitalismo, com seus promotores, beneficiários e suas doutrinas de manejo político, a verdadeira origem dos *sofrimentos* causados pelo nazifascismo e também pelo bolchevismo stalinista, as formas totalitárias alcançadas num ecossistema global que nunca deixou de ser capitalista.

Nessa constante ameaça, nesse fantasma vivo, externo ou interno, residiam os argumentos de Stálin para prosseguir com o extermínio em massa, mesmo após toda a oposição já ter sido há muito exterminada, segundo relato e análise de Hannah Arendt em “As origens do Totalitarismo”.

Mesmo onde o capitalismo teria sido *vencido* internamente, sua lógica de eterna competição e ameaça seguiu produzindo efeitos. Uma lógica agora verbalizada com mais profundidade por Pierre Dardot e Christian Laval: no neoliberalismo ocorre algo diferente do que se passava no capitalismo sob o liberalismo, uma vez que o capitalismo neoliberal, o neoliberalismo, não mais se baseia na troca de mercadorias, mas na competição sem fim entre corporações, governos e pessoas, entre as esferas e entre si.

Se resta algo a dizer, é que é preciso conhecer a história e comparar processos históricos, políticos e sociais, para que os totalitarismos nazistas e

soviéticos não se repitam, para que ditaduras, ainda que não totalitárias, sejam evitadas, afastadas, repudiadas, condenadas.

E que é necessário superar o sistema ou a razão mundial neoliberal, com seu pouco apego à democracia e sua justificativa na concorrência comercial e financeira sem limites, focada na ampliação do lucro, na concentração de riquezas e do poder político entre os mais ricos.

Voltando ao Brasil sob Bolsonaro, cabe uma espécie de quadro-síntese:

- O ex-presidente Jair Messias Bolsonaro é um tipo ideal de indivíduo nazifascista (e de tendências totalitárias);
- Bolsonarismo, ou o movimento bolsonarista, é fenômeno típico-ideal de movimento nazifascista (e totalitário);
- O bolsonarista radicalizado é um tipo ideal de personalidade autoritária ou (nazi)fascista em potencial conforme as descobertas de Theodor Adorno publicadas em 1950, em “A personalidade autoritária”;
- O governo Bolsonaro foi eleito em 2018 com discurso neoliberal e atendeu ao neoliberalismo;
- O governo Bolsonaro se utilizou de medidas de exceção, buscou construir as condições para implementar um regime de exceção, mas não logrou êxito;
- Porém, não é leviano afirmar que o governo Bolsonaro rebaixou o Brasil à condição de estado híbrido, entre democracia deficiente e estado de exceção;
- O governo Bolsonaro foi de orientação nazifascista (mas não totalitária);
- O Brasil não se tornou um Estado ditatorial, nazifascista ou muito menos totalitário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2007.

ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. La Personalidad Autoritaria: prefácio, introducción y conclusiones. **EMPIRIA** – Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 12, julio-diciembre, p. 165-200, 2006.

ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. **The Authoritarian Personality**. Nova York: W. W. Norton & Company, 1950.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** – um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Schwarcz, Companhia de Bolso, 2019.

AYAN, Luciano. **Regras do bolsolavismo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLJX43jGraLAldczZkrP3JJss7e5VZCND>. Acesso em: 15 dez. 2022.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPOS MELLO, Patrícia. **A máquina do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, edição digital.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2017

CHAUÍ, Marilena. São Paulo, **Neoliberalismo, a nova forma de totalitarismo**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

DA EMPOLI, Giuliano. **Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo – Jinkings, 2020.

DATAFOLHA. **Eleições 2022**: perfil ideológico. São Paulo, maio 2022. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/Datafolha/2022/06/08/p33crfil82idggg024ideo-mai-22.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** – Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. São Paulo: L&PM, 2010/2017.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: L&PM, 2013/2017.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum Sobre as sociedades de controle. **Conversações**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992/2010.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. 5. ed. São Paulo: Loyola Jesuítas, 2014.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LINZ, Juan. Um regime autoritário: Espanha. In: CARDOSO, Fernando Henrique (org.). **Política e Sociedade**. v. 1. São Paulo: Editora Nacional, 1983.

LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “Afinidade Eletiva” em Max Weber. **PLURAL** – Revista de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 17.2, p. 129-142, 2011.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**: foco na decisão. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MATHEUS, Carlos. **As opiniões de movem nas sombras**. São Paulo: Atlas, 2011.

MONTEIRO, José Marciano. **A política como negócio de família**. Campina Grande: Liber Ars, 2017.

MÜLLER, Bruno Frederico. **Por que o bolsonarismo é um fascismo**.

Disponível em:

<https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio**: Opinião Pública, nosso tecido social. São Paulo: Editora Nacional, 2017.

PAES MANSO, Bruno. **A república das milícias**: dos esquadrões da morte à era bolsonarista. São Paulo: Todavia, 2020.

PARIS, Robert. **As Origens do Fascismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura**. Cidade do Porto: Portucalense, 1972.

POULANTZAS, Nicos. Acerca del impacto popular del fascismo. In: SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones del fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994.

ROBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SABORIDO, Jorge (org.). **Interpretaciones del fascismo**. Buenos Aires: Biblos, 1994.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao estado suicidário**. 2020. Disponível em <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SOUSA SANTOS, Boaventura. A perigosa emergência dos “regimes híbridos”. **Outras Palavras**, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/a-perigosa-emergencia-dosregimes-hibridos/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: GMT, 2019.

STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

VUILLARD, Eric. **A ordem do dia**. São Paulo: Planeta, 2019.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortêz, 2016.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; MELGAÇO, Lucas (orgs.). **Tecnopolíticas da Vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2020.